SVEN HASSEL

OS PANZERS DA MORTE



SVEN HASSEL

OS PANZERS DA MORTE



SVEN HASSEL
OS PANZERS DA MORTE
www.svenhassel.net
MHA Books

SVEN HASSEL
OS PANZERS DA MORTE
Copyright © Sven Hassel 1958
Título original: Døden på Larvefødder
Capa: Jordy Diago & Dan Mogford

O Regimento da Morte
Os Panzers da Morte
Camarades de Guerra
Batalhão de Choque
Gestapo
Monte Cassino
Destruam Paris!
General SS
Comando Reichsführer Himmler
Vi-os morrer
Esquecidos de Deus
Conselho de Guerra
A Prisão de OGPU
O Comissário



PORTA



SVEN



O VELHO



HOFFMANN



WOLF



JULIUS HEIDE



O MIUDINHO



O LEGIONARIO



BARCELONA-BLOM

SUMÁRIO

1 Nox Diaboli
2 Furioso
3 Um Tiro na Noite
4 Assassinato de Estado
5 Porta como Papa
6 Tiny e o Legionário
7 Cena de Amor
8 Volta à Frente Oriental
9 Amanhã de Manhã, às 11:30h, os Alemães Vão Voar pelos Ares
10 O Bordel de Campanha
11 Combate Cerrado nos Tanques
12 Facas, Baionetas e Pás
13 Cherkassy
14 Campo de Repouso
15 A Morte Traiçoeira
16 Purê de Batata com Picadinho de Carne de Porco
17 Licença em Berlim
18 O Guerrilheiro
19 Tiny Recebe a Absolvição
20 O Que Quer Comer?
21 Parto
22 Os Refugiados
23 Viva a Morte

Com o inferno dentro de si, pode ser bom
Ser palhaço sob o domínio de Deus,
Mas abrir as portas divinas do céu
Com as pesadas chaves do seu inferno privado.

Este livro é dedicado aos três maiores palhaços do 27. Regimento Panzer (Penal): sargento Joseph Porta, “Tiny” e o “Pequeno Legionário”.

O ataque aéreo berra, assobia, troveja. O fogo cai do céu. As mães clamam por Deus e atiram-se sobre os filhos para os protegerem do fogo que cai sobre o asfalto.

Os soldados, treinados para o assassinato e ódio, soldados carregando armas, serão os protetores dessa gente.

Quando se calam os bombardeiros inimigos, os rifles desses protetores falam.

Gente comum e decente, cuja última energia já foi consumida num pânico, está sendo assassinada pelos soldados de sua própria terra.

Qual o sentido de tudo isso?

Ditadura, meu amigo.

1. NOX DIABOLI

O QUARTEL estava quieto e escuro, envolto no veludo sombrio do outono. Só se ouvia o bater das botas ferradas das sentinelas, andando em sua guarda monótona no caminho cimentado defronte dos portões e dos lados dos prédios do quartel.

No quarto 27, estávamos jogando cartas, *skat* (jogo para três pessoas), é claro.

— Vinte e quatro — disse Stege.

— Seu sacana — retrucou Porta, com um riso feroz. — É aí que eu entro.

— Vinte e quatro — disse Möller, tranqüilo.

— Dá o fora, seu descascador de batata — disse Porta.

— Quarenta — disse o Velho, com calma. — Quem é que bate essa? Está rindo amarelo agora, hein, magrela?

— Não tenha tanta certeza, diabos. Mesmo jogando com trapaceiros como você, seu velho... — Porta zombou do Velho. — Quero ver. Quarenta e seis!

Bauer começou a rir alto.

— Vou te dizer uma coisa, Porta. Quarenta e oito, e se puder bater isso...

— Não fale tanto assim, filhinho. Muitos já morreram disso. Mas se quer jogar com gente experiente, é assim que se faz. — Porta parecia muito satisfeito. — Quarenta e nove!

Nesse momento ouviu-se um assobio alto vindo dos corredores.

— Alerta, alerta! Alerta antiaéreo!

E então as sirenas entraram com seus gemidos.

Cheio de despeito e praguejando muito, Porta jogou as cartas na mesa.

— Pro diabo com essas merdas de Tommies![*] Vieram estragar a melhor mão que tenho há anos! — ele rugiu para um recruta, que estava ali confuso,

mexendo no equipamento: — Alerta, filhinho, alerta de ataque aéreo! Pro abrigo, rápido, já!

Os recrutas estavam de boca aberta, escutando os seus berros de moleque de rua de Berlim.

— É um ataque mesmo? — perguntou um dos recrutas, nervoso.

— Claro que é uma merda de um ataque. Não está pensando que os Tommies vieram nos convidar para um baile no palácio de Buckingham, está? E isso não é o pior! Agora o meu lindo jogo de *skat* vai pro diabo! Vejam só o que a porra da guerra pode fazer com a vida de gente sossegada e honesta...

A confusão era geral. Todo mundo tropeçava uns nos outros. Os escaninhos foram abertos às pressas. Botas pesadas soaram pelos corredores compridos do grande bloco do quartel e pelas escadas para os pontos de reunião. Os que ainda não tinham aprendido a se acostumar direito com as novas botas ferradas caíam de cara nos pisos azulejados escorregadios. Os que vinham atrás atropelavam os novatos, que tinham todos entrado em pânico ao ouvirem as sirenas. A maior parte tinha experiência suficiente para saber que logo as bombas começariam a explodir no meio da escuridão.

— Pelotão número quatro... para lá. — A voz calma do Velho parecia curiosamente penetrante numa escuridão tão cerrada que quase se poderia cortar. No céu, ouvíamos os pesados bombardeiros se dirigindo para seu alvo. E então o fogo antiaéreo começou a soar, oco, de vários pontos da cidade. De repente surgiu uma luz, branca e forte, pendurada no céu como uma árvore de Natal toda iluminada. A primeira luz dos alvos. Dali a um minuto as bombas começariam a explodir na terra.

— Número três para os abrigos — soou a voz de baixo profundo do sargento-ajudante Edel.

Imediatamente, os duzentos homens da companhia separaram-se e correram em todas as direções para as trincheiras abertas ou mesmo montes de terra. Nós, soldados, tínhamos medo do que se chamam abrigos antiaéreos. Preferíamos as trincheiras abertas aos porões, que considerávamos ratoeiras.

E então, as coisas viraram um inferno. À nossa volta o barulho das explosões era infernal. As bombas caíam como um manto sobre a cidade. Num instante tudo ficou iluminado pela luz vermelho-sangue do grande mar de chamas. Agachados em nossas trincheiras, parecia que o mundo inteiro estava-se desintegrando diante de nossos olhos.

Numa área de quilômetros à nossa volta, as bombas explosivas e incendiárias iluminavam a cidade condenada. Não há palavras para descrever aquele horror.

O fósforo das incendiárias jorrava como repuxos no ar e espalhava um inferno. O asfalto, pedras, pessoas, árvores, até mesmo o vidro se incendiavam. Seguiram-se as bombas de alto explosivo, espalhando ainda mais aquele inferno.

No céu apareceram novas árvores de Natal, ofuscantes, dando o sinal para o ataque. Bombas e torpedos aéreos explodiam sobre a cidade, que parecia um animal a ser abatido. As pessoas procuravam, desesperadas, um lugar para se esconder. Estavam liquidadas, dilaceradas, sufocadas, queimadas, despedaçadas, trituradas. Porém, muitas, por um momento, faziam esforços desesperados para salvar as vidas. As vidas a que se agarravam a despeito da guerra, da fome, das perdas e do terror político.

O fogo antiaéreo Firling do quartel tentava derrubar os bombardeiros invisíveis. Ordens exigiam que se atirasse. Ótimo! Os artilheiros atiravam, mas uma coisa nós sabíamos: nenhum dos grandes bombardeiros seria atingido pelo ridículo fogo antiaéreo Firling.

Perto dali, alguém estava chorando tão alto que a voz penetrou no barulho das explosões. A voz histérica e soluçante pedia a equipe das ambulâncias. Duas bombas tinham atingido um bloco do quartel.

— Que Deus nos ajude — murmurou Pluto, de costas na trincheira aberta, o capacete puxado sobre a testa. — Só espero que tenham acertado alguns dos maiores nazistas lá embaixo.

— É esquisito como uma cidade pode arder — acrescentou Möller, levantando-se e olhando para aquele mar de fogo brilhante. — O que é que queima assim?

— Mulheres gordas, magras, homens cheios de cerveja, homens magros, crianças levadas, boazinhas, belas garotas, tudo misturado — disse Stege, enxugando o suor da testa.

— Bem, meninos, logo verão... quando formos lá ajudar com a limpeza — disse o Velho, com calma, acendendo o seu surrado cachimbo com sua tampa antiga. — Prefiro ver outra coisa. Não gosto de ver crianças carbonizadas.

— É uma cena triste — disse Stege. — Quando começarmos a limpeza, não vai haver diferença entre nós e quem trabalha num matadouro.

— E não é isso que somos mesmo? — perguntou Porta, com um riso malicioso. — O que é essa merda de exército a que temos a honra de pertencer, senão um imenso matadouro? Mas não importa. Pelo menos teremos um ofício quando precisarmos, não é? — ele se levantou e fez uma mesura sardônica a toda a turma, e nós deitados ali, as costas comprimidas nos lados da trincheira: — Joseph Porta. Cabo pela graça de Deus, açougueiro do exército de Adolph,

criminoso contumaz e candidato à morte, carregador de cadáveres e incendiário! Seu criado, senhores!

Naquele momento uma nova árvore de Natal se incendiou perto de nós, e ele logo se meteu na trincheira.

Acrescentou, suspirando:

— Mais um grupo foi para o inferno. Amém!

Durante três horas seguidas, sem um minuto de paz, as bombas explodiam no meio da escuridão. As cápsulas de fósforo caíam sobre as ruas e casas em chuveiros cerrados, numa tempestade de granizo impenetrável de morte e destruição.

O fogo antiaéreo havia muito que se calara. Os nossos caças noturnos estavam lá em cima, mas não representavam nenhuma ameaça para os bombardeiros. O grande rolo compressor de fogo esmagou a cidade em todas as direções. A estação ferroviária era uma ruína trovejante de chamas com vagões e locomotivas quentes e rubras transformadas num monte fundido, como se tivesse sido esmagado por um gigante se divertindo. Os hospitais e clínicas desmoronavam num holocausto de argamassa e fogo. Ali, os muitos leitos apresentavam excelentes oportunidades para o fósforo se divertir. A maior parte dos pacientes estava nos porões, mas nas enfermarias ainda restavam muitos a serem devorados pelas chamas. Casos de amputação, aos gritos, lutavam para se levantar e fugir das chamas, que invadiam, quentes e ávidas, pelas portas e janelas. Os corredores compridos viraram chaminés. Paredes à prova de fogo estouravam como vidro sob a pressão devastadora dos explosivos. As pessoas se levantavam, só para caírem por terra, arfando, sufocadas pelo calor. O fedor de carne e gordura queimadas chegava-nos às trincheiras. Entre as detonações, ouvíamos os últimos gritos meio estrangulados.

— Meninos, meninos — dizia o Velho, arquejante — isso é mau, é mesmo. Os que escaparem desse massacre ficarão malucos. Prefiro mil vezes a linha de frente. Lá as mulheres e crianças não ficam assadas. Os filhos da puta que inventaram os ataques aéreos deviam ter uma provinha disso.

— Vamos queimar as gorduras da bunda do Hermann quando fizermos a nossa revolução — disse Porta, furioso. — Onde estará aquela lesma gorda a essa altura?

Afinal, parecia que ia acabar. Assobios agudos e ordens soaram no quartel, ainda iluminado pelo mar de chamas. Em fila única, fomos correndo para nossos postos.

Porta saltou feito louco num caminhão diesel Krupp. O motor gemeu e, sem esperar por ordens, ele manobrou a imensa viatura e partiu. Nós nos agarramos como pudemos. Um tenente de 19 anos gritou alguma coisa e correu para o caminhão em movimento. Duas mãos fortes o levantaram.

— Quem é que está dirigindo esse troço, com os diabos! — exclamou, mas ninguém lhe respondeu. Já bastava termos de nos agarrar ao caminhão que saltava como louco, enquanto Porta, com a mão segura, o guiava por entre as crateras profundas da estrada. Seguimos pelas ruas ardentes, onde bondes e outros veículos estavam arrebentados entre os escombros de argamassa e os postes de luz caídos. Mas Porta não diminuiu a velocidade. A certa altura, ele passou para a calçada, derrubando os arbustos como se fossem fósforos. Mas perto de Erichstrasse tivemos de parar. Alguns torpedos aéreos tinham caído ali, e um prédio desabara sobre a rua, como um muro. Até mesmo um trator teria sido forçado a parar.

Saltamos do caminhão e com picaretas, machados e pás abrimos caminho por entre o entulho. O tenente Harder fez o que pôde para nos reunir sob seu comando, mas ninguém deu atenção. O Velho tomou conta. Dando de ombros, o jovem oficial pegou uma picareta e acompanhou a fila atrás do Velho, o experiente soldado da linha de frente. Como todos nós, ele trocara suas armas pela ferramenta que manejávamos com a mesma habilidade que tínhamos para usar os lançachamas e as metralhadoras na batalha: a pá de cavar trincheira.

No meio da fumaça nauseante as pessoas enfaixadas em trapos sujos vinham em nossa direção. As queimaduras estavam à mostra. Eram mulheres, crianças e homens, velhos e jovens cujos rostos estavam petrificados pelo terror. A loucura brilhava-lhes nos olhos. A maioria tinha perdido os cabelos pelo fogo, de modo que mal se podia distinguir os sexos. Muitos embrulharam-se em sacos e trapos molhados, como proteção contra as chamas. Uma mulher, transtornada, gritou:

— Já não basta? Já não alongaram bastante essa guerra! Meus filhos morreram queimados. Meu marido está perdido! Que vocês também ardam, seus malditos soldados!

Um velho pegou-a pelo ombro e a puxou:

— Ora vamos, Helga, calma. Você ainda pode piorar as coisas para nós, sabe...

Ela se soltou à força e se lançou sobre Pluto, os dedos como garras de tigre, mas o estivador grandalhão livrou-se de Helga como se ela fosse uma criancinha. Ela bateu a cabeça no asfalto quente e rompeu em gritos descontrolados. Então, junto com o velho, os dois desapareceram de nossas

vistas, enquanto íamos abrindo caminho para o gigantesco paredão de ruínas. Cercado de chamas, ele se erguia imenso à nossa frente.

Um policial sem capacete e com a farda quase toda queimada nos deteve, balbuciando:

— O orfanato, o orfanato, o orfanato...

Porta adiantou-se depressa e deu uns dois socos com o punho de ferro na cara do policial. Esse tratamento muitas vezes dera bons resultados na frente, usado em pessoas traumatizadas por causa das explosões. E desta vez também ajudou um pouco. O policial, os olhos quase espocando da cabeça, de terror, balbuciou uma explicação, as palavras saindo aos borbotões.

— Salvem as crianças! Estão presas lá dentro. O prédio todo está ardendo como gravetos!

— Basta, seu porco da Schupo* — berrou Porta, agarrando-o pelo ombro e sacudindo-o como se fosse um tapete. — Mexa essa sua carcaça gorda de tira pro orfanato e depressa! Na nossa frente... *los mensch!* O que é que está esperando? Não sou capitão, só o cabo Joseph Porta, pela graça de Deus... mas espero que uma bosta como você obedeça às minhas ordens!

O policial, que parecia querer fugir, começou a andar por ali, confuso, mas o tenente Harder agarrou-o.

— Não ouviu? Vá andando! Mostre o caminho e não remanche, senão será fuzilado! — ao mesmo tempo, ele meteu sua máuser debaixo do nariz do policial meio alucinado.

Os lábios do policial tremiam violentamente e suas faces estavam molhadas de lágrimas. Normalmente, como velho, ele estaria aposentado, se não fosse a guerra.

Pluto, o corpo de gigante dominando-o, deu-lhe um violento empurrão e resmungou:

— Cala a boca e marcha, vovô.

O policial, quase correndo, foi andando na frente pelo meio dos escombros dos prédios, onde as chamas dançavam para o céu. Mulheres, crianças e homens jaziam, comprimidos, no chão. Alguns estavam mortos, outros apatetados e os gritos de outros faziam gelar o nosso sangue.

Onde algumas horas antes havia uma esquina, um menino chegou correndo, gritando e babando de tanto medo.

— Estão todos presos no porão. Me ajuda a tirar a mamãe e o papai! Ele é soldado como vocês. Estava em casa, de licença. Liesehen perdeu o braço. Henrik foi queimado todo.

Nós paramos um instante. Möller afagou a cabeça do menino:

— Voltamos já!

Tínhamos chegado a um monte de escombros. Era impossível continuar. Quando nos viramos para pedir que o policial nos levasse por outro caminho, ouvimos violentas explosões ali perto. Como um relâmpago, mergulhamos para nos abrigar. A experiência na linha de frente ajuda.

— Que diabo, será que os Tommies voltaram? — indagou Porta, revoltado.

Mais estrondos metálicos, mísseis, pedras e terra caíram sobre nós. Os fragmentos que batiam em nossos capacetes tiniam com um grito curioso, agudo. Mas o novo ataque em breve cessou. Serviu apenas para nos interromper.

— Eles agora estão lançando as bombas às cegas — disse o Velho, e se levantou.

Continuamos para o nosso objetivo, o policial na frente. Ele nos levou por um porão. Abrimos buracos na parede com as picaretas para chegar ao que parecia os restos de um grande jardim. As árvores tinham caído e queimado e havia camadas de escombros e ferros torcidos, os restos de um prédio, ainda ardendo.

O policial apontou e murmurou:

— As crianças estão debaixo daquilo ali...

— Deus, mas que surra levou — disse Stege. — E que diabo de fedor! Devem ter lançado bombas de fósforo em cima das incendiárias.

O Velho olhou em volta depressa, avaliando a situação, e começou a atacar violentamente algo que parecia a escada para o porão.

Numa ansiedade febril, nós martelamos, cavamos e revolvemos os escombros, mas a cada pá de entulho que tirávamos caía outra. Logo tivemos de parar para respirar. Möller sugeriu que o mais sensato seria entrar em contato com os que estavam no porão, se ainda estivessem vivos.

O policial estava ali sentado, os olhos apagados, se balançando de um lado para o outro.

— Escute, Schupo! É este o lugar, ou está nos tapeando? — indagou Porta. — E, porra, pare de bancar o cavalinho! Ajuda a gente. Pra que é que acha que te pagam?

— Deixa-o em paz. Ele não pode fazer nada — interveio o tenente Harder, cansado. — Isso aqui é um orfanato. Ou foi. De acordo com aquela placa ali.

Seguindo o conselho de Möller, batemos no que fora uma ombreira de porta e depois do que pareceu ser uma eternidade, tivemos uma resposta, muito fraca. Batendo de novo com o martelo na ombreira, escutamos com o ouvido grudado nela. Não havia dúvida; de novo o som fraco. Trabalhamos como loucos com

nossas picaretas e pés-de-cabra para abrir caminho até o porão. O suor fez rugas nas caras pretas de fumaça. A pele foi arrancada das mãos. Quebramos as unhas e fizemos bolhas nas palmas, manuseando a argamassa quente e os tijolos.

Pluto virou-se para o policial, que continuava se balançando, agachado, murmurando coisas incompreensíveis.

— Venha cá, seu pé-chato burro. Ajuda com essa coluna.

Como o policial não se manifestasse, o brutamontes aproximou-se dele, agarrou-o e o levou sem esforço para a coluna onde continuávamos a trabalhar, indiferentes.

O velho caiu junto de nós. Quando ele se levantou, alguém meteu uma pá na mão dele e disse:

— Pega no batente, cara!

Ele começou a cavar, e quando o trabalho lhe devolveu a razão, paramos de nos preocupar com ele. O Velho foi o primeiro a conseguir romper a barreira. Foi só uma fresta, mas através dela vimos a mãozinha de uma criança arranhando desesperadamente a parede.

O Velho falou com calma para a escuridão. Mas imediatamente um coro de gritos de crianças abafou-lhe a voz. Foi impossível acalmá-las. O buraco já estava maior, e a mãozinha se enfiou por ele, mas tivemos de bater nela para fazer com que saísse dali. Quando conseguimos afastar a mão, outra lutou para tomar-lhe o lugar.

Stege virou-se e explodiu:

— Isso me deixa louco! Vamos quebrar as mãos deles se continuarmos com as picaretas!

Do outro lado da parede ouvimos uma voz de mulher gritando por ar e outra berrando:

— Água, pelo amor de Deus, tragam água!

O Velho, ainda de joelhos, falou com elas, acalmando-as. A paciência dele era imensa. Sem ele, nós todos teríamos largado nossas ferramentas e fugido com os dedos enfiados nos ouvidos para abafar as vozes enlouquecidas.

A luz da aurora mal penetrava no manto espesso e sufocante de fumaça sobre a cidade em chamas. Trabalhávamos com máscaras contra gases, mas estávamos quase sufocados. Nossas vozes pareciam ocas e distantes.

Conseguimos abrir outro buraco. Desesperadamente, tentávamos acalmar os infelizes no porão desmoronado. Pode-se imaginar a atmosfera de horror durante o ataque, mas só quem já teve experiência com bombas sabe que elas não são o pior. A reação do espírito humano a elas é o pior de tudo.

— Pai nosso, que estás no céu — falou uma voz trêmula. As picaretas e pás continuavam martelando. — Perdoai as nossas ofensas... — um estouro berrante, esparramado, e o fogo se espalhou por toda parte. Novos estouros de romper os tímpanos. Outro ataque? Outra bomba lançada a esmo? Não, incendiárias!

Comprimimos os corpos contra os alicerces do que restara de um orfanato.

— É Vosso o reino...

— Por Deus, não é — respondeu a voz irritada de Porta. — Pertence ao Adolph... aquele porco!

— Ajudai, ó Deus dos céus, ajudai a nós e nossos filhos — disse uma mulher rezando no porão.

Uma criança soluçou.

— Mamãe, mamãe, o que estão fazendo? Não quero morrer, não quero morrer...

— Ah, Deus, nos tirem daqui — gritou outra mulher, histérica, enquanto sua mão branca e bem tratada arranhava o buraco e quebrava as unhas polidas nos escombros.

— Tire a mão daí, filha, senão nunca vamos salvar vocês — berrou Pluto.

Mas os dedos compridos e finos continuavam agarrando-se desesperadamente. Quando Porta bateu neles com a fivela do cinto, a pele rasgou e saiu sangue. Com outro golpe, eles se soltaram e foram deslizando como vermes morrendo, para longe da fresta.

Novas explosões. Gritos e pragas. Madeiras lançadas com as pedras e cascalho na chuva brilhante de fósforo. Estávamos presos de todos os lados. O policial estava deitado de costas, inerte, vencido pela exaustão. Pluto, displicente, esfregou a ponta da bota na cara dele e disse:

— Está liquidado. Os Tommies fizeram mais do que o velho filho da mãe pôde suportar.

— Ele que vá pro inferno — retrucou o tenente Harder, impaciente. — A Alemanha está cheia de policiais durões. Quantos pobres-diabos ele já não pôs na cadeia? Esqueça-o.

Continuamos com o trabalho.

Então uma grande explosão, a maior de todas até então, abalou a terra sob nossos pés. Depois outra e mais outra. Nós nos atiramos de cara para nos proteger. Aquilo não eram bombas a esmo.

Começava outro ataque.

Os fósforos caíram no asfalto. Bombas de gasolina faziam jorrar labaredas a uma altura de vinte metros. O fósforo chamejante despejava-se sobre as ruínas

como um aguaceiro. Assobiava e girava num tufão de fogo e explosivos. As maiores minas aéreas literalmente levavam pelos ares casas inteiras.

Porta estava ao meu lado. Ele piscava, encorajando-me, através do grande visor da máscara contra gases. Parecia que a minha máscara estava cheia de água fervente e vapor. Ela me apertava as têmporas. Um pavor sufocante apertou-me a garganta. “Daqui a pouco você estará com trauma de bombas”, as palavras ressoaram em minha cabeça. Fiz menção de me sentar. Precisava sair dali, ir para qualquer lugar, mas não podia permanecer ali.

Porta avançou sobre mim como um falcão. Um pontapé e eu estava no buraco de novo. Ele bateu-me várias vezes. Os olhos dele brilhavam pelo visor da máscara.

Gritei:

— Quero ir embora, deixa-me ir!

E aí acabou. Quanto tempo durou? Uma hora? Um dia? Não, 10 a 15 minutos. E centenas haviam morrido. Eu, um soldado *panzer*, fiquei com trauma de bombas. Meu amigo machucara meu maxilar. Um dente estava quebrado, e um olho inchado. Todos os nervos gritavam numa revolta alucinada.

A cidade virara uma fornalha de fogo espumante em que as pessoas fugiam aos gritos das ruínas que ardiam como queimadores azuis de um fogão a gás. Tochas vivas, elas cambaleavam, giravam e caíam, levantavam-se e corriam cada vez mais. Esperneavam, gritavam e berravam como só *podem* berrar pessoas na agonia da morte. Num instante uma funda cratera feita por uma bomba encheu-se de gente em chamas: crianças, mulheres, homens, todos numa dança macabra iluminada com luz sobrenatural.

Alguns ardiam com uma chama branca, outros com uma vermelha. Alguns eram consumidos num brilho opaco, amarelo-azulado. Alguns morriam depressa, misericordiosamente, mas outros corriam em círculos, ou cambaleavam para trás, rolando e se contorcendo como cobras antes de mirrarem e virarem pequenas múmias crestadas. No entanto, alguns ainda viviam.

O Velho, sempre tão calmo, descontrolou-se pela primeira vez, que soubéssemos. Gritou, numa voz fina e aguda:

— Matem-nos, pelo amor de Deus, matem-nos! — tapou o rosto com os braços para não ver a cena.

O tenente Harder sacou a pistola do coldre e a estendeu para o Velho, gritando, histérico:

— Mate-os você, eu não posso!

Sem dizer palavra, Porta e Pluto puxaram as pistolas. Mirando com cuidado, abriram fogo.

Vimos pessoas atingidas pelas balas, com uma precisão fatal, caírem, espernearem, mexerem os dedos e depois ficarem imóveis, imoladas nas chamas. Parece brutal. Foi brutal. Mas é preferível uma morte rápida, por uma bala de grosso calibre, do que uma morte lenta numa grelha monstruosa. Nenhum deles tinha alguma possibilidade de se salvar.

Do porão do orfanato devastado vinham gritos de centenas de crianças, os gritos de crianças sofrendo e tremendo, vítimas inocentes numa guerra tão infame que ninguém jamais viu igual.

Inúmeras vezes, Pluto, Möller e Stege desceram para aquele escuro e puxaram-nas para fora. Quando o porão afinal desabou, tínhamos conseguido tirar dali quarta parte delas. A maioria morreu pouco depois. Pluto ficou preso entre dois gigantescos blocos de granito e foi pura sorte que o salvou de ser esmagado. Tivemos de soltá-lo com pés-de-cabra e picaretas.

Exaustos, nós nos atiramos na terra que tremia. Arrancamos as máscaras contra gases, mas o fedor era tal que era impossível não usá-las. Um cheiro adocicado e penetrante de cadáveres misturava-se ao fedor azedo e sufocante da carne carbonizada e o odor de sangue quente. Nossas línguas grudavam-se ao céu da boca. Os olhos ardiam e coçavam.

Telhas em chamas voavam pelos ares. Barrotes chamejantes e negros de fumaça voavam pelas ruas como folhas esvoaçando numa tarde de outono.

Corríamos agachados entre as chamas. Uma grande mina aérea, maléfica mensageira da morte, destacava-se negra contra o céu e caía a quilômetros dali. Várias vezes fomos levados pelas ruas pela ventania que se formara. Parecia um gigantesco aspirador de pó. Íamos tropeçando e abrindo caminho no meio de um marasmo de corpos mutilados, nossas botas escorregando em carne sangrenta, gelatinosa. Um homem de farda cáqui cambaleou em nossa direção. O vermelho e preto da suástica na braçadeira parecia um desafio escarninho, e agarramos nossas ferramentas com mais força.

O tenente Harder disse, em voz rouca:

— Não! Parem com *isso*...

Uma mão trêmula procurou conter Porta, mas o gesto não foi convicto. Com uma maldição, Porta levantou a picareta e cravou-a no peito do sujeito, enquanto Bauer levantava a pá e rachava-lhe o crânio.

— Por Deus, foi bem feito! — gritou Porta, rindo como um selvagem.

As pessoas caídas contorciam-se de agonia. Os trilhos dos bondes estavam rubros de calor e retorcidos em formas grotescas, salientes no asfalto quente. As pessoas que tinham ficado presas em suas casas saltavam desesperadas do que antes eram janelas e caíam no chão em baques surdos. Alguns se arrastavam com as mãos, puxando as pernas mutiladas atrás de si. Os homens empurravam as mulheres e crianças que se agarravam a eles. As pessoas se haviam animalizado. Fugir, fugir, era só o que queriam. A única coisa que importava era se salvarem.

Encontramos outros soldados do quartel que, como nós, estavam lá para fazer o trabalho de salvamento que fosse possível. Muitos desses grupos tinham consigo oficiais graduados, mas a chefia muitas vezes fora assumida por algum sargento ou cabo veterano da linha de frente. Ali, o que importava eram a experiência e nervos de aço, e não o posto. Enquanto cavávamos e levantávamos os escombros para livrar as pessoas dos porões desmoronados, cenas terríveis nos apareciam nos cômodos quentes e fedorentos que tinham sido abrigos.

Havia quinhentas pessoas apinhadas num abrigo de concreto. Estavam lado a lado, os joelhos puxados para cima, ou no chão, com as cabeças apoiadas nos braços. Asfixiadas pelo monóxido de carbono, não apresentavam qualquer lesão aparente.

Em outro porão havia dezenas de pessoas, umas deitadas por cima das outras, queimadas numa massa sólida.

Gritos, soluços, e crianças em pânico pedindo socorro:

— Mamãe, mamãe, onde está você? Ah, mamãe, meus pés doem tanto!

Vozes de mulheres chamando os filhos, angustiadas — filhos esmagados ou queimados ou arrastados pelo vendaval de fogo ou vagando sem rumo pelas ruas, bestificados pelo pavor. Poucos encontravam os seus entes queridos, mas centenas nunca mais os viram. Só Deus sabe quantos foram sugados pelo hálito quente do gigantesco aspirador de pó, ou carregados no rio de refugiados se despejando da cidade arrasada para os campos escuros, para o desconhecido.

Mortos, mortos, só os mortos. Pais e filhos, inimigos, amigos, empilhados em imensas fileiras, mirrados e carbonizados em fósseis.

Hora após hora, dia após dia, cavando, raspando, empurrando e levantando cadáveres e mais cadáveres. Era essa a tarefa dos comandos dos enterros.

Ao grito de "Alerta de ataque aéreo!", as crianças tinham corrido em seus últimos passos para o porão. Ficaram ali sentadas, paralisadas pelo medo até que o rio de fósforo as alcançou e devorou a vida de seus corpinhos contorcidos. Primeiro depressa, depois mais devagar, até que o silêncio misericordioso pairou sobre elas.

Assim é a guerra.

Aqueles que se esqueceram de chorar teriam aprendido de novo se ficassem junto do Esquadrão de Vampiros, os soldados panzer, observando o seu trabalho.

2. FURIOSO

OS HOMENS das unidades penais ficavam sempre com os serviços sujos, tanto no posto de recrutamento quanto na frente.

Acabávamos de chegar da Frente Oriental para treinar com os nossos novos tanques e refazer nossos números. Éramos um regimento penal. Vínhamos todos de campos de concentração, cadeias, reformatórios ou alguma das outras instituições de tortura que floresceram durante o Milênio Alemão. Do nosso pelotão, apenas Pluto e Bauer eram criminosos sentenciados.

Pluto, o estivador imenso de Hamburgo, cujo nome civil era Gustav Eicken, fora para a cadeia por ter roubado um carregamento de farinha. Ele sempre insistia em dizer que tinha sido uma conspiração, mas nós estávamos convencidos de que ele tivesse roubado a farinha. Bauer fora condenado a seis anos de trabalhos forçados por ter vendido um porco e alguns ovos no mercado negro.

O Velho, o nosso sargento, era o mais velho de nós. Era casado, tinha dois filhos e era carpinteiro. Suas convicções políticas tinham-lhe valido um ano e meio num campo de concentração. Depois, como IP (Instável Político), ele fora parar no 27. Regimento Panzer (Penal).

O cabo Joseph Porta, alto, magro e incrivelmente feio, nunca se esquecia de dizer que era comuna. Uma bandeira vermelha, plantada no alto da igreja de São Miguel em Berlim, mandara-o para o campo de concentração e depois para o regimento penal. Nascera em Berlim e possuía um estoque fantástico de humor e

audácia.

Hugo Stege, o nosso único universitário, metera-se em manifestações estudantis. Passara três anos em Oranienburg e Torgau antes de ser jogado na picadeira do 27. Regimento Panzer (Penal).

Möller recusara-se a abdicar de suas convicções religiosas, o que lhe custara quatro anos em Grosse Rosen. Mais tarde, sua pena fora suspensa, dando-lhe o direito de morrer num regimento penal.

Quanto a mim, alemão *Auslander* (estrangeiro), de origem dinamarquesa e austríaca, fora condenado por deserção no princípio da guerra. Minha estada em Lengries e Fagen fora breve mas tumultuada. Depois fui considerado IP e mandado para o regimento penal.

Após o ataque aéreo, fomos divididos em grupos de salvamento e de sepultamento. Em cinco dias tínhamos carregado cargas e mais cargas de corpos dos porões e crateras de bombas. Então desfilamos num pátio de igreja e colocamos os corpos para repousar em grandes valas comuns. Na maioria dos casos as tentativas de identificação eram inúteis. O fogo causara um grande estrago, e a maior parte dos documentos desaparecera. Os que não foram queimados haviam sido roubados por ladrões de cadáveres que surgiam de toda parte. Quando apanhados, esses tubarões humanos eram logo exterminados por tiros de rifles. Curiosamente, vinham de todas as classes.

Numa noite, bem tarde, pegamos duas mulheres. O Velho observara-as. Como queríamos nos certificar, nós nos escondemos e ficamos vendo o que as duas faziam. Elas andavam furtivamente em volta dos muros caídos e se debruçavam sobre os cadáveres, cujo fedor devia fazer revirarem até mesmo os seus estômagos. Com uma rapacidade de abutre, e claramente seguindo um plano predeterminado, elas revistavam os bolsos e bolsas à procura de objetos de valor. Quando as apanhamos, encontramos trinta relógios e cinqüenta anéis, outras jóias e também um maço de notas de dinheiro que elas alegaram pertencer-lhes. Tinham uma faca para cortar fora os dedos dos cadáveres a fim de tirar-lhes os anéis. As provas eram mais que evidentes. Após alguns gritos histéricos, ambas confessaram.

Com nossas coronhas de rifles, nós as forçamos para uma parede enegrecida pela fumaça e as fizemos virar de costas. Foi o calmo Möller quem as matou com um tiro na nuca. Depois de esvaziado o depósito, Bauer empurrou-as com o pé para se certificar se estavam mesmo mortas.

— Merda, mas que vacas! — disse Porta. — Aposto que eram do partido. O pessoal de lá não gosta de desperdiçar nada. Não me admiraria se nos dessem

ordem para cortar os cabelos dos cadáveres... os que ainda tivessem algum.

Porta e Pluto estavam de pé junto da vala aberta. Nós lhes entregávamos os cadáveres dos carros de lixo. Os braços e pernas ficavam pendurados por cima dos lados. Uma cabeça por cima da roda traseira de um dos carrinhos balançava de um lado para o outro. A boca estava escancarada e os dentes à mostra, como de um animal rosnando.

O Velho e o tenente Harder fizeram cartões amarelos e vermelhos dos que conseguimos identificar. Contamos os outros como ajudantes de açougueiro na contagem de sacos no depósito. Os dois fizeram listas e mais listas: tantos sacos — tantas mulheres e tantos homens.

Recebemos álcool de cereais para podermos suportar o trabalho de mover os corpos liquescentes. De vez em quando, bebíamos avidamente das grandes garrafas comuns que ficavam junto de uma velha lápide. Em momento algum, ficamos sóbrios durante aquele serviço. Sem a bebida, não teríamos agüentado.

Algum pedante prussiano tinha decretado que os corpos encontrados no mesmo porão deviam ser conservados juntos. Por isso é que de vez em quando aparecia um bebedouro ou banheira cheia de um mingau enegrecido e congelado que fora um dia gente. Os corpos tinham sido apanhados e colocados na mesma banheira. Em cima havia um aviso contendo o número de corpos na banheira. Cinqüenta pessoas que estavam no banho de fósforo mal enchiam uma banheira comum.

Um gigantesco prisioneiro de guerra russo, que trabalhava com o nosso grupo, passava o tempo todo chorando, angustiado por ver tantos corpos de crianças. Deitando-as nas covas com a maior delicadeza, ele rezava: *“Shallkij prasstaludina, malenkj prasstaludina!”*

Se tentássemos colocar alguns adultos com as crianças, ele ficava desesperado, por isso acabamos deixando que ele fizesse à sua maneira. Embora bebesse muito, ele parecia inteiramente sóbrio. Com delicadeza, endireitava os corpos frágeis, e quando restava algum cabelo, ele o alisava. Ele cuidava de seus encargos horripilantes até tarde da noite, e nós não o invejávamos... O Velho dizia que o seu estado aparentemente sóbrio mostrava que ele estava a caminho da loucura.

Era uma bênção ter Porta conosco. O seu humor vigoroso nos fazia esquecer da degradação humana por que passávamos. Quando o braço de um homem grande e gordo se separou do corpo, Porta deu uma risada de bêbado e gritou para Pluto, que estava boquiaberto, com o braço na mão:

— Mas que força! Ainda bem que o velho senhor nunca há de saber a força com que você lhe apertou a mão. — Tomou um bom gole da garrafa e continuou: — Agora ponha o braço dele direitinho ao lado do corpo, para ele poder apertar as mãos dos outros no céu ou no inferno, ou para onde ele for.

Cada vez que arrumávamos uma fileira de corpos, jogávamos uma camada fina de terra por cima e depois mais uma camada de cadáveres. Como havia pouco espaço nas valas comuns, tínhamos de comprimir os corpos. O gás dos cadáveres fedia demais, e Porta, equilibrando-se precariamente na beira da cova, exclamou:

— Que ciclones de traseiro! Fede mais do que você, Pluto, depois que come ervilhas maduras. Não é fácil.

Após encher uma vala, afixávamos um aviso pregado numa madeira, para os responsáveis pelas cruzes e lápides não cometerem enganos.

Era sempre um número: 450 desconhecidos; 700 desconhecidos; 280 desconhecidos. Tudo devia ficar em ordem. A burocracia prussiana insistia nisso.

Com o passar dos dias, os cadáveres foram escapando ao nosso controle. Os ratos e cães fugiam com grandes nacos de carne. Vomitávamos continuamente, mas as ordens precisavam ser cumpridas. Até mesmo Porta tornou-se quieto e calado. Rosnávamos e praguejávamos uns com os outros, e por vezes havia brigas.

Uma vez, quando Porta ia enterrar uma mulher seminua com as pernas levantadas grotescamente, tentou endireitá-las. A tempestade que pairava sobre nós foi desencadeada pela pergunta impaciente de Pluto:

— Por que é que está perdendo tempo? Pra você, dá tudo no mesmo, você não a conhecia.

Porta, cuja farda, como a dos outros, estava coberta por um limo esverdeado, olhou para o estivador grandalhão com a cara fechada e bêbada:

— Faço o que bem entendo sem a sua permissão. — Arrotou e levantou a garrafa de *schnapps* (genebra): — A vocês, sua cambada de agentes funerários! — afastou a garrafa da boca, curvou a cabeça para trás, e vimos o *schnapps* descendo pela garganta abaixo. Quando acabou, arrotou bem forte e cuspiu num arco alto, atingindo o carrinho de cemitério vazio.

— Pare com isso, Porta! — gritou o tenente Harder, com uma raiva súbita, os punhos cerrados.

— Claro, senhor, claro. Mas se o senhor mesmo olhar para a moça, há de convir que ela não pode ser enterrada assim.

— Acabe logo com isso.

— O quê, senhor? — perguntou Porta, olhando para Harder com malícia. — Sem endireitar as pernas, ou o quê?

— Porta, ordeno que se cale!

— Meu Deus, não me calo, não. Pensa que tenho medo de você porque tem um prateado nos ombros? E nada desse negócio de Porta. Para você, sou o cabo Porta.

Num salto, Harder dera a volta pela vala e estava com Porta no meio dos cadáveres, batendo-lhe no rosto.

Então Pluto e Bauer, os primeiros a se refazerem de seu espanto, separaram os dois. Deram um violento soco em cada um, de modo que tanto o tenente quanto Porta caíram no meio do lamaçal. Tiramos os dois dali e os jogamos deitados de costas.

Eles se levantaram de cara fechada e, sob nossos olhares vigilantes, tomaram bons tragos da garrafa de *schnapps*. Porta virou-se depressa e voltou para a cova, mas Harder o seguiu, pôs-lhe uma das mãos no ombro, ofereceu a outra e disse:

— Desculpe, camarada, é nervoso. Mas você fala como nunca vi. Sei que não está falando sério. Vamos esquecer.

Porta abriu o rosto feio num sorriso, o único dente da frente brilhando para Harder:

— Tudo bem, senhor. O velho Porta, cabo pela graça de Deus no exército nazista, não guarda rancor. Mas aquele foi um soco de verdade. Onde foi, não sei. Só conheci um oficial que sabia brigar, o meu altamente venerado comandante de campo, coronel Hinka. Mas cuidado com aquele porcão do Pluto ali. Um dia desses ele vai matar-me ou a você se tiver a chance de se meter cada vez que a gente brigar. Tem um soco que parece um coice de garanhão.

À medida que o tempo passava, ficávamos cada vez mais embriagados. Várias vezes um de nós caía sobre os corpos na vala e pedia-lhes desculpas ridículas. Do meio da vala, entre os lindos chorões e choupos do pátio da igreja, de repente Porta gritou:

— Ah! Ah! Ah! Eis um raio de puta, cartão e tudo, e ainda por cima conheço a dona! — ainda se sacudindo de tanto rir, ele jogou um cartão amarelo para o Velho. — É a Gertrude! Por Deus, é a Gertrude da Wilhelmstrasse. Então, ela esticou a canela! Não tem oito dias que eu estava na cama com ela, e ela agora se foi. — Porta abaixou-se e examinou Gertrude, morta, com muito interesse. Demonstrando grandes conhecimentos, disse:

— Foi uma mina aérea. Está bem claro. Pulmões arrebentados. Quanto ao resto, intacta. Imagine ela se indo, uma puta de primeira. Valia bem os vinte

marcos!

Pouco depois carregamos o corpo de um homem com um terno bom para Porta e Pluto.

— Você vai ter boa companhia, Gertrude — disse Porta. — Não é um cachorro de linha de frente como eu. Pronto, rapazes, tudo acabou bem. Se eu dissesse a Gertrude há oito dias que ela ia ser enterrada com um cavalheiro de sapato de verniz e polainas brancas, ela me haveria jogado na rua.

O tenente Harder olhou para a fila comprida de carrinhos à espera, que não acabavam de chegar, cheios de corpos.

— Diabos, será que não vai acabar nunca? — disse ele, cansado. — E não somos só nós que estamos sepultando.

— Parece que entram dois cadáveres novos para cada um que enterramos — comentou um sargento-ajudante da Companhia número 5. — Vários outros grupos de sepultamento se desfizeram. Tivemos de chamar gente nova.

— Garotos que ainda estão nos cueiros — retrucou Harder, e voltou a suas listas.

Pouco depois, estávamos sentados numas lápides caídas, e Porta ia nos contar uma história de sua vida aventureira, mas quando começou a descrever o seu prato favorito de feijão-mulatinho e porco, tivemos de mandar que se calasse. Mesmo meio ébrios, não conseguíamos pensar em comida.

Passamos dias enterrando pessoas. Na nossa bebedeira, fazíamos as pilhérias mais sujas sobre o nosso trabalho horroroso. Isso nos livrava da loucura. Por ser a mortandade em massa tão impessoal, cada pessoa passara por sua própria agonia de vida e de morte. Mães e pais haviam-se preocupado com os filhos. Passaram por problemas de dinheiro, beberam cerveja de grandes canecas ou vinho de compridos cálices, dançaram, divertiram-se, trabalharam duro em fábricas ou escritórios, caminharam ao sol e na chuva; apreciaram um banho quente ou uma noite tranqüila com os amigos, conversando confidencialmente sobre o fim da guerra e dias melhores quando se divertiriam juntos. Em vez disso, ponto final. Brutal, malévola e violentamente chegara a morte. Podia ter durado uma fração de segundo, minutos ou horas, afinal, sendo enterrado por soldados bêbados de um regimento penal, que cuspiam piadas sujas como único epitáfio de homens e mulheres que um dia tinham lutado e esperado.

Nossa última tarefa foi descer aos porões em que não havia como tirar os corpos. Nós, o Esquadrão dos Vampiros, com nossas fardas pretas dos tanques, com a caveira sorridente no colarinho, usamos lança-chamas para destruir os últimos resquícios lodosos do que um dia foram seres humanos. Para onde

avançávamos, os vivos fugiam, apavorados.

Tudo virava cinza onde a labareda silvante do lança-chamas ia lambendo. O ar tremia quando os nossos detonadores eram ligados. Em densas nuvens de pó, desmoronavam os últimos restos das casas. A única mensagem do exército sobre esse inferno foi lacônica: “Várias cidades a noroeste da Alemanha sofreram violentos ataques de aviões inimigos. Entre outras, Colônia e Hanôver receberam violentos ataques. Vários bombardeiros inimigos foram derrubados por nossa artilharia antiaérea e nossos caças. As represálias seguirão em breve.”

As armas do soldado são-lhe dadas para serem usadas. Isso está estipulado no regulamento, e é o que o soldado tem de obedecer.

O tenente-coronel Weisshagen adorava regulamentos. Estava sempre lembrando a todos: "Você só aprende com os regulamentos e com o exemplo.”

Tinham-lhe ensinado que, a despeito do regulamento, é incômodo sentir seu boné arrancado por um tiro.

3. UM TIRO NA NOITE

DURANTE OITO dias treinamos com tanques novos. Voltamos para o quartel, vindos do infame Sennelager, perto de Paderborn, o campo de treinamento mais odiado de todos na Alemanha.

Os soldados diziam que Sennelager fora criado por Deus quando estava no seu pior humor. Pessoalmente, eu concordava com isso. Seria difícil encontrar coisa igual em matéria de terreno irregular, com areia e charco, moitas cerradas e espinhos impenetráveis. Decerto, era mais desolado e deprimente do que o deserto de Gobi. Fora amaldiçoado pelos milhares que tinham treinado ali no tempo do cáiser e que depois tombariam na guerra de 1914-18. Os voluntários do Reichswehr de cem mil homens, que tinham escolhido a profissão de soldado para escapar do desemprego, passaram a ansiar pela desesperança triste do desemprego civil para não terem de encarar o inferno diário que era Sennelager. Nós, os soldados-escravos do Terceiro Reich, éramos tratados com mais dureza do que quaisquer outros, e o lendário “suboficial Himmelstoss” dos tempos do cáiser não era em nada diferente dos nossos oficiais e suboficiais em matéria de rotina de sadismo militar.

Muitas pessoas condenadas à morte por conselho de guerra no comando do Reno-Vestefália foram executadas lá. Mas, como disse o Velho uma vez, quando a pessoa era levada lá para morrer, a morte devia ser uma libertação abençoada, quando mais não fosse para escapar de olhar para a terra incrivelmente deprimente e devastadora que era Sennelager.

Na primeira noite, Pluto e eu fomos destacados para serviço de guarda. Tínhamos de ficar ali de pé com nossos capacetes e rifles, olhando com inveja para os nossos amigos sortudos que iam à cidade, onde se livravam do gosto do campo de treinamento com cerveja e *schnapps*.

Porta só faltou dançar quando passou por nós, feliz da vida, com um largo sorriso. Pudemos até contar os últimos três dentes em sua imensa boca. O exército dera-lhe as dentaduras, mas ele as guardava no bolso, bem embrulhadas

num pedaço de pano sujo com que limpava o rifle antes dos desfiles. Quando ele comia, desembrulhava-as solenemente e colocava cada uma de um lado do prato. Depois que ele se empanturrava com a sua comida e todas as sobras que conseguia arranjar, limpava as dentaduras com o trapo do rifle, embrulhava-as conscienciosamente no trapo e guardava-as no bolso.

— Não deixem de ficar com os portões bem abertos quando o papai voltar para casa — disse ele, rindo. — Deverei estar mais bêbado do que me vêem há muito tempo, e o meu pau bem treinado já está apavorado com todo o trabalho que planejei pra ele. Tchau, soldados, e tomem conta direito do quartel prussiano.

— Esse burro desse filho da mãe de cabelo vermelho! — resmungou Pluto. — Lá vai ele pra farra, e o máximo que a gente pode esperar é um jogo de vinte-e-um com esses recrutas imundos.

Isolados, sentamo-nos na cantina e tomamos a nossa sopa de urtiga — a eterna *Eintopf*, que sempre nos deixava meio enjoados.

Lá estavam também alguns recrutas bancando gente grande porque estavam fardados. Grande parte dessa confiança desapareceria quando recebessem suas ordens de marcha e fossem parar numa unidade de batalha na frente oriental.

O sargento-ajudante Paust também se encontrava presente, com alguns dos oficiais subalternos. Estava bebendo cerveja, com seu jeito especial, grunhindo e entornando. Quando ele nos viu com nossa farda de guarda tomando a mortífera *Eintopf*, deu uma gargalhada e berrou, na gíria do quartel:

— Seus dois leitõezinhos, gostam de serviço de guarda? Foi o papai aqui que providenciou isso. Imaginei que estavam precisando de um descanso. Amanhã vão me agradecer por não estarem de ressaca como os outros.

Como não respondêssemos, ele se levantou, apoiando-se nos enormes punhos e esticando o maciço queixo prussiano:

— Respondam! O regulamento diz que os soldados devem responder a seus oficiais! Isso aqui não é como na linha de frente. Ainda temos uma ordem legal e civilizada. Lembrem-se disso, seus veados!

De má vontade, levantamos e respondemos:

— Sim, *Herr* Feldwebel, gostamos do serviço de guarda.

— Descansados, hein, seus porcos? Já vou tratar disso, porra. Ou na “Senne” ou no campo de parada. — Estendeu a mão e berrou: — Dispensados!

Sentamos devagar, e cochichei para Pluto:

— Existe forma de vida mais baixa do que um homem que tem um posto e se faz valer dele?

Pluto me olhou de cara fechada, por cima da sopa:

— É o oficial de treinamento. Tem de usar os restos da sarjeta para fazer o trabalho dele. Vamos sair logo daqui antes que eu vomite.

Levantamos de novo, depressa, mas quando chegamos à porta, Paust berrou:

— Ei, seus heróis cansados! Nunca ouviram falar do regulamento que manda fazer continência a seus superiores quando entram numa sala ou saem? Não pensem que vão se safar com alguma coisa, seus piolhos indecentes!

Tremendo de raiva e frustração, fomos até a mesa dele, batemos os calcanhares e esticamos as mãos junto das costuras das calças. Pluto rugiu, em voz alta e insultuosa:

— Sargento Gustav Eicken e cadete desertor Hassel humildemente lhe pedem, *Herr* segundo-sargento, permissão para sair da sala, e depois seguirem para a sala da guarda pelo portão número quatro, onde cumpriremos o nosso dever como ordenado!

Paust meneou a cabeça, com ar condescendente, enquanto levava ao rosto largo e suado uma imensa caneca.

— Dispensados!

Batendo os calcanhares com toda a força, demos meia-volta e marchamos da sala, ruidosamente, deixando o vapor e o fedor da cantina.

Lá fora, Pluto ficou praguejando obscenamente. Acabou levantando uma perna e lançando um grande peido na direção da porta fechada da cantina.

— Quem me dera voltarmos para a frente. Se ficarmos aqui por muito tempo, vou acabar arrancando o pescoço de Paust e embrulhá-lo de jeito que ele possa piscar pro próprio rabo!

Aborrecidos, ficamos sentados na sala da guarda jogando vinte-e-um, mas logo enjoamos e guardamos o baralho. Recostamos nas cadeiras da sala da guarda, de encosto alto, e ficamos olhando algumas revistas pornográficas que Porta nos emprestara.

— Que bunda ela tem! — Pluto riu e apontou para uma garota na minha revista. — Se eu pudesse conhecer uma garota assim, mostrava a ela de que sou feito. Gosto de coxas que possa abraçar com os braços. Que tal uma vaca grandona assim numa mesa, só de camisa?

— Não acho grande coisa. Prefiro o que você chamaria de magricelas. Olhe aí, que beleza! Se me entregassem uma dessas de seis em seis meses, eu agüentaria uma guerra de trinta anos.

O comandante da guarda, sargento Reinhardt, aproximou-se e olhou por cima dos ombros. Ficou babando.

— Puxa! Que coisa! Onde vocês conseguem essas revistas?

— Onde pensa que é? — retrucou Pluto, insolentemente. — Todas as quartas-feiras a ACM as distribui. Pergunte à recepcionista. Ela tem um monte debaixo das bíblias para distribuir.

— Não se faça de engraçadinho, cabo, senão vai se ver comigo — disse Reinhardt, irritado, quando Pluto deu uma gargalhada. Mas ele logo amoleceu. Estava de olhos arregalados, folheando as páginas cheias de fotos das posições eróticas mais fantasticamente anormais. Até Casanova teria se espantado.

— Não, por Deus — disse Reinhardt, ofegante. — Assim que acabar o serviço, vou arranjar uma dona boazuda. Isso abre o apetite. Essa aí é muito gostosa, preciso tentar com a Grete amanhã.

— Você ainda não viu nada — disse Pluto, com ar condescendente. — Olhe pra isso aqui. — Apontou para uma foto mostrando uma situação inteiramente louca. — Eu já sabia disso quando tinha 14 anos.

O queixo de Reinhardt caiu, em sua cara de camponês, de tanto espanto, e ele olhou para o grande hamburguês com admiração:

— Aos 14 anos? É mentira. Quando é que começou?

— Aos oito anos e meio. Com uma puta casada quando o marido saía para vender frutas. Era uma espécie de gorjeta, porque eu arranjava ovos pra ela, do merceeiro de Bremerstrasse.

— Diabos, pare de me deixar com tesão — gemeu Reinhardt. — Ei, pode me arranjar uma mulher casada? Deve conhecer um monte delas.

— Claro que posso, cara, mas vai custar dez cigarros de ópio e uma garrafa de rum ou conhaque adiantados. E depois que tiver a sua mulher, mais dez cigarros de ópio e outra garrafa — francesa, nada desse troço alemão.

— É tudo seu — disse Reinhardt, ávido —, mas que Deus o perdoe se me tapear.

— Vá á merda, se não confia em mim, arranje a piranha sozinho — respondeu Pluto, virando as páginas da revista com indiferença. Não deixou transparecer nem de leve o quanto estava precisando dos cigarros de ópio e do *schnapps*. Ele sabia que Reinhardt podia consegui-los.

O sargento estava andando de um lado para o outro na sala da guarda, muito excitado. Chutou para um canto o equipamento pertencente a um dos recrutas e depois repreendeu o pobre-diabo por seu comportamento pouco militar em serviço. Depois ele aproximou-se e passou os braços em volta dos ombros de Pluto e dos meus, amigavelmente.

— Deixem pra lá, amigos, eu não estava falando sério. É que a gente fica meio desconfiado. Todos esses garanhões do posto não passam de um bando de trapaceiros. Vocês rapazes da frente são diferentes. Vocês entendem o sentido da amizade.

— Não entendo por que você fica aqui se detesta tanto isso — disse Pluto, assoando o nariz e jogando parte do catarro na cadeira de Reinhardt, que o preferiu ignorar. — Venha conosco, onde há movimento.

— Boa idéia, posso até ir — respondeu Reinhardt. — Em breve essa cidade vai ficar insuportável, a não ser que se tenha condecorações da frente. Até mesmo as bruxas velhas dão o fora. Mas e essa mulher, você me arruma uma, meu chapa?

— Num instante, mas primeiro um adiantamento — respondeu Pluto, estendendo a mão.

Aquela mão estendida provocou tiques nervosos no rosto de Reinhardt.

— Juro que você terá dez cigarros amanhã quando acabar o serviço e o conhaque será seu assim que eu for à cidade ver o camarada que o arranja para mim. Mas você pode arrumar o resto para amanhã à noite?

— Vai ter a sua puta, e será amanhã à noite — respondeu Pluto, friamente.

Os recrutas, a maior parte ainda não tendo 18 anos, encararam-nos com timidez, corados. Esse tipo de conversa era comum para nós. Teríamos olhado sem compreender para alguém que sugerisse se tratar de coisa imoral. O acordo que Pluto e Reinhardt acabavam de fazer era tão normal para nós quanto um fuzilamento em Sennelager. Tínhamos aprendido novos valores na grande fábrica de produção em massa chamada exército.

Por fim, a escuridão envolveu o imenso quartel e suas construções espalhadas. Aqui e ali, atrás das janelas escurecidas, estava um recruta que adormecera chorando sem fazer barulho. Saudades de casa, medo e muitas outras coisas o tinham abalado e feito se comportar como a criança que era, a despeito das armas e da farda.

Pluto e eu saímos para o nosso serviço de sentinela. Tínhamos de caminhar ao pé dos muros altos que cercavam toda a área do quartel. Devíamos verificar que fossem cumpridos todos os regulamentos, que as portas fossem fechadas às dez da noite, que as caixas de munição atrás da praça de armas estivessem devidamente guardadas. Se encontrássemos alguém na praça de armas, a pessoa devia parar e apresentar seus documentos. Os nossos oficiais tinham um prazer estranho em vagar por ali, só para verificar se as sentinelas estavam bem alertas e mandavam-nos parar.

O coronel von Weisshagen, nosso comandante, tinha uma paixão especial por esse passatempo. Era um homem muito pequeno, com um imenso monóculo preso ao rosto. A farda dele era um estudo da fantasia de um oficial prussiano: túnica verde de corte meio húngaro, meio alemão, muito curta, como de um cavalariano; culote cinza-claro, quase branco, com o couro de vaca costurado no assento, estilo típico da cavalaria; botas de verniz preto, de cano alto. Não entendíamos como ele conseguia dobrar as pernas, com aquilo. Por causa do culote e das botas, os soldados apelidaram-no de “Traseiro e Botas”. O quepe era alto na frente, do tipo preferido dos chefes nazistas e bordado com águias e coroas, com uma tira feita de um cordão prateado cheio de nós pesados. Naturalmente, o sobretudo dele era comprido, de couro preto, com aquelas lapelas largas e ousadas. Em volta do pescoço usava pendurada uma Pour le Mérite. Era sua condecoração da Primeira Guerra Mundial, quando ele servira num dos regimentos da guarda de cavalaria do cáiser. Ele continuava, muito impropriamente, a usar a antiga insígnia da cavalaria nas tiras dos ombros de sua farda do exército nazista.

Os soldados apostavam entre si se aquele manequim tinha lábios. A boca era uma linha fina que literalmente desaparecia no rosto áspero e enrugado, enfeado por uma cicatriz de alguma briga. Os olhos azuis e frios dominavam o rosto brutal. Quando a gente ficava defronte do pequeno comandante, gelava de medo ao vê-lo se dirigir a nós em tons de veludo, enquanto os olhos frios e sem sentimento pareciam sugar o nosso estômago. Eram olhos de cobra, os olhos do primeiro-tenente Weisshagen, comandante do depósito do 27. Regimento Panzer. Ninguém se lembrava de jamais ter visto uma mulher em companhia de von Weisshagen, e não era de admirar. Qualquer mulher na presença dele ficaria dura como uma tábua, quando os olhos dele a penetrassem. Quando ele foi expulso do exército no fim da guerra, era certo ir ser diretor de uma instituição para prisioneiros especialmente difíceis. Parecia não existir homem que ele não pudesse destruir ou modificar a seu gosto.

Havia mais uma coisa espetacular nesse homem. Tinha sempre desabotoado o coldre do revólver, para poder pegar mais facilmente sua máuser 7.65, de um negro azulado. Seus ordenanças (tinha dois) contavam que ele também portava uma Walther 7.65 com as seis balas lixadas para cabeças de dundum. O chicote de montaria, que era oco, escondia uma espada comprida e fina, que ele puxava num lampejo de sua capa de couro lindamente trançada. Sabia que era odiado e temido e tomara suas precauções contra qualquer desgraçado perseguido que pudesse ficar tão desesperado e louco a ponto de atacá-lo. Naturalmente, nunca

foi mandado para a frente, graças a suas relações nos altos círculos. Baron, seu vira-lata ruivo, era um conto de fadas em si. O cão estava incluído na lista do exército da chamada nominal do depósito, e várias vezes foi rebaixado na frente de todo o batalhão. O ajudante, como é próprio nessas circunstâncias, lia o castigo na ordem do dia. Por algum motivo, o cachorro nunca passou de cabo. No momento, era soldado fazendo as vezes de cabo sem aumento de soldo e estava trancado numa cela como pena por ter deixado excrementos sob a mesa do senhor.

Sargentos-ajudantes durões suavam frio quando ouviam a voz de von Weisshagen murmurando ao telefone sobre alguma coisa que tinham esquecido. Menos de cinco minutos depois que alguém deixava cair ou perdia um papel na frente dos alojamentos da companhia, o comandante já sabia a respeito. Às vezes nos convencíamos de que aqueles olhos horrendos eram capazes de ver através das paredes, tão bem informado era ele sobre tudo o que acontecia. Sempre impunha a sentença mais severa dentre as milhares de regras que o Terceiro Reich entulhara nas leis militares. A brandura e misericórdia para ele eram sinais certos de fraqueza e presságios da destruição do mundo. Adorava dar ordens enervantes a todos os seus subordinados, praças bem como oficiais. Ficava sentado à sua imensa escrivaninha de mogno, enfeitada com uma flâmula em miniatura com as insígnias do corpo blindado soldada a uma base feita de uma granada de mão. Olhava para um dos soldados em posição de sentido à sua frente e de repente berrava:

— Você aí, salte pela janela!

Deus que se apiedasse do soldado que hesitasse em correr para a janela, abri-la e se preparasse para saltar. O escritório ficava no terceiro andar. No último instante, vinha a vozinha do oficial:

— Bom, bom, afaste-se dessa janela!

Ou então ele entrava numa sala, silencioso como um gato (as botas tinham solas de borracha). Abria a porta e, numa voz branda mas que parecia uma chibatada, dizia:

— Atenção, plantar bananeiras!

O nome de alguém que não soubesse plantar bananeiras era anotado cuidadosamente no caderninho cinza que ele sempre tinha no bolso esquerdo da túnica. Escrevia com uma letra linda, usando as costas do culpado como mesa. No dia seguinte, o pobre-diabo começaria uma semana de exercícios, como punição.

Pluto e eu estávamos conversando enquanto caminhávamos descuidados na nossa longa ronda em volta da área do quartel. Pluto estava com um cigarro na boca. Era bastante curto para ele poder enfiá-lo na boca — um truque em que ele era hábil — se houvesse necessidade de esconder o cigarro de repente. Ele chutou a tranca de uma caixa de munição. Para seu grande prazer, ela se abriu. Isso causaria sérios problemas para a Companhia número 4 no dia seguinte, quando comunicássemos que a fechadura estava quebrada.

Atrás dos muros da praça de armas ele cuspiu a sua guimba microscópica. Ficamos ali um pouco, à espera que a grama se incendiasse e aliviasse a monotonia de nossa patrulha.

Continuamos a andar com passos lentos e medidos. Nossas baionetas fixas reluziam com lampejos malévolos. Não tínhamos ido longe quando apareceu alguém à nossa frente. Ambos vimos logo que só podia ser o coronel von Weisshagen. Parecia um abafador de bule preto com o chapéu e sobretudo.

Pluto berrou a senha:

— *Gneissenau*. — Ela ressoou por todo o depósito. Houve então um silêncio, por alguns segundos, até que Pluto tornou a rugir:

— Sargento Eicken e cadete desertor Hassel, destacados para serviço de sentinela, patrulhando diante da área do quartel. Segundo o regulamento, são exigidos os documentos do *Herr* tenente-coronel para inspeção.

Silêncio.

O casaco de couro farfalhou. Uma mãozinha enluvada apareceu depressa entre os botões de cima e logo desapareceu. No momento seguinte estávamos olhando para o cano da pistola dele. Aquela voz branda tão conhecida assobiou-nos:

— E se eu atirasse agora?

No mesmo instante um tiro estalou do rifle de Pluto: A bala zuniu por cima da cabeça do comandante, derrubando-lhe o quepe. Antes que ele se refizesse da surpresa, minha baioneta estava encostada ao peito dele. Depois Pluto colocou a ponta da baioneta dele junto ao pescoço do homenzinho. Tiramos a pistola dele.

— O *Herr* tenente-coronel terá de levantar as mãos, senão atiraremos! — disse ele, a voz macia.

Quase comecei a rir. Parecia loucura total: “O *Herr* tenente-coronel terá de levantar as mãos.” Só mesmo no exército é que as pessoas podiam ter um comportamento tão idiota.

Encostei-lhe a baioneta no peito com, firmeza, só para mostrar como estávamos empenhados em cumprir as nossas ordens.

— Tolice — retrucou ele. — Vocês dois me conhecem. Abaixem as baionetas e continuem na sua patrulha. Mais tarde vou querer que façam um comunicado sobre o tiro que foi dado.

— Não o conhecemos, *Herr* tenente-coronel. Sabemos apenas que fomos ameaçados com uma arma de fogo durante o nosso serviço de sentinela. Pedimos ao *Herr* tenente-coronel que nos acompanhe à sala da guarda — respondeu Pluto, com uma polidez implacável.

Devagar, fomos para a sala da guarda, a despeito de ameaças pesadas de parte do comandante. Mas ficamos com as baionetas preparadas.

Nossa entrada na sala da guarda causou grande tumulto. Reinhardt, que estava dormindo, levantou-se de um salto e postou-se na devida posição de sentido nos três passos regulamentares na frente do comandante. Com a voz trêmula, gritou:

— Atenção! Suboficial Reinhardt destacado como comandante da guarda humildemente apresenta seu comunicado ao *Herr* tenente-coronel: a guarda consta de vinte homens. Cinco em serviço de sentinela com rifles. Dois em patrulha. Presos, quatro. Um cabo da Companhia número 3 com dois dias de detenção. Um artilheiro de tanque e um sargento da Companhia número 7 com seis dias de detenção. Todos três por passarem a noite fora sem licença. E um cão com patente de cabo com detenção de três dias por sujar o chão. Comunico humildemente ao *Herr* tenente-coronel que não ocorreu nada de especial!

Com muito interesse, o tenente-coronel examinou a cara vermelha de Reinhardt:

— Quem sou eu?

— O senhor é o comandante do depósito do 27. Regimento Panzer (Penal), tenente-coronel von Weisshagen.

Pluto disse a Reinhardt, feliz:

— *Herr* comandante da guarda! Sargento Eicken, chefe da patrulha do quartel, que consta de dois homens, humildemente comunica que prendemos o tenente-coronel atrás do salão de parada da Companhia número 2. Como não tivemos resposta à nossa interpelação e, diante de nosso pedido de documentos, fomos ameaçados com uma pistola, abrimos fogo, segundo o regulamento vigente, um tiro de advertência de meu rifle, modelo 98. O quepe do prisioneiro foi derrubado e furado pela bala. Desarmamos o prisioneiro e o conduzimos sem ferimentos à presença do *Herr* comandante da guarda. Humildemente aguardamos instruções.

Silêncio, um silêncio prolongado e aveludado.

Reinhardt engoliu em seco. Aquilo estava além de sua capacidade. O comandante olhou para ele, indagando. Todos esperavam, mas reinava o silêncio. O sangue afluía e desaparecia do rosto de babuíno de Reinhardt. Todos esperavam que o grosseiro falasse. Por fim, o comandante perdeu a paciência e sua voz parecia levemente magoada ao se dirigir ao infeliz sargento:

— Sabemos agora que você me conhece. Você é o comandante da guarda. A segurança do quartel do 27. Regimento está nas suas mãos. O que ordena, suboficial? O que vai fazer? Não podemos passar a noite toda aqui!

Reinhardt não tinha idéia do que fazer. Revirou os olhos, em desespero. Podíamos quase ouvi-lo procurando um expediente. Sobre a mesa, o travesseiro e sobretudo eram testemunhas mudas do seu sono clandestino, e não lhe escaparam à atenção. Os olhos dele voltaram-se para nós dois, com o comandante entre nós. Esperávamos, os três, com uma alegria mal disfarçada para ver o que faria o herói subserviente. O destino caprichoso de repente, contra sua vontade, dera-lhe mais poder do que ele queria. À sua frente estava um ser humano, um ser humano comum, com um corpo, duas pernas, dois braços, um rosto, orelhas, olhos, dentes, como todos os outros seres humanos, mas — um grande mas — um mas sinistro — aquele ser em especial usava um sobretudo de couro preto, botas de verniz, cinturão talabarte e nos ombros, estrelas douradas em galões prateados trançados. Para Reinhardt, ele era seu deus, o demônio, o mundo, o poder, a morte, a vida, tudo ligado à destruição, tortura, promoção, rebaixamento e, por fim, mas não menos importante, ele tinha a capacidade de pronunciar as poucas palavras que mandariam um certo sargento Reinhardt para uma unidade de combate. Por trás disso, sob sua neve fantasmagórica, aguardava a Frente Oriental. Se ele conseguiria ou não escapar agora desse destino, dependia inteiramente de não ofender a seu deus ali diante dele, sorrindo zombeteiro.

Devagar, o cérebro de Reinhardt ligou-se à sua língua, e então ele começou a esbravejar. Berrando como um touro, rugiu para nós dois:

— Vocês estão malucos! Libertem o *Herr* comandante já. Isso é motim! — em seu rosto apareceu uma expressão mais calma e até satisfeita, e ele continuou: — Os dois estão presos! Vou já chamar o oficial de dia. Vão pagar caro por isso. O senhor deve desculpá-los, *Herr* tenente-coronel. — Dirigiu-se ao comandante e bateu os calcanhares. — Não passam de dois animais estúpidos, da linha de frente. Vou mandar fazer um comunicado imediatamente. Claro que esta é uma ofensa para o conselho de guerra...

O comandante praticamente hipnotizou a sala com os olhos. A coisa estava melhor do que ele esperara. Era a oportunidade ideal para fazer um de seus temidos exemplos.

— Bem, suboficial, isso é o que você pensa! — espanou um grão de poeira imaginário de suas grandes lapelas enquanto recebia a pistola e o quepe furado de Pluto, que estava rindo abertamente.

Sem fazer qualquer ruído, o comandante foi com suas botas de solas de borracha até a mesa, apontou para a roupa de cama improvisada de Reinhardt e ordenou:

— Tire isso daí!

Dez recrutas, além de Reinhardt, apressaram-se a cumprir a ordem. O sobretudo e o travesseiro desapareceram como por encanto.

Devagar, o comandante desabotoou o sobretudo. Seu caderninho cinza apareceu do bolso esquerdo. Espanando-se num ritual, ele pegou a lapiseira de prata com um floreio. O caderno foi colocado sobre a mesa na posição correta. Escrevendo, ele foi pensando em voz alta:

— Suboficial Reinhardt, Hans, servindo na Companhia número 3, destacado como comandante da guarda em circunstâncias especiais, foi encontrado vestido impropriamente quando de serviço. A túnica estava desabotoada. O cinturão com a pistola estava fora de seu alcance, portanto teria sido impossível ele se utilizar de suas próprias armas de fogo numa emergência. Isso infringe o Regulamento 10.618, de 22 de abril de 1939, sobre o serviço de guarda. Além disso, o Regulamento 798, da mesma data e ano, foi gravemente infringido, já que ele foi encontrado dormindo na mesa da sala da guarda. Mais ainda, estava usando o sobretudo do exército como manta. Ao mesmo tempo, foi infringida uma instrução de parte do tenente-coronel von Weisshagen como ordem do posto em 16 de junho de 1941. Refere-se à identificação de pessoas encontradas na área do quartel depois das dez da noite. Nesse caso, o comandante da guarda não toma qualquer decisão, mas convoca o oficial de dia.

Com um safanão, ele se virou para Reinhardt, que estava de boca aberta.

— Então, suboficial? Alguma coisa a comunicar?

Reinhardt estava apatetado.

O comandante ajustou o cinto e poliu o monóculo num lenço branco como neve. Depois disse com rispidez:

— Sargento Eicken e cadete desertor Hassel! Levem o Unteroffizier Reinhardt para a cela. Está preso por grave indisciplina no serviço da guarda. O assunto prosseguirá como prova para um conselho de guerra. Amanhã ele será

transferido em custódia para a prisão de Standorts do 114. Regimento de Granadeiros. Até ser rendido, o sargento Eicken atuará como comandante da guarda. A patrulha executou suas ordens corretamente e com zelo.

Com seus passos silenciosos, ele saiu da sala da guarda.

— Vamos — disse Pluto, rindo para Reinhardt. — Se tentar fugir, usarei a minha baioneta! — ao mesmo tempo, puxou o rifle ruidosamente.

Nós três marchamos pelo corredor para a cela. Pluto, entusiasmado, badalava sua grande penca de chaves. O cachorro da cela 78 fez Pluto gritar.

— Cale-se! Silêncio depois da dez horas da noite!

Fazendo um barulho desnecessário, empurramos o ferrolho da porta da cela 13 e empurramos Reinhardt para dentro.

— Dispa-se, prisioneiro, e ponha tudo sobre a cama — ordenou Pluto, divertindo-se muito com seu papel de guarda de prisão.

Minutos depois, Reinhardt, com seu peito largo, estava diante de nós como Deus o fez. Um camponês gordo, insignificante, privado dos galões e fitas sem os quais ele era o que fora criado: um lavrador perplexo, cabeça-dura.

Pluto estava resolvido a cumprir todos os regulamentos existentes.

— Prisioneiro, abaixe-se para a frente — ordenou, imitando o rugido do sargento-ajudante Edel.

Cuidadosamente, ele examinou o traseiro levantado de Reinhardt.

— O prisioneiro não tem nada escondido no seu traseiro — declarou, com prazer.

Depois examinou as orelhas de Reinhardt, perdido e boquiaberto, e declarou, alegre:

— Prisioneiro, conhece o regulamento referente ao asseio pessoal? Este caipira não sabe tirar a cera das orelhas. Escreva: prisioneiro encontrado, na ocasião da prisão, em estado de extrema sujeira. Os ouvidos estavam entupidos de cera.

— Espera mesmo que eu escreva isto? — perguntei.

— Por Deus, sim! Não sou comandante da guarda? Não tenho responsabilidade pelo registro da prisão?

— Ora, cale-se, seu burro — respondi. — Quanto a mim, não me importo em escrever as suas besteiras, mas você vai assinar.

— Sim, claro. Por que tanta onda? — perguntou Pluto.

Examinamos minuciosamente a farda de Reinhardt. Lemos todo o seu caderno de endereços. Pluto também interessou-se muito por um maço de cigarros redondo. Ele cheirou um ou dois, depois berrou:

— O prisioneiro está de posse de cigarros de ópio! Vou cuidar disso, seu criminoso? Ou vamos fazer um relatório? Aí você vai poder ouvir o que o conselho de guerra tem a dizer sobre um soldado que está de posse de entorpecentes. Bem, e o que deseja que se faça?

— Pois fique com eles, porra, e pare de se fazer de importante — retrucou Reinhardt, com amargura.

— Quieto, prisioneiro, e não se faça de engraçadinho. Senão vamos ter de consultar os regulamentos e ver o que dizem sobre prisioneiros insubordinados e difíceis. E quando se dirigir a mim, me trate de *Herr* comandante da guarda. Lembre-se disso, seu merda! — rindo, Pluto enfiou o maço de cigarros de ópio no bolso. Depois pegou os objetos pessoais do herói degradado. Tudo, menos a roupa de baixo e a farda foram para dentro de um saco.

Pluto apontou para a lista que eu fizera, ditada por ele:

— Assine, confirmando que todos os seus pertences estão aqui. Então não teremos confusão quando, no futuro distante, o soltarem.

Reinhardt quis verificar a lista, mas Pluto não deixou:

— Que merda, acha que vai poder estudar na cadeia? É só assinar, e já. Depois tire os seus trapos e ponha para fora da porta, para podermos trancá-lo como ordenou o comandante. Mas que porra de ousadia!

Sem protestar, Reinhardt obedeceu.

— Se quiser usar a privada, aproveite agora — declarou Pluto.

— Não, *Herr* comandante da guarda. — Ele estava nu sob a janelinha da cela.

— Espero que não, por você mesmo — disse Pluto —, e que Deus lhe perdoe se nos chamar durante a noite. Queremos paz para pensar nos graves acontecimentos ocorridos nesta noite.

— Por certo, *Herr* comandante da guarda!

Triunfante, Pluto admirou a cela vazia antes de ordenar:

— Bom, prisioneiro. Vá para a cama e fique lá até ouvir o toque de alvorada. — Ele saiu da cela, bateu com a porta, virou a imensa chave duas vezes com um ruído irritante e trancou as duas fechaduras.

Pluto gostou tanto daquelas chaves que as colocou na mesa à sua frente, na sala da guarda. Ele mesmo já estivera atrás das grades muitas vezes, e pela primeira vez na vida estava de posse das chaves de uma cela. Pouco depois, muito feliz, começou a ligar para todos os outros oficiais subalternos de serviço nos alojamentos da companhia. Queria saber os números nas relações de nomes deles. Era um privilégio que o comandante da guarda tinha. Cada vez que ele conseguia ligar para uma companhia, indagava:

— Pela voz, parece que está com sono. Andou dormindo? (Claro que todos estavam.) Vou pensar para ver se não é meu dever relatar esses seus deslizes ao oficial de dia. O quê? “Quem está falando”? O comandante da guarda, claro, quem devia de ser?

Após ter falado com as oito companhias, recomeçou tudo. Dessa vez perguntou aos suboficiais confusos sobre o estado de suas revistas de inválidos; também pediu uma lista dos depósitos de armas e munições da companhia; queria recebê-la na sala da guarda até as oito horas da manhã. Isso deu aos pobres oficiais trabalho mais do que suficiente para encher a noite.

Muito satisfeito consigo mesmo, Pluto recostou-se na grande poltrona, colocou os pés imensos sobre a mesa e pegou as revistas pornográficas. Já ia acendendo um cigarro de ópio quando dois recrutas chegaram esbaforidos porta adentro. Entre os dois estava uma figura muito nervosa, de vestido de algodão estampado, uma echarpe na cabeça e botas de infantaria nos pés.

— *Herr* comandante da guarda — declarou um dos recrutas. — O artilheiro de tanques Niemeyer humildemente comunica que no decurso de nossa patrulha prendemos esta pessoa, que tentava escalar a parede do quartel junto dos alojamentos da Companhia número 3. Esta pessoa se recusa a prestar qualquer informação e deu um violento soco no rosto do artilheiro de tanques Reichelt. Os olhos e o queixo dele estão muito inchados.

Pluto piscou, mas logo se refez. Reconhecemos Porta imediatamente. Pluto puxou uma cadeira e disse, com um sorriso:

— Queira sentar-se, madame.

— Cala a boca, seu escarro gordalhão, senão eu a fecho por você! — foi a resposta desrespeitosa de Porta ao novo comandante da guarda.

Pluto não fez caso da ameaça e colocou Porta na cadeira.

— Desculpe, madame. Por acaso estará procurando o seu marido? Sou o sargento Gustav Eicken, comandante da guarda, coletor de maridos, em cujas mãos sensíveis está a segurança deste quartel. Ou quem sabe, a madame está querendo outra coisa? — com um gesto súbito ele levantou as saias de Porta, revelando seus joelhos pontudos com as ceroulas do exército.

— Ah, a última moda de Paris, sem dúvida? Encantadoras, madame. Não é qualquer senhora que possui coisas tão delicadas.

Porta, bêbado, tentou dar um soco no estivador risonho e errou. Então desistiu de lutar.

— Deus, estou seco! Traga uma cerveja.

Tudo acabou quando enfiamos Porta numa cela vazia. Estava bêbado demais para ser transportado para um alojamento da companhia, Andara por vários bares de reputação duvidosa, desde o Rosa Vermelha até o Vaca Alegre. Segundo o que disse, tinha possuído tantas mulheres que duraria por dois anos. Quando estava com a última mulher, roubaram-lhe a farda. Restaram-lhe apenas as ceroulas e as botas de infantaria. Estas ele jurava que usava na cama. Alguém escrevera com tinta a óleo na bunda dele: Vaca Alegre.

Pluto lançou-o no seu livro da guarda como tendo chegado às onze horas da noite, uma hora antes de se esgotarem os passes da noite. Não ligou a mínima para o fato de que a essa hora ele ainda não tivesse sido promovido a comandante da guarda.

Passamos o resto da noite jogando vinte-e-um com o dinheiro de nosso prisioneiro. Como disse Pluto, Reinhardt agora não precisava mais de dinheiro.

A inspeção da guarda pelo oficial de dia era às oito da manhã, e a maior parte daqueles vinte minutos foi passada explicando o que havia por trás do relatório de Pluto.

Quando afinal o tenente Wagner conseguiu entender os fatos, caiu quase chorando na cadeira e assinou o nome sob a longa descrição de Pluto no livro da guarda, sobre uma das noites mais portentosas da monótona história do posto.

A questão perigosa para Wagner foi que ele não ouvira o tiro. Ou estava dormindo ou ausente, sem licença. O conhecimento que tinha do coronel von Weisshagen convenceu-o de que este estivera sentado à espera, pacientemente, pelo comunicado que ele, como oficial de dia, deveria ter dado imediatamente, nessas circunstâncias, ou ao comandante ou ao seu ajudante. E agora já fazia seis horas que o rifle fora disparado. O tenente Wagner seria destacado para uma unidade de combate, agora, com toda a certeza.

Quando se deu conta dessa tragédia, abriu e fechou a boca sem fazer um ruído sequer. Mas soltou um berro como de um touro quando Pluto, sorrindo, disse que o comandante ficara satisfeito com a patrulha e que esse fato deveria ser endossado no livro pelo oficial de dia. Cerrando as dentaduras, Wagner, acabrunhado, saiu cambaleando para encarar o que aquele dia lhe reservava.

Numa manhã ensolarada, nós os pegamos da cadeia. Num caminhão, aos solavancos, fizeram a sua última jornada.

Eles ajudavam, empurrando a viatura quando atolava. Pareciam empurrar os corpos para a frente, para ajudar as 12 balas a encontrarem o caminho. Isso era em nome do povo alemão.

4. ASSASSINATO DE ESTADO

PORTA foi o último a entrar no grande caminhão a diesel Krupp. A viatura gemia e rangia quando se fazia as mudanças. Saímos dos alojamentos da companhia e fizemos uma breve parada no quartel-general para pegar a licença de direção.

Ao passar pela cidade, gritamos e acenamos para as garotas. Porta começou a contar uma história obscena. Möller pediu que ele se calasse. Surgiu uma discussão breve mas violenta que foi interrompida quando entramos na praça da infantaria no quartel. Paramos defronte da sala da guarda de Standort.

O sargento-ajudante Paust, encarregado do nosso grupo, saltou do assento do motorista e tocou a campainha. Seis de nós saltamos e o acompanhamos para a recepção da cadeia. Lá encontramos dois soldados da infantaria, servindo de guardas da prisão. Paust desapareceu num escritório para pegar os documentos do sargento-ajudante de infantaria. Ele era um sujeito grandalhão, calvo, com tiques nervosos nos olhos.

Interessado, Porta perguntou:

— O que é que vocês fazem aqui na cadeia, para passar o tempo?

— Se eu fosse você, não me preocupava muito — retrucou um cabo de seus cinqüenta anos. — O seu serviço nessa profissão só dura um momento. Nós trabalhamos aqui dia após dia. Conhecemos este pessoal há meses. Passamos horas batendo papo com eles. Já são quase amigos. Se ao menos fossem os últimos... mas amanhã vem outro grupo. E vai assim por diante. É uma loucura.

— Karl, você fala demais — interveio outro oficial subalterno de meia-idade. Ele empurrou o amigo para o lado e olhou-nos com um ar esperto.

Curiosos, olhamos para a pequena sala da guarda. Sobre a mesa havia xícaras e pratos sujos. Numa das paredes aparecia um quadro-negro com os nomes e números das celas e dos prisioneiros. Todo nome marcado em verde mostrava que a pessoa estava condenada à morte. Eu contei 23 nomes. Marcas vermelhas mostravam prisioneiros aguardando confirmação de suas sentenças pelo conselho de guerra. Havia vários destes. Marcas azuis significavam os campos de prisioneiros; desses só havia 14.

Na parede defronte havia duas grandes fotos de Hitler e Keitel, olhando indiferentes para o quadro com seu registro da condenação de seres humanos.

— O que aconteceu com eles? — perguntou Schwartz. — Hoje temos ervilhas para o jantar; se nos atrasarmos, vão avançar nas nossas rações e teremos de ficar com as sobras.

— Vocês são formidáveis — disse o cabo idoso. — Pensando em comida quando têm esse serviço para executar. Estou tão nervoso que já fui ao banheiro vinte vezes desde ontem. E vocês só falam em ervilhas! Que Deus os ajude!

— E por que não, vovô? — perguntou Porta, rindo. — Comporte-se. Vocês pedestres são muito molengas.

— Cala a boca, Porta — disse Möller.

— Desde quando você foi promovido ao posto de filhos da mãe com mania de classe, com estrelas e cordões e o direito de me dar ordens?

— Você é um porco — disse Möller, com um ar decisivo.

— Essa é sua opinião. Espere só até acabarem os exercícios de mosquetaria, e então lhe mostrarei uma coisa, seu vira-lata. — Porta sorriu, com malícia, e Möller passou com cuidado para o outro lado da mesa.

O pessoal da prisão, nervoso, abriu caminho para ele. Pareciam ter medo de tocar em nós.

Do gabinete ao lado ouvimos o barulho de chaves, depois uma exclamação de mulher.

Pluto acendeu um cigarro de ópio e sugou-o com voracidade. Stege ficou olhando para baixo, para os pés, com as botas desajeitadas mas incrivelmente lustrosas. Todo o ambiente estava tenso.

O telefone tocou. O oficial subalterno atendeu e, impassível, ficou em posição de sentido na cadeira:

— Prisão de Standorts, quartel da infantaria, Obergefreiter Breit falando. Sim, senhor, sim, o destacamento está aqui. Está tudo pronto. Por certo, senhor, a família será informada, como sempre. Nada mais a comunicar. — Desligou e avisou: — Estão esperando por vocês em “Senne” — falou, por cima do ombro.

— Por Deus, mas isso parece até um casamento em cartório, está todo mundo esperando — disse Pluto. — Seria bom se eles se apressassem, aí acabaríamos com isso antes de ficarmos nervosos.

De repente a porta se abriu. Uma moça do serviço telefônico do exército entrou com um oficial subalterno de cabelos grisalhos. Ambos estavam vestidos de zuarte, usado para serviço no quartel. Eram prisioneiros condenados. Atrás deles, vinham um sargento-ajudante da cavalaria e Paust, com alguns

documentos debaixo do braço. Ele procurou parecer despreocupado, mas seus olhos azuis piscaram, nervosos.

O cavalariano procurou no registro e perguntou:

— Se tiverem reclamações, falem agora.

Os prisioneiros nada disseram e ficaram olhando apavorados para nós cinco, ali de pé com nossos capacetes e rifles.

Sem parecer entender o que estavam fazendo, eles assinaram o registro.

Paust e o oficial de cavalaria apertaram-se as mãos, ao se despedirem. Chegamos quase a esperar que dissessem *au revoir* e obrigado.

Saímos com os prisioneiros no meio e entramos no caminhão.

Os soldados do caminhão, educadamente, ajudaram a garota a entrar, se bem que o velho oficial subalterno precisasse mais do que ela.

— Tudo pronto — avisou Paust.

Partimos com um solavanco. Os guardas nos portões olharam assustados para o grande caminhão diesel enquanto ele seguia pela estrada para Sennelager, o exaustor explodindo.

Na primeira parte da viagem, seguimos em silêncio, olhando para os dois prisioneiros, encabulados e com curiosidade. Pluto foi o primeiro a romper o silêncio. Ofereceu-lhes o maço de cigarros de ópio.

— Fumem um cigarrinho, isso ajuda.

Ambos pegaram os cigarros e fumaram avidamente.

Porta debruçou-se para a frente.

— Por que foram condenados?

A garota deixou cair o cigarro e começou a soluçar.

— Deixe estar, eu não queria aborrecê-la — consolou Porta. — Só queria saber como são as coisas.

— Você é um porco estúpido — gritou Möller, e esboçou dar um soco em Porta. — O que é que você tem com isso? Já vai saber em “Senne”.

Porta passou o braço pelos ombros da moça.

— Fique calma, benzinho. Ele é um burrão que está sempre metendo o nariz onde não é chamado.

A garota chorava baixinho. O motor roncava. O caminhão estava subindo uma ladeira íngreme. Paust olhou para nós, da janela da boléia. Estávamos todos fumando. O Velho apontou para uma pilha de cascalho junto da estrada. Ao lado estavam alguns prisioneiros de guerra e guardas civis.

— Afinal estão consertando a estrada. Já não é sem tempo. Sempre vamos aos solavancos nesse trecho.

Bauer quis saber se Porta ia ao Gato Vermelho naquela noite.

— Lieschen e Barbara vão. Vamos nos divertir bastante.

— Claro que vou — disse Porta. — Mas só até as dez horas. Depois vou à inauguração de um novo bordel na Münchener Gasse.

Uma ambulância passou com a sirena ligada pelo nosso caminhão lerdo.

— Pelo amor de Deus, o que aconteceu agora? — perguntou o Velho.

— Há sempre um tom sinistro na sirena de uma ambulância — disse Bauer, nervoso.

— Talvez seja um parto complicado — sugeriu Möller. — A minha mulher teve uma hemorragia quando do parto do segundo filho. Eles a levaram às presas pro hospital. Ela e o bebê estiveram por um triz.

— Já viram a garota nova que chegou na cantina da Companhia número 2? — indagou Pluto. — Uma garota e tanto.

Nesse momento o caminhão caiu num sulco fundo na estrada, e nós todos nos amontoamos.

Furioso, Porta berrou para o motorista:

— Não está vendo aonde vai, seu idiota?

A resposta do motorista foi abafada pelo ronco do motor.

O sol aparecera por trás das nuvens ameaçadoras.

— O tempo está firmando — disse Stege. — Hoje fará uma bela tarde. Vou sair com uma boneca que conheci outro dia.

Porta começou a rir.

— Por que você sempre leva suas piranhas pra remar? Devem ficar com os traseiros molhados. Todos os barcos que o velho filho da mãe aluga estão sempre cheios de água. É mais interessante ir comigo ao Münchener Gasse. Traga a garota.

— Vocês só pensam em garotas — retrucou Möller, irritado.

— Agora escute aqui, reverendíssimo — disse Porta, num tom ameaçador. — Você vem me atazanando muito, ultimamente. Não nos metemos com as suas palavras cruzadas e seus encontros com o capelão, a portas fechadas. Você se diverte do seu jeito, e nós do nosso. Em breve vamos estar de volta à frente, e então veremos como você se comporta, seu bíblia de Schleswig.

Möller levantou-se de um salto e tornou a tentar socar Porta, alto e magro. Mas ele abaixou-se, e o soco de Möller não o atingiu por pouco. Com agilidade, o berlinês atingiu Möller no pescoço com o lado da mão, e Möller se desmoronou.

Stege empurrou-o para o lado, a fim de dar lugar para nossos pés.

— A culpa é dele próprio — disse o Velho. — Mesmo descontando a idade dele. Podia bem ser nosso pai. Vou falar com ele, quando voltarmos.

— Um dia ainda esmago essa cara azeda — disse Porta, com um sorriso feroz.

Pluto contou que ouvira a respeito da nossa transferência para uma grande fábrica de tanques, onde íamos testar os novos tanques Mark VI, chamados "Tigres Reis".

— Com certeza foi o seu amigo "Bunda e Botas" quem lhe disse isso — zombou Stege.

— Por que você está sempre me provocando, porra? — Pluto virou-se para Stege, furioso.

— E você ainda pergunta, seu hamburguês gordalhão? — exclamou o Velho. — Estamos num exercício de tiro normal? Você não tem sentimentos, homem?

Para nosso espanto, o velho oficial subalterno interrompeu o Velho.

— Não seria melhor se vocês todos se calassem?

O caminhão virou por uma estrada secundária, cheia de sulcos feitos por caminhões e tanques pesados.

Möller levantou-se e ficou o mais longe possível de nós. Parecia mais mal-humorado do que nunca.

A garota então rompeu o silêncio.

— Algum de vocês tem um cigarro, ou uma aspirina?

Ficamos olhando para ela fixamente, por um momento, e ela sentada ali com seu velho vestido de zuarte.

Stege deu-lhe um cigarro. A mão dele estava trêmula, acendendo o cigarro com o isqueiro que comprara na França há três anos.

Todos nós procuramos nos bolsos, num frenesi.

Porta gritou para o motorista:

— Algum de vocês aí tem uma aspirina?

Paust abriu a janela corrediça e resmungou, zombando. Todos vimos seus dentes fortes e brancos:

— O único comprimido que tenho está no pente da minha 38. É uma cura certa. Quem é que está com dor de cabeça?

— A garota.

Um silêncio prolongado. Depois, com constrangimento:

— Ah.

A janela foi fechada de repente. Ele preferiu ignorar o comentá rio de Porta:

— Cachorro imundo!

— Não faz mal, não preciso da aspirina — disse a garota, apática. — Vai passar logo.

— Um de vocês faz uma coisa por mim? — perguntou o velho oficial subalterno. Sem esperar resposta, ele continuou: — Sou do 76. Regimento de Artilharia. Podem procurar o sargento Brandt, da Bateria número 4? Peçam a ele para se certificar que a minha mulher vai receber o dinheiro. Ela mora com a mulher do meu filho mais velho, em Dortmund. Podem fazer isso por mim? — ele virou-se para Stege.

Stege balbuciou:

— Posso, sim, claro. O que é quê...?

Pluto interrompeu:

— Ele vai fazer uma trapalhada, meu velho. Tenho um amigo no 76., o Paul Groth, é segundo-sargento. Conhece o cara?

— Sei, o segundo-sargento Groth, conheço-o bem. Está na Bateria número 2. Perdeu uma perna em Brest-Litovsk. Dê lembranças a ele... o “homem que media o gás”. Era isso que eu fazia, antes da guerra.

A moça levantou os olhos, com interesse, a vida voltando a suas feições mortas.

— Quer fazer uma coisa por mim também? — perguntou ela a Pluto, ofegante. — Me dê um pedaço de papel, por favor.

Pelo menos dez lápis e caderninhos foram-lhe entregues. O Velho foi para junto dela e deu-lhe um cartão-carta do exército.

Ela escreveu depressa, nervosamente, leu o cartão, fechou-o e o deu a Pluto.

— Pode mandar isso por mim?

— Farei isso — disse ele e guardou o bilhete no bolso do sobretudo.

— Vai ganhar uma garrafa de *Sekt* se o entregar pessoalmente — avisou ela, nervosa, balbuciando, examinando o estivador grandalhão com sua farda de combate em tanques, manchada de óleo. Lá estava ele, o rifle na mão, o capacete empurrado para trás, as pernas afastadas com suas reluzentes botas curtas da infantaria. As pernas pretas das calças eram bojudas, como calções largos. A túnica curta, com os distintivos de caveira prateados nas lapelas, estava puxada para baixo pelo peso da bandoleira de couro preto, cheia de balas.

— Não quero nada. — As palavras saíram a custo do sujeito, que em geral era bem rápido. — O bilhete está seguro comigo. Sou o melhor carteiro do país.

— Obrigada, soldado. Nunca me esquecerei.

— Não é nada — disse Pluto.

Continuamos em silêncio. O sol agora estava forte e quente.

Alguém começou a assobiar.

“Frük morgens, wenn die hähne krähen”.

Alguns de nós começamos a cantarolar. De repente paramos todos e nos entreolhamos, confusos. Era como se tivéssemos cometido alguma blasfêmia numa catedral repleta de pessoas rezando.

O caminhão parou. Paust gritou para a sentinela:

— Destacamento especial da companhia da guarda. Um segundo-sargento, um suboficial, vinte homens e dois prisioneiros.

A sentinela olhou dentro do caminhão. Um sargento-ajudante pendurado da janela da casa da guarda gritou:

— Vocês vão para a Área 9. Por onde andaram, droga? Há séculos que estão à sua espera.

— Engraçadinho, hein? — disse Paust.

Sem esperar resposta, seguimos por um estrada arenosa que passava pelo quartel. Os soldados moravam ali naquele grande campo de treinamento, enquanto serviam. Casas e celeiros, agora vazios, apareciam desanimadamente diante dos homens fardados que, dia a dia, estavam sendo treinados para matar.

— Espero que não comam todas as ervilhas antes de voltarmos! — reclamou Schwartz. — Não é todo dia que a gente tem alguma coisa de que gosta. Claro que tinha de ser hoje o nosso destacamento para esse serviço.

Ninguém respondeu.

— Meu Deus, olhem uma lebre — gritou Porta, entusiasmado, apontando para alguma coisa no meio das urzes mirradas.

Todos nos esticamos para ver a lebre fugindo aos saltos.

— Que Deus nos ajude! Comida de verdade debaixo dos nossos olhos e não podemos pegá-la — gemeu Porta.

— A última vez que comemos lebre foi na Romênia, no quartel junto do rio Dubovila — lembrou Pluto.

— Ah, é, foi quando depenei aquele barão romeno — disse Porta, rindo.

O caminhão parou. Paust saltou com um palavrão.

— Onde fica a Área 9? Esse pateta aqui perdeu o caminho. Isso aqui é a praça de esportes?

Ninguém respondeu. Ele abriu um mapa e virou-o e revirou até conseguir se localizar. O caminhão deu marcha à ré e ficou encalhado no capim macio. Tivemos de saltar e empurrar. Só os prisioneiros ficaram no caminhão.

Indiferentes, jogamos os nossos rifles para eles.

— Vocês deviam é ir para a Rússia, vocês aí — disse Pluto, para ninguém. Todos ficaram sem entender o que ele estava falando. — Só então iam aprender alguma coisa além dessa porcaria de campo de treinamento.

— Os tremoços acabaram — disse Schwartz, com raiva.

— Cuspo nas suas ervilhas — gritou Stege. — Coma suas cartilagens, se tem fome!

— Ninguém pediu a sua opinião, seu filho da mãe! — gritou Schwartz, furioso.

Aquilo teria terminado em briga, mas o caminhão já estava desencalhado, e tivemos de entrar depressa.

Pouco mais à frente paramos de novo. Estávamos na Área 9. Paust gritou:

— Destacamento, em forma!

Nervosos, saltamos e entramos em forma diante de Paust. Tínhamos esquecido os prisioneiros. Eles ficaram sentados no caminhão, meio escondidos no canto pela boléia. Um tenente da polícia militar aparecera e estava praguejando junto deles. Paust pareceu ficar confuso, por um momento. Depois berrou com uma voz que ressoou pelos grandes espruces ao fundo:

— Prisioneiros, em forma, rápido!

Os dois prisioneiros só faltaram cair do caminhão e se colocaram, como se desculpando, no fim da fila que tínhamos formado, a garota atrás do oficial subalterno. O rosto do tenente estava rubro. Sem precisar, ele ajustou o cinturão largo de oficial e a coronha da pistola.

— Suas ordens! O que é que está acontecendo?

Paust ficou mais nervoso, e, com saliva nos cantos da boca, disse em voz rachada:

— Atenção, olhar à direita! — ele virou-se, batendo os calcanhares, e comunicou tudo correto para o oficial da PM, gordo e cheio de cerveja.

O tenente fez uma continência com um floreio. Depois deu meia-volta e se retirou com os espectadores.

Um promotor militar fardado de coronel adiantou-se, acompanhado por um médico do quadro e outros.

Paust deu um passo à frente, bateu os calcanhares e começou a fazer o seu relatório enquanto entregava os papéis que levava numa pasta vermelha.

— Os prisioneiros no meio, dois homens atrás — ordenou o tenente.

Com um mínimo de movimento, a ordem foi cumprida.

Meio escondidas por uns arbustos estavam duas caixas de madeira, compridas. Nós desviamos o olhar.

O sol brilhava. Alguns dos que tinham divisas nos ombros fumavam. Os rifles pesavam nas mãos suadas. Stege, sem perceber, brincava com sua bandoleira.

O promotor militar entregou os documentos ao major dos Granadeiros Panzer, mas, devido ao vento, não conseguiu colocar logo em ordem as folhas de cores diferentes. Com voz de falsete, começou a ler:

— Em nome do *Führer* e do povo alemão, o tribunal militar convocado especialmente sob o general comandante da Defesa, Setor 6, condenou à morte por fuzilamento Irmgard Bartels, nascida a 3 de abril de 1922, telefonista do Setor de Defesa 6, servindo em Bielefeldt. A prisioneira é acusada de se comunicar com uma organização comunista clandestina e de distribuir folhetos perigosos para o Estado a seus colegas de estação, bem como no quartel onde estava alojada sua seção.

"Sua confissão por escrito é testemunhada pelo outro prisioneiro. O conselheiro do conselho de guerra, dr. Jahn, general-de-divisão da polícia, Schliermann e Gruppenführer SA Wittman atuaram como juízes. A prisioneira é desonrada para sempre, e todos os seus bens ficam para o Estado.

"Em nome do *Führer* e do povo alemão, o tribunal militar convocado especialmente sob o general comandante da Defesa, Setor 6, condenou à morte por fuzilamento o suboficial Gerhard Paul Brandt, nascido a 17 de junho de 1889, servindo no 76. Regimento de Artilharia. O prisioneiro recusou-se a obedecer às ordens durante o seu serviço da guarda em Stalag 6. Por três vezes o comandante de sua companhia advertiu-o sobre as conseqüências de desobedecer às ordens.

"Sua confissão por escrito é testemunhada pela prisioneira. Tenente-coronel dr. Ruttger, NSKK, general do exército dr. Hirsch e conselheiro do conselho de guerra do Estado-Maior professor Gortz foram juízes. O prisioneiro condenado está desonrado para sempre, e seus bens ficam para o Estado.

"O comandante da guarda do depósito do 27. Regimento Panzer (Penal) foi designado para realizar a execução. Os serviços clericais serão realizados pelo capelão Curt Meyer. O médico do quadro, dr. Mettgen, dará a certidão da execução efetuada. O promotor militar, dr. Weissmann, GE e Batalhão de Treinamento 309, tratará de fazer com que a sentença seja executada conforme o regulamento. O dever de notificar aos parentes dos prisioneiros cabe à prisão de Standort 6/6 Paderborn. O sepultamento depois da execução será efetuado pelo comando especial do Batalhão de Sapadores 57.

Ele acenou, complacente, para o tenente da PM, que se dirigiu a Paust e lhe deu as ordens.

— Destacamento, direita, volver! À frente, marcha!

A areia cedia sob nossos pés. A garota tropeçou, mas Pluto agarrou-a e ela recuperou o equilíbrio. Por um momento, o pelotão de fuzilamento errou o passo.

Depois de uma curva na estrada, chegamos aos postes que esperávamos ver: os postes onde se amarravam os prisioneiros condenados. Havia seis: seis postes de cerca grossos e comuns, cada qual com uma corda nova presa.

— Destacamento, alto! — ordenou Paust. — Descansar armas! Abrir formação, marcha! Primeira fileira com os prisioneiros na frente, m-a-a-rcha!

O Velho soltou uma exclamação. A nossa era a fileira da frente. Por um momento, hesitamos. Depois a disciplina arraigada fez efeito. Marchamos calados para os postes, que um dia tinham sido árvores oscilantes com que o vento brincava, mas agora aguardavam o abraço dos mortos.

Ficamos ali separados dos outros. Atrás de nós, esperando calados, estavam os belos cavalheiros e o resto do destacamento. Parecia que nos tinham empurrado para longe deles. Éramos 12 pessoas comuns, com duas no meio condenadas à morte.

E se fugíssemos? Ou se a metralhadora do Velho atirasse para trás, sobre aquelas estrelas e cordões? E aí? Ali só havia seis postes, mas em outros campos havia mais, mais do que o suficiente para 12 homens.

O Velho tossiu. O velho de zuarte tossiu. Era a poeira.

— Fileira da frente, alto! — disse o Velho, com calma. Ele murmurou alguma coisa incompreensível, em que apareceu a palavra “Deus”. Sabíamos que os outros não podiam nos ouvir.

A garota cambaleou, quase desmaiando. Pluto sussurrou, entre dentes:

— Coragem, menina, não mostre aos porcos que está com medo. Grite o que quiser. Não lhe podem fazer mais nada. Viva a Frente Vermelha! Pense na Bandeira Vermelha, se ajudar.

O Velho apontou para mim e o Stege.

— Vocês dois vão com o vovô, e você, Pluto, e Porta vão com a moça.

— Por que nós? — protestou Stege, com calma. Mas fomos seguindo sem esperar resposta. Alguém tinha de fazer aquilo. Os outros ficaram felizes por não serem escolhidos e viraram de lado.

O poste estava gasto à altura do peito. Um lembrete de quantas vezes já fora usado para aquela bestialidade cometida em nome do povo alemão.

A corda nova tinha cheiro de juta, mas era um pouco curta. O velho suboficial encolheu a barriga, para ficar mais magro. Demos um nó pouco apertado, e

Stege chorou.

— Vou atirar nas árvores — cochichou ele — escute, cara, não posso atirar em você.

A garota começou a chorar. Não chorou como a maioria das mulheres. Os gritos dela pareciam berros de animal. Porta saltou para longe do poste, deixou cair o rifle, enxugou as mãos nas calças e tornou a pegar o rifle. Voltou correndo para o resto do destacamento que esperava uns vinte passos atrás de nós.

Nós nos afastamos depressa das duas figuras amarradas, esperando nos postes.

Um padre do exército, com divisas e cruzes roxas na gola, em vez da águia costumeira, dirigiu-se para os dois condenados.

A garota ficara calma. O padre murmurou uma oração e levantou as mãos para o céu sem nuvens. Parecia estar querendo convencer ao Deus invisível que aquilo que se passava ali era justo e certo num mundo atormentado pela guerra.

O promotor militar deu alguns passos à frente e leu o papel:

— Fazemos essas execuções para defender o Estado contra os graves crimes que esses dois criminosos cometeram. Os juízes dos tribunais militares convocados especialmente sentenciaram os dois de acordo com o parágrafo 32 no código penal do Estado.

Ele recuou depressa. Paust estava pálido e olhou desesperado pelas planícies arenosas.

— Destacamento, perfilar à direita! Olhar em frente! Carregar!

As travas de segurança estalaram e os ferrolhos fizeram um ruído sinistro.

— Destacamento! Ao seu alvo... apontar!

A coronha comprimia o ombro. O olho seguiu pelo cano. Alguma coisa branca apareceu na massa de mira, pregada em cada peito. Atrás daquilo batia um coração, ainda bombeando sangue por um corpo vivo.

Stege fungou e cochichou:

— Vou atirar num galho.

— Destacamento...!

A garota soltou um ganido lamentável. O pelotão oscilou. Os cintos de couro rangeram. Atrás de nós alguém desmaiou.

— ... Fogo!

Um ronco de trovão de 12 rifles e um solavanco nos ombros de 12 soldados de tanque. Tinham sido cometidos dois assassinatos do Estado.

De olhos arregalados olhávamos hipnotizados para as nossas vítimas. Estavam penduradas nas cordas, esperneando. O velho suboficial caiu por terra. O nó se rompera. Ele chutou com os pés e arranhou com as unhas na areia onde se

espalhava uma mancha vermelha.

A garota conseguiu apenas gritar:

— Mãe! — um estertor prolongado. — Mãe!

Quatro sapadores do 57. Batalhão correram para os postes. O médico lançou um olhar indiferente para os dois com seus zuartes remendados, depois assinou alguns documentos.

Ao longe, ouvimos a ordem de Paust:

— Para o caminhão!

Cambaleando como bêbados, tomamos nossos lugares. Havia sinais de lágrimas em volta dos olhos e pelas faces de Stege.

Passamos pela guarda. Ninguém nos interrogou. Nenhum de nós falou. Só o motor foi roncando sem sentir, como sempre.

Chegamos ao monte de cascalho onde trabalhavam os prisioneiros de guerra.

— Já é meio-dia e doze, como o tempo voa — disse Möller, quieto.

— Os tremoços acabaram — disse Schwartz, furioso.

— Seu porco imundo — uivou Stege, e avançou sobre Schwartz, que não desconfiava de nada.

— Vou te quebrar os dentes, aí você não vai poder comer esses tremoços por várias semanas, merda!

Ele sentou em cima de Schwartz, que tinha caído com estrondo. Com uma das mãos, socou-lhe o rosto, enquanto com a outra tentava estrangulá-lo. Schwartz estava quase morto quando afinal conseguimos arrancar Stege de cima dele. Ele estava espumando de raiva e teve de ser contido por Pluto e Bauer.

No meio do barulho ouvimos Paust gritar:

— Pelo amor de Deus, parem com essa algazarra!

Ninguém deu-lhe atenção. Todos estavam gritando. Chegamos ao quartel e saltamos do caminhão num emaranhado ruidoso.

— O pelotão de fuzilamento tem folga o resto do dia, mas lembrem-se, primeiro limpem os rifles e cinturões — avisou Paust.

Passamos pelos recrutas que nos olhavam de volta de seus jantares. Quando chegamos ao nosso alojamento, Bauer gritou para Porta:

— Te vejo no Gato Vermelho!

Porta deu meia-volta e jogou o rifle em, cima de Bauer, enquanto rugia:

— O que você tem com isso? Seu animal burro! Não se meta com a minha vida!

Desviando-se depressa, Bauer conseguiu evitar o rifle e correu para seu alojamento.

— Alguém está nervoso — disse um soldado que fazia as vezes de cabo, rindo.

Ele pertencia à Tropa número 2.

Pluto deu um soco na cara do soldado e disse:

— E agora alguém está de olho roxo, hein?

— A revista da igreja é uma piada — comentou Porta. — Basta a gente ir resmungando lindamente, falando bem complicado pra ninguém poder compreender. De cinco em cinco palavras, a gente diz cum spiritu-tuo, depois passa a um feliz Dominus vobiscum. Isso já causa boa impressão. Depois é balançar o ostensório com bastante força e toda a congregação fica satisfeita.

5. PORTA COMO PAPA

ESTÁVAMOS SENTADOS no arsenal, jogando vinte-e-um. Diante de Porta havia uma vultosa quantia. Era o único que tinha sorte.

O oficial intendente, cansado de jogar, tinha perdido quase duzentos marcos.

— Pra mim, já chega. Traga a garrafa — resmungou ele, zangado.

Enfeitada com um rótulo de gasolina, a garrafa continha uma mistura de conhaque e vodca.

Hauser passou-a para Porta e depois aos outros na mesa. Dali a pouco ouviam-se fortes arrotos.

— Onde foi que arranjou aquela magricela que estava com você ontem à noite? — perguntou Bauer a Stege. — Achei-a parecida com a mulher do sargento-ajudante Schröder. — Depois acrescentou, convencido: — E era ela mesmo, droga! A gente reconhece aquela bunda rebolada a um quilômetro de distância. Se ele descobrir, eu não queria estar no teu lugar!

Stege jogou-se num monte de trapos de limpeza e deu gargalhadas.

— Aquele porco gordo no momento está aos solavancos num caminhão entre Varsóvia e Kiev, por isso não tem muita chance. E só porque o Bunda e Botas o castigou, isso não quer dizer que ela também deva ser castigada. Além disso, na quinta-feira é aniversário dela. Vai dar uma festa. Em bom alemão, isso quer dizer que sou o convidado de honra. O ataque começa às nove da noite, e cada um de vocês deve levar uma garota, como entrada. A sra. sargento-ajudante viúva temporariamente prometeu-nos a bebida do velho. Segundo ela, o sargento não vai mais precisar, que está tão gordo que nem um russo cego consegue errar o alvo, se ouvir ele respirando.

Porta deu uma risada.

— É, eu estava na sala de ordens quando o Bunda e Botas o chamou à ordem. Brandt e eu quase morremos de rir. Ele foi transferido para o 104. de Infantaria e se não for decepado logo de saída, vai perder a gordura em duas semanas e parecer um poste de cerca.

Pluto levantou-se, imitando von Weisshagen:

— “Então, segundo-sargento, as coisas não vão assim muito bem com você, é? Já riram bastante de nós, por termos ajudado você. Nesse seu peito largo tem bastante lugar para algumas condecorações, não acha?” Aquele burro respondeu: “Sim, senhor”, embora quase se cagasse apavorado com a idéia de chegar mais perto do *front* do que 500km. “Muito bem”, continuou Bunda e Botas, olhando para ele pelo monóculo brilhante. “Então concordamos. Gosto de pensar que os meus homens estão satisfeitos. Em breve você estará de volta com uma Cruz de Ferro. E talvez traga honra à sua antiga companhia conseguindo uma Cruz de Cavaleiro. E você quer uma oportunidade de se distinguir no campo de batalha?” “Sim, senhor”, soluçou o pobre coitado. Parecia doente. “Bom, segundo-sargento”, disse o comandante. “Então há de querer estar onde as coisas acontecem. Assim, providenciei a sua transferência para o 104. É o regimento mais valente na divisão. Lá você terá magníficas oportunidades para demonstrar suas qualidades de militar; qualidades que nós aqui já apreciamos — até o outro dia quando, para nosso grande pesar, verificamos que você não sabia distinguir o serviço da licença, a cantina da sala da guarda!” Vocês deviam ter visto como ele saiu rastejando. Parecia uma galinha doente.

— Vamos, Porta, conte uma história — pediu o Velho.

— Pois não, meu velho, mas qual? Não se pode simplesmente pedir uma história.

— Conte uma que tenha um pouco de tempero — respondeu o Velho, ajeitando-se bem nos suportes das armas.

— Então, é isso que você quer, criatura indigna — retrucou Porta, com um ar severo. — Não, hoje é domingo, por isso será uma piada decente. Vou lhes contar um caso realmente edificante e enobrecedor da minha vida aventurosa, sobre a vez em que agi como padre, ou papa, como dizem os russos, para Ivan.

— Foi quando estávamos lutando no Cáucaso entre Maikopf e Tuapse, e Ivan estava se divertindo conosco e todas aquelas árvores.

— Meu Deus, mas que embrulhada ele fez pra nós — disse Stege, rindo.

— Lembra que até a maior máquina de terraplenagem se arrebentou, tentando mudar aquelas árvores de mogno de lugar?

— Afinal, sou eu ou você que está contando essa história? — perguntou Porta. — Depois de Tuapse, passamos à estrada de terra feita pelos camponeses georgianos nos tempos do czar. Fomos o mais depressa que pudemos e chegamos a uma droga de aldeia que Ivan tinha feito ao gosto dele: Proletarkaja, linda. E foi ali, minha gente, que tudo melou. O velho com listras vermelhas nas calças, Sua Excelência Kleist, não conseguiu enfrentar o pessoal de Ivan.

Tivemos de sair de Proletarkaja, mas antes de partirmos, Ewald me disse...

— Quem é Ewald? — perguntou o Velho, espantado.

— Essa é uma pergunta idiota, mas é por isso que você é sargento. Ewald é o nosso general, o marechal-de-campo *Herr* Kleist, seu campônio. Agora não me interrompa mais... Como vocês estão em treinamento há algum tempo, já sabem que sempre deixamos para trás uma força pequena, ao evacuarmos as nossas posições. Isso é pra que Ivan não descubra logo a nossa fuga. E quando esse pessoal, depois de algumas horas, começa a se sentir só, fazem explodir tudo pelos ares, antes de darem o fora. Foi isso que fizemos no Cáucaso, quando nos despedimos dos nossos colegas do outro lado. Ewald sabia perfeitamente que eu era um soldado danado de bom. "Escute aqui, meu bom *Herr* Obergefreiter Porta", disse ele, confidencialmente. "Você já deve estar sabendo que Ivan tem nos surrado tanto ultimamente que não posso dispor de muitos dos meus homens, quando me retirar com as viaturas do sr. Hitler. Mas você vale meio regimento e é indestrutível, portanto eu lhe peço, meu caro Joseph, para me dar uma mãozinha na evacuação das posições do corpo do exército."

"Fiz uma continência tal que as centelhas esvoaçaram pelas nossas orelhas e rugi: 'Sim, *Herr* general marechal-de-campo, farei isso. Não tenho medo de nada.'

— Vocês estavam no quartel-general, nessa ocasião? — perguntou Stege, piscando para nós.

— Por Deus, claro que sim — respondeu Porta, irritado com a interrupção. — Seu idiota, pensa que eu andava pela Ralmuk-Steppe como um pracinha qualquer da infantaria? Nada disso, eu servia bem no meio dos grandes generais imundos, e muitas vezes forneci indicações preciosas a Ewald. Ele não dava atenção aos seus oficiais do Estado-Maior. Todo o serviço secreto dele não era nada comparado comigo, cabo pela graça de Deus, Joseph Porta.

— É muito engraçado que você nunca tenha chegado a general — disse o Velho. — Acho que o general marechal-de-campo Kleist deve ter sido ingrato, levando em conta tudo o que você fez por ele.

Porta sacudiu a cabeça.

— Vocês fazem perguntas demais, e bobas. Pense, seu idiota, sabe perfeitamente que não fico bem fardado de oficial e que não suporto essa farda. Aquele vermelho que os generais usam no colarinho não vai bem com a minha pele. Mas calem-se até eu terminar. Depois vou ver se respondo a todas as suas perguntas idiotas.

“Fiquei nas posições do corpo do exército, para me divertir um pouco com Ivan. Pensei em ser apanhado. Não teria sido nada bom para a minha saúde se eles vissem que teriam de lidar comigo. Poderia ser um insulto ao próprio Stalin. O fato de o meu nome ser Joseph não significava que ele ficasse mais feliz com isso. Por Deus, pensei, tenho de salvar a minha pele. Fiquei muito contente quando encontrei um padre morto numa trincheira. Eu soubera que Ivan aceitava toda essa baboseira de igrejas e padres, tal como nos tempos do czar. Portanto, pensei que seria uma mudança agradável usar um uniforme daqueles, especialmente se os demônios do outro lado me prendessem. Eles não iam ousar abusar muito de um padre. A maioria dos Ivans têm um respeito tremendo pelas coisas sagradas. Então vesti o uniforme do padre e lhe dei o meu, para que ele não ofendesse os pudores dos outros. Mas ele não ficou bem, e todos os meus piolhos ficaram muito decepcionados com o sangue azedo dele. Quando olhei no espelho, fiquei muito satisfeito com o belo espetáculo que vi. Eu estava com uma cara tão boa e santa, com todo aquele roxo no colarinho. A bela cruz pendurada ao pescoço parecia uma nova condecoração inventada para Hermann. É, meus filhos, vocês nem teriam acreditado se me tivessem visto como pregador de Deus.

— Não duvidamos disso — retrucou o Velho, com calma.

— Hoje devo muita coisa ao bom Deus — continuou Porta —, pois sem dúvida foi dele que me veio a inspiração santa de vestir o uniforme do padre morto.

“Pouco depois Ivan chegou em cima de mim, e antes que eu pudesse piscar, fui arrastado para a presença do comandante deles, um veado de coronel com galões largos como uma mesa de jantar para uma família grande. Ele revirou os olhos como um canibal e abriu a goela molhada num rugido: ‘Por Satanás, nos quintos dos infernos, vejam se não foi um diabo de padre que me trouxeram, rapazes! Com todos os demônios, como você parece santo e sujo. No momento em que enforcamos o nosso papa por estupro e estamos quebrando a cabeça pensando em como arranjar outro, aí nos cai um bem nas nossas mãos. Padre, quer ser o nosso papa, ou prefere ser enforcado?’

“Assumi a minha expressão mais santa e respondi, com um fervor falso: ‘Senhor, serei o seu papa!’

“Ao mesmo tempo, levantei o crucifixo acima da cabeça dele e murmurei, à moda regulamentar, algo como: ‘*Cum spritu tuo*, meu leitãozinho. Espero que os rapazes sabidos na tua terra estejam se divertindo com suas mulheres, enquanto vocês palermas lutam pelo tio Joe.’ Vocês deviam ter visto a expressão piedosa

dele, diante da minha bênção. Troquei os trapos do padre nazista morto pela roupa do seu colega russo enforcado e fiquei muito bonito. E me dei muito bem com todo o pessoal; vocês sabem, rapazes, a coisa mais importante para um padre é saber beber.

Porta parou um instante e tomou um bom trago da nova garrafa que apanháramos para substituir a garrafa de gasolina vazia. Esta tinha o rótulo de "óleo para rifles". Ele arrotou um pouco e continuou.

— Roube sem medo, coma como um cavalo, ame todas as moças bonitas da congregação, e, por último, mas não menos importante: jogue cartas e trapaceie de acordo com as regras. Eu estava bem enfronhado em todos esses itens essenciais que fazem um bom padre. Vocês sabem disso, por experiência própria. — Ele bateu no bolso onde estava o dinheiro que ganhara no vinte-e-um e sorriu, com simpatia.

"Fiz muitas amizades e me consideravam um padre especialmente bom. De noite eu jogava cartas com o coronel e os três majores, e trapaceávamos tanto, sem cerimônia, que dava para ter vergonha. Lembro-me de uma ocasião em especial que me faz furioso, e vocês sabem que não me irrito à toa. Jogamos *gin-rummy* um dia inteiro, sem que um de nós conseguisse ter um ás de espadas. Suamos como porcos, enquanto aumentava o bolo do ás de espadas. Já valia vários milhares de rublos; e então, imaginem, rapazes, descobrimos que o coronel, aquele porco, estava com o ás de espadas o tempo todo. Ele então achou que o bolo estava bem grande e já ia ganhar. Houve uma discussão terrível, e se ele não tivesse chamado a guarda, teríamos lhe arrancado o fígado. Mas vocês hão de convir que foi um truque sujo, roubar de seus subordinados, sem falar de mim, um clérigo. Sabem o que ele fez? O porco colocou a gente em cana. Mas depois de quase meia hora, foi falar conosco, com o baralho e algumas garrafas de vodca. Nós o perdoamos e continuamos com a trapaça, de acordo com o costume quando as pessoas simpáticas se divertem no sossego da noite, quando as estrelinhas de Deus piscam e a lua brilha como um porco bêbado.

"Aí um dia o general da divisão nos fez uma visita, para inspecionar o regimento. Tive de organizar um belo desfile religioso. Consegui um encantador altar de campanha com vários santos do lado de fora e belos quadros franceses no interior. Eu também precisava ter alguma coisa bonita para ver, durante o ofício. Como fosse impossível conseguir vinho bento para a missa, peguei uma barrica de vodca e a abençoei. Partimos metade de um pão de fôrma, para usar como pão ao altar. Estão percebendo que estávamos por dentro do ritual numa festa de igreja.

“Quando um puto de um capitão bêbado chegou ao altar para beber o vinho santo, o porco berrou, blasfemando: ‘Joseph, esse seu vinho de altar está muito forte!’, e pediu mais um trago, de modo que vocês não se espantem se eu lhe dei um soco na cara, dizendo: ‘Pjotr, vá pro inferno!’

“Depois de cantar e de um belo sermão, chegou a hora de abençoá-los, então levantei o crucifixo e disse: ‘Ajoelhem-se diante de Deus!’ Mas os idiotas pagãos ficaram ali olhando como vacas para um portão pintado de vermelho.

“Nenhum deles dobrou os joelhos. Pelo visto, acho que eles pensavam estar no cinema, de modo que respirei fundo e berrei como o nosso velho sargento-ajudante Kraus no posto costumava gritar no desfile da manhã de segunda-feira ao ver nossas botas sujas: ‘De joelhos, seus idiotas, senão eu pélo vocês vivos, seus acrobatas de infantaria babões!’ Os pracinhas ajoelharam-se, mas os oficiais e suboficiais ficaram de pé. Gritei com mais força ainda. Minha laringe estava exausta e fazia ruídos estranhos, por causa do meu esforço. ‘De joelhos, seus merdas, campônios do mar Negro, senão castro vocês todos, faço picadinho e obrigo vocês a comerem, seus idiotas!’

“Os suboficiais se ajoelharam, mas os oficiais continuaram de pé, batendo com os chicotes nas botas compridas. Lá estavam eles, por Deus, fumando, como se cada um dos brutamontes estivesse soprando fumaça de uma fogueira de sacrifício.

“Bom, fiquei bolando um jeito de fazê-los me obedecerem. Respirei bem fundo e concentrei toda a minha força no berro que emiti do púlpito, que deve ter ressoado pela Caucásia: ‘De joelhos, senão arrebento os seus crânios com esse crucifixo e as lascas hão de alcançar os seus estômagos e envenenar-lhes as almas. Vou enviá-los para as piores câmaras de tortura do inferno. Palavra de papa, vocês sofrerão os piores suplícios do demo e vão passar mil anos lá!’

“Ao mesmo tempo, sacudi o cálice, e os oficiais caíram de joelhos. Então todo o 630. Regimento de Artilheiros da Guarda Soviética estava ajoelhado, as cabeças abaixadas piedosamente diante de mim, as mãos bem cruzadas sobre os rifles. Engoli um bom trago da vodca benta e abençoei-os no estilo regulamentar, de acordo com o código de serviço sobre a bênção de reuniões numerosas. Mais tarde o comandante da divisão agradeceu-me por um ofício belo e comovente, o melhor a que jamais assistira, disse ele.

— Eu daria muita coisa para ter estado lá — comentou o Velho, rindo.

Porta pegou sua flauta, tomou um bom trago de “óleo para rifle” e disse:

— Como já acabamos com os momentos espirituais, vamos cantar. Que tal “É bom ser cáften”?

Ritmadamente, a canção obscena ressoou pelo arsenal.

— Você sabe mesmo contar histórias, seu ruivo danado — disse o Velho, rindo às gargalhadas. — Como pode inventar tanta coisa?

— Imaginem só — berrou Porta —, esse idiota pergunta como posso inventar isso. Caro senhor, eu não invento. Tenho boa memória, só isso. Lembro-me exatamente de tudo que me aconteceu e procuro ser fiel no meu relato. Você não estaria sugerindo, por acaso, que eu, Joseph Porta, pela graça de Deus, cabo do exército nazista, sou fantasista? Se estiver, vou lhe arrancar pessoalmente suas divisas de sargento, passá-las por dentro de você e o limparei como se faz com um rifle. Debandar, seu ateu!

Ficamos ali um pouco, batendo um papo e bebendo bastante.

— Imaginem só, quando acabar a guerra — disse Stege, pouco depois. — Vou para um campo de trevos, me deitar e conversar com os pássaros. Ah, caras, mas como espero por isso!

Por um momento fez-se um silêncio, que Porta interrompeu, agarrando uma metralhadora da armação e brandindo-a num arco.

— Pois eu ainda tenho algumas contas a ajustar com esse brinquedinho! Há pelo menos umas duas dúzias de caras da SS que vou deixar na horizontal. E estou de olho especialmente no sr. Himmler. Acreditem ou não, vou cravar minha faca de combate tão fundo nele, que o filho da mãe de quatro olhos vai ficar com hemorróida na garganta!

— Vocês falam, falam — interrompeu o Velho. — E sempre de vingança e revolução. Isso não nos ajudaria. Só provocaria uma contra-revolução. Não, meus amigos, o melhor é esquecer esses merdas que nos meteram nessa confusão. Não passam de piolhos, piolhos imundos, sem alma. Não há diferença alguma entre os vermelhos de Ivan e os nossos marrons.

— Você ficou muito satisfeito quando matamos o capitão Meyer. Ou prefere se esquecer dele? — comentei.

— Aquilo foi em legítima defesa — disse o Velho. — Não se aplicará aos outros quando a Alemanha perder. Todos ficarão apavorados, escutando os nossos passos. Os inimigos da Alemanha que tratem deles, se quiserem se dar a esse trabalho e forem bastante estúpidos para isso. Não quero dizer com isso que devamos ajudá-los. Vamos excluí-los da nossa sociedade. Não lhes permitir arranjar trabalho algum.

— E se a Alemanha não perder a guerra? Você fala como se ela fosse ser derrotada amanhã e nós estaríamos em casa na quarta-feira — questionei.

Todos se olharam como se eu fosse um ser de outro planeta.

— Que diabo está dizendo? — exclamaram o Velho e Stege, ao mesmo tempo. — Não perder a guerra? Está maluco? Levou uma bala na cabeça?

Porta examinou a minha cabeça como se fosse um macaco catando piolhos no seu filhote.

Irritado, eu me livrei dele.

— Estou falando sério. Já ouviram a respeito das bombas V? Quem sabe, talvez haja coisa pior na cartola de Adolf. Que Deus nos ajude e aos inimigos da Alemanha se o bando de químicos e técnicos de Hitler inventarem alguma coisa tão diabólica que acabe com a guerra em poucas horas.

— Se está falando do gás — disse Bauer, zombando —, já temos isso há muito tempo, mas Adolf e seus generais não ousam usá-lo. Todos sabem que levarão em troca uma dose dupla. Não, Sven, você é cheio de complexos.

— Complexos — interveio Porta, rindo. — Não hão de encontrar muito espaço na cachola dele, tão idiota que ele é.

— Ora, cale a boca — interrompi —, não pode falar sério um instante?

— Sério — retrucou Porta. — Não, minha flor, nem sonharia com isso. Sabe, quando o pessoal do outro lado me meter uma bala na barriga, marcharei direto para o inferno, com todas as bandas tocando, enquanto você fica chorando pela mamãe. Isso não vai acontecer comigo, Joseph Porta, cabo nazista, pela graça de Deus.

— Acredita mesmo — perguntou o Velho, desconfiado — que Hitler tem alguma possibilidade de vencer esta guerra? Ou toda essa besteirada de bombas V?

— Claro — respondi, irritado. — Quanto mais perto chegarmos do abismo, mais desesperadamente eles hão de procurar alguma coisa para destruir os inimigos. Vou contar uma coisa que fará com que vocês pensem de modo diferente sobre essa merda de guerra. Essa guerra é de Hitler e da maior parte do povo alemão. Se eles não vencerem, tudo estará perdido para eles, porque não têm imaginação. Nunca conseguem ver além da última letra nos regulamentos e normas. A maior parte ainda está nas garras dos militares. Muito poucos conseguiram escapar! Da última vez que estive internado no hospital, conheci uma garota que me levou para sua casa. Fui convidado para uma festa em honra aos dois irmãos dela. Tinham acabado de receber suas estrelas de oficial. Houve discursos para aqueles dois heróis. Frisaram muito a importância da honra de servirem como oficiais no exército alemão; também o destino que lhes permitiu lutar contra os bárbaros que atacaram a Alemanha, o antigo sacro império romano-germânico. Vocês deviam ter ouvido o pai deles falando: “Sinto-me

orgulhoso por saber que meus dois filhos terão no peito a águia alemã nacional-socialista!” O vigário convidado à festa convenceu a todos que aqueles dois aprendizes da Cruz de Ferro agora eram instrumentos de Deus, pois tinham as suas divisas.

— Não se pode imaginar que pessoas assim jamais pensem que Hitler possa perder a guerra. Vão ajudá-lo no que puderem. Se ele perder, não haverá mais águias nem suásticas para pregar nos peitos de seus filhos-heróis. Logo, precisam vencer. Nenhum deles imagina que possamos ter uma base melhor do que a nazista. Não que eu me importe a mínima, pois tenho certeza de que nenhum de nós vai sobreviver até o final feliz dessa maldita guerra, quer Hitler vença ou não. Restam apenas 15 de nós desde que começamos, há três anos, e, portanto, pelo amor de Deus, por que é que havemos de nos safar? Ainda não há nenhum fim em vista.

— Acho que você tem razão, Sven — disse o Velho, tranqüilo. — Falamos dos nossos planos para quando acabar a guerra. Seria melhor se todos aceitássemos o nosso destino. Fomos criados para servir de bucha para canhão, a fim de lutar por uma causa que não é a nossa. Sequer protestamos quando nos ordenam que cometamos atos criminosos. Vamos trotando direitinho na frente da carruagem a que estamos atrelados, a carruagem de Hitler, como uma porção de burros, com uma cenoura pendurada na frente. Não usamos a cabeça. Só lutamos porque somos covardes demais para romper com isso.

— Vamos falar de outra coisa — sugeriu Stege, com um suspiro profundo.

— Amém — disse Porta, arrotando.

— E aquelas árvores em Tuapse? — perguntou Bauer, curioso.

O velho custou muito a responder. Com cuidado, raspou o cachimbo surrado com a baioneta e encheu-o com calma, pensativo, da bolsa de tabaco de Porta, que estava bem cheia.

— Querem saber das árvores de Tuapse? Naquele tempo, fazíamos parte do exército de von Kleist e estávamos viajando pelo Cáucaso havia semanas. Viemos de Rostov e lutamos no litoral do mar Negro. Deveríamos ir para a Pérsia ou a Síria, ou seja como for que se chame, mas era mentira. O sr. Timoshenko, engolidor de sabres de Stalin, tratou disso. As nossas tropas de fuzileiros tinham escalado os montes Elbruz, com cinco mil metros de altura, para fincar a bandeira lá e apreciar a vista, mas os montanhistas de papai Stalin logo a tiraram de lá.

“Quando nossa trupe inteira chegou a Tuapse, encontramos uma bela surpresa que nos estava reservada. Ivan tinha coberto a única estrada existente com

muitas árvores de mogno e acácia de um metro e meio de espessura. Estávamos rodeados pelo brejo e a selva. Eles haviam passado semanas derrubando e serrando as árvores, e quando nós aparecemos, eles começaram a atear fogo nelas, que Deus nos ajude. Os nossos sapadores do 94. e do 74. lutaram como tigres para desobstruir a estrada. Até as maiores máquinas de terraplenagem não conseguiam ajudar. Tínhamos pouco combustível, mas tentamos abrir uma clareira e quase ficamos assados que nem perus do Natal. Ivan ficou na floresta cerrada e foi nos liquidando. Entramos em pânico e começamos a correr. Breve passou a parecer uma avalancha. Mas, para sorte nossa, Ivan tinha cortado tanta árvore que elas impediram que eles nos perseguissem. Quando o corpo do exército, depois de alguns dias, se reestruturou, nós nos arrastamos para o mar Cáspio. Estávamos atrás do petróleo. Lembram-se de como Goebbels se gabava de todo o petróleo que tínhamos em nossos tanques? Naquela ocasião estávamos na estrada de terra da Geórgia, e centenas de quilômetros nos separavam dos poços petrolíferos mais próximos.

— Ah, por Deus, é mesmo — disse Pluto. — A “estrada militar” da Geórgia! Ninguém poderia se esquecer dela. Uma sarjeta de lama. Todos os nossos carros atolaram.

Stege começou a rir.

— Lembra-se como o nosso “623” derrapou, quebrou os postes telefônicos como se fossem palitos de fósforos e jogou umas de nossas motos com *sidecar* na lama e elas ficaram esmagadas como panquecas? Que droga de estrada militar! Toda a trupe atolada como uma rolha num tonel.

O arsenal foi ficando escuro. Ouvimos o canto dos recrutas, voltando de seus últimos exercícios de campanha.

— Gostaria de tomar um banho de cerveja? — perguntou Porta, entusiasmado, despejando a grande caneca de cerveja na cabeça da garçonete loura. Fez aquilo devagar e com cuidado, e depois jogou a caneca para o alto. Ela caiu no balcão com estrondo, e o resto da cerveja esparramou-se pelo bar.

Nós nos levantamos de um salto e praguejamos. Porta limpou a cerveja da mão e deu uma palmada no traseiro da loura, conhecida pelo nome de Puta da Boléia.

Estava tudo molhado. Tiny quis brigar. Todos que se encontravam na cantina se divertiram muito.

6. TINY E O LEGIONÁRIO

A COMPANHIA número 2 fora mandada para a grande fábrica de tanques e motores onde nós, com inúmeros outros soldados de frente experientes, devíamos testar os novos tanques com suas armas. Era uma bela vida de cavalheiro, embora muitas vezes precisássemos trabalhar de 15 a 16 horas diárias. A monotonia do posto estava comodamente distante. Ali podíamos nos esconder no meio de centenas de trabalhadores de todas as nacionalidades.

Porta estava assanhadíssimo: havia lá cerca de duas mil funcionárias, e ele as considerava mais ou menos como sua propriedade privada. Os chefes de turma sempre estavam dispostos a nos conceder licença para sair do perímetro cercado.

Um dia, porém, Pluto abusou. Roubou um caminhão e foi dirigindo de bar em bar, cada vez mais bêbado. No final, bateu com o caminhão num muro a três metros da delegacia. Aquilo custou-lhe 14 dias em cana, e só não foi pior graças a um dos chefes. O sujeito jurou que dera licença para a saída da viatura, que Pluto era indispensável na fábrica. Mas o coronel von Weisshagen repreendeu-o energicamente diante de todo o posto, e deixou-o 14 dias em cana.

Enquanto os nobres defensores da pátria escutavam, com atenção, o coronel disse a Pluto, ali de pé, rígido:

— Você é uma vergonha para o exército! Má conduta! Uma podridão fedorenta! Só Deus sabe quem é que o escamoteou para dentro de sua unidade de treinamento limpa e disciplinada!

Como a cadeia militar estava superlotada, o destino decretou que Pluto partilhasse a cama, cela e comida com o ex-sargento Reinhardt, que antes caíra em desgraça e fora esquecido por todos, inclusive Deus e os juízes militares. Ele ficou preso até 1945, quando os americanos o libertaram. Fizeram dele inspetor de prisão. Alguém devia exercer o cargo, e por que não Reinhardt? Ele conhecia

bem a prisão. Supervisor bom e consciencioso, ele seguiu bem o novo regime, tanto que três anos depois ele mesmo estava em cana. Uma grande pena, confiou ele a seu companheiro de cela: a farda caía-lhe tão bem!

No princípio o nosso comandante de pelotão, tenente Harder, muitas vezes nos amaldiçoava por nosso comportamento pouco militar. Por fim, desistiu e ficava, resignado e calado, na cantina dos empregados, bebendo para fazer passar o seu idealismo de 19 anos.

Infelizmente, durante a guerra havia muito poucas pessoas assim. Elas começaram a aparecer depois da guerra. Nessa ocasião, todos eram inimigos de Adolf Hitler, até mesmo o colega mais íntimo de Himmler. Entenda isso, se puder!

Nossas vidas eram uma mistura ruidosa de alegria e sofrimento. Vivam hoje, amanhã podem estar mortos. Vivíamos de modo louco e violento. Não pensar, só esquecer. Éramos malfeitores com o laço em volta do pescoço, e só faltava o carrasco para apertá-lo. Muitos nos chamariam de tiranos e criminosos. Cerca de sete milhões de alemães diziam isso. Não se esqueça de que éramos gente da classe C. Nossa experiência ensinara-nos a considerar todos como nossos inimigos, até prova em contrário. A prova que queríamos muitas vezes era um teste duro para os que julgávamos. Aqueles que não pertencessem ao nosso pequeno círculo eram considerados inimigos. Nós os tolerávamos, mas nunca levantávamos um dedo a fim de ajudá-los. Para nós era inteiramente indiferente que eles vivessem ou morressem. Ingeríamos toda a bebida alcoólica que chegasse às nossas mãos. Amortecíamos nossos sofrimentos com cigarros de ópio. Íamos para a cama com qualquer mulher que aparecesse. A cama muitas vezes era uma guarita de sentinela ou uma vala. Não desprezávamos nem mesmo um banheiro.

Tínhamos visto as pessoas morrendo aos milhares, amigos executados diante de nossas vistas. Companheiros nossos haviam sido fuzilados, massacrados e enforcados. Agíramos como verdugos militares, vendo homens e mulheres alemães esperneando na areia, manchando-a de vermelho com seu sangue. Tínhamos visto inúmeros homens tombarem nas estepes russas, nas montanhas do Cáucaso ou sufocarem nos pântanos da Ucrânia. Às vezes chorávamos, mas só se nos encontrássemos bêbados a ponto de não saber o que estávamos fazendo. Portávamos o selo do Homem com a Foice. Já estávamos mortos, mas nunca falávamos a respeito.

Agora, ali na cantina, provocávamos as três garçonetes.

— Ei, você aí — disse Porta à loura. — Que tal fazer uns exercícios de graça comigo?

Não teve resposta. Só um gesto do pescoço, amuado.

— Experimente aqui com o papai, e aí vai querer fugir de tudo isso e ir para a frente comigo.

— Você vai para a frente? — indagou ela, curiosa.

— Ninguém falou nisso, mas a gente nunca sabe o que fará o Bunda e Botas — disse Porta, rindo. — Só estou convidando para você dar um passeio até a rede comigo. Não lhe custará nada, e vai ser a experiência da sua vida.

— Não estou interessada, sabidão — disse ela, para as prateleiras de garrafas.

— Meu Deus — rugiu Porta —, você se tornará lésbica, minha ovelha desgarrada! Isso não nos separará, as minhas experiências são variadas. Encontre-me à porta do Vaca Alegre às sete horas. Me dê uma caneca de Münchener Hofbrau — a clara — é só o que peço. Ela fez menção de dar um soco em Porta e disse, sibilando e vermelha como um pimentão:

— Vou dar parte de você!

— Faça isso. Faço coleção.

Tiny abriu caminho entre nós e gritou:

— Aqui! Cerveja! Cinco copos, já! — ele virou-se para um sujeitinho com uma cicatriz que estava junto ao balcão, bebendo sozinho: — Você vai pagar a minha cerveja, senão te quebro a cara!

— Por Thor e Odin, não quer dizer eu, senhor? — perguntou o sujeitinho, apontando para si com uma expressão tão ridícula na sua cara toda cortada que demos gargalhadas.

Tiny, considerado o maior brigão e bandido de todo o distrito do comando, encarou o homenzinho e respondeu, saboreando cada palavra:

— Você mesmo, rabo de coelho. — Pegando cinco copos grandes, virou-se para a garçonete e disse, com displicência: — Esse bostinha aí prometeu pagar por esses.

Fez-se um silêncio total enquanto o homenzinho da cicatriz bebia a cerveja, lambia os lábios e enxugava a boca com as costas da mão.

— É você que é o Tiny? — perguntou ele ao gorila de dois metros de altura, que ainda não tinha chegado à mesa.

— Paga e cala a boca — respondeu Tiny.

— Pago o meu, mas não sou guardador de porcos. Não forneço os despejos para os porcos. Imaginem só, deixar um porco como este entrar aqui — continuou o homenzinho da cicatriz. — O teu lugar é o chiqueiro, mas imagino

que só vá lá para copular. Engraçado, as últimas crias tinham a sua cara.

Tiny parou de chofre. Largou os cinco copos, que caíram ao chão. Em dois saltos grandes e leves ele estava junto do balcão, onde o sujeitinho estava bem despreocupado, chegando às costelas inferiores de Tiny.

Com a boca espumando de raiva, Tiny berrou:

— Que diabo está falando, seu veado! Repita!

— Você é surdo? Eu não sabia que os porcos ouvem mal.

Tiny ficou branco e puxou o braço para trás, o punho cerrado.

— Calma, porcão. Vamos brigar lá fora. Não vamos destruir os belos móveis. — O homenzinho sorriu, de modo cativante. — Isso seria uma grande lástima! — ele empurrou o copo e caminhou para a porta.

Tiny agitou os braços de gorila feito louco e rugiu, quase sem poder falar, de tanta fúria:

— Vou surrar você, seu fedelho, vou fazer picadinho de você.

O sujeitinho riu.

— Tanta coisa a fazer no seu chiqueiro, porquinho. Cuidado, não vá se cansar.

Fez-se silêncio de morte na cantina lotada. Não podíamos acreditar no que estávamos ouvindo. O tirano, o grande matador da fábrica, estava sendo desafiado, com escárnio, por um protótipo de homem, que mal tinha um metro e meio. Em sua farda cinza nova brilhava a braçadeira branca com a palavra *Sondersection*, ladeada por dois ossos de caveira, indicando um regimento penal.

Assim que os dois saíram, os trezentos homens da cantina correram para fora, para assistir ao massacre do homenzinho.

Tiny estava berrando, rugindo e balançando os braços. O outro deu uma risada:

— Vá com calma, porco. Assim, ficará exausto e será inútil no chiqueiro, até mesmo os leitõezinhos vão enxotá-lo!

Então aconteceu o impossível. O sujeitinho de repente deu um salto no ar, deu um pontapé na cara de Tiny com as botas de pregos, e o homenzarrão caiu como um pau do jogo de boliche.

Rápido como um relâmpago, o homenzinho estava em cima dele, virando-o de bruços e, plantando-se em cima dele, agarrou os cabelos ruivos; depois enfiou o rosto de Tiny no cascalho áspero, chutou-o nos rins, cuspiu nele com desprezo e voltou para a cantina, indiferente. Os trezentos espectadores ficaram olhando aparvalhados para o tirano tombado.

Pedindo uma caneca de cerveja clara, ele bebeu-a muito satisfeito. Nós voltamos para nossos lugares e olhamos, curiosos, para aquele beberrão solitário

que surrara o tirano invencível. Estávamos abismados.

Pluto ofereceu-lhe um cigarro.

— Aceita um cigarro de ópio?

Um breve agradecimento e ele o acendeu. Outra caneca foi colocada na frente dele.

— Com os cumprimentos do cabo Stern — disse a garçonete.

Ele empurrou o copo e retrucou:

— Retribuo os cumprimentos, mas o cabo Alfred Kalb, do 2. Regimento da Legião Estrangeira, nunca aceita bebida de desconhecidos.

— Esteve na Legião Estrangeira Francesa? — perguntou Pluto.

— Você me ouviu, ou também ouve mal, talvez *todos* os grandalhões ouçam mal?

Pluto virou as costas e ignorou-o.

Tiny voltou, sentou-se no seu canto junto à janela, resmungando as ameaças mais assustadoras. A cara dele parecia carne moída. Ele levantou-se, foi para a pia e pôs o rosto debaixo da torneira, lavando o sangue e o cascalho. Estava bufando como uma foca.

Sem enxugar o rosto, apanhou três canecas de cerveja para si e se enfiou no seu canto.

Porta tinha saltado por cima do balcão, para ficar mais perto da loura, Eve. De um jeito digno de um realce num filme de comédia, tentou beijá-la.

— Já lhe disseram, Eve, que você tem belos boletos? E suas coxas, correspondem? — tornou a pular por cima do balcão e, como um raio, virou-se para o ex-legionário: — Ouvi o que disse ao meu amigo Pluto. Talvez consiga se sair bem com seus métodos da Legião nos bordéis de Marrocos, mas isso não quer dizer que possa enfrentar Joseph Porta, de Moabitt, Berlim. Ou, resumindo: responda direito quando lhe fazem uma pergunta, senão cale-se.

O legionário levantou-se devagar e fez uma mesura educada a Porta, ao mesmo tempo tirando o casquete de serviço de um modo antigo e aristocrático, enquanto arregalava os olhos de maneira cômica.

— Agradeço a sugestão. Alfred Kalb, do 2. Regimento da Legião Estrangeira, se lembrará de *Herr* Joseph Porta de Moabitt, Berlim. O meu berço também foi lá. Não quero brigar, mas se for obrigado, sei me defender. Isso não é uma advertência, apenas um comunicado.

— A que regimento você pertence, camarada? — perguntou o Velho com calma.

— Ao 27. de Tanques, 1. Batalhão, 3a. Companhia, a partir das 11:00h da manhã de hoje.

— Que droga, somos nós! — exclamou Porta. — Quantos anos lhe deram?

— Vinte — disse Kalb. — Estive trancafiado durante três por “atitude social”, isto é, ser politicamente instável e ter servido de modo ilegal num exército estrangeiro. Último veraneio no campo Fagen, Bremen.

Tiny aproximou-se do balcão, jogou um marco e pediu:

— Uma Dortmunder clara. — Ele ficou no bar e esvaziou o copo de um gole. Foi para junto do Pequeno Legionário, estendeu a mão e disse: — Desculpe, cara, foi minha culpa.

O legionário apertou-lhe a mão.

— Bem, bom, está bem. Esquece.

Mal ele acabara de falar, quando foi puxado como um cometa contra o brutamontes, que enfiou o joelho na cara do legionário surpreendido. Ao mesmo tempo, levou violentos socos na nuca. Estava meio desmaiado. Tiny deu-lhe um pontapé no rosto, quebrou-lhe o nariz, levantou-se, esfregou as mãos e olhou para o pessoal na cantina repleta.

Pluto tomou um bom gole de sua cerveja e disse, com calma:

— Eles não conheciam esse truque no 2. Regimento da Legião Estrangeira, mas tome cuidado, Tiny, um dia você estará com o transporte para a Frente Oriental. Conheço três mil homens que gostariam de meter uma bala na tua cara.

— Quem quiser pode tentar! — rosnou Tiny. — Mas volto do inferno para matá-lo.

Ele saiu da cantina diante do ruído de nossos palavrões.

— Aquele sujeito vai ter morte violenta — comentou o Velho. — E ninguém chorará por ele.

Uma semana depois estávamos com o Pequeno Legionário, que tivera de cortar parte do nariz devido ao pontapé de Tiny, olhando para um grande tambor de metal sendo rebitado. Uma das extremidades do tambor estava encostada na parede. Por acaso Tiny passou por ali, e o legionário o chamou, atrevido:

— Você é forte, venha segurar os rebites, eles ficam caindo. Não temos força para segurá-los.

Tiny, como todos os brutamontes, era burro e muito vaidoso. Orgulhoso, estofou o peito e riu, ao entrar no tambor:

— Fracotes! Vou mostrar-lhes como é que se rebita.

Assim que ele entrou no tambor, empurramos um carrinho basculante cheio de cimento para tapar a abertura. Pusemos calços sob as rodas, para imobilizá-lo.

Tiny ficou preso como um rato numa ratoeira.

Parecia que o inferno surgira ali. Pesados martelos pneumáticos e grandes malhos tocaram um concerto infernal no tambor de aço.

O Pequeno Legionário apertou uma mangueira de vapor contra um furo de rebite e soltou o vapor escaldante. Teria matado qualquer um, menos o Tiny.

Ele passou três semanas no hospital, e quando reapareceu, com ataduras da cabeça aos pés, logo se meteu em mais brigas selvagens.

Um dia Kalb moeu um copo e o colocou na sopa de Tiny. Nós esperamos, contentes, para ver as entranhas dele arrebentarem, mas ele só pareceu ter ainda mais *joie de vivre*.

Pouco depois Porta salvou a vida do Pequeno Legionário quando viu Tiny despejando uma dose de nicotina pura na cerveja do outro. Sem dizer uma palavra, Porta derrubou o copo da mão do legionário. O homenzinho fora aceito.

Começou por acaso, com uma coisa monótona como café e doces — acabou com um ataque aéreo e ordens de marchar.

Guerra é guerra, a moral desaparece, e o amor é breve e inseguro.

Julguem, se puderem! Só os velhos e velhas que nunca conheceram o amor é que não podem compreender aqueles que o procuram, encontram e têm de experimentá-lo.

7. CENA DE AMOR

SAPATOS DE MULHER, de salto alto, batiam na calçada molhada com firmeza.

À luz sonolenta da lâmpada do blecaute pendurada de uma braçadeira enferrujada na parede onde eu estava escondido, tive certeza de que era ela: Ilse, a minha garota.

Fiquei ali no escuro, para que ela não me visse. Eu gostava de ver sem ser visto. Ela parou, andou de um lado para o outro, parou de novo e olhou pela rua que levava à alameda de choupos. Olhou para o relógio de pulso, depois ajeitou a echarpe verde.

Um soldado da infantaria passou, diminuiu o passo, parou e disse:

— Venha comigo, eu a compensarei.

Ela seguiu pela rua, afastando-se do soldado faminto por amor. Ele riu e seguiu seu caminho.

Ela voltou para a luz. Eu comecei a cantarolar:

Unsere beiden Schatten sahen wir einer aus,
dass wir so lieb uns hatten, dass sah man gleich daraus,
Und alle Leute sollen es sehen, wenn wir bei der
Lanterne stehen...

Ela girou, olhou para o escuro e avançou devagar. Já ia ralhando ao me ver, mas deu uma risada sonora.

De braços dados, contra os regulamentos militares, nós viramos e fomos andar pelas ruínas. A guerra e a espera estavam esquecidas. Estávamos juntos.

— Aonde vamos, Ilse?

— Não sei, Sven. Onde podemos nos livrar dos soldados e do cheiro de cerveja?

— Vamos à sua casa, Ilse. Eu gostaria de vê-la. Já nos conhecemos há cinco semanas e passamos esse tempo nos bares, lanchonetes com cheiro de gordura ou nas ruínas.

Andamos mais um pouco até que ela respondeu:

— Sim, vamos para a minha casa, mas você deve ficar quieto. Ninguém pode ouvi-lo.

O nosso transporte foi um bonde barulhento e balançante. Gente triste, cinzenta, nossos companheiros de viagem. Saltamos num subúrbio. Beijei-a e afaguei-lhe as faces suaves.

Ela apertou meu braço e riu baixinho. Fomos andando devagar. Ali não havia ruínas; só casas particulares e terraços, onde moravam os ricos. Não valia a pena lançar bombas ali; morreria pouca gente.

Soaram as sirenas de ataque aéreo. Fingimos que não ouvimos.

— Você tem licença para a noite, Sven?

— Tenho, até amanhã às oito horas. Pluto conseguiu para mim. O Velho foi a Berlim, numa licença de três dias.

— Todos estão de licença?

— Estão.

Ela parou e apertou mais o meu braço. Seu rosto estava branco. Os olhos brilhavam, úmidos, à luz da lâmpada do blecaute.

— Sven, ah, Sven, isso quer dizer que você vai partir?

Não respondi, mas a puxei, nervoso, e fiquei calado. Após algum silêncio, ela disse, cochichando, como se tivesse lido o fato irrefutável no meu silêncio:

— Sven, então estará tudo acabado. Você vai partir. Mesmo que o meu marido volte, um dia, você me deu uma coisa que ele não pôde dar. Sven, não posso ficar sem você. Prometa que voltará.

— Como posso prometer, se não me pertenço? São os russos e os outros que decidem. Não me perguntam nada. Eu te amo. Começou como uma aventura. O fato de você ser casada só aumentou a atração. Mas passou a ser mais que isso. Talvez seja até melhor que as ordens de partida nos separem.

Novo silêncio! Ela parou junto de um portão de jardim e fomos até a casa nas pontas dos pés. Para o leste víamos as balas traçadoras da artilharia antiaérea voarem pelo céu.

Com cuidado, ela abriu a porta e verificou se as cortinas do blecaute estavam bem puxadas antes de acender a luz. Apenas um pequeno abajur amarelo parecia irradiar calor.

Abracei-a e a beijei com violência, quase com brutalidade. A paixão começou a arder dentro dela. Com loucura, ela correspondeu aos meus beijos e empurrou seu corpo esguio para o meu. Pesadamente, caímos no sofá, sem separarmos os lábios.

Minhas mãos seguiram a costura da sua meia, procurando-lhe o corpo ágil. A pele era fresca, macia e seca e com cheiro de mulher. Esqueci-me do posto, o arsenal triste, o petróleo fedorento, a cerveja e fardas úmidas, homens suados, meias velhas — a cidade arruinada com seu quartel, botas de pregos, canções lascivas, bordéis, covas imensas cheias de cadáveres. Eu estava com uma mulher com roupas caras, uma mulher cheirosa com o perfume das encostas do sul da França, com pernas femininas, esguias, um pé calçado outro não, sapatos de camurça preta de saltos altos, e joelhos redondos, com covinhas, em meias de seda cinza-claro. A saia era tão justa que precisou ser puxada para cima das coxas firmes para ficar mais confortável. Um casaco de pele no chão, *agneau rasé*, castor ou couro de bezerro? As mulheres saberiam que era *agneau rasé*, negro como a noite, símbolo da fortuna e do luxo.

Os botões da blusa rosa arrebentaram sob as mãos do soldado, desajeitadas. Um seio é aprisionado e examinado, não com rudeza, pelo soldado, mas pela mão eternamente terna do amante. O mamilo sorri para os olhos azuis famintos de amor, que já choraram e riram, olhando pela vastidão das estepes russas, à procura de uma mãe, uma mulher, uma amante como ela.

Ela se livrou do meu abraço, com delicadeza.

— Quer que eu lhe diga o que penso? — perguntei.

Ela acendeu um cigarro e respondeu, enquanto punha outro na minha boca:

— Sei o que você está pensando, meu amigo. Desejava estar longe, numa terra além dos montes azuis, um Shangri-La, sem quartéis nem gritos de comando, longe de uma sociedade de funcionários públicos carimbando tudo, um lugar sem o cheiro de couro e tinta de impressão, uma terra de vinhos, mulheres e árvores verdejantes.

— É nisso que estou pensando.

Peguei uma foto de cima de uma mesinha ao lado do sofá. Um homem fardado. Um homem bonitão, com belas feições. Um homem com as divisas de um oficial de Estado-Maior. Num dos cantos ele escrevera: “Seu Horst, 1942.”

— Seu marido?

Ela pegou a foto e colocou-a com cuidado na prateleira atrás do sofá, colando sua boca à minha. Beijei-lhe as têmporas latejantes, deixei meus lábios roçarem seus seios firmes, mordi-lhe o queixo cavado e puxei-lhe a cabeça para trás, pelos cabelos escuros.

Ela gemeu, de dor, paixão e desejo.

— Ah, Sven, vamos encontrar o nosso Shangri-La!

Da parede, um quadro de uma mulher olhava-nos com ar reprovador. Estava com uma blusa com uma gola alta, de renda. Seus olhos cinzentos nunca tinham sonhado com Shangri-La, mas também ela nunca vira uma cidade em ruínas e as mulheres com as almas despedaçadas pelas bombas.

Para o diabo com a moral. Amanhã você estará morto.

Nossas bocas entreabertas estavam unidas. Nossas línguas encontraram-se como serpentes na sua dança de cópula. Nós nos enrijecíamos e afrouxávamos num desejo sem fim. Cada frustração era sublimada. A taça do amor transbordava. Nossos lábios encontraram-se vezes sem fim numa ânsia faminta. Os seios estavam descobertos. O sutiã e a combinação turquesa estavam no chão. Ela era ao mesmo tempo um desejo avassalador e uma satisfação brilhante, deitada ali nua, mas vestida. Uma mulher inteiramente despida decepciona o homem. Ele quer sempre ter uma pecinha fofa para poder tirar.

Um botão tornou-se uma frustração. Ela levantou as mãos febris para ajudar. Seus dedos passearam pelas minhas costas, quentes, macios e no entanto duros e loucamente exigentes.

As sirenas soaram, mas estávamos bem longe da guerra. Tínhamos transposto o último limiar, e nos entregamos à peleja eterna do amor, o abraço que exige a eternidade. Éramos insaciáveis. Um sono profundo nos dominou. O sofá parecia pequeno demais. Dormimos no grosso tapete.

Quando acordamos, estávamos cansados mas contentes. Havíamos tido uma noite que deveria durar por muito tempo. Ela vestiu-se e beijou-me como uma mulher apaixonada.

— Fique, Sven, fique. Ninguém vai procurá-lo aqui. Ah, fique! — ela começou a chorar. — Breve a guerra vai acabar, é loucura voltar!

Livrei-me do seu abraço.

— Não, esse tipo de coisa só se faz uma vez. Não se esqueça dele, lá na França. Também ele voltará. E então, para aonde vou eu? Torgau... Fagen... Buchenwald... Gross... Rosen... Lengries? Não, pode me chamar de covarde, mas não ouso.

— Sven, se ficar, eu me divorcio dele. Arranjo documentos falsos para você!

Sacudi a cabeça e escrevi o meu número de correio de campanha num papel: 23645. Ela apertou o papel contra o seio. Calada, o olhar dela acompanhou-me quando saí. Depressa, sem me virar, desapareci da vista dela, para a névoa da manhã.

Paramos em muitas estações. Fizemos fila durante muitas horas para conseguir um pouco de sopa rala, feita de urzes.

Várias vezes nos agachamos junto dos vagões ferroviários na chuva e na neve para aliviar nossos intestinos.

A viagem foi lenta. Viajamos 26 dias, e estávamos bem no interior da Rússia quando saltamos dos vagões de gado.

8. VOLTA À FRENTE ORIENTAL

DURANTE 14 dias seguimos viagem num trem de transporte de tropas de cerca de trinta vagões de gado para as tropas e dois vagões velhos de passageiros, de terceira classe, para os oficiais. Na frente da locomotiva ia empurrado um vagão aberto cheio de areia, para o caso de os guerrilheiros terem colocado minas nos trilhos.

Nossas tropas poderiam ser rastreadas com facilidade pelos excrementos que deixamos entre os trilhos nas estações em que parávamos.

Na longa viagem entre a Polônia e a Ucrânia, aconteceram muitos fatos especiais antes de nos descarregarem na estação arruinada de Roslavl.

Fizeram-nos marchar por estradas arenosas e empoeiradas, sulcadas por milhares de viaturas pesadas, para chegar às posições do 27. Regimento Panzer (Penal) em Branovaskaja. Lá fomos recebidos como amigos de toda a vida pelo capitão von Barring. Ele estava de uma palidez mortal e exausto. Diziam que ele sofria de uma moléstia do estômago, incurável. Passara uma breve temporada no hospital, mas logo tornaram a despachá-lo para a frente, curado, pelo menos no papel. Depois ele teve icterícia, o que não melhorou as coisas em nada.

Ficamos muito pesarosos ao ver o nosso querido comandante de companhia naquele estado.

Se não fossem Porta e Pluto e o ex-legionário que se juntara a nós, ainda estaríamos sentados no posto, em toda a segurança. O fato é que aqueles três tinham tornado impossível a vida para qualquer pessoa num raio de um quilômetro.

Na verdade, tudo começara com a briga entre Tiny e o legionário, na cantina. Tiny foi destacado para a nossa companhia mista, coisa que não lhe agradou. Mas foi Porta quem influiu mesmo, indo à cidade à paisana. Claro que ele se embriagou e só faltou estuprar uma garota que encontrara na sala dos fundos do Gato Vermelho. Podíamos ouvir os gritos dele:

— Então, belezinha, vai ver quem é que chegou aqui!

A garota chorava, de medo e de bebedeira. Quando entramos lá às pressas, Porta tirara-lhe quase toda a roupa, e ela estava deitada numa pose muito convidativa. Porta estava só de camisa.

Pluto batizou-os despejando uma garrafa de cerveja em cima deles.

— Eu vos digo, fostes criados para multiplicar!

Então nos retiramos, satisfeitos, mas no dia seguinte, depois que a moça ficou sóbria, pensou no que acontecera. Pareceu se lembrar que alguns soldados estiveram presentes à cena de amor. Então, era estupro e tudo o que dizia respeito a isso. Contou a história ao pai, que era reservista e, para piorar as coisas, intendente do batalhão auxiliar. Ele foi logo procurar o coronel von Weisshagen e, embora von Weisshagen não morresse de amores propriamente por intendentes da reserva, as coisas começaram a andar. Pluto foi reconhecido, Porta também, quando a garota inocentemente passou pela companhia enfileirada. Assim, a cadeia tornou a abrir as portas hospitaleiras.

Mas Pluto quase sobrepujou Porta. Um dia ele convidou-nos para um passeio num tanque de treinamento, que é um tanque de onde se retiraram as escotilhas da torre. Parecia uma banheira sobre lagartas. Ele passou pela área da garagem a uma velocidade de quarenta quilômetros por hora, embora o limite de velocidade fosse de 15 quilômetros por hora para todos os veículos.

Após completarmos quatro ou cinco circuitos com o motor roncando e as correntes matraqueando, Pluto largou a direção e, virandose para nós, na nossa banheira, disse:

— Vou mostrar-lhes que essa lata velha pode dar mais do que quarenta.

Envoltos numa nuvem de poeira, com um rugido saltamos para a estrada. Então, como uma caixa de surpresa, apareceu um pequeno Opel. O que se seguiu aconteceu num piscar de olhos. Batemos no carro com violência, e ele voou por cima da vala, indo parar na praça de armas. Lá, capotou três ou quatro vezes. As rodas foram arrancadas e saíram rolando sem rumo, sendo detidas pelo muro do refeitório.

— Muito obrigado, Pluto — disse Porta, com admiração. — Puxa, mas que beijo você deu naquele carrinho. Você não faz nada pela metade, não é?

— Agora vamos ver quem é que vai vencer a disputa com palavrões, o supermotorista Pluto ou aquele palerma no Opel — disse Pluto, com calma.

Para pânico nosso, foi o nosso ajudante-de-ordens quem saltou do carro arrebentado, a farda em frangalhos. Quando chegou ao nosso tanque de treinamento, furioso, soltou uma série de palavrões dirigidos a Pluto, que estava apatetado.

Aquele passeio custou a Pluto 14 dias numa cela escura e a nós outros a nossa viagem à Rússia. Isso foi o mínimo que nos podia acontecer.

Revoltado, Porta jogou seu equipamento no chão da casinha em que nos alojaram. Berrou para o russo que estava sentado num canto junto do fogão, coçando as costas piolhentas na parede:

— Joseph Porta chegou. Tem muitos piolhos, caro cidadão soviético?

O russo sorriu, sem compreender uma palavra.

Porta continuou, em russo:

— Sabe, camarada, Joseph Porta e seus seguidores chegaram mais uma vez à Frente Oriental. Embora eu seja um soldado danado de bom, todo o aparato de guerra *germanski* em breve se voltará para oeste, para a boa cidade de Berlim. Em breve os seus irmãos muito vermelhos estarão aqui para libertar você e deixá-lo feliz e contente com uma porção de dialética antes de o enforcarem.

O russo ficou olhando e balbuciou:

— *Germanski* vão? Soldados bolchevique vêm?

— É isso aí, camarada — retrucou Porta, rindo.

As profecias de Porta surtiram efeito imediato, e os nove russos civis na cabana tiveram uma conferência aos cochichos na sala fedorenta. Um deles saiu, talvez para espalhar a notícia pela aldeia triste e cinzenta. Outros, às escondidas, arrumaram seus pertences em trouxas.

Porta assustou-os ao gritar:

— Não se esqueçam de suas flâmulas da vitória!

Pluto estava ajoelhado, arrumando a cama no chão, mas os comentários de Porta fizeram-no morrer de rir.

Quando se refez, pegou a metralhadora, afagou-a com um ar importante e declarou, em um russo deplorável:

— Quando chegar comissário *tovarich*, vocês morre logo porque vocês não guerrilheiros. Depressa ser guerrilheiros!

O velho russo foi para junto dele e disse, com uma dignidade estranha:

— Você não engraçado, *Herr* soldado.

Usando nossos sacos de máscaras contra gases como travesseiros e embrulhados nos sobretudos, tentamos dormir um pouco antes de passarmos a nossas posições de batalha. Segundo informações, íamos servir na infantaria. Descobríramos que o 19. Panzer fora destruído pelos nossos colegas russos, e todos os nossos tanques também estavam perdidos.

— Viemos parar num lamaçal mesmo — disse Stege. — Mas, claro, somos o bode expiatório de todo o exército de Hitler!

— É isso mesmo — disse Möller. — Um camarada do pessoal do regimento me disse que todo o 52. Corpo do Exército tinha fugido com Ivan atrás deles.

— Que Deus nos ajude — explodiu Pluto. — Se for verdade, vai ser o diabo pra nós. Mas também aquelas belezinhas do 52. estavam sempre dispostos a fugir.

— A maioria são caipiras das serras — disse Stege. — Nunca pude suportar os roceiros com aquela imbecilidade de Edelweiss nos casquetes e nas mangas. Pareciam uma porção de coroas de defunto, quando marchavam.

Aos poucos, a sala foi sossegando. A última coisa que ouvimos foi o Pequeno Legionário praguejando em alemão, francês e árabe contra os piolhos que o incomodavam. Em breve o único ruído era uma orquestra de roncos.

Ainda estava escuro quando um pé nos chutou e uma voz murmurou:

— Alerta!

Porta, meio dormindo, resmungou, zangado:

— Pra que está cochichando? Pensa que Ivan está lá fora de orelha grudada no buraco da fechadura? Saia daí, seu chato, senão te quebro o crânio!

Devagar, nós nos levantamos e pegamos o nosso equipamento. Fomos para o local de reunir praguejando e tropeçando no meio da noite. Lá nos juntamos ao restante da Companhia número 5. Estávamos todos sujos e tontos de sono.

As lanternas piscavam, enquanto se estudavam os papéis e mapas. Ordens em voz baixa, o estalido de aço contra aço enchiam a noite úmida. Tiny praguejava, ameaçando brigar com quem se aproximasse dele.

Von Barring, que chegou com seu sobretudo comprido, com capuz — o tipo que as praças usam em serviço de guarda —, estava sem dragonas nem distintivos. Ele foi logo interrompendo a conversa do sargento-ajudante Edel e os chefes de seção:

— Bom dia, companhia! Prontos para marchar? — sem esperar resposta, ordenou: — Companhia, atenção! Os rifles pendurados. Armas automáticas levadas conforme a conveniência. Companhia número 5, direita, volver. Acompanhe-me. Marche!

Tanto Porta quanto o legionário estavam fumando, atrevidamente. Vários soldados imitaram-nos. Marchamos numa confusão, aglomerados. Os amigos procuravam-se, como proteção contra o susto e o escuro.

Porta colocou uma granada de mão na minha mão e disse:

— Não tenho lugar pra esse lixo, pegue aí!

Sem dizer nada, coloquei-a no bolso.

O equipamento matraqueava e tinia. Todos estavam nervosos. A chuva escorria dos capacetes pelas nucas. Passamos por um bosquete e depois por um campo de girassóis, todo pisoteado.

Tiny, sempre discutindo com os outros, estava ficando muito agitado, e via-se que uma briga era iminente.

Von Barring parou e deixou passar a companhia. O tenente Harder ia sozinho na frente, balançando a metralhadora pela alça de couro.

Quando Tiny passou por von Barring, ouvimos o capitão dizer, com sua maneira branda mas firme:

— Você aí. Vi seus documentos e já ouvi falar a seu respeito. Estou lhe avisando: não toleramos qualquer tipo de provocação. Você está numa companhia decente. Tratamos todo mundo direito. Mas não se esqueça que temos nossos recursos para usar com patifes e canalhas e que não temos medo de usá-los!

Von Barring voltou à sua posição ao lado do tenente Harder. Estava com o casquete de oficial. De seu ombro direito pendia a pistola automática. Ao passar, bateu no ombro de Porta e disse:

— Ei, seu macaco ruivo!

— Igualmente, senhor — respondeu Porta, com intimidade. Virou-se para o Velho e para mim e declarou, bem alto: — Barring é um dos poucos oficiais que conheço que não é um porco completo.

— Cale a boca, Porta — ouviu-se a voz de von Barring, no escuro. — Senão vamos ter revistas extra quando voltarmos.

— Tenho a declarar, senhor, que o cabo Joseph Porta tem calos e pés chatos. O médico isentou-o de revistas extra.

Von Barring deu uma risada.

O fogo da artilharia não estava pesado. Tiros dispersos e esporádicos vinham de todos os lados. De vez em quando ouvia-se uma metralhadora. Era fácil distinguir as russas das nossas.

Balas traçadoras em círculo explodiam e caíam ao chão numa luz branca ofuscante. Stege começou a rir, histérico:

— Um dia li um livro sobre um soldado: “Ele era soldado e não temia nada. Era grande e valente. A morte era sua amiga e ajudante. Ele se portava com segurança e confiança, como só sabem fazer os bravos!” O palerma que escreveu isto devia nos ver agora, marchando pelas estepes, tremendo de medo.

— Cala a boca, Stege — disse o Velho.

Ele estava andando meio curvo, fumando seu cachimbo surrado. Colocara as granadas de mão nas botas compridas e os punhos estavam bem enfiados nos bolsos do sobretudo.

Um pouco à nossa frente uma bomba, zunindo, caiu num campo e explodiu com estrondo.

— É uma 15.5 — disse o Velho, e enfiou a cabeça ainda mais entre os ombros.

Alguns dos nossos novos companheiros jogaram-se num abrigo.

Porta começou a zombar deles.

— Os garanhões do posto gostam do cheiro da terra russa!

— Está se referindo a mim? — rosnou Tiny, atrás de nós. Ele também se atirara ao chão.

— Enfiou a carapuça? — perguntou Pluto.

Tiny foi abrindo caminho no meio das fileiras e agarrou Pluto.

Porta jogou para a frente o seu rifle de atirador de elite e deu uma violenta coronhada na cara de Tiny.

— Dá o fora, seu porco gordo — disse, em tom ameaçador.

Meio tonto, Tiny girou, saiu das fileiras aos tropeções e caiu de joelhos, o sangue jorrando do nariz.

Com calma, o Velho saiu da coluna e, com o cano da pistola apontando para o gigante ajoelhado, disse, com firmeza:

— Levante-se e vá para seu lugar nas fileiras, senão nós te matamos. Se não estiver no seu lugar em dez segundos, vou atirar!

Tiny levantou-se, tremendo, e resmungou, mas um empurrão com o cano da pistola do Velho o fez calar-se.

— Espalhem-se. — Veio a voz de von Barring, do escuro. — Apaguem os cigarros.

Ouviu-se a explosão de outra 15.5 e os tiros de uma metralhadora pesada.

Porta deu uma risada.

— Parece que estamos voltando pra casa. Bom dia, penicos — cumprimentou uns granadeiros *panzer*, agachados debaixo de uma árvore. — Cabo Joseph Porta, assassino do Estado diplomado, humildemente se apresenta de volta ao "matadouro" da Frente Oriental.

— Cuidado quando chegar às ruínas lá na frente — avisou um dos granadeiros, maquinalmente, e sem rancor. — Ivan pode ver vocês lá. Quando passar pela trincheira, chegará a um local onde há um russo morto. Ali, abaixe-se bem. Ivan o está usando como alvo para suas metralhadoras. Ontem perdemos

nove homens lá, de modo que é provável que vocês também ganhem algumas cruzes!

— Deus, mas você é animador — retrucou Porta, com calma.

Pluto e o Pequeno Legionário se entreolharam.

— Sente o cheiro de cadáver, cara? — perguntou o legionário. — É como o Marrocos, antigamente, só que lá o fedor era pior.

— Ah! Ah! — riu Pluto. — Espere só até explodir um guerrilheiro da Frente Oriental. Então você verá como serão as suas tripas, seu árabe. Vai sentir saudades dos bons perfumes de Marrocos!

— Esses Ivans não me metem medo. Ganhei a cruz com quatro palmeiras e três estrelas por lutar nos montes Riff e na Indo-China — disse Kalb.

— Ah! — zombou Porta — mesmo que tenha uma cruz com uma floresta inteira de palmeiras de suas viagens pelo deserto, vai ficar desesperado aqui quando Ivan está em forma. Espere só até a chegada dos siberianos, e então eles cortarão seu pomo-de-adão para jogar pingue-pongue com ele!

— Veremos, veremos — retrucou o Pequeno Legionário. — Alá é sábio. Sou um excelente atirador e sei usar a minha faca. Meu berço era em Moabitt!

— Cuidado para não vencer a guerra sozinho — alertou o Velho, com ironia.

A companhia escorregava e derrapava no caminho lodoso e lamacento que passava pelas ruínas de uma casa de fazenda.

Um pouco adiante, onde a trincheira estava destruída, toda a companhia procurou se abrigar, como um leque que de repente se fecha. Tivemos de rastejar para passar pelo russo morto, que estava num montículo e nos dava certa proteção.

— Depressa, para o outro lado — sussurrou von Barring. — Um de cada vez. Achatem-se bem, usando o russo como proteção. Temos uma metralhadora pesada russa à esquerda, bem à frente. Se forem vistos, adeus!

O barulho do equipamento cessara. Parecíamos animais selvagens, prontos para atacar, silenciosos como a noite.

Porta agachou-se na beira da trincheira com o rifle preparado. Do canto de sua boca pendia um toco de cigarro apagado. Ao seu lado estava o Pequeno Legionário, que tinha uma dedicação total ao moleque de rua ruivo; estava com sua metralhadora de mão no quadril, pronta para disparar.

Os primeiros do grupo já haviam ultrapassado o ponto de perigo. Aí um projétil sinalizador explodiu acima de nós, seu brilho branco ofuscante iluminou toda a área.

Os outros se comprimiram desesperadamente junto do russo tombado.

O Velho praguejou.

— Agora vem todo o foguetório. Ivan deve ter sentido o nosso cheiro aqui.

Mal ele acabara de falar, a metralhadora pesada começou a funcionar. O cadáver saltou como se tivesse recuperado a vida.

As bombas de morteiro explodiam, esparramando lama em nós. Essas bombas pequenas e diabólicas só eram ouvidas quando explodiam junto de nós. Mais metralhadoras se juntaram ao concerto.

— Quietos, quietos, não atirem — soou a voz de von Barring no escuro, acalmando-nos. Ele estava rastejando, passando por toda a companhia.

Talvez aquilo tenha durado uma hora, talvez três minutos. Então acabou, e recomeçamos a deslizar pelo russo com sua farda marrom.

O Velho deu-me um tapinha no ombro, avisando que chegara a minha vez.

Quase vomitei, deitado ali ao lado do cadáver. Estava inchado e horripilante, com um líquido verde escorrendo das narinas e da boca. O fedor era terrível. Atrás de mim vinham Porta e o Pequeno Legionário. Foram os últimos. Um morteiro fez com que nos atirássemos e achatássemos no chão. Atrás de nós alguém começou a berrar. Mais algumas bombas de morteiro caíram na lama, nos ensopando.

— Puxa, mas em que balneário fomos nos meter — gemeu Stege.

O Pequeno Legionário respirou fundo.

— Deve ser isso que chamam de banho russo.

— Pelotão número 2, tomar posição aqui — ordenou o tenente Harder, a voz meio trêmula. Ele ainda não estava treinado na frente.

Pluto teve dificuldade com sua imensa metralhadora e praguejou, feroz, arrumando os sacos de areia nos locais devidos.

Uma bala atingiu um dos sacos junto da cabeça dele.

— Seus montes de merda russos! — berrou o estivador grandalhão. — Ainda bem que sabemos onde estão, seus veados de merda. Vou reduzir vocês a merda! — furioso, ele lançou uma granada de mão para o outro lado, só para frisar suas ameaças.

— Cuidado, rapazes — avisou o Velho. — Aquele lá é bom atirador e usa balas de verdade!

Outra bala zuniu e atingiu o meio da testa de um dos artilheiros de tanque. Pedacinhos de crânio e miolos caíram em cima do Pequeno Legionário, que os tirou com a baioneta, fazendo careta.

Os artilheiros do 104. de Artilharia, que estávamos rendendo, confessaram que tínhamos caído no meio de um caldo bem grosso.

— Tomem cuidado com as sete da manhã e as cinco da tarde, é aí que Ivan solta toda a carga. Além disso, vocês só precisam lidar com o fogo de metralhadoras e morteiros e um pouco de fogo de tocaia.

Escondemos nossos candeeiros nos abrigos, e o Pelotão número 2 instalou-se para se distrair um pouco.

Porta pegou o baralho velho e sebento. Colocou na cabeça a cartola que encontrara em algum lugar, elegantemente de lado. Tinha algumas mossas, e a seda estava um pouco gasta, de modo que Porta tinha pintado um círculo azul e outro vermelho em volta dela. Parecia a chaminé de um navio. Usou o monóculo que arranjara na Romênia, que levara algumas batidas e tinha uma rachadura que fazia o olho dele parecer inteiramente sem vida. O aro de chifre preto estava preso à sua dragona por um cordão preto, parte da roupa de baixo de alguma garota.

Como se fosse um crupiê em Monte Carlo, embaralhou as cartas com ar de superioridade e disse:

— Façam suas apostas, mas nada de crédito, hein? Já perdi dinheiro porque algum idiota foi liquidado pelo Ivan antes de me pagar. A menor aposta é dez marcos de Hitler ou cem rublos de Stalin. — Deu 12 cartas e virou a 13a.: era o ás de espadas. Sem dizer nada, ele pegou as apostas e guardou-as no seu saco vazio de máscara de gás, que havia pendurado ao pescoço. Ganhou oito vezes seguidas. Depois passamos a apostar com mais cautela. Ninguém expressou seu pensamento: Porta estava trapaceando. Pois de cada lado dele estava uma pistola automática e atrás dele estava sentado o Pequeno Legionário, afagando uma P.38 destravada.

O Velho estava lendo um livro que ganhara da mulher dele. De vez em quando, ele pegava a carteira velha e surrada, em que guardava umas fotos dela e dos filhos. Ele sentia saudades incríveis de casa. Muitas vezes já o tínhamos visto chorando ao olhar as fotos da família.

O capitão von Barring e o tenente Harder entraram no abrigo, sentaram-se ao lado do Velho e conversaram sossegados.

— Podemos esperar Ivan por volta das três da tarde, de acordo com o Serviço Secreto — confiou von Barring ao Velho. — Providencie para que esteja tudo em ordem aqui. O comandante da companhia de artilharia que substituímos avisou que viemos parar numa região terrível. As ordens do batalhão são que, de modo algum, podemos evacuar a altitude 268,9 na referência do mapa. Enquanto permanecermos aqui, estaremos dominando a área. Se deixarmos Ivan passar, toda a divisão terá de recuar, capitular, e Ivan sabe disso muito bem.

— Isso quer dizer — disse o Velho, pensativo — que podemos ter a certeza de que Ivan vai lançar toda a sua carga contra nós. Acha que ele vai usar tanques?

— Só depois que a terra gelar, assim que isso ocorrer, ele fará um ataque maciço. Espero que a essa altura já tenham chegado os nossos blindados — disse von Barring, num tom cansado. Olhou pelo abrigo mal iluminado e viu Porta com sua cartola de seda colorida. — Que Deus nos ajude — explodiu. — Para que é que tornou a pôr esse chapéu maluco? Pegue o seu casquete e pare de brincar com esse negócio!

— Sim, senhor — respondeu Porta, enfiando mais dinheiro dentro do seu saco de máscara contra gases, que já estava estourando. Depois colocou o quepe do fardamento sobre a cartola.

Von Barring sacudiu a cabeça e, rindo, disse ao Velho e ao tenente Harder:

— Esse patife é impossível! Se ele deparar com o comandante de nosso batalhão com esse negócio na cabeça, vai se ver em apuros!

Nesse momento, os jogadores fizeram uma algazarra terrível. Tiny descobrira que Porta tinha usado dois ases de espadas. Ele soltou um urro e já ia dar uma surra em Porta quando foi detido pelos canos de uma P.38 e uma pistola automática destravadas.

— Quer mais alguns buracos no seu corpo, além de sua boca e seu cu? — perguntou o Pequeno Legionário, levantando-se e dando um pontapé na barriga de Tiny. O homenzarrão caiu para trás, grunhindo.

O capitão von Barring e o tenente Harder ignoraram o incidente e saíram dali. Pouco depois o jogo continuou. Fizemos vista grossa para as trapaças. Tiny participou do jogo, e deixaram que ele ganhasse algumas vezes, o que o deixou muito bem-humorado. Deu tapinhas nas costas de Porta, entusiasmado, e pediu perdão humildemente por ter acusado Porta de trapacear. Já se esquecera de que tinha visto dois ases de espadas. Mas logo estava perdendo de novo e pedindo crédito, mas Porta não se comoveu.

Tiny estava gemendo com a paixão do jogador frustrado. Depressa, tirou o relógio de pulso e colocou-o na mesa. Pediu trezentos marcos por ele.

Com preguiça, o Pequeno Legionário debruçou-se e o examinou bem, e depois declarou:

— Damos duzentos marcos, e considere-o bem pago!

Porta poliu o monóculo rachado, inclinou mais a cartola e examinou o relógio como um relojoeiro profissional. Depois devolveu-o a Tiny, com desprezo:

— Mercadoria roubada, 150 marcos e nem mais um centavo, mas depressa, senão pode ir passear!

Tiny quis armar confusão, como sempre, mas em vez disso limitou-se a abrir a boca e fechá-la algumas vezes, e depois concordou, calado.

Dois minutos depois o relógio estava direitinho dentro do saco da máscara contra gases, com todo dinheiro.

Paralisado, Tiny olhava para Porta, que continuou a dar cartas como se nada de mais tivesse acontecido.

Quando todos, menos o banqueiro, perderam tudo, o jogo parou, por falta de impulso. Porta fechou o seu saco de máscara contra gases, deitou-se no chão coberto de palha e encostou a cabeça nos seus ganhos. Riu com um ar sabido para Pluto e o Pequeno Legionário. Depois puxou o gravador e começou a tocar a fita sobre a moça que fazia amor eletricamente numa fábrica. Os dois outros juntaram-se a ele, ruidosamente, naquela canção bem suja.

Tiny tentou armar barulho, mas não conseguiu. Ninguém queria se dar ao trabalho de brigar.

O comandante da divisão era conhecido como um completo imbecil: típico militar alemão do Terceiro Reich. Estranhamente, ele era muito religioso. Possuía aquela capacidade peculiar aos prussianos de misturar o cristianismo com o chauvinismo.

Todas as manhãs o general-de-divisão von Trauss rezava no seu altar de campanha portátil com o padre da divisão, von Leitha. Rezavam pela vitória total das forças alemãs.

Ele pronunciava longos e tolos discursos sobre uma futura hegemonia alemã, em que seriam exterminados todos os subumanos. Todos os que não tivessem nos cérebros pequenas suásticas eram subumanos. Porta, claro, sugeriu uma colocação mais adequada para as suásticas.

9. AMANHÃ DE MANHÃ, ÀS 11:30H, OS ALEMÃES VÃO VOAR PELOS ARES

FOI O VELHO quem me acordou.

— Você e o Porta vão sair numa missão de escuta. Levem mais um homem, que não seja o Pluto ou o Stege. Não posso ficar sem nenhum dos dois, caso Ivan ataque.

— Já sei por que é que você é sargento — disse Porta. — É bom em dar essas drogas de notícias à hora do café da manhã.

— Cale-se, Porta. Já escolheu quem você levará? O tempo é curto, Ivan está planejando alguma e não posso mandar idiotas para lá.

— Ah, obrigado! Imagine você dizer que sou inteligente, depois de ter sido declarado um completo imbecil por um ciclista por causa daquele roubo em Dahlem.

— Cale a boca, Porta, quem vai levar?

— Calma, vovô. Não fique todo importante só porque os prussianos lhe puseram um prateadinho no ombro, um carpinteiro barato como você! Vamos levar o francês. — Começou a sacudir o legionário, que estava dormindo enroscado como um cachorrinho.

— O que houve, seu ruivo filho da mãe!

— Sabe o quê, irmão? Vamos fazer uma excursão para conhecer o gigante das estepes, e ele vai amar você.

— Besteira, pra onde é que vamos? — o legionário, com sono, não reagiu bem; sentou-se na palha, coçando o peito mordido pelos piolhos.

— Espere e verá, irmão — respondeu Porta, bruscamente. — Quem sabe vamos contar as pintas na cara do Ivan.

Pusemos nosso equipamento e arrumamos as rações extras. Depois acompanhamos o Velho até o posto da metralhadora pesada.

Ele explicou o território.

— Podem se esconder a uns três dedos de distância à esquerda daquela moita. Dali conseguirão ver até os olhos de Ivan, sem serem vistos, mas cuidado... não se mexam. Só voltem depois de escurecer. O coronel Hinka tem certeza de que Ivan está planejando alguma sujeira. É por isso que vocês vão lá, para descobrir.

— Porra, mas, está mandando os seus melhores amigos pra lá! Seu desgraçado de sargento metido! Não temos tantos candidatos à Cruz de Ferro que nasceram para esse serviço? — perguntou Porta, indignado.

O capitão von Barring e o tenente Harder apareceram no escuro. Cochichando, von Barring explicou algumas coisas que o Velho não sabia.

— Rapazes, tratem de não fazer confusão lá. Travas de segurança nos rifles. Não atirem, se puderem evitar; só em caso de extremo perigo.

Colocamos nossas facas de combate nas botas, as granadas de mão nos bolsos e as pistolas automáticas nos cinturões.

Von Barring apontou, mudo, para a cartola de Porta e conseguiu proferir:

— Pretende usar esse negócio quando for para perto de Ivan?

— É o meu talismã, senhor — disse Porta, com simplicidade, e foi saindo atrás do Pequeno Legionário.

Fomos rastejando. A terra estava enlameada e áspera. Nós nos arrastamos por baixo das defesas de arame farpado. Nem um ruído perturbava o silêncio. Estávamos cercados por um escuro traiçoeiro, que só variava momentaneamente quando a lua surgia por entre as nuvens esvoaçantes.

Fui o último a chegar à moita. O Pequeno Legionário levou o dedo à boca para me lembrar de ficar calado. Tive um choque ao ver como estávamos perto das posições de Ivan. A dez metros dali dois russos guarneciam uma metralhadora pesada. Com muito cuidado, colocamos nossas pistolas automáticas no chão ao nosso lado. Depois nos cobrimos com uma barraca de camuflagem.

Alguns dos russos estavam discutindo e praguejando de tal modo que parecia até que Tiny estivesse entre eles. Em pouco tempo estavam metidos numa briga de verdade.

Passamos duas horas num silêncio de mortos. Depois Porta, sem ruído, pegou o cantil. A vodca nos aqueceu. O Pequeno Legionário apontou para um ponto

das posições russas em que um coronel e dois outros oficiais do Estado-Maior pareciam estar fazendo uma inspeção. Pararam quase abaixo de nós para falar com alguns oficiais da infantaria. Seguramos as armas com mais firmeza.

O coronel dirigiu-se para a metralhadora pesada e mandou que atirassem algumas rajadas contra a linha alemã. Os alemães retaliaram imediatamente. O coronel sorriu e disse alguma coisa sobre castigar aqueles cães nazistas.

Quando escureceu e já íamos voltar, ouvimos uma voz das linhas inimigas:

— Não conseguimos entrar em contato com o batalhão. A trincheira de comunicações está inundada. O rio transbordou. Fritz, lá em cima, está bem no seco, enquanto nós podemos nos afogar nesse buraco, mas depois...

A voz sumiu no escuro, pesado e sinistro. Só vagamente víamos as posições dos russos. Sem fazer barulho, voltamos.

Tornamos a ir ao mesmo lugar quatro dias seguidos, sem ouvir qualquer coisa que valesse a pena, e von Barring resolveu que devíamos levar de volta um prisioneiro. Soubemos então que uma patrulha tinha encontrado um fio telefônico russo. Dois minutos depois fizemos uma ligação e estávamos escutando as conversas. Passaram-se dois dias até que nossa paciência teve sua recompensa. De repente, Porta acordou e me jogou o fone. Ouvi uma voz áspera.

— Como vai indo, George?

— Tudo na mesma. Queria mandar tudo pro diabo.

Seguiram-se alguns palavrões em russo.

A primeira voz deu uma risada rouca.

— Tem vodca aí?

— Tem, hoje chegou um bom carregamento. Se ao menos a gente também tivesse umas donas, estava tudo bem. Quer que lhe mande uma vodca, Alex?

— Não, obrigado, hoje à noite daremos um pulo aí.

Espantado, George perguntou:

— O que é que há?

— Amanhã de manhã, às 11:30h os alemães vão voar pelos ares. O morro inteiro vai explodir. Vão ser lindos fogos de artifício. Esses piolhos verdes vão explodir no inferno!

O Pequeno Legionário foi depressa procurar o capitão von Barring, que imediatamente se comunicou com o quartel-general.

Conseguimos toda a ajuda que puderam nos dar. Uma companhia do 104. de Artilharia, um canhão antiaéreo de 8,8cm, dois pobres canhões de 7,5cm em carretas, junto com uma companhia inútil de reservistas de cinco anos. Tudo aquilo se transformou num batalhão de assalto sob o comando do capitão von

Barring. Enquanto a névoa da manhã ainda cobria tudo com um véu protetor, ele ordenou que as trincheiras fossem evacuadas, para não correr o risco de sermos levados pelos ares junto com o morro. Preparamos uma calorosa recepção para Ivan, para quando ele avançasse depois da explosão.

Para satisfação nossa, chegou também uma companhia de engenharia com lança-chamas. Já os conhecíamos e podíamos confiar neles. Eram soldados de linha de frente experientes, como nós. Nenhum deles limpava as unhas desde 1939.

Estávamos esperando nas trincheiras de reserva, os corações batendo, ansiosos. Os ponteiros do relógio quase nem se moviam. Tiny estava deitado ao lado de Pluto. Não disse nada, mas era evidente que ele preferia a companhia do grande estivador, numa emergência.

Stege e eu estávamos deitados ao lado de Porta, e do outro lado o Pequeno Legionário estava agarrado como uma lapa. À nossa esquerda estavam Möller, Bauer e os outros.

As granadas de mão estavam molhadas pelo suor de nossas mãos. Fumamos cigarros e mais cigarros durante aquele período de espera enervante.

Em algum lugar no fundo da terra, os sapadores russos estavam trabalhando com os explosivos sob o morro que deveria ser o nosso túmulo. Em vez disso, estávamos ali deitados esperando que começasse o foguetório, tudo porque uma patrulha alerta descobrira um fino fio telefônico.

O relógio marcava 11:15h. Dentro de 15 minutos, aquilo viraria um inferno. Tensos, ficamos olhando para o outro lado da paisagem de brejo nublada. Nada ainda. Mais 15 minutos. Nada aconteceu ainda.

De repente, nos lembramos que a hora russa, claro, era atrasada uma hora em relação à nossa.

— Isso é pior do que esperar metrô em Berlim — disse Porta.

— Por Deus, é como esperar do lado de fora de um bordel africano que só tem 10 putas — cochichou o Pequeno Legionário —, e cem sujeitos na sua frente, para se servirem.

— E daí? Por que você há de se interessar por bordéis? — indagou Tiny. — Eles te liquidaram, te deixaram imprestável em Fagen, não foi?

— Repita isso — cochichou o Pequeno Legionário —, e esvazio a minha pistola no seu crânio.

— Quietos! — a voz de von Barring parecia zangada.

Esperar, esperar, uma espera insuportável. Passou-se uma hora. Era uma da tarde e nada acontecera.

O pessoal apinhado na trincheira estava começando a ficar inquieto. Praguejando e maldizendo tudo, eles trocaram de lugar. No fundo da trincheira, os velhos reservistas estavam sentados, apáticos; já estavam com a máscara da morte. Os engenheiros fumavam entre nós, os artilheiros dos tanques. Sabíamos o que esperar. Ivan certamente lançaria uma pesada concentração de tropas.

Pluto ajeitou a alça em volta do ombro para poder correr com a submetralhadora à altura do quadril quando começasse o tiroteio.

Para nosso espanto, Tiny também conseguira uma submetralhadora, embora ele devesse puxar a carreta do canhão. Ninguém perguntou o que era feito dela nem sobre a submetralhadora. Em volta do pescoço e dos ombros, ele trazia muita munição. Enfiada no cinto, levava uma pá afiada, pronta para o combate corpo a corpo.

Porta estava deitado com um lança-chamas ao seu lado, e o Pequeno Legionário carregava a gasolina nas costas. Porta parecia inteiramente louco, deitado ali com seu lança-chamas e a cartola na cabeça.

As baterias de artilharia tinham colocado os canhões atrás de nossas posições, mas devido ao longo período de espera, alguns queriam retirar os canhões, alegando que fora um alarma falso.

Von Barring teve uma discussão acirrada com o tenente em comando, que só parou quando von Barring proibiu a retirada dos canhões e ameaçou de morte quem tentasse tirá-los dali.

Rindo, nós cutucamos os engenheiros. Von Barring era uma velha raposa! Estava sentindo o cheiro da podridão. Sabia o que estava fazendo. Podíamos confiar nele.

Passou-se mais meia hora. Vários homens sugeriram um descanso para comer alguma coisa. Von Barring não consentiu. Os velhos reservistas começaram a fazer tumulto.

Exatamente às 14:05h começou o tiroteio. O morro inteiro desintegrou-se. Voou pelos ares, numa única nuvem negra de trovoada. Dentro de um segundo reinou um silêncio total e mortal. Depois toneladas de terra, pedra e tocos de árvores caíram sobre nós.

Simultaneamente, a artilharia russa começou a atirar. Bombas de morteiro de todos os calibres caíram sobre o que antes foram nossas posições. Embora o ataque da artilharia durasse pouco tempo, todos os nossos fios telefônicos ficaram reduzidos a tiras, e todas as antenas estavam inutilizadas, mas poucos soldados foram mortos ou feridos.

Toda a nossa posição foi envolta por uma fumaça pesada, corrosiva e nauseante. Através delas víamos os soldados da infantaria russa assaltando nossas antigas posições, pretendendo capturar a altitude 268,9 antes que os alemães nos flancos descobrissem que a posição tinha ido pelos ares.

— Batalhão de assalto, siga-me! — rugiu von Barring, e saltou da trincheira, atirando furiosamente com a pistola automática.

Nossas pernas moveram-se por si. Como selvagens, assaltamos a cratera colossal. Chegamos à sua beira uns dez metros na frente das tropas de assalto russas. Para assombro deles, foram recebidos por um fogo pesado.

O combate corpo a corpo com submetralhadoras nos quadris e de vinte a trinta lança-chamas fariam empalidecer até mesmo Satanás. Os soldados russos viraram rodinhas de fogos de artifício. Instalou-se o pânico nas fileiras apertadas da infantaria. Eles largaram as armas e correram de volta a suas posições, enquanto a nossa artilharia os perseguia loucamente com os canhões em chamas. Assim mesmo, alguns conseguiram se agarrar ao outro lado da cratera, a apenas 25 metros de nossos abrigos. Então a artilharia russa começou a disparar de verdade. Durante 24 horas arrasou o pequeno local conhecido por nós apenas como uma referência de mapa com um inferno de fogo.

Pelos poucos prisioneiros que capturamos, soubemos que estávamos enfrentando o 21. de Engenharia da Guarda, uma unidade de elite. A luta foi selvagem e furiosa, enquanto a artilharia bombardeava nossas posições da retaguarda.

Tiny brandia a submetralhadora com uma das mãos como se fosse um bastão; na outra levava sua pá afiada. Estava coberto de sangue, da cabeça aos pés.

Porta lutou como um alucinado. Depois que acabou o seu suprimento de gasolina, ele usou o lança-chamas como um mangual. De cartola, ficou postado ali na pequena trincheira, gritando como louco e matando alegremente, à esquerda, à direita e ao centro.

Ao lado dele, o Pequeno Legionário lutava com uma pistola automática capturada.

Hora após hora, a luta corpo a corpo continuou de um lado para o outro na trincheira estreita, mas afinal tivemos de ceder.

Deixando para trás os nossos mortos e feridos, voltamos a nossas posições. Os russos nos seguiram imediatamente, mas tiveram de recuar quando o nosso apoio começou um fogo cruzado mortífero.

Ofegantes, nós nos deitamos em nossas posições cheias de lama. Bauer ficara com metade da face decepada. O nariz de Möller estava esmagado. O dedo

médio de Tiny desaparecera. Estranho, ele não quis ir para o posto de primeiros socorros. Puseram-lhe ataduras. Gemendo e praguejando, ele recusou o convite.

— Dêem o fora, seus merdas de mercadores de pílulas! Vou ficar com esses bandidos. Tiny há de morrer aqui, e não nos seus hospitais cheios de merda. — Ele quis dar um soco no ordenança, saltou para a beira da trincheira e mandou uma saraivada de balas para as posições de Ivan. Bramando como um touro, berrou: — Ei, vocês aí, seus caftens vermelhos do Stalin! Isso aqui é remédio de Tiny, do 27. Regimento de Matança e Incendiários. Vou castrar vocês, seus ursos do brejo, esperem só pra ver!

Os russos reagiram logo com um fogo selvagem e sem alvo. Tiny estava ali inteiramente desprotegido. Com a submetralhadora à altura do quadril e dando gargalhadas loucas, ele lançava jatos de fogo sobre os russos.

Bauer tentou, sem sucesso, puxar para o abrigo aquele galo de briga evidentemente alucinado. Ele ficou ali, as pernas abertas, como um rochedo.

Aquela loucura se espalhou. Pluto levantou-se de um salto e começou a atirar. Seguiu-se Porta, com sua cartola e o lança-chamas, junto com o Pequeno Legionário. Eles se postaram ao lado de Tiny, dando loucas gargalhadas.

— Seus merdas de animais de posto, não podem conosco — berrou Porta. — Aí, seus abutres, tomem isso! — seu lança-chamas jorrava a morte.

O Pequeno Legionário começou a gritar:

— *En avant, vive la legion!* — ele foi andando, jogando as granadas de mão.

Porta jogou a cartola no ar, pegou-a, enfiou-a na cabeça de novo e berrou:

— Sigam o rato do deserto! — caminhou depressa atrás do Pequeno Legionário, e Tiny e Pluto os seguiram, atirando como loucos. O restante do batalhão ficou possuído da mesma loucura e correu, uivando como animais, atrás dos outros.

Aquele ataque foi irresistível. Arrancou Ivan de suas posições. Mordemos, rosnamos e batemos durante a louca luta corpo a corpo, e reconquistamos as nossas posições. Durante três semanas, elas passaram a ser o nosso lar. Nesse período sofremos um pesado fogo de artilharia.

Aos poucos, nossa companhia de assalto mista foi-se desintegrando. Muitos tiveram neurose de guerra e bateram com as cabeças nas paredes da trincheira. Outros correram para dentro do cerrado fogo de artilharia, sendo transformados em massas sangrentas.

Porta passava muito tempo sentado num canto, ouvindo o seu gravador, e o Pequeno Legionário tocava a sua gaita.

O tenente Harder teve trauma devido às explosões, por duas vezes. Tiny fizera uma bola de treino de pugilista de um saco de areia. Uma vez, quando a bola voltou e o atingiu no rosto, ele ficou alucinado de raiva e estraçalhou-a com sua faca de combate. Ficou amaldiçoando o saco de pancada como um maluco.

Quase não tínhamos comida, enquanto ficamos na altitude 268,9, se bem que Porta descobrisse um velho depósito com algumas latas, e nós corremos, saltamos e rastejamos até chegar a uma segurança momentânea e voltamos a nossas linhas no meio de um pesado fogo de artilharia com a nossa presa.

Por fim recebemos ajuda da divisão. Mandaram-nos dois regimentos de granadeiros e também artilharia pesada. Durante mais dois dias lutamos pela droga do morro e depois fomos rendidos pelo 104. Regimento de Artilharia.

Enterramos as nossas muitas baixas ao lado daqueles que tombaram no avanço em 1941. Ambos os lados tombaram por um grande torrão de terra desconhecida, que só está marcada nos mapas especiais dos estados-maiores. Mesmo hoje, alguém que passasse por lá a caminho de Orel nem notaria o lugar. No entanto, lá jazem dez mil soldados alemães e russos.

As únicas lápides são alguns capacetes de aço enferrujados e cinturões de couro mofados.

Era como um cinema. Devíamos pagar antes de entrar. Havia três ingressos diferentes: o vermelho dava direito a uma garota por 15 minutos. O amarelo, duas garotas por duas horas. O verde — cor do sinal siga — dava toda uma noite de amor com cinco garotas.

10. O BORDEL DE CAMPANHA

ESTÁVAMOS alojados em Moschny, um pouco ao norte de Cherkassy. Era uma aldeia russa com cabanas em ruínas, cobertas de barro, dos lados de uma rua reta e muito larga.

Pouco a pouco fomos nos descontraindo, depois das batalhas desgastantes em que tínhamos tomado parte. Novas praças tinham chegado do batalhão de treinamento, e estávamos de novo com nossa força regulamentar de duzentos homens. Mas os soldados que recebemos eram muito fracos. Precisavam de um treinamento vigoroso para poderem ser usados nas ferozes lutas que se haviam espalhado para o sul de Cherkassy. Esse é um local que poucos de nós jamais esqueceremos. Mas, nessa ocasião, não sabíamos o que nos esperava — o Verdun da Segunda Guerra Mundial.

Fazia frio e, como tivéssemos pouco combustível, Porta sugeriu que brincássemos de “bate-bunda”, jogo brutal que só servia para desordeiros. Como sugere o nome, um homem se debruçava de modo a esticar bem o assento das calças. Um dos jogadores, num meio circulo em volta dele, dava-lhe uma boa palmada no traseiro, e ele tinha de adivinhar quem lhe batera. Se acertasse, esse homem seria o próximo a apanhar.

Mesmo que se usasse toda a força, era impossível bater em Tiny de modo que ele sentisse. Ele fingia que nem sentia.

— Ora, parece até que são borboletas batendo em mim — disse ele, rindo. — Por que vocês não põem um pouco de força nisso, seus coelhos medrosos!

Quando Tiny não era o alvo, ele sempre queria bater, com tanta violência que o pobre coitado que era a vítima era jogado vários metros para a frente.

Quando tornou a chegar a vez de Tiny, o Pequeno Legionário arranjou uma tábua com um prego na ponta. Ele piscou enquanto rodeávamos Tiny, que estava esperando e rindo de nós, zombando.

Mirando com o cuidado de um jogador de beisebol, o Pequeno Legionário brandiu a tábua e bateu no traseiro de Tiny com um estouro como um tiro.

Com um rugido de dor, Tiny deu um salto no ar, a tábua agarrada ao traseiro. O prego entrara todo. Ele agitou os braços de gorila e berrou de dor e fúria. Rolou os olhos como louco, em busca do culpado, enquanto arrancava a tábua,

rosnando, e a jogava contra a parede da casa.

— Seus porcos imundos, isso é maneira de tratar um amigo? — depois, ele mudou de tática e perguntou delicadamente, mas com um sorriso mortífero nos lábios: — Quem fez isso? Já sei, mas quero ver se ele é homem pra dizer! — com um ar acusador, ele apontou vagamente, para ninguém em especial. — Se falar, deixo passar, mas se não, vou te arrancar as tripas e estrangular esse seu pescoço de filho da mãe com elas!

A única resposta foi uma gargalhada gostosa de nós todos. Depois ele desistiu de bancar o diplomata e resmungou:

— Seu rato nazista desgraçado! Confessa ou te mato!

— Não foi um membro do partido quem te bateu — disse Pluto, rindo.

— Foi você, seu veado? — berrou Tiny, aproximando-se de Pluto com ar ameaçador. Pluto estava curvado de tanto rir.

— Não, por Deus, não fui eu. Se tivesse pensado nisso ... — disse ele, com soluços, entre duas gargalhadas.

— Se você sabe quem é, para que perguntar? — indagou o Velho.

— Cretinos e canalhas, não sei, mas o porco que trata seus amigos fiéis e afetuosos com truques baixos como este vai ter o que merece!

— "Fiéis e afetuosos"! Refere-se à sua pessoa? — exclamou Stege.

— E daí. Não banque o superior só porque sabe dizer bunda em latim!

— Estou disposto a lhe ensinar latim — ofereceu-se Stege.

— Vá pro diabo — retrucou Tiny.

Ele foi de um em um, testando. Estava espumando de raiva.

— Foi você quem bateu no Tiny com uma tábua?

Em resposta, recebeu risadas e negativas.

— Vou dar *isso* àquele merda de filho da puta se ele não confessar dentro de dez minutos! — deu um soco na grama, mas infelizmente ali havia uma pedra. Rugindo de dor, ele chutou um inimigo imaginário e, com muitos palavrões, afastou-se, acompanhado pela voz provocante de Porta:

— Está doendo, Tiny? Você se arranhou?

Berrando, Tiny correu pela rua para a aldeia. A última coisa que ouvimos ele dizer foi:

— Merda de gente com que me meti. Nenhum amigo leal. Mas esperem só, ainda hei de pegá-lo!

Estávamos deitados numa das cabanas, bebendo vodca e fumando *machorka*.

— Ouvi dizer que há um bordel de campanha em Bjel Zerkov — declarou Bauer, pensativo.

Porta levantou-se de um salto, engoliu de mau jeito a *machorka* que estava mastigando e teve um acesso de tosse.

— Só agora é que você nos diz isso? Guardar para si uma informação dessas é alta traição. Lá, sim, é o meu lugar. Mulher é pra mim — dos 14 aos 70! — Pluto quis saber como Bauer obtivera aquela informação.

— Um ordenança de médico que conheço. Ele serve no hospital de campanha em Bjel Zerkov. Segundo ele, é uma cudelaria de primeira classe, cheia de éguas francesas e alemãs.

— Ah, meu Deus — interrompeu Porta —, como isso soa bem. Por fim, alguma coisa a ouvir e sentir. Já estou farto daquela função toda noite às dez, quando alguma vaca burra berra “Lilli Marlene”. Velho, arranja um punhado de licenças.

O Velho riu baixinho.

— Não conte comigo. Amor em correia transportadora não é o que chamo de diversão.

— Ninguém vai obrigá-lo — disse Porta, com simpatia. — Já vão ganhar bastante sem a sua contribuição. Vou ter uma pelo menos durante 12 horas.

— Você vem com a gente — disse ele ao Pequeno Legionário. Depois, de repente ficou visivelmente atrapalhado e acrescentou: — Desculpe, meu chapa.

O Pequeno Legionário limitou-se a rir.

— Vou para estudos. O meu sonho sempre foi abrir um bordel em Marrocos. A experiência de guerra vai ajudar. Nunca vi um bordel alemão. Deve ser instrutivo. Você não se importa se eu ficar olhando enquanto você trabalha?

— Nem um pouco — respondeu Porta. — Mas vai ter de pagar 10% do preço.

— Vocês se opõem a que eu vá? — perguntou Tiny.

— Pode ir — responderam Porta e o Pequeno Legionário, com um ar magnânimo.

O Velho foi ao escritório para ver o que podia arranjar.

Uma hora depois estávamos a caminho, num caminhão. Porta tinha levado umas vinte a trinta revistas pornográficas, que ficou examinando para estar bem preparado.

Um gendarme de campanha, com o crescente do caçador de cabeças pendurado de uma corrente em volta do pescoço, estava do lado de fora do bordel para indicar o caminho. Junto da entrada estava outro gendarme de campanha para verificar os nossos contracheques. Depois passamos a um sargento médico, que nos examinou para ver se tínhamos doenças venéreas.

Porta ficou esfuziante quando passou no teste.

— Ah, o papai aqui vai trabalhar. Quem sabe lá quando teremos outra oportunidade.

Tiny estava radiante. Declarou o que ia experimentar, antes de ser arrastado dali.

— Uma polca num colchão e uma bala na cabeça, aí você morre feliz — cantou ele.

Porta levara dois litros de vodca.

— Isso é desinfetante — disse ele. — A gente nunca sabe o que se passou antes!

Um soldado foi expulso pelo homem da corrente, que gritou para ele com uma voz de mestre-escola:

— Dê o fora, bebê, antes que eu te ponha em cana. Aqui não permitimos crianças menores de 18 anos.

O engraçado é que os soldados menores de 18 anos não tinham licença de ter alguma coisa a ver com mulheres, nem fumar ou beber: as infrações eram duramente castigadas. Mas tinham licença de matar e serem mortos. E notem bem, só quando isso acontecia nas batalhas contra os ditos inimigos. A pátria muitas vezes é estranhamente exigente.

Pluto e Tiny entraram feito um furacão. Afastaram os outros soldados nas salas de espera e corredores. Um sargento de artilharia começou a resmungar. Tiny acertou-lhe um murro no crânio, e o sujeito caiu ao chão com um grunhido.

— Abram alas para o 27. Regimento de Assassinos e Incendiários — gritou Porta. — Passem pra cá as garotas! Vamos ver a mercadoria!

Um leão-de-chácara gritou:

— Quietos, senão vão cair fora!

Tiny lançou-lhe um olhar ameaçador. O gendarme, sabiamente, afastou-se do gigante de dois metros.

Com estrondo, abriram-se as portas da sala, ou, como a chamavam as damas, o salão de recepção. Lá estavam umas 12 mulheres, entre os vinte e os cinqüenta anos, vestidas com as roupas mais provocantes, desde vestidos de festa muito decotados até calças e sutiãs transparentes. Estavam prontas para receber aquela invasão dos sequiosos por amor com suas botas de infantaria.

Porta só faltou cair no colo de uma beldade de cabelos negros, que estava de roupas de baixo azul-claro. Ele forçou a garrafa de vodca por entre os lábios dela e perguntou, com um ar sedutor:

— Ei, meu tesouro, vamos nos sacudir para esquentar?

Dois minutos depois os dois tinham desaparecido.

Pluto lançou-se com entusiasmo a uma peso pesado — era o ideal dele.

Tiny ficou ali de pé no meio da sala, indeciso, sem saber qual garota apanharia. Não conseguia escolher! O resultado foi que não lhe sobrou nenhuma. Ele então berrou:

— Ladrões, gatunos, filhos da mãe! Me arranjem uma! Por Satanás, quero uma artista na cama!

Uma das mulheres tentou acalmá-lo. Ele agarrou a senhora imponente e exclamou:

— Você é uma puta? Então, vá andando, o Tiny chegou. Esta é uma casa de prazeres, não uma missão!

A mulher gritou por socorro quando Tiny começou a lhe arrancar o vestido de festa. Chegou outra, mas Tiny estava alucinado. Depois de quase arrancar o vestido da primeira, ele pegou uma debaixo de cada braço e se dirigiu à porta por onde os outros tinham desaparecido. Chutando e berrando, as duas tentaram se livrar, mas estavam presas como duas baleias arpoadas.

— Não tentem tapear Tiny no que ele veio buscar. Comprei vocês, ou não? Só estou perguntando! — ele começou a subir a escada, ruidosamente, com as duas mulheres aos gritos. — Calem-se, garotas! Só quero os meus direitos!

Com um pontapé, ele abriu a porta do primeiro quarto que viu, mas Porta estava deitado ali, com sua beldade de cabelos negros. No quarto ao lado, Pluto e Stege estavam representando uma peça louca com duas mulheres de voz estridente.

Tiny praguejou e tentou sua sorte mais adiante. Todos os quartos estavam ocupados! Ele foi para o segundo andar. O primeiro quarto em que entrou estava ocupado por um soldado da artilharia antiaérea.

— Dê o fora, seu porco burro — ordenou Tiny. — Um soldado de salão como você deve sumir quando gente melhor vem à cidade.

O artilheiro protestou, mas Tiny não teve dúvidas. Jogou as duas mulheres esperneantes em cima da grande cama e fez o artilheiro voar pela porta. A garota dele sentou-se na cama, nua em pêlo, olhando para as duas mulheres enquanto Tiny se postava ameaçador no meio do quarto. Depois ela caiu para trás, enroscando-se e rindo a valer. O fato de um cliente ser arrancado de junto dela no meio do ato sexual já era bem engraçado, porém mais engraçada ainda era a situação das duas mulheres.

— Vão tirando os trapos — guinchou Tiny, alegre, e tirou as calças. Ficou de casquete, túnica e botas.

— O que está pensando? — começou a gritar uma das mulheres. — Vou...

O resto da frase desapareceu num grito de raiva e pavor. Tiny tirara-lhe o vestido e agarrara-a pelo tornozelo. Suas calças lilás voaram num arco por sobre a cabeça dele. Tiny atirou-se a ela e continuou agarrado às duas outras com seus punhos de ferro, fedendo a gasolina. Mas os prazeres do amor distraíram a atenção de Tiny, e a garota do artilheiro conseguiu fugir, mas não para muito longe, pois foi agarrada por um soldado seminu e levada triunfalmente para o quarto dele.

No andar de baixo, Porta e Pluto trocaram de garotas, animados. Quando se fartaram disso, começaram a jogar dados pelas garotas.

Da sala de recepção vinha um barulho infernal, pois os clientes, à espera, estavam fazendo barulho porque só havia 12 garotas para mais de cem soldados.

Aquela noite pareceu um inferno. As que levaram a pior foram as duas submetidas a Tiny, bêbado de gozo. Ele grunhia e rugia de prazer. Por fim, começando a achá-las meio monótonas, ele invadiu outro quarto ocupado por um soldado da infantaria e suas duas garotas. Sem dar explicações, ele ordenou que trocassem de companheiro. Elas protestaram mas obedeceram.

Entre os seus excessos, ele bebia vodca. Porta e Pluto, que tinham ouvido a barulhada, foram ao quarto dele, com suas garotas. Eles competiam em perversões loucas. As revistas pornográficas de Porta ficaram no chinelo.

Porta vestiu um corpinho preto. Além disso, estava só de cartola e botas.

Tiny, mais pudico, tirara apenas as calças. Estava de casquete, túnica, cinturão com a pistola e botas desajeitadas.

Pluto ficara pelado, tendo só o lenço preto do regimento em volta do pescoço.

Todas as mulheres estavam nuas. Algumas, apavoradas, tentaram fugir, mas Tiny, às gargalhadas, pegou-as habilmente e jogou-as no sofá.

Porta encontrou um piolho no peito da sua ruiva. Exibiu-o, todo prosa, antes de o deixar cair, generosamente, na barriga de uma mulher aos gritos.

Pelos corredores e escadas ouvia-se o martelar de botas. Gendarmes de campo, de capacete de aço, entraram no quarto e, aos berros, ordenaram que saíssemos do estabelecimento.

— Quer dizer, nós? — perguntou Porta, de bom humor.

O sargento caçador de cabeças, que liderava os outros dois, ficou todo vermelho e respondeu com uma voz sufocada pela fúria:

— Fora! Imediatamente, senão serão acusados de comportamento indecoroso em logradouros públicos!

Pluto abriu a janela e se curvou num grande arco. Sua bunda grande e nua sorria para os gendarmes prussianos, muito rígidos. Eles se levavam muito a

sério, bem como a seus deveres.

O sargento levou a mão ao coldre do revólver. Como sempre, estava para trás demais para ele alcançar, sem precisar se contorcer como um acrobata.

O Pequeno Legionário apareceu atrás deles e viu logo a situação. Começou a entoar:

— *Allah-akbar! Vive la legion!*

No minuto seguinte ele estava pendurado como uma pantera no pescoço do gendarme, que caiu para a frente pesadamente, apanhado de surpresa.

Os dois outros foram dominados, desarmados e voaram pela escada abaixo.

Porta sugeriu que seria boa idéia saírem dali. As garotas imediatamente acudiram e ajudaram a reunir as fardas.

Porta, Pluto e o Pequeno Legionário saíram depressa pela janela e, com a ajuda das garotas, foram pelos telhados, desaparecendo entre as casas vizinhas. Apenas Tiny recusou-se a deixar o campo de batalha. Pavoneou-se como Napoleão depois de uma vitória.

— Que venha todo o exército nazista — disse ele, cuspindo no chão. — Eu trato deles! Estou aqui pra ter mulher, tudo que conseguir, e estou fazendo isso de modo sossegado e decente! — rosnando, feliz, ele se atirou a uma das mulheres.

O gendarme voltou com reforços. Cinco homens entraram no quarto e atacaram Tiny na grande cama. Começou uma briga feroz, e nem as mulheres escaparam ilesas. Uma ficou com o olho tão roxo que chegou a se esquecer que trabalhava ali. Pegando uma cadeira, bateu com ela na cara de um dos gendarmes. Ele logo desistiu da briga.

Tendo as mulheres do seu lado, Tiny lutou como um urso feroz. Os leões-de-chácara foram atirados pela escada abaixo e recebidos com vivas de escárnio pelos espectadores no andar de baixo.

Tiny teve então um acesso do que na verdade foi uma crise de raiva, que se manifestou sob a forma de mania de perseguição. Convenceuse de que até mesmo as garotas nuas estavam contra ele, e atirou-as pela escada atrás dos gendarmes.

Depois começou a fazer uma barricada na porta, usando os móveis destruídos.

Um oficial dos leões-de-chácara perguntou o que estava se passando. Uma das mulheres despidas disse, aos soluços:

— *Herr* primeiro-sargento de cavalaria, isso é uma vergonha para o estabelecimento. Somos senhoras respeitáveis, cumprindo o nosso dever para a vitória final, e agora somos expostas a um tratamento desses!

A outra, agachada ao pé da escada, quase em coma, fungou:

— O que os outros vão dizer, quando souberem disso? Essa noitada imoral me chocou profundamente. Mas o meu amigo, que é oficial tesoureiro do Estado-Maior, conhece o *Führer*. Vou pedir-lhe que se queixe a ele. O meu cartão de membro do partido também está em ordem. Devo pedir que trate esses sujeitos devidamente, *Herr* primeiro-sargento de cavalaria.

— Quem é que está lá em cima? — perguntou o primeiro-sargento, impaciente, ajustando a alça do capacete.

— A besta selvagem do Apocalipse de São João — murmurou uma garota muito perturbada, sentada no degrau de baixo com os restos de uma ceroula militar cobrindo-lhe os joelhos.

— Mandem o brutamontes descer — ordenou o primeiro-sargento a seus homens. Desviou-se da frente dos gendarmes para eles atacarem a fortaleza de Tiny.

Um sargento tomou coragem e deu ordem para que arrombassem a porta. Mexeu com a pistola, como estivesse disposto a atirar nos três colegas. Eles empurraram a porta fechada, mas ela suportou o primeiro assalto.

Ouviram-se rosnidos selvagens de Tiny, por trás da porta. Um dos gendarmes perguntou:

— É um ser humano que está aí?

— Não sei — respondeu o colega —, mas maldito o dia em que entrei para a polícia!

Então os três homens fortes meteram os ombros na porta, e ela caiu para dentro do *boudoir* de Tiny.

Ele avançou para eles como um leão.

— O que representa isso? — rugiu. — Entrar sem bater, me atacar quando estou sem calças? Vão levar o que merecem, seus vira-latas!

Seguiram-se estrondos e baques terríveis. Rugidos animalescos ressoaram por todo o bordel.

Uma das mulheres exclamou, desesperada:

— Joguem-no pela janela! Joguem-no. Nossa reputação! Nossa reputação!

No final, Tiny teve de ceder à força superior, mas mesmo depois que desmaiou, os caçadores de cabeças continuaram a espancá-lo com seus cassetetes. Jogaram-no pela escada abaixo, e o primeiro-sargento deu-lhe um pontapé de mestre.

Passaram-se três semanas até que tornamos a ver o Tiny. Apesar de muito espancamento, ele não revelara os nomes de seus companheiros. Só se sabia que

os homem eram do 27. Regimento Panzer. Assim, o regimento todo ficou proibido de visitar qualquer bordel de campanha por seis meses.

A sentença de Tiny foi de passar três meses em serviço de detecção de minas em terra de ninguém. Ele participou do que chamávamos de “grupo da ascensão” durante cinco dias. Depois disso, ninguém se lembrou mais de mandá-lo de novo. O coronel Hinka, comandante do nosso batalhão, sabia melhor do que qualquer conselho de guerra amansar um sujeito alucinado como o Tiny. Também entendia como fugir aos editos desajeitados e destruidores do alto comando.

Taciturna, a Companhia número 5 concordou em fazer um ser humano do monstro que era Tiny. Na verdade, ele era uma criança grande inocente a quem o destino ingrato dera um imenso corpo, esquecendo-se de dar-lhe um cérebro.

O soldado na guerra é como um grão de areia na praia. As ondas passam por cima dele — sugando-o — e o jogam de novo, para tornar a sugá-lo — ele desaparece sem que ninguém repare nele ou se importe com ele.

11. COMBATE CERRADO NOS TANQUES

COMEÇOU A NEVAR. Tudo se transformou numa papa sem fundo.

Era pouco antes da meia-noite. Estávamos sentados em nossos tanques, meio adormecidos. Havia cinco dias que não tínhamos um momento de sossego. Muitas das viaturas do regimento estavam espalhadas — ruínas incendiadas — pela imensa área em que ocorrera a luta. Mas estávamos recebendo novas reservas de homens e material constantemente, de modo que sabíamos que em algum lugar atrás das linhas devia haver uma grande concentração de suprimentos.

Estamos ficando incrivelmente sujos, de pólvora, lama, óleo e lodo. Nossos olhos estão injetados, de falta de sono. Não vimos água alguma, além da que apanhamos nas valas lamacentas. As provisões de alimentos acabaram, e aquela tolice bombástica — a ração de ferro — há muito já foi consumida. Porta está esfaimado. O Pequeno Legionário várias vezes sai em busca do que comer, mas onde quer que avancemos, parece que passou um aspirador de comestíveis. Os únicos fornecimentos atrás das linhas são de munição, tanques e tripulações

Como diz o Velho:

— Parece que descobriram ser possível ganhar dinheiro trocando as rações dos trabalhadores braçais.

Então, em algum lugar da cidade, a certa distância de onde estamos, ouvimos o matraquear de correntes de tanques.

— Espero que não seja Ivan — disse Pluto, esticando o pescoço a fim de olhar para a escuridão que nos cerca.

Muitas das equipagens dos tanques estão ficando nervosas. Todos os ouvidos se esforçam para identificar o barulho das correntes, prenhe de arrepios, que vem de trás dos prédios mudos.

Os motores são acelerados. As engrenagens guincham. Os dínamos cantam.

O nervosismo se espalhou. Não conseguimos distinguir de quem são os tanques. Porta, que é especialista em detectar ruídos de tanques, está pendurado para fora da portinhola de motorista na frente do tanque, escutando, tenso. De repente entra de novo e diz, categórico:

— É mais saudável bater em retirada de cara limpa. Esses são tanques do Ivan, T34.

— Coisa nenhuma — retrucou Pluto. — É o nosso tanque Mark VI. Parece um exército de holandeses de tamancos. Qualquer um consegue distinguir isso. Você devia gargarejar com essas orelhas de papelão!

— Então, por que você está com tanto cuidado, merda? — retrucou Porta, zombando. — Mas logo veremos, rapazes.

Ele se recostou e olhou para mim:

— Trate de preparar a sua espingardinha!

— Se aquele é Ivan, pode me chamar de Adolf. Ou é o Mark IV ou artilharia pesada —, comentou Tiny.

O coronel Hinka está vindo pela comprida coluna de tanques, falando, tranqüilo, com o comandante da companhia.

Pouco depois, von Barring chegou ao nosso tanque e avisou ao Velho, que está sentado na torre:

— Suboficial Beier, prepare-se para uma patrulha de reconhecimento. Precisamos descobrir quem está na nossa frente. Se for Ivan, vai haver o diabo. Ele pode até chegar pela nossa retaguarda, do jeito que estamos.

— Sim, senhor, a Seção número 2 está preparada para a patrulha. — O Velho puxou o mapa e continuou: — A seção vai para...

Alguns projetis caíram então, assobiando, e explodiram numa casa.

— Ivan... Ivan... — gritaram.

Todo mundo começa a correr. Tiros de pistolas automáticas e de rifles cortam o ar. O pânico se alastra. Alguns saltam dos tanques. O medo de morrer queimado dentro de um tanque é arraigado em todas as tripulações de tanques.

Vários dos temidos tanques T34 estão descendo a rua, roncando de modo ameaçador, espalhando fogo de todos os canhões. Alguns lança-chamas estendem suas línguas rubras como sangue para um bando de granadeiros *panzer* espremidos contra as paredes de uma casa. Eles logo se transformam em tochas vivas.

Vários de nossos tanques estão ardendo e iluminam as ruas com seu forte clarão vermelho. Ouvimos explosões dos tanques de gasolina e da munição. O caos espalha-se por toda parte.

Os tanques colidem, na sua tentativa de escapar. É impossível distinguir o amigo do inimigo.

Dois tanques russos se chocam numa chuva de centelhas. Atiram simultaneamente e num segundo são engolidos pelas chamas. A tripulação de um deles aparece numa torre, mas uma rajada de uma metralhadora os derruba. Ficam ali, grelhando, meio pendurados do casco em brasa.

Quatro canhões de 10,5cm começam a atirar, sem direção, contra os T34. Bolas de fogo brancas e vermelhas voam para o céu. Os canhões dos tanques russos atiram sem cessar. A batalha inteira não tem plano nem direção. Desapareceu toda a chefia.

Vários de nossos tanques, atirando furiosamente com todos os canhões, saem de forma e procuram abrigar-se, desesperados.

Tiny, nosso municiador, está de pé com projetis de tanque debaixo de cada braço e berra:

— Atire, seu idiota, atire!

Peço-lhe que se cale e trate do serviço dele.

— Monte de merda — retruca Tiny.

Porta, sentado na direção, dá risada.

— Estão aí tremendo, hein, caras? Bom, é isso que acontece quando não acreditam no Porta. Tanques lindos, esses T34, hein? — ele dá marcha à ré para cima de um muro que desmorona sobre nós, numa nuvem de poeira. Ele depressa manobra o tanque imenso, avança a toda e se choca com violência num T34.

Mal consigo ver parte da torre pelo meu periscópio antes de atirar. O fogo da boca do canhão e a explosão do projetil se fundem, àquela distância pequena. A culatra volta, e um invólucro de granada ardente cai no fundo do tanque. Tiny enfia projetis S de explosivo de ruptura no canhão.

O Velho urra.

— Para trás! Diabos! Porta, seu idiota, para trás! Lá vem outro pela rua. Torre às 11. Viu? Atire, pelo amor de Deus!

...Olhei loucamente pelo periscópio, mas não consegui ver nada senão um rio de balas traçadoras correndo pela rua.

— Seu imbecil, a torre está nas 9, não 11. Vire para 7 menos 36. Entendeu? Fogo, homem!

Um projetil passou pela torre. E mais outro. No momento seguinte, nosso tanque Tiger de sessenta toneladas quase virou, quando Porta deu marcha à ré. Bem próximo de nossa proa passou um T34. Ele girou, jogando água e lama para o céu, depois deslizou uns 12 metros, mas Porta foi tão rápido quanto o motorista russo. Seu tanque girou duas ou três vezes no próprio eixo, Porta sentado à direção imensa, sorrindo satisfeito.

Calquei o pedal. A torre girou. Os triângulos encontraram-se no mecanismo de pontaria. Um projetil foi disparado, e mais outro. Pareceu então que o tanque tinha capotado. Nossos ouvidos tiniam com o ruído de aço contra aço.

Pluto já estava saindo de sua portinhola quando percebeu que tínhamos sido atingidos por um T34 a toda velocidade. Por um instante o tanque russo balançou em suas lagartas. Depois o motor roncou, quando o motorista acelerou ao máximo. Como um aríete alucinado, bateu no nosso flanco esquerdo. Nosso tanque elevou-se num ângulo de 45 graus.

Porta foi lançado para cima de Pluto, arrancando todos os fios de rádio ao cair. Eu fui jogado e parei no lugar de Porta. Por sorte, estava com o meu capacete. Minha cabeça bateu com violência nos ferros da direção. Só Tiny continuava de pé, como se soldado no piso do tanque.

O Velho bateu com a cabeça numa beirada de aço e caiu desacordado, o sangue jorrando de um ferimento profundo na cabeça.

— Filhos da mãe, porcos do merda do Stalin! — berrou Tiny, pela portinhola que ele abrira, na sua fúria.

Alguns projetis silvaram pela torre, e ele logo fechou a portinhola. Ele foi tirando os projetis dos escaninhos, até que eles ficaram na maior confusão no piso da torre. Parecia não se importar com o fato de que, de vez em quando, as pesadas granadas de 8cm caíam sobre seus pés. Ele pôs uns trapos cheios de óleo na cabeça do Velho, rasgou um pedaço da camisa para fazer uma atadura e depois empurrou-o para um escaninho de munição vazio.

— Sou o maior e o mais forte aqui — rugiu Tiny. — Vou assumir o comando! — ele apontou para mim: — E você, seu cáften miserável, só o que tem a fazer é atirar. Pra isso é que te mandaram pra Rússia! — tropeçou nas pernas do Velho. Foi um milagre que não tivesse a cabeça esmagada quando a culatra do canhão voltou com força. Ele me fitou, sem poder falar, e depois explodiu, cheio de raiva: — Seu diabinho, vai matar o seu comandante! De que adianta atirar com essa espingarda de ar comprimido, porra! Recuso-me a assumir o comando. Não quero que atirem contra mim!

Porta e Pluto deram gargalhadas diante da raiva de Tiny. Por um momento, nos esquecemos do perigo mortal em que nos encontrávamos. Estávamos cercados por massas confusas de tanques, canhões e infantaria. Toda a cena estava iluminada pelas ondas furiosas de balas de metralhadoras. Duas baterias antiaéreas de 8,8cm postaram-se perto de nós. Lançavam projetis para as trevas. Mas os lampejos das bocas dos canhões as traíram e logo foram arrasadas por um T34.

... Esta noite é um apocalipse, em que tudo é purificado pelo fogo aniquilador. O grito por ordenanças médicos de centenas de soldados alemães e russos feridos é o acompanhamento da dança de morte no inferno das trevas.

A única coisa que ajuda é afundar o nariz na terra e se achatar, para fugir às balas que assobiam.

Nosso tanque é atingido e em segundos se torna um ruidoso oceano de fogo. Tiny parece um sátiro, ali banhado em chamas, enquanto atira o Velho pela portinhola lateral antes de saltar ele mesmo num chuveiro de centelhas. Rola pelo chão com a farda cheia de óleo, para apagar as chamas.

Exaustos, ficamos ali, ofegantes, tossindo dolorosamente, os pulmões cheios de fumaça.

Só Porta está indiferente. Apanha o gato sarnento que adotou e o leva dentro da túnica e grita:

— Escapamos por um triz, gato velho. Só chamuscou alguns pêlos no seu traseiro!

O pânico se espalha por toda parte. Granadeiros, sapadores, artilheiros de tanque, guardas-civis, infantaria, artilharia, oficiais, suboficiais e praças, todos numa multidão desordenada. Ouvimos o pipoquear agudo dos atiradores de tocaia em volta de nós. Porta agarra um detonador magnético. Nós pegamos umas minas T. Como cobras, rastejamos em direção aos imenos T34.

Vejo Porta saltar em cima de um. O detonador é colocado no devido lugar. Uma explosão. Chamas surgem na torre.

Tiny rasteja até junto de outro tanque. Com cuidado, ele coloca a grande mina T sob a torre, puxa a ponta e salta do tanque em movimento.

Um estrondo tremendo e mais um T34 é liquidado. Tiny está ficando maluco.

— Acabei com um. Porra, mandei um tanque inteiro pros deuses.

É um milagre que um idiota desajeitado como ele não seja atingido, mas evidentemente ele é à prova de bala.

Destravo uma mina T, mas não consigo colocá-la no tanque que passa por perto. A mina explode um pouco atrás dele, e a pressão do ar me atira a vários metros pela rua.

Os monstros de aço, rugindo, se viram e contorcem como trenós, quando freiam. Projetis e mais projetis trovejam de seus canhões.

Aos poucos vamos percebendo que aqueles não são apenas alguns tanques esparsos que furaram nossas defesas. Felizmente, só temos contato com uma fração do seu flanco esquerdo. Nós nos achatamos contra o solo, fingindo que estamos mortos. A terra tem um gosto bom. Nossa amiga, nos oferecendo abrigo! Terra linda, suja, revolvida! Nunca foste tão deliciosa, se bem que a tua lama nos encha os ouvidos, bocas, narizes e olhos.

Terra deliciosa, saturada de sangue, você nos abraça e nos esconde em sua lama sem fundo. A água que escorre por nossas golas parece uma carícia da mão delicada de uma mulher.

A sujeira no nosso equipamento e fardas nos faz parecer torrões de lama animados.

Às oito da manhã está tudo acabado, mas, perto da parte oriental de Cherkassy, ainda ouvimos um fogo pesado e o matraquear das lagartas dos tanques.

Ninguém sugere que possam ser os Mark IV. Nunca mais nos enganaremos, ao ouvir aquele ruído de matraca e estrondo.

... Muitos anos depois da guerra, eu acordava banhado de suor, porque em sonhos tinha ouvido aquele arauto da morte, a matraca do terrível T34 russo.

Devagar, vamos nos levantando da lama. Porta, graças a Deus, você está vivo! O Velho? Onde está o Velho? Respiramos aliviados. Lá está, ainda vivo. Stege, Bauer, o Pequeno Legionário, Möller, embora sempre azedo, cheio de pessimismo e estraga-prazer religioso — todos se abraçam porque estão vivos.

Tiny grita de alegria:

— Não são alguns merdas de T34 que vão tirar o fôlego de Tiny! — ele chuta as lagartas arrancadas da carcaça incendiada de um T34, aquele que destruiu com sua mina T. — Venham, seus diabos vermelhos, que dou um jeito em vocês! — berra em direção das lagartas barulhentas.

Pluto está sentado na lama, as pernas esticadas. Olha para a rua arrasada em que tanques, canhões, carros e caminhões foram triturados numa massa carbonizada de ruínas pelo ataque dos tanques russos.

O coronel Hinka e o capitão von Barring estão andando pela rua, cambaleando como bêbados. Von Barring caminha sem capacete. O sobretudo está preto de suor e queimado. Ele nos atira um punhado de cigarros.

— Então, ainda estão vivos — diz, a voz cansada.

O sangue escorre-lhe de um corte na testa e desce pela face. Ele o enxuga com as costas da mão, sujando a cara toda. O sangue vermelho e a lama dão-lhe um aspecto grotesco, quase diabólico.

Quinze minutos depois nós nos retiramos. O regimento sofreu terríveis perdas. Foram setecentos mortos, 863 feridos. Todos os tanques perdidos. Outros regimentos não se saíram melhor.

Os que tombaram estão espalhados por toda parte. A despeito da terra e da lama, distinguimos as diversas unidades pelas divisas dos ombros. Lá estão uns 12 fuzileiros *panzer*, reduzidos a mingau. O cano de uma arma aponta para o

céu, como um dedo acusador. Os projetis estão espalhados.

Ali adiante, junto de uma fileira de casas incendiadas, está toda uma bateria de canhões de 8,8cm, arrasada pelos rolos compressores russos. Nós ficamos olhando fixamente. É inacreditável que tantos possam morrer em tão pouco tempo.

O inverno chegara com todo o seu horror, com geadas e ventanias que mataram muito mais do que as armas russas.

Aquilo tornou os homens brutais. Começou o terror, e terror gera terror.

Nós nos tornamos animais raivosos, sedentos de sangue. Escarnecíamos dos mortos e gritávamos gracejos para os homens arrasados.

12. FACAS, BAIONETAS E PÁS

ESTAMOS CERCADOS. Não temos tanques. Mais uma vez, lutamos a pé. A neve não pára de cair. A ventania percorre as estepes, uivando, assobiando pelas florestas esparsas, soprando a neve numa grande nuvem de pó. Põe uma camada gelada sobre os canhões, metralhadoras e armas de porte. Traz tristes cumprimentos da Sibéria.

Os homens só podem prestar serviço de sentinela por 15 minutos, depois devem ser rendidos, ou virar cadáveres. Choramos de dor das ulcerações causadas pelo frio. De nossas barbas pendem pingos de gelo. Nossas narinas congelam. Cada bafo parece uma facada. Se tirarmos uma luva, tocarmos num pedaço de metal sem pensar, os dedos grudam, e é impossível tirá-los sem arrancar a pele.

A gangrena torna-se incomodamente comum. Os membros fedorentos e apodrecidos são um espetáculo diário. As amputações sucedem-se nas cabanas sujas que servem de postos de primeiros socorros: um pedaço de perna, uma das mãos, mais um pedaço de perna, outro braço, por vezes tudo ao mesmo tempo, outras vezes aos poucos.

Os jornais tornaram-se um artigo caro, de mercado negro. Um jornal vale cinqüenta cigarros. Salva você, soldado, da gangrena.

No canto está amontoada uma pilha de membros amputados, de um negro azulado, de gangrena. Mesmo congelados e a gente com as narinas geladas, sente-se um vago cheiro.

Os cirurgiões de campanha operam como podem. Por vezes, a única luz para as operações são alguns candeeiros.

Quando um dos feridos morre, é logo jogado para fora. A porta se abre e fecha depressa, para não deixar que o frio entre e atinja os que permanecem vivos.

O regimento está de reserva em Petrushki. Os regimentos totalmente destruídos foram reforçados por novas tropas. Fala-se que receberemos reforços por pára-quedas; é, até mesmo, tropas de escolas de treinamento especial da Alemanha. Mas nenhum de nós veteranos acredita nisso.

No papel, tudo era tão bonitinho. Nas revistas da UFA, dirigidas por Goebbels, éramos um exército grande e formidável, bem equipado com armas modernas e tropas treinadas. A verdade, lamentavelmente, era bem diferente. Nossas reservas eram mal treinadas e tinham armas nada poderosas. Os recrutas que recebemos tinham aprendido a marchar em desfiles e a fazer belas continências, de acordo com os regulamentos do exército. Muitas horas foram perdidas, ensinando-lhes os postos dos oficiais e as graduações das praças. Isso era de grande importância. Afinal, o que seria de um posto de treinamento prussiano sem os recrutas fazendo continências empertigadas aos oficiais de brilhantina que em casa se pavoneavam até a amarga derrota do Terceiro Reich?

Alguns desses heróis surgiram nos campos de prisioneiros, onde continuaram a brincar de oficiais e praças. No momento em que escrevo, vários deles estão andando por aí, fardados, falando com pompa da defesa da pátria. É muito engraçado que nunca tenhamos visto nenhum dessa raça na frente, quero dizer, na linha de frente, onde podíamos contar os botões nas túnicas dos nossos inimigos. Todos os nossos oficiais pertenciam à reserva e foram formados em cursos apressados, de algumas semanas.

Agora estávamos perto da pequena aldeia de Petrushki, aguardando novas armas e bucha para canhão. A espera foi aliviada por jogos de vinte-e-um, a cata de piolhos e discussões entre todos.

O Velho estava enchendo seu cachimbo com *machorka* malcheirosa. Tinha um modo especialmente calmante de fazer isso. Chegava quase a ser possível a gente sonhar que estava de volta a uma aldeia de pescadores à beira-mar, numa noite de luar, quando as luzes da casa namoravam o mar calmo.

Começamos a conversar como só podem fazê-lo homens que passaram juntos por terríveis apertos. Escolhíamos nossas palavras com cuidado. Volumes inteiros podiam ter sido escritos sobre os pensamentos que estavam por trás das palavras lentas do Velho:

— Rapazes, rapazes.

Até mesmo o idiota do Porta, com seu incessante vocabulário obsceno, se calou.

Depois de um momento de silêncio, o Velho disse:

— Vocês verão, Ivan vai lançar todo o 42. Corpo aqui em Cherkassy. — Ele soprou uma grossa nuvem de fumaça na sala, colocou os pés com as botas malfeitas sobre a mesa cheia de panelas gordurosas, esboços do terreno, granadas de mão, pistolas automáticas e um pedaço de pão. — Na minha opinião, Ivan está muito interessado em reunir aqui os seus reforços. Seus

generais já estão esfregando as mãos, esperando outro Stalingrado. Ouçam o que digo, todo o 4. Exército vai para o inferno neste buraco fedorento!

Porta riu bem alto.

— Bom, e por que não? Mais cedo ou mais tarde vamos todos pro inferno, e faremos continência ao diabo ao jeito do exército: "*Heil* Hitler! Frente Vermelha!"

— É verdade, e se um T34 lhe der um empurrão na bunda, você cai direto nos braços do diabo.

Ele e Tiny bateram nas coxas e riram.

— Bem, talvez tenhamos de escavar chumbo e Kolyma antes de chegarmos ao que você chama de inferno — interrompeu Möller.

— É — disse Bauer, pensativo. — Talvez a gente ache até bom o inferno dos padres, depois do de Stalin. Quanto a mim, não tenho vontade alguma de conhecer o terreno em volta de Kap Deshnev.

— Ninguém vai perguntar o que você quer — disse Porta, rindo. — Os nossos colegas do outro lado lhe servirão o inferno dos padres com o auxílio de uma Nagan, e aí você pode começar a procurar a outra metade de sua cabeça. Muito sangue, miolos e lascas de ossos. É o que vai restar. Só a sua farda preta esfarrapada vai mostrar que você é soldado de tanque alemão. Ou talvez o façam mais devagar. Talvez te mandem para um lugar sujo e frio atrás dos montes Urais, por exemplo, Voenna Plenny, e depois de alguns anos, lhe quebrem os ossos com uma coronha de rifle ou uma chibata — *nagajka*. Pra você, vai dar tudo no mesmo. Se tiver sorte, vai levar uma pedra imensa na cabeça, lá nas minas de chumbo. Aí será o final, rápido e indolor.

O Velho chupava o cachimbo.

— Se conseguirmos sair desse caldeirão, logo virá outro. E afinal, quando acabar toda essa droga, seremos mandados para leste. Foi um grande azar ter nascido na Alemanha justamente quando aquele pregador de papel Adolf resolveu imitar Napoleão. Se ao menos a gente pudesse ter certeza do pessoal lá na terra.

Stege deu uma risada, com seu jeito inimitável, gorgolejante e contagiante:

— Bem, uma coisa é bem certa. Adolf perdeu a guerra. Se ao menos pudéssemos destruir os nazistas vermelhos junto com os pardos, seria a primeira vez que uma guerra acabaria de modo sensato.

Um ordenança interrompeu nossa conversa. O Velho devia se apresentar imediatamente ao capitão von Barring.

— Estou sentindo um mau cheiro, amigos — gritou Porta. — Eu, cabo pela graça de Deus no exército nazista congelado, humildemente comunico que o Velho vai ter com Barring para lhe cochicharem ao ouvido que o nosso breve repouso terminou. Estamos na luta de novo. O 27. Regimento de Assassinos e Incendiários voltará a ser a alavanca dos estrategistas de salão. Pro inferno com eles!

Gelado, no seu sobretudo cinzento fino, o Velho foi pela neve para o alojamento de von Barring, do outro lado da aldeia de um quilômetro e meio. O vendaval aumentara, uivando pelo solo russo encharcado de sangue. A quarenta graus negativos, era um inferno quando a neve era jogada em nossos rostos. O frio era pior que tudo, a não ser talvez a falta do sono.

Porta tinha razão. Depois de uma hora o Velho voltou, declarando que a nossa companhia, junto com a 3a. e 8a. Companhias, deveriam formar um grupo de combate e fazer uma cunha para o regimento, tentando sair do caldeirão. Nossa missão era avançar para Terascha e lá forçar uma abertura. O inimigo instalara-se em posições estratégicas, metidos na neve. Logo que chegássemos à aldeia, a Companhia número 5, reforçada, deveria expulsar as forças inimigas rapidamente. Não receberíamos auxílio algum da artilharia. Nossa única chance era um ataque de surpresa durante a noite. Por fim, havia muita falta de munição de armas de porte. O elemento surpresa deveria compensar a nossa fraqueza contra um inimigo com muito mais tropas.

O coronel Hinka foi se despedir de nós. Apertou as mãos dos três jovens comandantes da companhia. Não eram oficiais comissionados, e sim oficiais que tinham sido promovidos das fileiras.

Não tínhamos ilusões. Conhecíamos nosso serviço. Era a única coisa que nos tinham ensinado, mas isso nos ensinaram bem.

— Vocês sabem de que se trata — disse-nos Hinka. — Confio em vocês e no capitão von Barring, seu líder. Para tornar a surpresa total, o assalto será a baionetas caladas, sem nenhum tiro disparado! Boa sorte!

Partimos cheios de apreensões. Não sabíamos que a ação duraria dias. Tampouco sabíamos que apenas poucos das três companhias sairiam com vida.

Ao anoitecer, von Barring atacou a extremidade sul da aldeia de Terascha. A noite estava gelada e sem luar, e a neve brilhava, muito branca. No entanto, devido a esse próprio rigor, o tempo era nosso aliado.

O dia inteiro tivéramos uma patrulha de reconhecimento camuflada postada bem defronte das posições russas. O seu líder comunicara que só havia uma fraca concentração à nossa frente.

A nossa tarefa era agir como um grupo de assalto no flanco direito do grupo de combate.

Pouco antes de sairmos furtivamente, Stege cochichou:

— Um consolo é que estamos a caminho da liberdade.

Ninguém respondeu. Onde se encontraria de fato a liberdade? De ambos os lados o arame farpado e a opressão eram os mesmos.

Cada homem agarrou-se a suas armas e olhou para a noite ameaçadora. Atrás e nos flancos víamos a munição de projetis luminosos. Aquilo mostrava-nos claramente que a cada vez o caldeirão se apertava mais. Em breve Ivan nos apanharia. O ataque era apenas uma última tentativa desesperada para romper o cerco.

As ordens foram sussurradas com cuidado, de homem em homem.

— Baionetas caladas! Avançar!

As companhias moviam-se devagar. Eram quase invisíveis, em suas longas vestes de neve.

O inimigo descobriu-nos quando estávamos a alguns metros de suas posições, mas já era tarde. Avançamos no assalto, e, depois de uma escaramuça breve e feroz, a posição sucumbiu. As outras seções do regimento que nos acompanharam de perto acabaram com os últimos russos.

Prosseguimos, a despeito de uma pesada cortina de fogo dos bosques a oeste de Selische. Corremos para a frente, inteiramente fascinados com nossa sorte. Porta borrifou as posições seguintes à queima-roupa com seu lança-chamas sibilante. Também dessa vez a sorte ajudou-nos e quase não tivemos baixas.

Quando, no meio da noite, chegamos à estrada de Sukhiny — Shenderovka, exaustos e sem fôlego, ouvimos distintamente motores na direção de Sukhiny. Ordens cochichadas mandaram que nos abrigássemos à margem da estrada.

Todos os homens cavaram febrilmente para fazer um buraco na neve. Ficamos atrás de uma bateria antiaérea, escutando os ruídos de motores, cada vez mais intensos.

Não precisamos esperar muito. Uma enorme coluna de imensos caminhões apareceu na estrada de neve dura. Passaram roncando, em primeira, os motores rugindo.

Ficamos ali agachados, calados, à espera, animais selvagens aguardando para matar friamente e sem piedade aquilo que viajava pela estrada. Eram homens cujos pais seriam arrasados pela dor quando recebessem a mensagem: “Seu filho tombou na luta contra os bandidos nazistas, defendendo a nossa amada pátria proletária...”

Seria muito diferente do nosso lado? Não tínhamos também pais em casa, temendo o que era na verdade a mesma mensagem: “Tombaram pelo *Führer* e a pátria...”? Como se uma frase ridícula pudesse consolar uma mãe que continuava a considerar o filho um menino, independentemente da farda que usasse. Quantas mães receberiam essa mensagem antes de terminarmos a luta em Cherkassy? Porém, o banho de sangue que houve ali só foi mencionado nos jornais e relatórios do exército como “uma ação defensiva local na região perto de Cherkassy”.

Imaginamos que os caminhões deviam ser uma unidade a caminho do ponto em que tínhamos rompido o cerco. Evidentemente, os russos ignoravam o ocorrido.

A surpresa foi total, quando abrimos fogo com todas as nossas armas automáticas, a dez metros de distância. Os primeiros caminhões tombaram e romperam em chamas. Alguns dos russos conseguiram atirar com pistolas automáticas antes de serem liquidados pelo fogo cerrado de nossas armas.

Três caminhões carregados de morteiros foram destruídos em alguns segundos. Um grupo conseguiu atirar com todas as suas cargas, mas os projetis explodiram bem atrás de nós, sem causar danos. Alguns sobreviventes que tentaram fugir foram ceifados por nossas metralhadoras. Às três horas da madrugada, nosso grupo de combate tornou a atacar, desta vez em Novo-Buda. Ainda não tínhamos ouvido um único tiro da aldeia.

O capitão von Barring resolveu que devíamos atacar em formação de pinça, do norte e sul, novamente apenas com as infernais baionetas fixas.

Avançamos como espectros sobre as primeiras sentinelas à entrada da aldeia. Vi Porta e o Pequeno Legionário cortarem as gargantas das sentinelas. Tiny e Bauer liquidaram outra. As sentinelas sequer suspiraram quando suas gargantas foram cortadas de uma orelha à outra. Uma delas esperneou um pouco na neve, e o sangue jorrou como um repuxo.

Rastejamos, avançando como cobras, igualmente silenciosos e perigosos. Numa das primeiras casas que invadimos, chefiados por Porta, encontramos alguns russos dormindo deitados no chão de barro batido, enrolados em seus compridos sobretudos. Saltamos sobre eles como raios. Com a respiração pesada, nós os esfaqueamos ferozmente com nossas compridas facas de combate. Minha faca penetrou fundo no peito de um deles. Ele soltou um grito. Em desespero, pisei naquela cara branca, com os olhos cheios de pavor. Inúmeras vezes pisei com as botas de pregos no que um dia fora um rosto.

Os outros estavam igualmente ocupados, destruindo vidas. Porta enfiou a faca na virilha de um gigantesco sargento que quase conseguira se levantar.

O cheiro do sangue quente e intestinos fumegantes era terrível. Vomitei muito, sem poder fazer nada. Um dos nossos homens começou a chorar e estava a ponto de gritar quando Porta lhe deu um soco que o deixou inconsciente. O grito de um louco àquela altura teria sido fatal.

Saímos dali às pressas e seguimos pela extensa rua. De várias casas ouvimos os sons surdos de lutas e gemidos de homens travando a sua batalha malévola. Aquele foi um dos maiores assassinatos em massa que cometemos.

Tiny conseguira apanhar um sabre de um cossaco. Vi-o degolar um tenente russo de um só golpe. Saltei quando a cabeça rolou pelo chão e bateu no Pequeno Legionário, que a chutou.

Corremos de casa em casa, e quando saíamos, não deixávamos sobreviventes.

Às seis horas a aldeia estava em nossas mãos. Numa pressa febril, começamos a nos embrenhar na neve. Assim que os russos se dessem conta do que acontecera, tentariam reconquistar a aldeia. Nenhum de nós escaparia vivo se caísse nas mãos deles. Ali só havia uma lei. A mesma lei bombástica que Hitler e Goebbels tinham gritado, repetidamente: “Lutar até o último homem e a última bala!”

A única diferença era que não nos importávamos a mínima com a pátria ou os objetivos de guerra de Hitler. Lutávamos apenas por nossas vidas. Talvez de fato só tivéssemos travado uma batalha defensiva local.

Nosso grupo inteiro instalara-se numa concavidade grande e comum, na neve. O Velho estava deitado de costas, a cabeça apoiada no saco da máscara de gás e o corpo envolto num sobretudo russo. Porta estava agachado como um muçulmano em cima de montes de botim. Segurava uma garrafa de vodca pelo meio; lambeu os lábios e arrotou alto.

— Porra, mas que guerra essa. Primeiro os nossos inimigos fogem e agora o diabo está atrás de nós. E pensar que o médico me proibiu de correr. Vou contar pra vocês, meus amigos, tenho o coração fraco e não poderei fazer nenhum esforço. Por azar, o médico que me disse isso não era membro do partido, e por isso é que fui preso e posto nesse fedorento exército nazista. Claro que agora ninguém me pergunta sobre meu coração, nem se vou agüentar essa viagem de ida e volta à Rússia. Se a gente não correr, Ivan vai espetar a bunda da gente com a baioneta dele e, a julgar pelo que dizem, isso dói. Se ao menos a gente pudesse fazer um trato com aquelas feras lá, podíamos remanchar um pouco, acho que o Stalin deve ter prometido a eles purê de batata com picadinho de carne de porco

e manteiga quando eles chegarem ao Kurfürstendamm. Alguma coisa deve estar pendurada defronte das cabeças deles pra fazer eles correrem tanto. — Engoliu um bom trago de sua garrafa, e seu pomo-de-adão, muito desenvolvido, movimentou-se loucamente. Parecia sempre que aquilo se embebedava antes dele.

Passou a garrafa ao Pequeno Legionário e disse ao Velho:

— Como você é um sargento "comissionado", terá de esperar até que outras pessoas decentes tomem um gole das uvas maduras do vinhedo do cavalheiro ... portanto, acenda o seu cachimbo! — tirou a garrafa do Pequeno Legionário: — Seu rato do deserto desgraçado — berrou, fazendo-se de zangado —, é assim que se bebe? Por Deus, você deve ter nascido camelo! — tomou mais um gole antes de passar a garrafa para outro. Isso se repetiu todas as vezes, e quando a garrafa chegou ao Velho, já estava quase vazia.

O Velho soltou um palavrão!

Porta levantou uma sobrancelha, ajustou o monóculo e a cartola:

— Caro Velho, não se esqueça, seu velho comissionado, que está aqui com gente nobre, de boa educação. Cuidado com o que fala. Posição de sentido, seu sargento de merda! Não está vendo um cabo, pela graça de Deus? Comporte-se, sua vaca desgraçada. Mas já vamos te ensinar, seu pobre palerma.

Ele levantou-se um pouco e soltou um de seus barulhos vulgares, como sempre.

— É um milagre que todo esse seu palavrório não o sufoque, seu gorila ruivo! — retrucou o Velho. — Mas há de esquecer de falar quando Ivan chegar. Alguma coisa me diz que nossos colegas estão loucos para nos pegar.

— Você é muito esperto mesmo — disse Porta, com um sorriso de desdém. — Eu estava pensando que Ivan ia construir um arco de triunfo para nós desfilarmos por ele com belos passos de ganso. Depois, talvez, quando sairmos do caldeirão, alguns camaradas comissários do Exército Vermelho hão de estar à nossa espera, com sorvete e morangos. É isso que está pensando, seu idiota? Ainda não sabe que estamos em guerra para fazer *Lebensraum*? Isso significa que hordas de ambos os lados morrerão pra dar um pouco de espaço, e no último dia de luta, todos vocês comissionados serão presos, pra não tomarem todo o novo *Lebensraum*. Isso vai ser bom, hein, seu caçador de Cruz de Ferro? — ele abriu um dos fardos, procurou outra garrafa de vodca e quebrou o gargalo. — Vamos nos abastecer um pouco. Este bloco moderno é muito ventoso. Ainda bem que o fogão é portátil, não dependemos do fornecimento do senhorio.

A vodca esquentou-nos. Ríamos e gritávamos tanto que até os russos poderiam nos ouvir.

O coronel Köhler saltou para dentro da nossa trincheira, seguido do tenente Harder. Köhler sacudiu a neve solta e começou a enrolar um cigarro de *machorka* e jornal.

— Ufa, como faz frio... — entregou o cigarro enrolado a Porta e começou a enrolar outro. Porta sorriu para ele.

— Em geral, não aceito nada dos oficiais.

Köhler continuou a enrolar e disse, com calma:

— Cala a boca, seu gorila ruivo.

— Esses mandachuvas não têm modos — continuou Porta, acrescentando um gesto grosseiro dirigido aos oficiais. — Acho que vou entregar meu pedido de demissão e voltar pra casa. Desde que os meus conhecidos do curso de recrutas se tornaram engolidores de sabres, isso aqui ficou insuportável. Não há mais homens educados.

Sem dar atenção a Porta, que, nas suas palhaçadas, estava ficando bêbado, Köhler disse:

— Os russos estão reunindo as forças para atacarem na orla norte da floresta. Acho que vocês estarão bem no meio quando chegarem os nossos colegas, portanto, fiquem alertas!

Porta, que conseguira um rádio portátil, encontrou uma estação alemã irradiando música suave. Um homem com uma voz melosa cantava um sucesso popular.

Nós nos entreolhamos por um segundo e depois demos gargalhadas.

— Essa é boa — gritou Köhler, entre as risadas. — Cá estamos nós, esperando para sermos massacrados numa trincheira a quarenta graus abaixo de zero, e lá em casa estão cantando sobre o grande amor, garotas de roupas sedutoras e luas douradas. Jogue fora essa droga!

Alguém desligou o rádio. Porta pegou a flauta e começou a tocar uma coisa que todos entendemos:

Es geht alles vorüber,
Es geht alles vorbei.
Den Schnapps von Dezember
Kriegen wir im Mai.
Zuerst fällt der Führer
Und dann die Partei.

Das outras trincheiras o pessoal começou a cantar conosco, e as duas últimas linhas foram gritadas pelo deserto de neve com tal fervor que teriam aquecido os corações dos cavalheiros mencionados.

Eles estavam feridos. É preciso imaginação para entender o que isso significa. É preciso passar pelo hospital para entender.

Ferimentos na cabeça, loucura, lesões na coluna, paralisia, amputações duplas, amputações dos quatro membros, restando apenas o tronco e a cabeça — os olhos destruídos —, cegueira — ferimentos nos pulmões —, casos de rins — ferimentos no estômago —, fraturas de ossos em que as lascas saíam todos os dias — ferimentos em nariz e boca —, ferimentos nas articulações que levariam o homem a se arrastar pelo resto da vida e deixar os pés irem caindo pelas escadas — bam-bam-bam, tentando as crianças a zombarem dele.

13. CHERKASSY

A LUA ESTÁ fria. Pendurada torta no céu, pingando a geada nas árvores e arbustos. A geada estala. Até mesmo nós, que estávamos bebendo vodca, ficamos gelados. Estamos vigiando há 12 horas, nas nossas trincheiras de neve cavadas no solo gelado. É impossível suportar o frio da Rússia. Os chapéus de pele ficam duros, as abas batem no rosto da gente, que já está inchado, com frieiras e feridas. Os lábios também estão inchados, estourando com cascas arroxeadas. Quando, além disso, a gente passa fome, em sua forma mais brutal, a vida se torna intolerável.

A chefia militar alemã onipotente, à sua maneira bombástica, esqueceu-se de se prevenir contra o pior de nossos inimigos — a natureza.

Morreram mais soldados de congelamento e doenças do que pelo fogo do inimigo. O melhor aliado da Rússia foi a natureza, o inverno russo. Apenas as tropas siberianas podiam suportá-lo. O inverno parecia tornar aqueles pequenos soldados, com as maçãs do rosto salientes, mais satisfeitos e cheios de vontade de lutar.

Porta foi o primeiro a notar um movimento na paisagem à nossa frente. Ele me cutucou e apontou, calado. Espiamos para o escuro, ansiosos.

E então, eles estavam em cima de nós. Os vultos, com suas roupas de neve, saltaram do vazio e caíram como lobos em nossas posições. Atirei furiosamente com a minha pistola automática apoiada no quadril, em tudo que se movesse. A trincheira fervilhava com aqueles atiradores siberianos, de chapéus de pele e olhos rasgados. Em combate corpo a corpo eles usavam a temível *kandra*, faca siberiana que é afiada dos dois lados e parece uma faca de açougueiro comprida, só que mais resistente. Um único golpe de uma *kandra* degola um soldado em roupas de inverno. Costas com costas, usamos nossas armas como cajados. Ivan

está tão perto que não temos tempo de recarregar.

Decorridos alguns minutos, saltamos para fora da trincheira e voltamos correndo para as cabanas, jogando-nos para nos abrigar atrás das paredes. Conseguimos recarregar as armas. O fogo pipoca. As balas traçadoras enchem o ar, que está tomado pelo barulho ensurdecedor.

Na noite cheia de neve, é difícil distinguir o amigo do inimigo. A gente atira por instinto. Atingimos nossos próprios homens. Isso também acontece com os russos.

Nosso grupo de combate está todo espalhado. Cessou toda a comunicação entre as unidades.

O capitão von Barring e o tenente Harder reúnem alguns dos homens de nossa companhia. Usando as cabanas e os montes de neve como cobertura, voltamos correndo pela aldeia. No caminho, um dos recrutas de 17 anos é atingido por uma granada explosiva. Ele grita bem alto, em tom acusador e depois se verga.

Uma metralhadora pesada começa a nos varrer da esquerda. As balas caem junto do recruta morto, revolvendo a neve.

Chegamos a uma cabana, entramos às pressas e nos atiramos no chão. Mas, mal entramos, aparecem no vão da porta dois homenzinhos de chapéu de pele, da Sibéria longínqua. Uma rajada de tiros varre a cabana e reverbera dolorosamente em nossos ouvidos.

Somos 18 homens deitados ali como mortos, quase acreditando que morremos. Depois está tudo acabado. Os dois russos fogem, perseguidos pelas detonações ocas das granadas de mão. Disparam pela noite afora. Tentamos apanhá-los, mas tropeçamos e afundamos na neve espessa. Parecemos sufocar.

Logo depois ficamos com a respiração ofegante e, com uma pressão doentia no fundo do olho, desaparecemos num imenso monte de neve, onde nos deitamos com roupas de neve brancas, fundindo-nos com a paisagem. Tudo aquilo é um grande pesadelo.

Surgem então dois vultos bem na nossa frente. Rápido como um relâmpago, o Velho e o Pequeno Legionário levam os rifles ao ombro e os tiros chovem sobre os dois vultos disformes. Tudo vira um inferno. As balas traçadoras chovem de toda parte.

Vejo Tiny atirando granadas de mão como um possesso. Perco o controle e me comprimo no chão, desesperado. Grito. Minhas unhas se partem ao arranharem a neve gelada. O Velho me puxa quando voltamos correndo.

A confusão é geral. Estou correndo ao lado de um russo; ele está tão apavorado quanto nós. Felizmente, eu o avisto primeiro. Jogo minha pistola

automática na cara dele, com um golpe mortal. Ele cai ao chão, pesadamente.

O Velho grita e aponta para a frente. Paralisados, paramos e olhamos para o céu cinzento; então vemos coisas que berram e lançam línguas de chamas de cem metros de comprimento. Aproximam-se muito rápido da aldeia que acabamos de reconquistar.

Como que obedecendo a ordens, tanto os russos como nós corremos para nos abrigar. O que vem pelos ares não distingue o alvo: são baterias de foguetes. Para esquentar mesmo as coisas, os alemães começam a atirar foguetes contra a aldeia condenada.

Cada vez que cai uma carga, parece um terremoto. Dura apenas poucos minutos. As casas se espalham como formigueiros. Não resta nada da aldeia.

As chamas estão-nos expulsando, a nós e aos poucos sobreviventes da aldeia. O frio não nos tortura mais; agora é o oceano de fogo, de um calor abrasador. Os animais ficam loucos, de dor e pavor. As crianças descalças correm, perdidas, entre as mulheres que soluçam loucamente. Ouve-se o fogo das armas automáticas naquele inferno. As pessoas caem, praguejando em sua agonia de morte.

Eles amaldiçoam qualquer pessoa ou coisa pelo seu tormento: Deus, diabo, ditador, pátria.

Ninguém no grupo de combate poderia dizer de que modo aquele monte de entulho chamado Novo-Buda chegou às nossas mãos.

O relatório enviado ao quartel-general era breve e lacônico:

“Novo-Buda livre de forças inimigas. Guardamos a posição.

Aguardamos ordens.

Grupo de Combate Barring”

Do lado dos russos, durante todo o dia ouvimos ruídos de motores das viaturas pesadas. Porta tinha certeza de que Ivan se preparava para nos liquidar. Nesse caso, não tínhamos qualquer chance! Íamos ser arrasados.

Porta e um radioperador chamado Rudi Schutz, outro cabo, conseguiram entrar na faixa dos russos.

Podíamos então ouvir as conversas deles. Do outro lado, eles pareciam ter os mesmos problemas que nós tínhamos com os nossos oficiais. Ameaças e mais ameaças sublinhavam todas as ordens emitidas para os homens na linha de frente.

Estávamos deitados nas nossas trincheiras de neve, tendo providenciado para que as nossas armas automáticas tivessem um amplo campo de tiro. A temperatura chegava a 47 graus abaixo de zero, e começava a nevar de novo.

O estranho é que nesse dia Ivan tentou apenas alguns ataques a esmo, que revidamos com facilidade. Mas sabíamos que havia algo reservado para nós.

Hora após hora, escutamos o rádio de Schutz, até que, de manhã bem cedo, ouvimos um comandante inimigo perguntar:

— Podemos tomar N?

— Por certo, coronel, mas vai ser difícil. Achamos que há fortes contingentes inimigos em N.

Após algum silêncio de poucos minutos, ouvimos a voz do comandante inimigo:

— Os batalhões restabeleceram o contato. Vocês atacam às 13:45h.

— Sim, entendido. Atacamos às 13:45h.

Essa conversa foi o princípio de uma batalha que seria incrivelmente dura e amarga.

Começou pontualmente. Os russos atacaram com uma precisão de cronômetro. Chegaram com tanques T34 e T60. Devagar, foram abrindo caminho pela neve com metros de profundidade. Eles nos propiciaram uma boa caçada.

Por algum motivo, a infantaria russa se conteve, para ver o resultado do assalto de tanques, mas durante a noite conseguiram abrir caminho até o meio da aldeia. Nós nos retiramos com muitas baixas, deixando nossos feridos para trás.

Mais uma vez, nos enterramos na neve e nos defendemos contra os russos, que atacavam com fúria.

A batalha durou horas, e depois os russos se retiraram. De manhã, tínhamos recebido algumas unidades ditas de apoio como substituições, mas foram de pouca utilidade. Nunca poderiam ser agrupadas por si, sem um lastro. Assim que viam um russo, fugiam.

Ao cair da noite, tornamos a ouvir os russos pelo rádio.

Um comandante de batalhão, desesperado, dizia:

— A infantaria não pode se mover. Nossos tanques estão atolados, as tripulações mortas ou aprisionadas. Os caminhões estão em montes de neve que se tornam cada vez maiores. Estamos sendo fortemente atacados de Sukhiny, com projetis de morteiros e artilharia. Apesar de fortes ruídos de motores do noroeste, não observamos tanques nem artilharia de assalto. Acredito que Fritz atacará do sul para leste em Sukhiny. Eles têm muitas forças concentradas ali. Quatro oficiais foram executados por covardia.

Após um silêncio de alguns minutos, o comandante inimigo começou a soltar palavrões e imprecações ameaçando o seu ouvinte com o rebaixamento,

conselho de guerra e campos de reabilitação. Depois foi ao assunto:

— Vocês precisam capturar N, a qualquer preço. Tentem de dois flancos. Ataquem dentro de uma hora, exatamente às 15:00h. Não ousem ser derrotados. Não receberão apoio da artilharia. Isso os ajudará a surpreender os cães alemães. Final.

Comunicamos a conversa imediatamente, e von Barring aprontou as armas automáticas do grupo de combate para dar uma boa recepção aos nossos colegas.

Os minutos foram se arrastando. Cada minuto parecia durar uma hora. Só Porta se mantinha calmo. Estava deitado de costas, mastigando um pedaço de pão seco que encontrara numa mochila russa. O lança-chamas estava sobre a barriga dele, pronto para ser usado.

Porta tinha um carinho especial por aquela arma mortífera. Na verdade, ele era um exímio atirador. Ninguém sabia quem o fizera lançador de chamas. Nós, os mais velhos, nos lembrávamos vagamente que fora logo depois que o 27. Regimento confraternizara com os russos em Stalino. Fazia tanto tempo que todos já haviam desistido de perguntar àquele berlinense ruivo onde arranjara o seu lança-chamas, ou como conseguia ainda conservar seu rifle de atirador de tocaia com as miras telescópicas.

Quando os russos atacaram, foi com tal ímpeto e fúria que quase nos deixaram sem fôlego. Contudo, conseguimos nos agarrar àquela droga de aldeia. Como, ninguém sabe. Mas conseguimos, e evitamos um conselho de guerra, assim como os nossos colegas do outro lado conseguiram, como ouvimos pelo rádio, horas depois:

— Como se saíram, em N?

— Fomos obrigados a recuar depois do último ataque. Nossos atiradores estão exaustos. O coronel Bleze suicidou-se.

— Bom! Era o dever dele. Não precisamos de comandantes de infantaria ineficientes. O major Krashennikov do 3. Batalhão vai assumir o regimento.

Após um breve silêncio, o comandante inimigo perguntou:

— Como se portaram os alemães?

— São muito grosseiros. Alguns gritam e vaiam. Devem ter lá alguns franceses, e talvez maometanos.

— O que é que gritam?

— *Je m’enfous* e *Allah-akbar*.

— Vamos tratar disso, mas capturem alguns prisioneiros para vermos se têm alguns voluntários franceses. Se tiverem, serão todos liquidados. Vamos arrasá-los com a artilharia durante duas horas, e depois vocês continuam — N precisa

ser liquidada!

Os russos metralharam-nos a esmo o dia todo. O bombardeio berrava, martelava e troava. A noite toda o *Incapaz* (antigo bombardeiro russo monomotor U2) descarregou sua carga mortífera sobre nós. Numa noite lançaram oitocentas bombas numa área de quatrocentos metros quadrados.

O único lugar em que pudemos nos enfiar foi num local em que uma casa fora incendiada e derretera a neve. Ficamos sentados ali, vendo o fogo sempre crescente dos morteiros, canhões e das grandes baterias de foguetes ("órgãos de Stalin"). Eles levaram dias nos bombardeando, o tempo todo juntando reforços. Parecíamos ser um corpo de exército, e não um simples grupo de combate da infantaria, formado de algumas companhias exaustas e por vezes alucinadas de medo diante dos inúmeros ataques inimigos.

Colocamos nossos feridos numa casamata que construímos debaixo de uma cabana de camponês incendiada. Lá estão eles, com as ataduras ensangüentadas e congeladas em volta dos ferimentos.

Entrar numa dessas trincheiras é como visitar um inferno. Ali perto, por trás dos abrigos inadequados existentes, os metralhadores estão prontos para carregar as armas. Os com ferimentos leves trabalham como ajudantes.

Mastigamos batatas congeladas para afugentar a terrível fome. Estamos todos vestidos de sobretudos finos, com camisões de neve por cima. Como Porta e Tiny, alguns tiveram a sorte de conseguir alguns chapéus de peles russos e botas de feltro, mas outros, que só têm as botas de montaria idiotas e um lenço em volta da cabeça, não têm proteção contra o frio intenso.

No dia 26 de janeiro as comunicações com a retaguarda, inclusive as ligações telefônicas, são rompidas. Ficamos então inteiramente por nossa conta.

O coronel Köhler, sentado na nossa trincheira com o capitão von Barring e o tenente Harder, faz um gesto de indiferença com a mão para exprimir sua resignação quando a notícia nos é dada.

— Bem, a divisão nos riscou. Idéia esquisita. Agora só resta um caminho, rapazes, que é para a frente. E lá está Ivan.

Porta, o Pequeno Legionário e Pluto estão deitados numa trincheira, bem na frente. Construíram uma verdadeira fortaleza. Apesar da falta de munição, conseguiram uma caixa de granadas de mão russas. Porta e o Pequeno Legionário têm cada um um rifle de atirador de tocaia, e Pluto conseguiu uma metralhadora leve russa, que adaptou para atirar um tiro de cada vez. Os três são exímios atiradores. De vez em quando, dão gargalhadas, e ouvimos Pluto aplaudir.

— Ótimo, Porta, meu velho. Lá se vai outro filho da mãe!

— Alá é sábio. Ele dirige minha mão e meu olho — diz o Pequeno Legionário, muito sério, apertando o gatilho e atingindo um russo, que logo cai.

— É uma pena que não consigamos pegar uns caras do partido do nosso ninho de ratos — diz Pluto, e levanta o rifle depressa. Ouvese um tiro. — Ah, seu porco do Stalin, agora está com dor de cabeça? — ele abaixa o rifle e continua: — Se só mandarmos os vermelhos pro inferno, o diabo vai ficar aborrecido com as entregas monótonas de nós três.

— Quantos você liquidou? — pergunta Porta. — Eu contei 37.

Pluto olha para um papel preso sob uma granada de mão, que serve de peso. Faz uma cruz cada vez que tem certeza de que matou um russo, e um traço quando se mostra indeciso.

— São 37 viajantes pro inferno, nove casos de hospital.

— Vão dar parte de você ao RSPCA se continuar a ferir aquelas feras vermelhas — comentou o Pequeno Legionário. — Todos os meus estão garantidos no inferno. Tenho 42 e sete oficiais. A estrela de esmalte vermelho que têm nos chapéus de pele é um alvo maravilhoso. Quando eles chegarem àquele pinheiro ali, temos uns duzentos metros pra acertar neles.

— Muito bem, rapazes — disse Porta, feliz. — Hoje batemos o nosso recorde com 19 cadáveres. Isso é formidável. Ei, seu acrobata esfarrapado! — gritou ele, apertando o gatilho. — Agora temos vinte. Viu como a cabeça dele saltou toda? Aposto que ele nunca se barbeou tão bem!

O Pequeno Legionário pôs as mãos em concha em volta da boca e gritou para os russos:

— *Monte la-dessus, tu verra Montmartre!* — e apertou o gatilho.

A resposta veio sob a forma de uma saraivada de balas de uma metralhadora pesada. Os três pularam para a trincheira e ficaram lá, rindo.

— Vamos cantar pra eles — sugeriu Pluto.

Eles cantaram, bem forte:

Wir haben noch nicht
Wir haben noch nicht
Wir haben noch nicht
Die Schnauze voll!

O tenente Harder e o Velho maldisseram os três por aqueles tiros a esmo que só irritariam os russos e os tentariam a atos desesperados. Mas, como Porta já era soldado quando o tenente Harder ainda estava no colégio, ele não ligou para Harder.

Quanto ao Velho, sequer reconhecia-o como seu superior. Sem tirar os olhos das posições russas, respondeu com escárnio:

— Escutem, seus dois aprendizes para a Cruz de Ferro, Pluto, o rato do deserto e eu estamos muito ocupados com a nossa guerra. Desde que vimos aquela crucificação que Ivan preparou para dois artilheiros do 104. outro dia, resolvemos cortar as garras desses filhos da mãe vermelhos aí do outro lado. Como adoramos atirar, é bom se cuidarem pra gente não meter uma bala nas suas bocas pra pararem de aborrecer. *Heil* Hitler, beija o meu traseiro, meu anjo! É melhor darem o fora: nós três tratamos do Ivan. — Ergueu o rifle com as miras telescópicas, apertou o gatilho e declarou com um sorriso para os dois amigos:

— Mais um discípulo da companhia de transportes siberiana comprou sua passagem pro inferno!

Havíamos colocado um posto de metralhadora numa casamata especialmente bem construída no flanco sul do povoado em ruínas. Ela já havia repelido vários ataques com êxito, mas um dia, de manhã cedo, os russos invadiram-na e aprisionaram todos os do posto, com exceção do chefe da seção e um velho suboficial, que eles mataram. Vimos os russos obrigá-lo a se ajoelhar na neve e depois levarem uma pistola ao pescoço do velho. Ele se contorceu, quando levou o tiro, depois rolou como uma bola morro abaixo, a neve formando uma nuvem em volta dele.

Os oito prisioneiros foram levados, escoltados por dois comunas que seguiam atrás com suas pistolas automáticas. Precisavam passar por um trecho aberto onde nós, da trincheira de Porta, tínhamos um bom campo para atirar.

Porta e seus dois colegas estavam com as armas preparadas. Três tiros soaram como um só e atingiram as cabeças dos dois russos que marchavam atrás dos prisioneiros.

Nossos oito companheiros capturados entenderam logo que chegara a sua oportunidade. Como que obedecendo a uma ordem, todos procuraram se abrigar perto de nossas posições.

Pluto levantou-se de um salto e foi para a casamata com a metralhadora no quadril. Abriu a porta com um pontapé e ficou na abertura, as pernas abertas, enquanto enchia os russos aglomerados ali de balas. Seu corpo de gigante balançava com o coice da arma. Ele ria e gritava ao despejar as balas nos russos, que estavam aos gritos. Eles tombaram como o trigo diante de uma ceifadeira bem lubrificada.

Dois russos saíram cambaleando, as mãos para o alto. Pluto recuou um passo, derrubou-os na neve com um pontapé e esvaziou o pente em seus corpos

trêmulos.

— Saiam daí, os que estiveram vivos. E vou mostrar como tratar os prisioneiros no estilo de vocês! — berrou ele.

Ouvimos um vago gemido da casamata, mas ninguém apareceu. Pluto pegou duas granadas de mão do cinturão e jogou-as na casamata. Elas explodiram num ronco oco naquele monte de cadáveres.

Num dos últimos ataques, Köhler teve um olho arrancado. Ficou louco de dor, mas, apesar de von Barring tentar convencê-lo a ir para o posto médico, ele insistiu em ficar. Sem dúvida, estava com medo de ficar preso na enfermaria com os feridos.

Todos nós tínhamos pavor de cair nas mãos dos russos. Já havíamos visto muitas das atrocidades cometidas pelos russos com os prisioneiros para termos qualquer ilusão de escaparmos ilesos.

Tiros na nuca, crucificações, braços e pernas esmagados, membros decepados, castrações, olhos arrancados, cartuchos vazios martelados nas testas. Isso era comum, a não ser que se fosse destinado a viajar para a Sibéria, onde um destino pior ainda o aguardava.

Na manhã do dia 27 de fevereiro, Ivan começou um fogo estranhamente disperso. Primeiro foi dirigido contra nós, depois à Companhia número 8, com o tenente Wenck, depois para a Companhia número 3, do coronel Köhler.

Aquilo durou aproximadamente uma hora. Depois fez-se um silêncio, um silêncio incômodo, que se sente em geral apenas nas montanhas e grandes florestas. Parecia querer esmagar-nos.

Nervosos, ficamos de olho nos russos, mas tudo permaneceu num silêncio ameaçador.

Passaram-se umas três ou quatro horas nesse silêncio mortal.

Von Barring examinou a paisagem com o binóculo, e depois cochichou para o Velho, que estava estendido ao lado dele:

— Vai acontecer alguma coisa ruim. Este silêncio está quase sugando a medula da minha espinha.

De repente ele berrou algumas ordens. Então vimos o que era. Os russos estavam fervilhando na posição da Companhia número 3.

— Köhler, fogo, pelo amor de Deus, fogo, fogo — gritou von Barring.

Perdidos, ficamos olhando para eles. Estavam por toda parte, naquele setor.

Algumas granadas de mão explodiram e romperam o silêncio profundo. Gememos de frustração, por ter de presenciar aquele desastre sem poder ajudar.

Os russos tinham caído em silêncio sobre a retaguarda da Companhia número 3, pela esquerda. Alguns se defenderam desesperadamente com pás e coronhas, até serem atingidos.

Pluto e Tiny queriam correr para lá, mas von Barring deteve-os, soluçando:

— É tarde. Não podemos ajudar.

Vimos dois russos agarrarem Köhler, enquanto um terceiro lhe esmagava a cabeça com sua pistola automática.

Aquilo não durou mais que dez minutos. Depois a Companhia número 3 não existia mais.

Os russos viraram-se contra nós, mas graças a Porta e o Pequeno Legionário, conseguimos nos livrar deles.

Sem aguardar as ordens de von Barring, eles correram para as casamatas nos arredores do povoado. Von Barring reuniu depressa seu grupo e, tendo o Velho ao lado, assaltou as casamatas ao alto do morro. Nossa única chance era chegar lá antes da infantaria de Ivan.

— Berrem o mais que puderem — rugiu von Barring. — Berrem como o diabo, como selvagens!

Gritando e berrando, avançamos às carreiras. Por um momento, os russos pararam, espantados.

Tiny e Möller atiraram furiosamente, na corrida para as casamatas.

O lança-chamas de Porta começou então a soltar fogo. O Pequeno Legionário estava ali agachado, atirando loucamente contra os russos.

Um gigantesco capitão, que dominava seus homens, rugia palavras inspiradoras das obras de Ilya Ehrenburg. Podíamos ouvi-lo claramente, enquanto ele brandia a pistola automática como um cassetete acima da cabeça.

Pluto ajoelhou-se e mirou com cuidado. O capitão, obrigado a parar, largou a metralhadora, segurou a cabeça com as mãos, deu meia-volta e caiu de joelhos, devagar.

— Agora o brutamontes pode continuar sua merda de Ehrenburg no inferno — disse Pluto, com um sorriso mortífero.

O tenente Harder teve um acesso de fanatismo. Avançou agarrado no seu mosquestão de assalto e berrando como doido.

Bauer uivava como um cão. Carregava a metralhadora leve no ombro e em cada mão tinha uma granada de mão. Atirou uma delas sobre um grupo de russos que subiam o morro num assalto. Quando ela explodiu, um braço foi jogado pelos ares. No momento seguinte, a segunda granada de Bauer explodiu no meio dos russos feridos.

Ofegantes, chegamos ao alto do morro pouco à frente dos comunas. Três metralhadoras dispararam contra eles, ruidosamente.

O ataque falseou. Os russos começaram a recuar, mas a loucura apossara-se de nós. Todos nos levantamos de um salto e seguimos a ordem de von Barring:

— Grupo de combate, baionetas caladas, sigam-me!

Assaltamos os russos que berravam e agora estavam em pânico. Eles largaram as armas e fugiram.

Alguns oficiais mantiveram-se nos postos, gritando e tentando impedi-los. Alcancei um deles e enfiei minha baioneta nas costas dele. Consegui puxar a baioneta assim que ele caía com um grito. Atirei na cabeça dele e continuei, berrando.

As posições dos russos logo foram liquidadas, à custa de granadas de mão e baionetas. Von Barring deu a ordem de retirada. Levamos alguns morteiros e caixas de munição.

Porta conseguiu comida enlatada americana da casamata de um oficial. Depois explodiu tudo com uma mina russa.

Quando retornamos a nossas posições, formavam-se duas seções dos homens de diversas unidades do grupo de combate que agora substituíam a Companhia número 3, que fora massacrada, e o tenente Harder assumiu o comando.

Estava tudo envolto em silêncio. Escureceu. A neve caía tranqüila. O Velho se embrulhou bem no sobretudo, mas o frio continuava a penetrar. Porta estava deitado de costas, afagando o gato e lhe dizendo tolices.

— O que é que você acha, meu velho? Devemos restituir o nosso título a essa sociedade para a manutenção da guerra em que nos metemos? É a única coisa a fazer, não é?

Möller riu, apático.

— Seria bom se pudéssemos!

— Será aceito apenas um motivo para a restituição do título: uma bala na cabeça — disse von Barring.

— Talvez isso se aplique ao Möller — interrompeu Tiny — mas não a mim. Não sonho em ser morto por esses bandidos da estepe emproados do lado de lá! — fez menção de se levantar e gritou para Ivan:

— Ei, Tovarich! Ei, russinhos, russinhos!

Uma voz das posições russas respondeu:

— O que é que você quer, seu porco alemão? Venha cá e castramos você, seu cão fascista!

— Venha cá, seu cigano sarnento, que te fervo na tua gordura! — rugiu Tiny, em resposta.

Durante meia hora os palavrões mais obscenos foram trocados, e depois o capitão von Barring os fez parar.

O silêncio caiu sobre a vastidão branca. Depois, de repente, à direita de nossa posição, um barulho ensurdecedor!

Surpresos, nos enfiamos em nossos refúgios.

— Que diabo foi isso? — perguntou Bauer, olhando para o bosque onde os projetis tinham caído, em violentas explosões.

— Lança-minas ou *nebelwerfers* (morteiros de fumaça) — disse Porta, rindo. — E são dos nossos.

Ouvimos outra explosão e os projetis de fogo irradiante voaram pela noite.

— Aposto que agora Ivan está levando o que procurou — disse Stege, rindo. — Se ao menos tivéssemos algumas bazucas como aquela, poderíamos parar com a bazófia deles.

Eles continuaram a atirar a noite toda, mantendo-nos acordados. Adormecer seria um perigo mortal.

Ao amanhecer, Porta e o Pequeno Legionário começaram a atirar granadas de mão num alvo que não conseguíamos ver. Metralhadoras instaladas em frente à grande casamata atiraram ininterruptamente.

Olhamos para elas, nervosos.

— Será que Ivan está rompendo o cerco de novo? — perguntou o Velho, sem obter resposta.

Agarramo-nos às nossas armas. Estávamos prontos para tornar a receber Ivan, mas nos 15 minutos seguintes os tiros cessaram.

O Velho pôs as mãos em concha e gritou para Porta:

— O que está acontecendo aí do seu lado?

— Promete não contar nada a ninguém? — indagou Porta.

— Prometo — respondeu o Velho, espantado.

— Estamos numa guerra, meu querido. — Foi a resposta de Porta.

O regimento mais uma vez se comunicou conosco. Mandaram que mantivéssemos nossas posições. Prometeram nos ajudar logo, mas passaram-se três dias antes de chegar o socorro prometido, mas chegou com força total.

No dia 8 de março, de manhã, ouvimos os russos no nosso rádio pela última vez.

— Como vai indo N? — perguntou o comandante inimigo ao seu comandante do regimento.

— Nem podemos levantar a cabeça. Estamos sob pesado fogo de metralhadoras. Eles também têm morteiros pesados, e hoje de manhã receberam apoio do ar.

— Até onde chegaram?

— O regimento está a oeste de N. Nossos últimos tanques ficaram atolados na neve, e as tripulações foram liquidadas por Fritz.

— Isso é impossível. Uma aldeia destruída com algumas centenas de alemães, ainda resistindo! Ataquem imediatamente com carga total, lancem mão de tudo à disposição. Tratem de ocupar N. Depois que tomarem N, tragam-me o comandante inimigo. Vocês responderão com a vida pela queda de N com esse assalto. Câmbio.

Era o 53. ataque dos russos durante nossa estada em Novo-Buda. Quando começou, para alegria nossa, recebemos o apoio de toda uma esquadrilha de caças. Chegaram rugindo muito baixo, os canhões metralhando os russos, que entraram em pânico diante da morte volante que berrava acima deles.

O grupo de combate atacou logo. Com gritos roucos, assaltamos o inimigo. Do fundo de suas posições, eles lutaram como loucos. Estávamos embriagados pela sede de sangue. Dávamos punhaladas e estocadas por todo lado, enquanto os aviões despejavam bombas na artilharia na retaguarda.

Porta fez o seu lança-chamas voltar-se para as casamatas, queimando tudo o que era vivo ali.

As granadas de mão explodiam com suas detonações ocas. O matraquear seco dos mosquetões de assalto misturava-se ao som áspero das metralhadoras.

Um grupo de russos começou a nos atacar da esquerda, e de repente deu meia-volta e desapareceu.

Ouvíamos a voz de um comissário incentivando os homens com lemas do inevitável Ilya Ehrenburg. Pouco depois eles apareceram, mas o ataque foi fraco. Não encontramos dificuldade em repeli-lo com um cerrado fogo de metralhadoras.

Com um berro, Stege saltou sobre um comissário russo. Evidentemente, ele o queria vivo. Mas o comuna era muito ágil e se desviou habilmente para não ser capturado. A perseguição durou algum tempo, e então Stege parou de correr, segurou a pistola automática e atirou na cabeça do comissário, que parou imediatamente, como se também suas pernas tivessem sido atingidas. Stege correu depressa para junto dele e arrancou-lhe a estrela vermelha rodeada de dourado no braço. Como um pele-vermelha que conseguiu um escalpo, ele levou o emblema para von Barring, todo feliz.

A pistola automática do tenente Harder tinha enguiçado quando ele estava lutando contra um bando de russos. Um deles acertou-lhe um tiro no pescoço, e uma golfada de sangue jorrou da garganta dele. Com dificuldade, conseguimos pôr-lhe uma atadura e transportá-lo para a casamata onde estavam os nossos muitos feridos.

Durante a noite, fomos retirados e levados a um setor mais calmo para descansar.

Eram essas as suas conversas. Essas as suas tristezas, grandes e pequenas. Essa a camaradagem deles. O medo do homem das selvas. A brutalidade do homem na idade da pedra.

Eles não eram assim no princípio, mas o tempo, os tiranos e a guerra transformaram-nos no que eram.

14. CAMPO DE REPOUSO

— ESTÃO VENDO — declarou Porta —, mais uma vez a nossa corporação escapou dos atiradores russos. Sabem o que é que isso prova?

Tiny olhou para ele e piscou os olhos.

— Prova que temos sorte.

— Que Deus te ajude, seu especialista em putas, o que mais se poderia esperar de você!

— Está se metendo a engraçadinho? — indagou Tiny, truculento.

— Estou — retrucou Porta —, e é mais do que você sabe ser. — Apontou para o outro com um dedo acusador e disse: — Deite-se, seu vira-lata grandalhão, senão Ivan vem e morde você. Não, prova que eu sou esperto e corajoso. Vocês, cães prussianos nojentos! Acreditam mesmo que conseguiriam enfrentar Ivan sem minha ajuda? Não, seus gambás fedorentos, essa guerra vai terminar quando eu, Joseph Porta, cabo pela graça de Deus, for reformado... ou será que chamam a isso de créditos de pós-guerra?

— Se forem créditos de pós-guerra — disse o Velho, rindo —, já esperei quase dez anos, mas não se preocupe, Porta, você não vai receber nem pensão nem créditos de pós-guerra quando terminar esta guerra. Na melhor das hipóteses, vai ser chutado do exército ou levado àquele campo de concentração de onde o tiraram para lutar direitinho por *Herr* Hitler.

— Só Deus sabe o que vai acontecer quando acabar a guerra — disse Bauer, com um ar sonhador. — Será que será possível sermos normais de novo?

— Você não — gritou Porta. — Você nunca foi normal, desde que era bebê de peito e bebeu toda aquela ciência nazista da sua mãe nacional-socialista. Pra mim, é diferente. Sou comuna, e tenho documentos que o provam. Aprendi, antes de você, a limpar o nariz. Nenhum de vocês, palermas, jamais foi normal. Vocês são e sempre serão animais. O seu horizonte se limita a serem chefes de seção nesta sociedade de desbravadores. Prestem a si mesmos e ao mundo o favor de tombarem pelo nosso querido Adolf-*Führer* e o Terceiro Reich de maneira regulamentar. Assim, os vencedores não terão o dever de castigá-los.

— Ora, cala a boca, seu palhaço — gaguejou Pluto. — Sou um ladrão honesto e trabalhador de Hamburgo, e isso vale tanto quanto um comuna de Berlim. Mas só peço...

— Já ouviram! — gritou Tiny. — Eu também sou um ladrão bom e educado, que será muito útil quando acabar a guerra.

Pluto debruçou-se para a frente na sua enxerga de palha, cheirando a umidade e mofo, enquanto mexia os dedos dos pés nus, negros como carvão, na frente do nariz de Porta.

— Sabe, Porta, você não entende o que é espírito de comunidade. Mas vou lhe ensinar um pouco, seu gorila ruivo. Quando esta guerra dos trinta anos terminar, de um modo bom e decente, com tudo em ruínas para alegria dos generais, a comunidade precisará ser reconstruída. Isso quer dizer que vão expulsar a turma que hoje temos sentada na cadeira, roendo as unhas, por outra igual à que temos hoje. Vão sentar no grande sofá, colocar papel de parede a gosto deles e fazer algumas leis novas. Leis novas... tudo isso é conversa fiada. Respeitando a lei, vão continuar a roubar dos tolos, que permitem isso. Portanto, vão precisar de camaradas espertos como Tiny e eu, enquanto os cães comunas como você ficam apagados.

— Cala a boca, seu filho da mãe! — exclamou Porta, e jogou um cartucho vazio em Pluto, que se abaixou.

— É verdade que você já fez negócios escusos, Porta? — perguntou Tiny, com inocência.

— Não, por Deus, nunca fiz.

— Ah, já fez, sim — retrucou Pluto, rindo. — Roubava das mercadorias que levava das lojas quando era mensageiro na Bornholmerstrasse.

— Cala esse bico fedorento de vodca — ameaçou Porta —, senão a Associação de Menores vem cá para levar você! O que é que está fedendo tanto aqui?

Stege teve convulsões de riso, ao ver o incrível aspecto de Porta, sentado ali de monóculo e cartola, cheirando o ar.

Porta agarrou o gato pelo pêlo do pescoço e, mergulhando o focinho dele num pratinho de vodca, disse em tom ameaçador:

— Beba, seu gato porco, comuna!

Pluto mexeu com os dedos negros mais para perto e cochichou amavelmente:

— Põe o seu cocô mais perto do chão e logo vai descobrir a fonte dessa fragrância maravilhosa!

Porta olhou para baixo e descobriu os dedos dos pés de Pluto.

— Que vergonha, seu porco! Não vai lavar os pés? Ainda estão cheios da lama do Cáucaso e de bosta de bode, ainda por cima.

Tiny abaixou-se para examinar melhor os dedos dos pés de Pluto.

— Bem, estão um pouco empoeirados. Você não pode procurar uma puta assim.

— E o que é que tem isso? Quem sabe eu fico de botas, como você — disse Pluto.

O Velho continuava a chupar o cachimbo furiosamente.

— Bem, bem, rapazes... Vocês sempre falam do fim da guerra, e quem vai culpá-los? Aposto que hoje o mundo inteiro não fala de outra coisa. As crianças dizem que terão roupas novas. Onde as pessoas não sentiram o peso da guerra, dirão: “Quando terminar a guerra, vamos ver todos os lugares onde se travaram as batalhas e houve os ataques aéreos!” Outros dizem: “Quando acabar a guerra, vai terminar o nosso racionamento!” O soldado da frente comenta apenas: “Quando acabar a guerra, vamos voltar pra casa e comer e dormir à beça!”

— É... e fazer a revolução — disse Porta, rindo e empurrando a cartola um pouco para a frente.

— É, puxa vida! E antes de tudo, as mulheres — disse logo Tiny, radiante.

— Não bastou, da última vez que abraçou uma piranha? — perguntou o Pequeno Legionário.

— Se bastou? Por que pergunta? Nunca é bastante pro Tiny. Eu podia manter vinte haréns bem fornidos inteiramente ocupados.

— Bem, já que se considera tão bom nisso — disse o Pequeno Legionário — eu te dou um título de sócio vitalício para todos os bordéis marroquinos que pretendo abrir, depois de terminada a guerra.

Porta ajustou o monóculo no olho e, debruçando-se para o Pequeno Legionário, disse:

— Diga-me, peregrino do deserto, essas marroquinas são assim tão boas?

Antes que o Pequeno Legionário pudesse responder, o Velho interrompeu:

— Cale-se um pouco, Porta!

Porta levou a mão aos lábios e fez psiu para o Velho.

— Uma pergunta de cada vez, amigo. Então, peregrino do deserto, essas marroquinas são boas?

O Pequeno Legionário deu uma risadinha.

— São, a gente enlouquece quando elas rebolam as bundas.

— Parece bom — disse Porta. — Me arranjem o horário dos trens para Marrocos.

Tiny começou a dar gargalhadas.

— Eu também. Aquelas putas de Marrocos vão me fazer passar sete anos na legião.

— Ora, calem-se, por favor! — pediu o Velho, muito enérgico.

— É uma ordem, caro Velho? — perguntou Porta. — Já que é sargento, por que não pode dizer, em belo tom militar: "Ordeno que o sargento Joseph Porta cale a boca!"

— Está bem, então, é uma ordem! Cale-se, sim?

— Ora, não banque o engraçadinho, seu merda de suboficial. Quando falar comigo, faz favor de se dirigir a mim no estilo regulamentar do exército, na terceira pessoa. Ponto parágrafo.

— Está bem. Eu, suboficial Willy Beier, do 27. Regimento Panzer (Penal), ordeno que o sargento Joseph Porta se cale!

— E eu, sargento pela graça de Deus no exército nazista, Joseph Porta, que bateu o recorde mundial em corridas de obstáculos, sou inteiramente indiferente às ordens do *Herr* suboficial. Amém!

— O que queria nos contar, Velho? — perguntou Stege.

— Ora, era sobre as nossas eternas resmungações a respeito do fim da guerra. Primeiro, ainda falta muito tempo. Segundo, duvido muito que algum de nós viva até lá. Não devíamos tentar viver juntos sem estar sempre falando do futuro? Só nos reserva coisas terríveis. Precisamos compreender que a única coisa que nos interessa é o presente, e que a única coisa que possuímos é uma terrível solidão, onde as coisas importantes bem como as menos importantes não têm valor. Maldizemos os nazistas e também os comunistas; a neve, a geada, os vendavais; o verão com seu calor e poeira intoleráveis e seus mosquitos. Praguejamos contra a lama na primavera e no outono; ficamos revoltados quando chega o Natal, porque estamos aqui. Somos o bode expiatório quando descarregam suas bombas sobre nós. Quantas pragas e maldições já não lançamos aos russos? Meninos... de uma vez por todas, estamos em guerra e deveremos suportar isso. Creio que nenhum de nós conseguirá voltar para casa. O 27. Regimento era apagado e desconhecido quando começou a guerra. Vai se queimar e ser reduzido a cinzas antes que acabe. Pensem só em todos os do 27. que já desapareceram. Em Stalingrado, cinco mil foram para o inferno. Na cabeça-de-ponte de Kubaner, mais 3.500. Em Kertsch, 2.800. Aqui em Cherkassy, já perdemos pelo menos 2.500. Em 1941, no Mediterrâneo, perdemos quatro mil. Depois, acrescentem todas as pequenas batalhas e escaramuças de que tomamos parte. Qual o saldo de mortes? Vocês acreditam mesmo que vamos

nos safar? Precisamos viver, viver o tempo todo, cada minuto. Ter tomado parte na guerra de porcos que ultrapassou todas as guerras de porcos também é viver. Sentar no consultório de um médico depois de algum tempo no hospital e ser considerado apto para a guerra também é viver; enroscar-se num monte de palha depois de ter comido muita comida roubada também é viver. É, até mesmo limpar o rifle é uma vida apreciável. Deveria ser feito em câmara lenta, sem pensar em por que você faz isso ou quantas horas gastou para executar isso. Tudo na natureza tem sua beleza, e como somos seres da natureza, devemos procurar sem cessar para encontrar o que é belo nela, senão enlouquecemos.

Um pranto violento abalou-o. Ele caiu para a frente na mesa, aos soluços.

Ficamos completamente surpresos com sua reação ao próprio discurso, que para nós foi extraordinário.

— Que diabo está acontecendo com você? — explodiu Porta.

Stege levantou-se, foi para junto do Velho que soluçava e deu-lhe uns tapinhas nas costas.

— Tenha calma, Velho. Tinha de acontecer, até mesmo com você. Acalme-se, amigo velho. Tudo se arranja.

O Velho endireitou-se devagar, passou as mãos pelo rostc e disse, em voz tranqüila:

— Desculpem, estou nervoso. Procuro me esquecer que há um lugar chamado Berlim, onde todas as noites as bombas caem e onde mora uma mulher que é mãe de meus filhos. Mas não consigo. — Bateu na mesa com os punhos, com tal violência que a mesa velha rangeu, e exclamou, inteiramente descontrolado: — Pro diabo com tudo isso. Vou fugir. Cuspo nos conselhos de guerra deles e seus malditos caçadores de cabeças. Dou um jeito. Não quero morrer aqui na Rússia pelas mentiras de Hitler e Goebbels! — ele chorou violenta e alucinadamente, mas depois se acalmou.

Ficamos ali quietos, cada qual absorto em seus pensamentos. Pelo menos isso tínhamos aprendido: ficar sentados quietos, unidos, com nossos pensamentos, sem encher o espaço vazio com obscenidades no momento errado.

Está fazendo muito frio. Estamos gelados, apesar do calor do grande fogão na cabana, mas não é no corpo: só nas almas. Podemos matar, e matamos de boa vontade. O que fizeram de nós?

Então, até mesmo o mais calmo entre nós rompe em prantos, com o pensamento voltado para a mulher e os filhos em Berlim, devastada pelas bombas.

Bebemos ruidosamente. Sem gritos e palhaçadas. A garrafa é passada de mão em mão. Bebemos o que podemos sem tirar a garrafa da boca, e somos mestres nisso.

Depois ficamos quietos de novo, enquanto observamos outro homem que está cuidadosamente embrulhando os pés sujos em trapos; ou catamos piolhos, que jogamos no candeeiro.

Conversamos em voz lenta e baixa, como que com medo de haver alguém na escuta. Também discutimos. Ficamos furiosos uns com os outros, gritamos as coisas mais terríveis, praguejamos e ameaçamos enquanto abraçamos nossas facas de combate ou pistolas automáticas, como se fôssemos assassinar nossos melhores amigos.

Mas, assim como começa depressa, acaba logo.

Lá fora, no escuro, ressoa uma violenta explosão. Stege instintivamente abaixa a cabeça. Pluto ri muito.

— Não vai aprender a não abaixar a cabeça quando ouve estrondos?

— Há gente que não aprende, e sou um desses — diz Stege. — Quem sabe você já se acostumou à idéia de levar uma bala na cabeça, um belo dia?

— Não vão me acertar, beleza! — respondeu Pluto, com convicção. Tirando uma bala do bolso, ele a segurou entre dois dedos acima da cabeça para todos vermos. — Essa coisinha engraçada foi atirada aqui no papai por um sujeito lá na França. Se eu ficasse parado onde estava deitado bem confortavelmente, isso me haveria atingido bem entre os olhos; mas me levantei, e a bala me pegou na perna, atrás. Essa foi a minha bala da morte, mas não me acertou. Portanto, já vêem que vou me safar.

Lá fora, o impacto de violentas explosões tornou a sacudir o solo.

— Está recomeçando — disse o Velho.

— Bom, não vai tardar muito pra estarmos bancando o corpo de bombeiros para a divisão de novo — comentou Möller.

— Essa espera me deixa louco! — explodiu Bauer. — A gente fica esperando a vida toda!

Realmente, é cômico ver quanto tempo um soldado gasta só esperando. No posto de recrutamento, a gente espera para ser mandado para a frente. Na frente a gente espera que pare o fogo preparatório para poder atacar, ou então espera para entrar na batalha.

Quando a pessoa é ferida, espera para ser operada. Espera que os ferimentos corporais sarem, pois a saúde de sua alma está abalada para sempre. Esperamos a morte com paciência. Esperamos a paz, com tempo para ver os pássaros

migrarem e as crianças brincarem, sem pensar que não temos tempo algum.

Mesmo sendo uma comunidade ruidosa numa grande guerra, permanecemos uma comunidade pequena e por vezes alegre: somos apenas 11 amigos, ou, poderíamos dizer, 11 irmãos de pais diferentes, sendo o nosso laço comum o fato de estarmos cada um condenado à morte. Somos temperamentais. Num minuto estamos nas nuvens, no seguinte na depressão. Nossos desejos para o futuro são especiais. Como Stege disse um dia: “Anseio pelo dia em que puder coçar a orelha de um porco sem que fique com a boca cheia de água ao pensar no gosto desse nobre animal, quando cozido com maçãs derrubadas pelo vento.”

Muitas de nossas conversas eram sobre mulheres, não só as que conhecíamos nos bordéis, ou as garotas russas muito fáceis ou as enfermeiras e telefonistas que nos serviam atrás das linhas, mas as garotas inatingíveis e ideais, que para nós eram incompreensíveis mas fragrantes, nos lembrando de flores da primavera. Mulheres que nos dessem um sorriso amigo e nada mais, ou nos confortassem com palavras e talvez uma única carícia que significava tanto — eram essas as moças com que sonhávamos nos casar.

O Velho era bem diferente de nós. Como ainda agora, quando ele chorara. Isso acontecia muitas vezes, quando ele recebia cartas de casa. Na verdade, era o Velho quem chefiava a companhia, embora o capitão von Barring fosse seu comandante. Era o Velho quem resolvia a maior parte das coisas para nós. A palavra dele era lei. O que o Velho dizia fazia sentido. Ele era nosso pai. Quando acontecia alguma coisa grave, procurávamos conselhos e consolo com ele. Ele ficava pensando, os olhos azuis semicerrados, chupando bem o seu cachimbo antigo antes de responder. Se fosse uma coisa especialmente difícil ele tirava o cachimbo da boca, enxugava-o com cuidado e depois respondia. Se estivéssemos fazendo marchas exaustivas, era o Velho quem sempre resolvia quando estava na hora de descansar. Von Barring sempre lhe pedia conselhos. O Velho verificava se nossos novos líderes de seção e comandantes de tanques tinham experiência, como oficiais subalternos. Não importava se alguém das escolas de formações de oficiais do exército quisesse adquirir experiência de linha de frente. Os inexperientes significavam a morte e a mutilação para nosso grupo de amigos unidos. Eles não faziam treino de regulamento conosco. A guerra e a linha de frente tratavam disso. Quando o Velho dizia que um homem era bom, podíamos acreditar nisso.

Quando o Velho e Porta levavam alguém ao sargento médico, era certo que no dia seguinte esse alguém receberia ordem para ir ao médico e logo seria internado no hospital, com febre. Como arrumavam isso, ninguém perguntava. O

regimento inteiro sabia que Porta era a lei, para si mesmo. Ninguém achava que ele fosse a imagem da honra, nem mesmo um moleque de rua com a alma purificada, mas nem um bispo teria encontrado um defeito básico nele, se analisasse sua alma especial.

Sentado ali, imundo, com a cartola e o monóculo, bebendo e arrotando, o que ele inspira é o oposto da sensação de confiança. É um soldado, um vagabundo, um matador perfeitamente treinado, que sem um piscar de olhos enfia sua comprida faca de combate nas entranhas do inimigo e depois limpa o sangue na manga, com um sorriso. Com propósito, ele lixa suas balas para tomarem uma forma de dundum, na esperança que se destinem a um oficial odiado, como o capitão Meyer. Mata tranqüilamente e por um pedaço de pão. Além disso, sem pestanejar, mandaria pelos ares toda uma casamata cheia de pessoas, se lhe ordenassem isso.

Quem o transformou nesse selvagem humano? A mãe? Os amigos? A escola? Não. O governo totalitário, a misturadora do quartel, os fanáticos militares com suas infladas idéias de luta e pátria. Porta aprendeu o lema que foi imposto a seu cérebro, bem como ao nosso. “Você pode fazer o que quiser, contanto que não seja apanhado. Se for, adeus. Deve ser duro e cínico, senão será pisoteado até a morte. Há milhares às suas costas, prontos para esmagá-lo se você for mole. Só há um meio de vencer: ser duro e brutal. Se você ceder às idéias humanitárias, está liquidado.”

Assim é que Porta foi moldado. Não é só o credo militar nazista prussiano. Há em toda parte em que reine o totalitarismo.

Entre dentro dos portões dos quartéis, use os olhos e ficará pálido de vergonha. Experimente, uma vez, estudar objetivamente os discípulos militares. Imagine-os com seus corpos de cabo de vassoura pouco naturais, seus peitos estofados comicamente, suas falas abruptas, rostos sem lábios com dois olhos estúpidos, de répteis. Imagine esse bando vestido de fardas de prisão listradas, sendo examinado por um psiquiatra. Que rótulo o cientista sem querer daria à maioria desses sinistros aprendizes do ofício militar? Eu sei, pois passei muitos anos entre os homens que fizeram o seu aprendizado.

Eles tinham arrasado tudo o que era humano dentro de nós. Só conhecíamos a retaliação com as armas assassinas que colocaram em nossas mãos.

O nosso conhecimento de anatomia era digno de um médico. Cegos, sabíamos onde um tiro ou um faca causariam maior dor.

Satanás sentava-se atrás de uma pedra e ria.

15. A MORTE TRAIÇOEIRA

NOSSOS FERIDOS tinham sido transportados de avião. O tenente Harder e todos os outros estavam agora deitados no hospital, a quilômetros de distância do inferno branco russo.

Mais uma vez, formamos um grupo de combate. O tenente Harder foi substituído pelo tenente Weber. Ele conduzia a Companhia número 5, e o capitão von Barring comandava o grupo de combate.

Era evidente que o grupo de combate chefiava qualquer ataque. Sentindo o peso das armas e munição, estávamos avançando para o ponto de ataque.

— Destacamento subida-ao-céu, como sempre — resmungou Pluto.

— Quer dizer, destacamento viagem-ao-inferno — zombou Porta. — Nem um de vocês idiotas vai pro céu!

— E você, vai? — perguntou o Pequeno Legionário.

— Vou, e daí, seu infeliz de nômade do deserto? — disse Porta. e, persignando-se, desapareceu no escuro: — Amém, em meu nome!

Tiny deu uma risada.

O tenente Weber apareceu correndo pela coluna e cochichou, irritado:

— Não riam. Parece até que querem que os russos caiam sobre vocês.

— Ah, meu Deus, não, temos medo deles — falou alguém do escuro.

O tenente Weber perguntou, em voz rouca:

— Quem falou isso?

— São Pedro e a Santíssima Trindade — responderam.

Vários dos homens começaram a rir, todos menos o tenente Weber, que não reconhecera a voz de Porta.

O tenente ficou zangado e se esqueceu de fazer silêncio:

— Apresente-se, seu sabidinho — exclamou, a voz tremendo de raiva.

— Não, não ouso, vou apanhar — falou Porta, do escuro.

— Pare! — ordenou o tenente Weber, furioso.

— É, concordo com você — reconheceu Porta.

O tenente correu pela coluna e agarrou o primeiro homem que encontrou, e disse, sibilando:

— Quem ousa caçoar de um oficial? Ordeno que me dêem o nome dele, senão a companhia inteira vai pagar. Sei como domar vocês, seus porcos!

A única resposta foi um grunhido. Do escuro surgiram ameaças:

— Vocês ouviram, rapazes, que alguém aqui quer levar uma granada na cabeça?

— Você aqui vai ter de usar outro tom, seu engolidor de sabres. Não estamos acostumados com o seu tipo! — retrucou Tiny.

— Bosta de porco de favela! — gritou Weber, e correu para junto do capitão von Barring.

Pudemos ouvi-lo reclamar e gritar alguma coisa sobre motim e conselho de guerra.

Von Barring recebeu-o com frieza.

— Pare com essa tolice. Temos outras coisas a pensar que não seja besteira de posto de recrutamento.

A neve rangia sob nossas botas. A geada era o prenúncio de uma noite de completa escuridão. Quando roçávamos contra um galho de árvore, a neve caía como um chuveiro de agulhas.

Nossas ordens eram de penetrar nas posições russas em ataque silencioso. Só podíamos atirar numa emergência extrema, em autodefesa.

Porta puxou a faca de combate, beijou-a e disse, rindo:

— Você já vai voltar ao trabalho, benzinho. Vai estar lambendo as barrigas dos russos e arrancando pomos-de-adão, tal como pretendiam as moças da fábrica ao te fabricarem.

O Pequeno Legionário e Tiny preferiam pás, que pesavam, experimentando, nos punhos. Cada qual se preparou para o que estava destinado a fazer.

— *Allah-akbar* — cochichou o Pequeno Legionário, e desapareceu.

Avançamos deslizando sem um ruído, como os finlandeses nos tinham ensinado no curso de treinamento. Éramos mestres no uso de nossas armas de combate corpo a corpo. O mesmo ocorria com nossos colegas do outro lado, especialmente os escaramuçadores siberianos. Eles adoravam esse tipo de guerra.

Chegamos a Komarovka sem disparar um tiro. Vários de nós estávamos cheios de sangue e, como o sangue congela depressa, nossas roupas logo ficaram duras como tábuas.

Porta quebrou a faca de combate numa luta com um russo; enfiada entre duas costelas, não conseguiu retirá-la, então ele conseguiu uma faca siberiana que usava com perícia. Tinha amarrado a cartola com um cordão debaixo do queixo. Ela estava salpicada de sangue.

Perto de Komarovka, precisamos destruir uma bateria de campo de 15cm, mas lá eles estavam bem despertos. Antes de alcançá-la, os projetis choveram sobre nós e explodiram em fogo e trovão no meio da Companhia número 7, que fora destacada para nos ajudar.

Membros e corpos giravam pelo ar. Gritando furiosamente, fizemos um assalto aos artilheiros valentes mas desesperados. Alguns tentaram fugir quando a maior parte da bateria foi destruída, mas rajadas bem direcionadas de nossas metralhadoras e pistolas automáticas se incumbiram deles.

Fuzilamos os poucos que se renderam. Era impossível cuidar de prisioneiros. Os dois lados matavam os prisioneiros. Quem começou isso, ninguém sabe ...

A primeira vez que vi isso acontecer foi em 1941, quando fui capturado. A alguns quilômetros atrás da linha de frente vi como os atiradores NKVD se livraram de um monte de oficiais e membros da SS alemães. Mais tarde, vi isso acontecer do nosso lado, várias vezes.

Havia inúmeros motivos para se fuzilar os prisioneiros. Por exemplo, se lutássemos atrás das linhas inimigas, era impossível levar os prisioneiros junto. O pior era quando encontrávamos nossos amigos torturados até a morte. Isso dava lugar a assassinatos por vingança. Já vi fileiras de prisioneiros russos ceifados por metralhadoras — sem contar com as muitas vezes em que os homens eram mortos “tentando fugir”.

O grupo de combate ficou em posição, para permitir que o regimento nos alcançasse. Imediatamente, afundamos na neve.

Porta declarou, no seu estilo de irradiação, o que pretendia comer quando saísse da zona de combate:

— Primeiro, vou roubar batatas e um carregamento de porco de algum idiota que foi burro de esconder isso. Com esses produtos divinos vou fazer purê de batata com picadinho de carne de porco.

— Você usa gordura no seu purê de batata, ou salsa picadinha? — indagou Tiny.

— Gordura é melhor. Uma verdura vai bem, mas escorrega melhor com a gordura. Isso quer dizer que a gente pode se encher depressa, cagar tudo e recomeçar.

— Nunca pensei nisso — retrucou Tiny, muito sério. — Obrigado pela sugestão!

— Meu Deus, comida! — gemeu o Pequeno Legionário. — Quem me dera termos algo pra nos encher até a goela.

— Bem, não temos muito tempo pra falar de comida. Devemos pensar seriamente no que estamos fazendo aqui — continuou Porta. — Essa guerra não é brincadeira. Precisamos passar fome e ao mesmo tempo continuar a cagar. A gente se cansa de uma guerra assim. Faz lembrar uma corrida de obstáculos no batalhão de treinamento, quando a gente se reveza espetando o pescoço de cada um dos filhos da mãe quando ele não corre muito... tudo pra dar a todos a idéia de como a guerra é coisa séria. Que diabo, se não fosse séria, nem teriam falado da guerra na Bíblia.

— Meu Deus, ajude-nos — pediu Tiny, espiando para os russos. — Se ao menos tivéssemos uma vara como tinha aquele marechal-de-campo israelita na travessia do mar Vermelho. Essa seria uma arma milagrosa que faria Stalin arregalar os olhos!

— Ele atravessou mesmo com toda a divisão? — perguntou Pluto, na dúvida.

— Claro — respondeu Porta —, e quando aquele Stalin egípcio foi correndo atrás dele, o velho marechal-de-campo brandiu a vara, e todos os T34 do faraó, puxados por cavalos, foram parar no fundo do mar Vermelho.

— Meu Deus, mas como o Ivan ia ficar estatelado se Porta tivesse uma vara dessas da próxima vez que chegarmos perto do mar!

— Da próxima vez que vocês virem o mar, vai ser o Atlântico — disse o Velho, rindo. — E com a velocidade que vamos indo, não vai demorar muito.

— Cuidado! — exclamou Möller, e ergueu seu mosquetão de assalto.

Porta lançou uma rajada de sua metralhadora sobre um grupo de russos escondidos bem à frente de nossa posição, e que tentavam retornar para a linha deles. Não conseguiram. Foram literalmente picados pelos tiros precisos de Porta.

O tenente Weber chegou correndo, nos maldizendo. Passou um sermão no Velho, que era o comandante do Pelotão número 2.

— O que é que está pensando, sargento? Por que não manda os seus homens pararem de atirar? Ivan está em volta de nós, esperando uma chance para nos arrasar. Como pode você, um oficial subalterno veterano, deixar que aconteçam essas coisas quando tem as ordens mais rigorosas para não atirar? Se isso tornar a acontecer, vai perder suas divisas, sargento. Estou lhe dizendo, quando sairmos desta, vai ter de se haver comigo!

— Sim, *Herr* primeiro-tenente — foi a resposta breve do Velho.

Uma risadinha de parte de Pluto e Porta fez com que Weber se virasse.

— Quem tem a audácia de rir de mim... um oficial alemão! — gritou, histérico.

— Ivan! — gritou alguém, da noite escura.

— Apresente-se esse homem! Ninguém ousa brincar comigo — berrou o agitado primeiro-tenente Weber.

O oficial de artilharia, tenente Bender, aproximou-se em silêncio e fez calar o tenente Weber, dizendo:

— As ordens são de silêncio total.

Weber virou-se e olhou furioso para o pequeno oficial de artilharia.

— Está querendo me mostrar quais são as ordens, tenente?

— Aqui na frente os oficiais em geral se tratam na segunda pessoa — declarou Bender, com calma.

— Isso é o que veremos, "*Herr* tenente"! Ainda há alguns oficiais decentes no exército alemão, e queremos manter uma disciplina devida e o respeito por todos os postos superiores.

— Vamos esquecer isso até estarmos fora dessa batalha — disse Bender, com um sorriso.

A voz de Porta soou bem forte e nítida no escuro:

— Discussão no rancho dos oficiais em Cherkassy. Local de piquenique provisório para o exército nazista. *Heil!* Beije-me na minha ...

Weber só faltou ter um ataque. Tornou a gritar por um conselho de guerra para todos nós, quando saíssemos dali.

Porta cacarejou, zombando, no escuro.

— Ah, imaginem, gente instruída acreditando em milagres. Já ouviram, rapazes? "Quando sairmos daqui!"

— Por que não aceita um duelozinho rápido com canivetes de mola, primeiro-tenente — sugeriu Tiny, rindo. Estava deitado na mesma trincheira que Porta e o Pequeno Legionário. — Vamos lhe cortar fora as suas perspectivas matrimoniais!

Weber perdeu então todos os resquícios de sanidade.

— Isso é um motim! Motim, seus porcos! Ameaçam a minha vida! — brandiu a pistola automática no ar e respirava com dificuldade. — Esta companhia não é digna de vestir a farda do *Führer* alemão. Tratarei de fazer com que tudo isso chegue direto a Adolf Hitler, o nosso divino *Führer* alemão.

Toda a Companhia número 5 caiu na gargalhada, e Porta berrou:

— Teremos prazer em jogar fora os trapos de Adolf aqui mesmo, só que estão meio puídos!

— A metade dos meus não são do Adolf, são do Ivan — disse Tiny.

— Você é minha testemunha — berrou o primeiro-tenente Weber ao tenente Bender.

— De quê? — perguntou Bender, espantado.

— Ouviu o que esse homem falou e as ameaças e insultos que essa ralé pronunciou contra um oficial nacional-socialista alemão.

— Nem sei do que você está falando, *Herr* primeiro-tenente. Deve estar sofrendo de neurose de guerra. O capitão von Barring ficará muito espantado ao ouvir a sua opinião, sem falar no tenente-coronel Hinka. Ele sempre achou que a Companhia número 5 é a melhor das oito companhias do regimento.

Indiferente, Bender pendurou a pistola automática no ombro e deixou o primeiro-tenente Weber ali, furioso e espumando. O avanço sobre Podapinsky nos dias seguintes foi um verdadeiro pesadelo. Inúmeras vezes os homens atiravam-se na neve, recusando-se a prosseguir. Apenas as coronhas dos fuzis e pontapés brutais obrigavam os soldados exaustos a avançarem.

As tropas russas que encontramos eram fanáticas. Lutavam como nunca os tínhamos visto lutar, frenéticos e com coragem. Até mesmo pequenos grupos isolados lutavam até o último homem. De noite atacavam em pequenos grupos, e sofríamos constantes baixas entre nossas sentinelas. Soubemos, por nossos prisioneiros, que nossos adversários eram a 32a. Divisão de Fuzis siberiana de Vladivostok, apoiada por unidades da 82a. Divisão de Infantaria soviética, e reforçada por duas brigadas blindadas. Recebemos auxílio da 72a. Divisão de Infantaria contra essas duas unidades de elite, mas passamos o tempo todo com a impressão de que os russos estavam prestes a fechar o cerco atrás de nós.

Eles aprisionaram dois suboficiais da Companhia número 3, e na manhã seguinte, ouvimos os gritos dos homens. Aquilo deixou-nos arrepiados. Prolongados, gorgolejantes, os gritos deles ressoavam pelo inferno de neve.

Mal podíamos acreditar no que vimos quando nossos colegas do outro lado ergueram duas cruzes, em que estavam crucificados os dois suboficiais. Cada um tinha um pedaço de arame farpado em volta da cabeça, como uma coroa de espinhos. Quando desmaiavam, os russos espetavam seus pés com baionetas, até eles recomeçarem a gritar.

No final, quando não podíamos mais suportar aqueles gritos, Porta e o Pequeno Legionário rastejaram para uma cratera de bomba e mataram com suas pistolas os dois homens crucificados.

Quando os russos descobriram o que acontecera, ficaram furiosos e lançaram projetis de morteiros. Aquilo nos custou oito baixas.

Em Podapinsky, nossos inimigos conseguiram capturar uma seção inteira da Companhia número 7. Os prisioneiros rugiram e berraram durante o tratamento que nossos colegas lhes deram. Um comissário gritou-nos, pelo megafone:

— Soldados do 27. Regimento Panzer, vamos lhes mostrar o que fazemos com quem não está disposto a largar as armas e vir para nosso lado, dos trabalhadores soviéticos russos e do exército de camponeses.

Ouvimos um rugido indistinto de um ser humano sofrendo dores e suplícios intoleráveis, e depois foi morrendo aos poucos.

O comissário continuou:

— Ouviram isso? Gostaram do choro do cabo Holger? Agora vão ouvir o choro do cabo Paul Buncke, enquanto lhe tiramos alguns dos enfeites do corpo. Escutem, soldados do 27.!

Mais uma vez, ouvimos os gritos terríveis e os rugidos abafados. Dessa vez, duraram 15 minutos.

— Meu Deus, o que podem estar fazendo com eles? — cochichou o Velho, os olhos cheios de lágrimas.

— Espere aí, seu porco comunista — disse Tiny, revoltado. — Vou fazer você berrar. Seus filhos da mãe envenenados, já vão descobrir que Tiny de Bremen está visitando a sua merda de terra!

O comissário recomeçou, rindo ao gritar:

— Sujeito durão, esse Paul Buncke, mas nem ele suportou um cartucho vazio enfiado na rótula. Aguardem mais divertimentos! Agora veremos se o segundo-sargento Kurt Meincke é igualmente duro, pois é líder de unidade e tem medalhas por combate corpo a corpo mais uma Cruz de Ferro de primeira classe. Deve ser um bom soldado de Hitler. Pensamos cortar-lhe fora o umbigo, mas primeiro vamos decepar-lhe os dedos com os cortadores de arame farpado para amansá-lo. Escutem bem, rapazes!

Mais uma vez ouvimos os rugidos inarticulados, mas dessa vez foi mais fácil suportar aquilo, duraram apenas oito minutos, segundo o cronômetro de Pluto.

Porta estava branco como cera.

— Eu vou pra lá. Quem me acompanha?

Toda a Companhia número 5 queria ir com ele, mas Porta sacudiu a cabeça e, sem nada dizer, escolheu 25 homens para ajudar. Eram todo o nosso grupo e a maior parte do Pelotão número 2, todos veteranos, experientes em patrulha e combate corpo a corpo.

Febrilmente, nós nos preparamos. Pegamos algumas minas T e S e compusemos vários explosivos satânicos. Além disso, tínhamos o lança-chamas de Porta e mais três.

Porta disse, com a voz fria, enquanto preparava o lança-chamas:

— Lembrem-se, queremos alguns oficiais e o comissário, todos ilesos. O restante do pessoal pode ser massacrado.

O tenente Weber abriu a boca para dizer alguma coisa, mas bastou um olhar para a turma da matança para ele calar-se. Estava pálido e tremendo como vara verde.

Tínhamos de passar por um bosque que parecia tranqüilo, pela retaguarda dos russos. Caminhamos furtivamente entre as moitas e o mato rasteiro.

Tiny e o Pequeno Legionário ficaram perto de Porta. O Velho não disse uma palavra. O rosto dele petrificara. Todos tínhamos uma idéia apenas: vingança a todo custo. Não estávamos nada normais. Éramos pessoas que viraram animais selvagens de eras primitivas, e podíamos farejar a nossa presa.

— Depressa, abriguem-se — disse Porta, de repente.

Afundamos na neve e acompanhamos os atos de Porta. Ele ficou parado atrás de uma árvore, olhando com o binóculo.

Perto de nós, à nossa frente, estavam dois soldados soviéticos sentados num tronco caído. Eram sentinelas, a julgar pelos fuzis que estavam apoiados na árvore.

Porta e Tiny rastejaram em silêncio até os dois homens pelos flancos.

Com a respiração presa, ficamos olhando enquanto os dois se aproximavam dos russos. De repente um dos russos se endireitou e olhou para o mato.

Sem fazer ruído algum, Porta e Tiny afundaram na neve. O Pequeno Legionário agarrou com mais força a sua metralhadora e olhou em direção aos russos. Os dois teriam sido mortos assim que nos avistassem. Mas, para nosso alívio, um deles tornou a largar o fuzil, pegou do bolso um pedaço de pão e começou a comê-lo.

O outro encheu o cachimbo e disse alguma coisa ao companheiro. Os dois riram baixinho, satisfeitos.

Porta e Tiny continuaram a rastejar para perto dos russos. Com um enorme salto, caíram sobre os russos. O que fumava caiu para a frente, a cabeça rachada pela pá de Porta. O outro teve a garganta cortada, enquanto Tiny o prendia com seu abraço de urso.

Indiferentes, os dois jogaram os corpos para o lado. Um deles ainda estava segurando o pão que não comera.

Tiny pegou o cachimbo caído e o guardou no bolso de sua camisa de neve.

O Velho consultou a bússola e o mapa.

— Precisamos ir mais para o sul, senão iremos longe demais por dentro da linha de frente principal.

Porta continuou depressa. Trazia outra vez o lança-chamas às costas. Fez sinal para que prosseguíssemos, impaciente.

— Lembrem-se, devemos capturar alguns dos chefes deles vivos — disse ele, rindo, e afagou a faca de combate comprida.

— Alá é bom — cochichou o Pequeno Legionário. — Esta noite muitos deixarão este vale de lágrimas, ajudados no caminho pela minha faquinha. Terei um lugar de honra no jardim de Alá, quando eu for! — levou a faca de combate aos lábios, com carinho.

O silêncio foi rompido então por prolongadas explosões. Um tapete de fogo desenrolou-se pelo céu. Parecia uma cortina brilhante sendo levantada.

Espantados e assustados, nós nos comprimimos na neve. Mais quatro explosões, depois o silêncio.

— Katjuscha — cochichou o Velho —, devem estar bem perto.

Sem fazer barulho, com cuidado, continuamos a rastejar. Por uma brecha entre as árvores, vimos uma bateria do temido lançador de foguetes russo de 30cm, M13, chamado Katjuscha.

Em silêncio, nosso grupo dispersou-se pronto para destruir a bateria.

Quatro imensos caminhões Otto-Diesel, vazios, estavam parados perto dali, na estrada da floresta. Bauer foi na frente, depressa, e colocou uma bomba adesiva em cada motor, para que as viaturas explodissem quando os detonadores agissem.

— Eles devem estar se sentindo seguros aqui, sem uma só sentinela para vigiar os caminhões — comentou Stege.

— Silêncio — cochichou o Velho, com aspereza.

Os artilheiros russos estavam ocupados carregando os 12 barris de cada arma. Leva-se 15 minutos para carregar um lança-foguetes desses, mesmo quando bem treinado.

O Velho apontou cada uma dos membros do grupo do lançador de foguetes para os grupos separados que deveriam eliminá-los. Era importante que cada um de nossos quatro grupos atacasse e atingisse o alvo ao mesmo tempo.

Quando íamos atacá-los, uma luz brilhou no depósito de combustível no meio das árvores, apareceu alguém abrindo uma porta e dando umas ordens. Depois a porta tornou a se fechar.

— Porta e Tiny, tomem conta dessa casamata — ordenou o Velho. — Mas nada de tiros, senão estamos perdidos.

Puxamos nossas facas e pás e avançamos grudados, como se fôssemos um só homem. Apenas um dos membros do grupo do lança-foguetes teve tempo de se defender.

Aquilo tudo só levou alguns minutos, e não houve um único tiro. Os russos estavam deitados na sua neve manchada de sangue.

Sentamos, suando, depois daquele combate breve mas violento. Möller, visivelmente abalado, estava sentado se balançando, murmurando uma oração.

Porta olhou para ele.

— O que você tanto resmunga, irmão?

Möller teve um sobressalto e olhou em volta, nervoso, antes de responder, gaguejando:

— Estou rezando para Ele que reina sobre todos nós.

— Ah, tenho certeza de que isso vai ajudar. Por que não pede a Ele pra acabar com a guerra?

— Pare de blasfemar contra a única beleza que resta — disse Möller, fanático. A raiva no olhar que lançou a Porta estava evidente para todos.

— E se eu não parar, o que vai acontecer? — indagou Porta, discretamente ameaçador.

— Você é muito seguro de si — disse Möller, furioso —, mas há um limite para o que pode fazer, e se blasfemar contra Deus, vai se haver comigo.

Porta fez menção de se levantar e ameaçou Möller.

— Escute aqui, seu beato, cuidado para não termos uma baixa a mais nesse piquenique.

O Velho interferiu com a calma habitual, que sempre nos fazia voltar à razão.

— Porta, deixe o beato em paz. Não está fazendo mal algum.

Porta meneou a cabeça, num gesto altivo e cuspiu por sobre a cabeça de Möller.

— Está bem, seu beato, o que o Velho diz, eu obedeço. Mas pra seu próprio bem, não chegue muito perto de Joseph Porta. E diga a seu Deus pra guardar distância também.

Pouco antes de chegarmos às primeiras posições russas, encontramos o cadáver de um soldado alemão com as mãos decepadas e um pedaço de arame farpado enfiado no reto. Os olhos tinham sido cortados fora.

— Que porcos desgraçados! — explodiu o Pequeno Legionário. — Estão deixando até os rifenhos pra trás, o que é muita coisa. Esperem só até eu pôr as

mãos nesses filhos da mãe.

Ficamos arrepiados ao pensar em cair nas mãos de Ivan e lhe dar uma chance conosco...

Estávamos deitados no mato rasteiro, à espera de Porta e o Pequeno Legionário, que tinham rastejado para a frente, a fim de escolher o melhor local para o ataque.

Passou-se meia hora até que os dois voltaram. Fizeram um bom trabalho. Para Porta seria uma brincadeira de criança liquidar aquelas posições.

Com um cigarro pendurado da boca, ele cochichou seu plano de ataque. Na neve, fez um croqui de todo o setor e explicou onde estavam postadas as sentinelas.

— Aqui à esquerda, quando descemos na trincheira, há uma casamata da companhia, ou coisa que valha. Lá dentro há pelo menos quatro oficiais. Vamos tentar capturá-los. Numa curva fechada, algumas centenas de metros mais adiante, há uma casamata de telefonia. Não me espantaria se o comissário estiver sentado lá.

— Seria bom se você tivesse certeza — interrompeu o Velho.

Porta esqueceu-se inteiramente de fazer silêncio e gritou:

— Que sabidão você é. Eu devia ter descido, batido à porta e perguntado: "Com licença, Ivan, você é comissário? Nesse caso, vamos levá-lo prisioneiro!"

— Cale-se, Porta, eu não estava falando literalmente.

Pouco depois estávamos a caminho. Usávamos, todos, chapéus de pele russos, que tiráramos dos mortos da bateria lança-foguetes.

Um estertor vago rompeu o silêncio. Tiny tinha estrangulado uma sentinela com um pedaço de arame fino.

Então, tudo virou um inferno. Uma pistola automática disparou à nossa frente. Três de nossos companheiros caíram mortos na hora.

O Velho atirou uma mina aos primeiros vultos visíveis, e as granadas de mão voaram pelo ar. No meio das explosões, ouvíamos os russos surpreendidos gritando:

— *Germanski, germanski!!*

Porta correu, rindo, pela trincheira, espalhando o fogo pelos vultos escuros que corriam por ali, inteiramente confusos. O Pequeno Legionário e Tiny seguiam logo atrás dele, atirando com as metralhadoras leves.

O Velho e eu abrimos a porta de uma casamata aos pontapés e alguns colegas comunas caíram de suas camas, mas antes de se darem conta do que estava acontecendo, foram mortos por nossas pistolas automáticas.

Um imenso oficial apareceu correndo pela trincheira. Estava com o sobretudo aberto, abanando. Quando saltamos sobre ele, perdeu o casquete com a cruz verde na copa. Enfiei a faca na virilha dele e a puxei depressa para cima. O sangue jorrou.

O Velho correu atrás de Porta e os outros. A essa altura, eles já estavam quase acabando com a limpeza macabra.

Eu perdera a minha pistola automática na luta, mas com uma pá numa das mãos e a minha pistola 7.65 na outra, continuei na luta. Dei um golpe num soldado que tentou se sentar. Uma rajada da pistola. Cada vez mais para a frente. As pernas moviam-se maquinalmente. E então estava tudo acabado.

Jogamos minas nas casamatas, como uma despedida final. Elas explodiram como uma fina crosta de terra numa erupção vulcânica. O Velho soltou sinais verdes e vermelhos para o nosso pessoal, aquilo significava que estávamos voltando.

Empurrando cinco prisioneiros à nossa frente, chegamos ofegantes ao ponto de partida.

O tenente Weber, pomposo, ordenou-nos que mandássemos os prisioneiros para o quartel-general do regimento para podermos arrancar-lhes informações.

Porta riu na cara dele.

— Não, *Herr* primeiro-tenente. Esses russos vão ficar aqui. São nossa propriedade particular. Mas terá suas informações, *Herr* segundo-tenente — todas que quiser.

Weber começou a gritar sobre motim e conselhos de guerra especiais, mas ninguém deu-lhe atenção. Estávamos muito interessados nos nossos prisioneiros.

Porta agarrou o mais próximo e enfiou as unhas dos polegares nas narinas dele, rasgando-as com um movimento rápido. O prisioneiro uivou.

Porta pôs a boca no ouvido dele e rugiu:

— Quem é que deu as ordens para aquela brincadeirinha a que assistimos esta tarde?

O prisioneiro, um capitão com a insígnia dourada de comissário no braço, esperneou desesperadamente para fugir àquelas mãos satânicas.

— Responda, seu filho da mãe! Quem crucificou nossos companheiros? E o que fizeram com os outros? — com um palavrão, ele largou o homem apavorado e jogou-o no chão da casamata, enquanto Tiny o enchia de pontapés. — Tragam o próximo — rugiu Porta.

Tiny e o Pequeno Legionário empurraram-lhe um major, que, apontando para o comissário que estava aos gritos, disse:

— Olhe pra ele, seu porco, e responda logo antes que eu lhe arranque os olhos.

O prisioneiro saltou para trás e começou a berrar.

— Não, não, eu conto tudo!

Porta deu uma risada de escárnio.

— Ah, conhece o método, camarada! E eu que pensava que os nossos homens da SS eram os únicos culpados. Quem crucificou nossos amigos?

— Primeiro pelotão, sargento Branikov.

— Sei. Que sorte, um morto. Quem deu as ordens? Mas dessa vez, não quero nome de mortos, seu porco!

— O comiss... comissário Topolzniza.

— Quem é ele, seu filho da puta?

Sem responder, o major apontou para um prisioneiro que estava com os outros, recebendo as atenções do Pequeno Legionário.

Porta dirigiu-se devagar para o homem indicado, e por um momento olhou fixamente para o oficialzinho, que se comprimiu contra a parede da casamata.

Porta cuspiu na cara dele e derrubou o casquete com a cruz verde.

— Então, é você que gosta de brincar de Satanás? Vou te esfolar vivo, seu animal, mas primeiro vai falar, seu porco.

— Sou inocente — gritou o comissário, em alemão fluente.

— Claro — disse Porta, rindo — mas só dos assassinatos de Düsseldorf.

Ele se virou e se dirigiu para o pálido major que estava ali no meio da casamata, no lugar em que Porta o deixara.

— Vamos logo, fale, senão te matamos, seu merda soviético. Quem é que enfiou o arame farpado no nosso companheiro e lhe cortou as mãos? É bom falar, irmão, ou quer que te arranquemos as orelhas?

— Não sei do que está falando, *Herr* sargento.

— É engraçado como vocês cães de repente ficam educados. Deve ser a primeira vez que se dirige como deve a um sargento. Será que precisamos reavivar sua memória? — bateu com a coronha da pistola na cara do major, quebrando-lhe o nariz.

Tiny esgueirou-se para junto dele e cochichou, com um riso diabólico:

— Deixe o Tiny lidar com ele. Lembro-me de todos os 55 truques que usavam em Fagen, sobre nós, os Zebras. Que diabo, Porta, deixa o Tiny lidar com esse SS soviético. Juro que em menos de um minuto ele confessa tudo.

— Está ouvindo, seu canalha covarde? — disse Porta, rindo. — O Tiny quer cuidar de você. E o nosso companheiro? Quem pôs aquele arame farpado nele?

Quem lhe cortou as patas? Fale, seu gambá! — quase sem se perceber, ele fez um gesto para Tiny.

Tiny correu para o major com um grito de alegria, agarrou-o pelo fundilho das calças e o pendurou acima da cabeça, como se fosse um boneco: depois jogou-o com toda a força para o outro lado da casamata, onde ele caiu contra a parede, com estrondo.

Tiny avançou sobre ele como um tigre. Ouvi os ruídos secos e estalidos como de gravetos secos se quebrando.

O major soltou um grito que fez nossos cabelos se arrepiarem.

O Velho gemeu.

— Não, não, deixem-me sair. Não me importa o que fizeram. Não posso ver isso. — Ele saiu com outros, entre os quais o tenente Weber, branco como cera.

Tiny trabalhou bem, com eficiência. Muitos anos de ódio e vingança acumulados foram descarregados sobre o discípulo do sistema que não era tão diferente do regime pardo.

Talvez sentíssemos alguma justificação, lembrando-nos que o major também participara do tipo de coisa que agora estava-lhe acontecendo.

Quando Porta fez Tiny parar, o major estava irreconhecível. Sua farda ficara em farrapos. Ele parecia ter sido pisoteado por um gorila enfurecido.

Ao vê-lo, um dos prisioneiros caiu para a frente, num colapso.

O Pequeno Legionário deu-lhe um pontapé. Não adiantou nada; o sujeito entrara em pânico.

Aos arrancos, a informação saiu da boca do major, arrebentada e sem dentes. O prisioneiro que desmaiara foi indicado como o instigador da tortura de nossos amigos. Fora o responsável pelo arame farpado.

Quando o homem voltou a si, o Pequeno Legionário o interrogou:

— Como se chama?

— Capitão do Exército Vermelho, Bruno Tsarstein.

— Parece alemão, não é? — perguntou o Pequeno Legionário, pensativo.

Não teve resposta.

— Você é alemão, seu malfeitor?

Silêncio, um silêncio assustado.

— Que droga! — rugiu Tiny. — Não ouviu a pergunta do rato do deserto? Quer que o Tiny faça geléia de você?

— Está ouvindo? — disse o Pequeno Legionário, com um riso malicioso. — Você é alemão, seu porco de comissário?

— Não, sou cidadão soviético.

— Essa é boa. Os rapazes não se satisfazem com isso — disse o Pequeno Legionário, rindo. — Eu sou cidadão francês, mas sou alemão também. Tornei-me francês porque sabia matar os inimigos da França, e você tornou-se cidadão soviético para matar os inimigos dos soviéticos. — Enfiou a mão delicadamente no bolso da túnica do desesperado capitão, tirou-lhe o contracheque de soldo e jogou para Porta, que o folheou sem entender nada do que estava escrito.

O major russo estava mais que disposto a fazer uma tradução para o alemão. O capitão Bruno Tsarstein parecia ter nascido na Alemanha no dia 7 de abril de 1901, tendo morado na União Soviética desde 1931. Cursara os cursos universitários políticos necessários para os comissários, e fora nomeado comissário do batalhão na 32a. Divisão Siberiana de Fuzis.

— Ah! Ah! Seu filho da puta — disse o Pequeno Legionário, rindo muito. — Preciso castigá-lo com maior severidade ainda, segundo o parágrafo 986, item 2, do código penal, que diz que será castigado todo aquele que deixar o país e assumir cidadania estrangeira sem informar ao escritório do promotor-geral do partido Nacional-Socialista. E você não fez isso, não é, seu canalha?

— Bem lembrado — manifestou-se Porta. — Você pronunciará a sentença dele, meu beduíno do deserto. Faça a porra que achar que é direito.

— Fale — ordenou o Pequeno Legionário, amavelmente. — Sabem o que fizeram comigo, quando voltei para casa, da Legião Estrangeira? Adivinhe, camarada comissário. Eles me espancaram nos rins com correntes de ferro. Já experimentou urinar sangue?

Porta interrompeu-o, berrando no ouvido do comissário russoalemão:

— Responda, por Cristo, senão lhe cortamos os olhos e o fazemos comê-los.

Tiny espetou Tsarstein com a baioneta. Ele saltou para a frente, mas a coronha do fuzil de Bauer o fez saltar de volta.

— Responda, seu cachorro. Não ouviu o que o cavalheiro disse? — exortou Porta. — Pergunto de novo: já tentou?

— Não, não — sussurrou o comissário rouco, olhando como hipnotizado para o Pequeno Legionário, que por sua vez olhou para ele com um sorriso quase paternal.

— Quer experimentar?

— Não, *Herr Soldat*.

— Pois eu também não queria, irmão. Mas os seus colegas de Fagen me obrigaram a isso. Já ouviu falar de Fagen?

— Não, *Herr Soldat*.

— Acha que um dia ouvirá, agora?

— Responda, seu veado remelento — rugiu Porta.

Tsarstein engoliu a saliva com a maior dificuldade. Cada palavra doía, quando ele respondeu:

— Não, creio que não.

— Nem eu. Eles me bateram nos rins com as correntes, um golpe para cada ano que passei na Legião Estrangeira. Podiam ter escolhido cada mês, semana ou mesmo dia. Se fosse assim, eu teria morrido, e imagine o meu pesar se nós nunca nos conhecêssemos — você e eu? O suboficial Willy Weinbrand, da SS, achava muito engraçado me ver lamber o cuspe. Já experimentou isso, *Herr* comissário? Não? Mas tentou crucificar as pessoas. Não acha que dói ser crucificado?

Tsarstein comprimiu-se desesperadamente contra a parede, tentando escapar dos olhos fanáticos e fixos do Pequeno Legionário.

— Você não responde. Já experimentou?

— Não, *Herr Soldat.*

Tiny cuspiu no chão.

— Lamba isso.

A cabeça de Tsarstein estava girando. Ele parecia estar a ponto de desmoronar. Hipnotizado, olhou para aquela pequena gosma no piso da casamata. Todos nós já tínhamos experimentado lamber cuspe. Sabíamos o que se passava no corpo de Tsarstein.

— Coma isso, camarada-comissário-assassino!

O Pequeno Legionário espetou o pescoço dele com a baioneta.

— Procurai e encontrareis — disse ele, a voz grossa. — Alá é grande. *Inshallah!*

Tsarstein começou a vomitar. O estômago dele parecia estar se revirando todo.

— Nossa! — exclamou o Pequeno Legionário, tranqüilo. — Esse tipo de coisa era castigado severamente em Fagen! — deu-lhe um pontapé no lado do corpo, e o homem do NKVD rolou pelo chão.

O Pequeno Legionário debruçou-se sobre ele, com um ar confidencial:

— Os seus colegas da SS me castraram com uma faca de cozinha, na privada. Já viu uma coisa dessas?

— Não, *Herr Soldat.*

— Deus nos ajude, mas que inocente você é! — a voz dele estava cortante como uma faca. Até hoje aquele som permanece na minha cabeça. — Quantos vocês já castraram, nos seus campos de concentração?

— Nenhum alemão, *Herr Soldat,* apenas elementos anti-sociais.

Reinava um silêncio sinistro, quase satânico. O Pequeno Legionário permitiu que o comissário se arrastasse de volta aos outros prisioneiros, mas eles, seus próprios companheiros, recuaram, com pavor.

— Então, só elementos anti-sociais — repetiu o Pequeno Legionário, como se estivesse pensando em voz alta. Saboreou a palavra “anti-social”. A voz dele se ergueu num grito de raiva: — Levante-se, ova de puta, senão te esfolo vivo! — chutou o comissário, que procurou se proteger com as mãos estendidas. — Você fala em anti-social, seu filho da puta. Aqui somos todos anti-sociais, aos olhos de seus colegas da sua SS. Pensa que isso lhe dá o direito de nos tornar metade de homens? Tirem as calças dele! — rugiu.

Tiny e Pluto só faltaram rasgar as roupas de cima do comissário, que berrava como um animal assustado.

O Pequeno Legionário apanhou a faca de combate e experimentou o fio com o polegar.

Nesse instante, uma ordem ríspida ressoou na casamata.

— Seção, sentido!

Num sobressalto, obedecemos.

Lá estava o capitão von Barring, o oficial de artilharia e o Velho.

Devagar, espanando a neve de seu sobretudo, von Barring avançou pela casamata. Ele olhou com indiferença para os prisioneiros e para o comissário seminu, que estava rastejando para se esconder.

— Parem com isso, rapazes. — Von Barring virou-se para nós. — Os prisioneiros serão mandados para o quartel-general do regimento. Não sabiam disso?

Porta começou a explicar, mas von Barring o interrompeu.

— Está bem, Porta. Já sei o que vai dizer. — Ele apontou para os prisioneiros. — Esses sujeitos vão ter o que merecem, pode estar certo, mas nós aqui não somos torturadores. Lembrem-se disso, e não me deixem tornar a flagrá-los nisso. Por esta vez, passa.

— Não podemos castigá-los? — insistiu Porta.

— Não, deixe isso para o quartel-general. — Von Barring fez um gesto de cabeça para o Velho, que chamou alguns homens, do 67. Regimento de Infantaria. — Escoltem os prisioneiros até a retaguarda — ordenou von Barring a um sargento. — Você responde com sua vida pela segurança deles.

Quando eles se retiraram, Tiny enfiou a baioneta na coxa do comissário.

O sujeito soltou um grito.

— O que foi isso? — von Barring parecia ameaçador.

— Um dos prisioneiros pisou num prego — respondeu Porta, inocente.

Sem mais uma palavra, von Barring e o oficial de artilharia saíram da casamata.

— Ah, mas que porra! — praguejou o Pequeno Legionário. — Logo agora que começávamos a nos divertir. Por que será que von Barring tem sempre de se meter com nossas brincadeiras?

— É uma concorrência injusta — declarou Porta, fechando a cara para o Velho. — A culpa é sua, não é? Foi contar ao von Barring, não foi?

— Fui, sim — respondeu o Velho, decidido. — E vocês teriam feito o mesmo se não tivessem perdido a razão.

— O próximo comissário em que eu puser as mãos vai levar uma bala nas costas logo de uma vez — declarou Tiny, brandindo a pistola.

— Quem sabe nos deixam tratar desses cachorros imundos depois que Hinka tiver a sua conversinha com eles — disse o Pequeno Legionário, fazendo conjeturas...

Enfrentando grandes dificuldades, o grupo de combate foi abrindo caminho no meio daquele terreno intransitável. Caminhávamos, tropeçando e cambaleando, através de neve que parecia nos sugar a cada passo.

Não andamos muito até que os mais fracos se atiraram ao chão, chorando e recusando-se a dar mais um passo. As coronhas dos fuzis cutucaram-nos até eles recomeçarem a marcha, aos tropeções. Parecíamos um mundo de formiguinhas pretas na vasta paisagem branca de neve.

Tivemos que lutar por todo colcós e povoado. Quando pensávamos ter exterminado o inimigo, lá surgiam eles de novo em cima de nós, como lobos.

A Companhia número 5 alojou-se num colcós a sudeste de Dzhurzhenzy. Estávamos inteiramente exaustos. Tínhamos tirado o nosso equipamento e nos aconchegado na palha. Então ouvimos disparos. Rajadas furiosas de pistolas automáticas russas. Ouvimos gritos.

— Ivan, Ivan, alerta, alerta! — avisaram-nos nossas sentinelas, e saltamos para nos esconder, atirando nos soldados siberianos que estavam surgindo de todos os lados.

— Para fora! — exclama o Velho, agarrando a pistola automática e algumas granadas de mão. Ele ataca sem o casquete e o sobretudo.

Andamos por ali aos tropeções, em confusão, mas em alguns segundos estamos lá fora, no escuro.

Pluto, que estava catando piolhos, corre para fora só de calças e botas. Dá a volta à casa, correndo com a pistola automática e depara com três russos. Os três

se agarram a ele como lapas, tentando enfiar-lhe suas facas de combate. Rugindo como um touro, Pluto chuta e morde enquanto atira. Um dos russos escorrega pelo terreno de barriga, como um trenó. Os outros dois, ele agarra pelas gargantas e arremessa para longe. Um tem o peito cravado de balas pela sua pistola e o outro cai ao chão, o canivete de Pluto é enfiado fundo em seu peito.

Porta e o Pequeno Legionário usam suas armas automáticas como cassetetes, praguejando com raiva.

— Toma aí, seu puto comuna! — berra Porta, e uma violenta pancada atinge uma cabeça siberiana, com seu chapéu de pele.

— *Allah-akbar!* — grita o Pequeno Legionário.

Tiny corre no meio dos siberianos baixinhos, brandindo um sabre cossaco como uma foice, que corta dos dois lados, pois Tiny afiou os dois gumes.

Mais de um terço da companhia está morto, quando, duas horas depois, conseguimos rechaçar as tropas siberianas.

Mais uma vez andamos pelo inferno branco, trôpegos. O grupo de combate está sendo exterminado, lentamente, mas com firmeza. A maior parte das tropas, cadáveres enroscados na neve, está espalhada pela vastidão de neve.

Em volta de cada um deles, a neve vai subindo aos poucos num montículo, como um túmulo.

A aldeia de Dzhurzhenzy é um lugar solitário, abandonado, com um colcós e uma linha férrea no lado norte.

Ali temos de fazer explodir cada montículo e lutar durante horas para tomar cada casa. Nenhum daqueles soldados siberianos do 32. Regimento se rende. Cada um é morto num combate corpo a corpo. Não cedem um centímetro durante as batalhas.

Em Dzhurzhenzy, Möller, o nosso religioso, tomba. Morre nos braços de Tiny e Porta, atrás de uma pilha de dormentes de estrada de ferro. É uma ironia que seja Porta a dizer o último *Pater Noster* por ele.

Cobrimos ele com neve antes de continuar com a nossa marcha de morte.

Estamos tão esgotados que deixamos nossos amigos deitados na neve, quando eles não resistem à tentação de se afundar nela e dormir até morrer.

Quase cegos pela neve ofuscante, soluçando de fadiga e dores de ulcerações pelo gelo, chegamos a algo parecido com uma estrada, indicada por uma longa fileira de postes telegráficos.

De repente, vemos à nossa frente um, dois, três, quatro, ah! Deus, cinco, não, muito mais tanques olhando para nós no meio da nevasca. O comandante de cada viatura está sentado na torre aberta, tentando enxergar através da neve

esvoaçante.

Extenuados e calados, afundamos na neve e olhamos em pânico para aqueles monstros imensos, pintados de branco. Eles vão seguindo com seu ronco, os canhões compridos apontando das torres, como dedos acusadores.

O sargento Kraus, do 104. Regimento de Artilharia, levanta-se e quer correr para eles.

O Velho tem de puxá-lo para baixo, na neve.

— Cuidado, acho que é Ivan. Aqueles ali certamente não são Tigres nem Panteras. Se não me engano, são KW2!

A neve não pára de nos ofuscar, enquanto olhamos fixamente para os tanques com seu ronco.

— Ah, minha santa! — explode Porta. — São os garotos do tio Joe num piquenique. Têm estrelas em todas as viaturas, e Adolf não gosta disso. Portanto, como vêem, deve ser o negócio de transportes de Stalin que vem rolando aí.

Assim que temos certeza, começamos a cavar furiosamente na neve para nos abrigar. Usamos até mesmo os dedos para nos esconder dos comandantes dos tanques.

Contamos 15 T34 e dois dos KW2, maiores. Talvez houvesse mais, invisíveis na tempestade de neve.

Olhamos nervosos, enquanto eles desaparecem como espectros.

De repente, percebemos, apavorados, que eles estão avançando sobre Lysenka. Lá, toda a nossa Primeira Divisão Panzer está se preparando para avançar e nos tirar da rede em que estamos.

O capitão von Barring resolve depressa: precisamos ir rápido para Lysenka, avisar a Primeira Divisão Panzer do perigo mortal que está ocorrendo.

Mais uma vez nos dirigimos para oeste, na tempestade de neve cada vez mais forte, que sopra bem em cima de nós. Não é fácil caminhar dentro dela, carregando munição e pesadas armas de infantaria. Mesmo que os tanques inimigos se atrapalhem com a neve, têm mais chance de chegar primeiro ao seu objetivo.

A tempestade faz com que a visibilidade baixe até cerca de dois metros. De repente, ouvimos uma rajada de metralhadora. Os motores de tanques engatam primeira e gemem como bebês assustados.

No meio da tempestade, vemos os vultos dos tanques. Nossos artilheiros e soldados da infantaria correm por ali, aos gritos. Jogam fora as armas, caem e são esmagados pelas pesadas lagartas. Alguns param e levantam as mãos, em sinal de rendição, mas no momento seguinte são derrubados por rajadas de

metralhadoras.

A estrela vermelha brilha sobre nós, fria e implacável.

Stege e eu nos atiramos para nos abrigar atrás de algumas moitas e nos comprimimos a elas, desesperados. A alguns metros, os T34 passam roncando, revolvendo a neve numa nuvem densa. O escapamento quente do cano de descarga nos atinge como um beijo ardente. Nossos corpos ficam arrepiados.

O restante do grupo de combate corre por ali como coelhos assustados. Com uma precisão incrível, são eliminados, um a um.

Quinze minutos depois só ouvimos alguns tiros disparados à distância. Tornando a cambalear para oeste, encontramos mais tanques. Estão perseguindo alguns soldados do 72. Regimento de Infantaria.

É uma corrida terrível. A única idéia que as pessoas têm é fugir daqueles matadores que espalham o fogo!

Num lugar temos de nos atirar ao chão e deixar que os tanques rolem por cima de nós, como nos ensinaram no manual de treinamento.

Em pânico, afundamos na neve. Roncando, matraqueando e zumbindo, a imensa tonelagem de um T34 troveja por cima de nós. Sua barriga nos roça, como se fosse com carinho, em nossas costas, enquanto as correntes berrantes e tinindo passam pelos nossos dois lados.

Depois de uma situação dessas, a pessoa não é mais normal. Fica tremendo, abalada. A fala torna-se confusa e arrastada. Não se pode acreditar que ainda se esteja vivo.

Vários quilômetros mais para o sudoeste, tornamos a encontrar os resquícios do grupo de combate de von Barring. Dos quinhentos combatentes, restam apenas cem. Para nosso grande alívio, entre os sobreviventes está a maioria dos nossos melhores amigos.

Pluto teve uma orelha arrancada, por um pequeno projetil.

Porta fez-lhe um curativo com o que parecia um carinho de mãe.

— Ainda bem que aquela bomba não acertou no seu traseiro, meu bem. Esta orelha não lhe adiantava nada, benzinho. Você nunca escutava as coisas sensatas que as pessoas lhe diziam. O seu velho pai não lhe disse que a guerra é desagradável? Mas claro que vocês idiotas tinham de sair pra arranjar um pouco de *Lebensraum*. Está vendo o que aconteceu, seu camponês miserável!

Von Barring tornara a entrar em contato com o quartel-general e comunicara que todas as companhias tinham sofrido pesadas baixas. Para nosso espanto, recebeu as seguinte ordens lacônicas:

“O grupo de combate von Barring se juntará aos resquícios do 72. Regimento de Infantaria. O grupo voltará ao ponto 108, posição Dzhurzhenzy. Se os russos a estiverem ocupando novamente, reconquistem-na.”

— Deus, mas que idiotas — gritou Porta. — Isto parece brincadeira de trocar cadeiras em festa. Por que não instalam um serviço de bondes?

Sem as devidas informações do Serviço Secreto, nem apoio de flanco, nós retornamos, apáticos.

Porta jurou que se precisasse fugir de novo, só ia parar quando chegasse a Berlim.

A manhã chegou com trinta graus negativos. Sete homens morreram congelados durante a noite. Foram empurrados por cima do nosso parapeito de neve e rolaram para o outro lado.

Primeiro os examinamos para ver se valia a pena tirar-lhes as botas. Um dos mortos tinha um par de botas de feltro quase novas. Couberam perfeitamente nos pés do Pequeno Legionário. Ele calçou-as, o rosto radiante.

— A morte de um, botas para outro — comentou ele, rindo, batendo com os pés, feliz, e se afastou entusiasmado.

Tentamos cavar mais fundo, mas tanto as pás quanto as picaretas são inúteis em terreno tão duro.

De tarde, a infantaria russa ataca de novo. Numerosas tropas avançam num assalto com gritos selvagens.

Abrimos fogo concentrado com nossas armas automáticas e os morteiros. Para nosso espanto, os russos logo desistem e recuam para suas posições.

Repelimos oito assaltos em 48 horas.

Mas, pior do que os ataques, o frio, a fome, as bombas e os projetis, é a sensação que se apoderou de nós: o grupo de combate foi colocado num local que está perdido — do qual já desistiram.

Nosso pedido de ajuda ao quartel-general do regimento não obtém resposta.

Depois do décimo quarto ataque, von Barring permite que o nosso radiotelegrafista envie um SOS desesperado:

“Grupo de combate von Barring quase exterminado. Apenas vivos dois oficiais, seis suboficiais e 219 soldados. Mandem munições, ataduras e rações. Desistimos. Aguardamos ordens.”

A resposta do quartel-general é breve:

“Não podemos ajudar. Resistam até o último homem.”

Comandante do corpo do exército.

Os russos agora tentam expulsar-nos bombardeando-nos. Atingem a aldeia com 12 bombardeiros Martin atacando em vôo rasante. Os bombardeiros despejam sua carga mortífera sobre nós.

Na noite seguinte, a despeito das ordens de morrermos onde estávamos, o capitão von Barring, arriscando-se a um conselho de guerra e uma sentença de morte, ordena que o grupo de combate saia da aldeia, abandonando os morteiros e as pesadas armas da infantaria.

Colocamos as numerosas baixas numa fileira ordenada nos parapeitos de nossas posições abandonadas.

De olhos vidrados, os soldados mortos do 104. Regimento de Artilharia, os artilheiros do 27. Regimento Panzer e os velhos veteranos do 72. Regimento de Infantaria observam as posições russas onde estão os soldados siberianos.

Inúmeros soldados caem como maçãs maduras das árvores nas tempestades de outono. Não estamos mais interessados, porém, em saber quem recebe o beijo da morte da geada.

O que é aquilo chegando? Tanques? Histéricos de fadiga, com pletamente extenuados, nós afundamos nos montes de neve gelados As lágrimas escorrem por nossas faces, em desespero. Temos apenas granadas de mão para lutar contra aqueles monstros de aço.

Os motores escarnecem de nós, zunindo. Cantam a nossa elegia. A elegia do 27. Regimento Panzer.

Sem nada dizer, juntamos as granadas de mão. Como vamos morrer, que isso custe o mais possível.

É loucura lutar, é igual loucura parar. Dá no mesmo. A morte sob as lagartas ou pelas balas das metralhadoras.

— E assim chegamos ao fim da nossa guerra — rosna Porta. — A apenas três mil quilômetros de Berlim. Bom, não se pode fazer nada a respeito. Porta aguarda-os no inferno. Já estou cheio de ficar correndo por aí.

— Você não vai esperar muito — diz Tiny, em voz rouca. — Também já vou indo, mas primeiro buscarei um desses filhos da mãe comunas para ir comigo.

— Alá é grande, mas estes são maiores — declara o Pequeno Legionário, apontando para o bando de tanques pintados de branco que rolam em nossa direção.

— Cuidado — grita von Barring. — Lá vêm eles!

Stege já vai se levantar para fugir, mas o Velho e eu o agarramos.

As metralhadoras iniciam o seu trabalho. Os homens começam a morrer. Um cabo do 104. senta-se e leva as mãos à cabeça, depois se dobra como um

canivete.

O oficial de artilharia baixinho corre para a frente e joga algumas granadas de mão contra o tanque mais próximo; depois cai e é esmagado sob as lagartas. Suas granadas caíram perto demais.

Vários homens começam a correr. Von Barring grita, em desespero:

— Fiquem deitados, parados, deixem que rolem por cima. Vamos pegá-los por trás. Eles não têm proteção da infantaria!

Mas cada vez mais soldados são acometidos de pânico. Correm por ali feito loucos, até serem abatidos pelas metralhadoras russas.

Porta prepara sua bomba especial, feita em casa, dá-lhe um beijo e a atira. Ela cai debaixo das lagartas do tanque mais próximo. O tanque é sacudido e depois pára.

Ao mesmo tempo, Tiny atira a sua bomba, que também acerta no alvo. Ele dá um tapinha no ombro de Porta, feliz.

— Agora vamos ser esmagados tranqüilamente. Devemos ter merecido as mais sinceras boas-vindas do demônio!

O Velho grita:

— Parem, parem, são tanques alemães! Olhem a suástica!

Nós olhamos para eles, boquiabertos. O Velho tem razão. Um prazer maluco. Acenamos com nossas camisas de neve e capacetes de aço. Os tanques dão meia-volta. As portinholas nas torres se abrem. Nossos camaradas dos tanques acenam para nós.

Chorando, caímos nos braços uns dos outros.

De todo o grupo de combate, apenas 34 outras graduações e um oficial, o capitão von Barring, sobreviveram.

O general-de-divisão Bäke salta e chega até junto de nós, baixinho e corpulento. Aperta a mão de cada um de nós, depois agita os braços e a 1a. Divisão Panzer está a caminho de Cherkassy, para alargar o buraco que fizemos na rede. Dentro dessa rede, nove divisões continuam a lutar desesperadamente.

O primeiro-tenente Weber tombou. Um Tiger alemão esmagou-lhe o corpo. Nunca mais vai ameaçar ninguém com um conselho de guerra.

Então, como bonecos mecânicos, caminhamos pela estrada para uma aldeia onde receberemos reforços — assim esperamos.

— Vou-lhes dar a receita, seus campônios oprimidos — disse Porta; com superioridade. — Isso é ambrosia do Olimpo.

E então, claro, os nossos colegas russos tiveram de interromper a nossa deliciosa fantasia gastronômica.

16. PURÊ DE BATATA COM PICADINHO DE CARNE DE PORCO

NA BEIRA DE uma floresta, a alguns quilômetros ao norte de Popeljna, o 27. Regimento foi instalado em posições pacatas, apenas com algum fogo de artilharia local, que nem vale a pena citar.

Nosso grupo foi mandado numa patrulha de reconhecimento na floresta. As armas penduradas displicentemente nos ombros, e cigarros à boca, partimos.

Porta deu ordem para um breve descanso.

— Essa merda de guerra não vai fugir se a gente parar um pouco por aqui.

Nisso ele foi apoiado com alegria por Tiny e o Pequeno Legionário.

O Velho deu de ombros.

— Para mim, tudo bem. Não pode haver russos por aí, senão já os teríamos visto há séculos.

Sentamos ali, 12 homens, num tronco de árvore caído, como andorinhas num fio telefônico.

Porta começou a explicar como devia ser preparado o seu prato favorito de purê de batata com picadinho de carne de porco.

— O mais importante é que esse prato, digno dos deuses, deve ser preparado com sentimento. — Ele gesticulou. — Sem isso, não adianta nada.

Tiny interrompeu-o.

— Um momento, Porta, quero anotar a receita. — Pediu a Stege para lhe dar papel e lápis.

Tiny deitou-se de bruços, molhou o lápis e pediu a Porta para prosseguir.

— Primeiro você escolhe umas batatas lindas. Pode roubá-las no campo ou encontrá-las num celeiro. Em todo caso, depois que conseguir as batatas, sente-se numa boa cadeira. Se seu traseiro estiver doendo, pegue uma almofada. Depois descasque as batatas. Os pedaços ruins, se houver, são retirados com cuidado e carinho.

— Que ruindade se pode encontrar numa batata? — perguntou Tiny.

— Já viu uma batata sifilítica?

— Não, eu não sabia que batatas andavam com putas.

— Pois bem, há muita coisa que você não sabe — respondeu Porta, com uma complacência irritada. — Mas faça o que estou dizendo. Corte a sífilis. Ponha as batatas descascadas numa panela com uma água pura da fonte, espadanando com graça, como uma virgem urinando num riacho numa tarde de primavera enquanto os mosquitos brincam nas moitas.

— Meu Deus, Porta, você é um poeta e tanto — disse o Velho, rindo.

Porta apertou os olhos.

— O que é um poeta? Alguma coisa a ver com farristas?

— É possível que você encontre um poeta entre eles — retrucou o Velho, sorrindo. — Mas deixe pra lá, continue com sua aula de culinária.

— Após descascar as batatas, ferva, depois amasse bem, segundo as regras, como um mingau. Agora, preste atenção, é muito importante. Vá a um povoado ou um campo onde o cheiro lhe indicar a existência de gado. Procure uma vaca. Imagino que saiba a diferença entre um macho e uma fêmea. Se não souber, é só levantar o leme na ponta de trás, mas fique com o nariz afastado. Sabe, a descarga fica logo abaixo.

Tendo encontrado o animal certo, tire meio litro de suco do recipiente de leite. É um aparelho localizado debaixo do estômago e parece uma instalação elétrica. Ponha o leite nas batatas amassadas, mas pelo amor de santa Isabel, cuidado para não ter encontrado uma cabra ou mula. Seria uma tragédia pôr o leite de uma mula nas belas batatas, pois esse tipo de leite é usado para tomar banho.

— Ah, que droga — explodiu Tiny —, já é bem ruim tomar banho com água comum, mas com leite deve ser horrível. Prefiro continuar sujo, até que o sujeito do enterro raspe minha sujeira Isso é mentira, Porta. Onde foi que você descobriu isso?

— Eu li, meu filho. Era uma vez uma mulher chamada Poppaea Sabina. Uma beldade da Itália. Ela fisgou aquele sujeito, o imperador Nero, da bruxa velha chamada Otávia. Essa Poppaea foi apanhada num bordel pelo imperador. Claro que ela ficou com mania de grandeza e começou a se lavar com leite de mula. Portanto, já sabe: nada de leite de mula nas batatas. Elas não são uma estação de tratamento de esgoto.

“Após despejar o leite de vaca puro nas batatas, mexa com graça e bem. Depois pegue uma pitada de sal e ponha nas batatas, mas pelo amor de Deus, com sentimento, e por santa Gertrudes, mexendo o tempo todo com uma colher de pau. Se não tiver uma, use a baioneta. Lembre-se de retirar o sangue e o óleo dela.

“Depois quebre dez ovos e, com o seu jeito mais simpático, bata com açúcar. Furte o açúcar do intendente, mas, pelo amor de Moisés, batam devagar, caros amigos, devagar!

— Por que isso? — perguntou Tiny.

— O que é que isso tem a ver com você, seu abutre de pé chato estúpido? É só fazer devagar, como já disse, e parar de interromper. Você é sempre tão curioso. Ferva tudo em fogo brando. Nunca use esterco como combustível, fede muito! — Porta parou e olhou com raiva para Tiny, que tinha levantado a mão, como um colegial. — O que é que você quer agora? — perguntou Porta, zangado.

— Só quero perguntar humildemente, *Herr* Superchefe Porta, se posso usar madeira de vidoeiro ensopada em gasolina roubada do parque de viaturas de Hitler?

— Por Deus, pode, sim! Mais alguma pergunta, faça logo!

Tiny sacudiu a cabeça.

Nós, que estávamos perto, vimos que ele escreveu em letras garrafais, infantis: “Pode usar madeira de vidoeiro e gasolina roubada.”

— O porco é tostado sobre um fogo forte feito de madeira de vidoeiro — acrescentou Porta, depressa, olhando para Tiny, que estava com a ponta da língua para fora, no seu esforço para se concentrar naquele difícil trabalho de escritório.

— Você corta o porco bem cortadinho em cubos e deixa os pedaços deslizarem para o purê. Isso deve ser feito com cuidado e carinho. O mais importante é pôr toda a nossa alma católica nesse trabalho.

Tiny berrou:

— É preciso a gente ser católico pra fazer purê de batata?

— Claro — respondeu Porta —, desde a Guerra dos Trinta Anos isso é um fato aceito.

— Está bem, eu arranjo um católico pra fazer o meu purê sob as minhas ordens — disse Tiny.

— Cantando uma canção de outono russa — continuou Porta —, você corta algumas cebolinhas e, com um sorriso cativante, as espalha sobre o purê. Uma pitada de páprica também é muito bom. Também não se deve desprezar meio invólucro de cartucho com pimenta. Mas pelo amor de Deus, não deixem isso no fogo por tempo demais. Sabe, pessoal, isso se chama “Amor Ardente”. — Ele olhou para Tiny com um ar de advertência. — E não me venha dizer nada de obsceno sobre essa santidade!

“Antes de sentarem pra comer esse maná, lavem bem a colher em água fervente. Seria um pecado mortal mesmo comer o purê com uma colher suja.

“Lembre-se de usar a carne de um porco branco; se preciso, usem um porco preto, mas nunca um vermelho. Isso seria blasfêmia. — Levantou o traseiro e fez um ponto final na preleção. O silêncio da floresta acentuou o efeito. Pouco depois, o Velho joga fora o cigarro, e nós continuamos a andar.

O caminho tornou-se uma trilha estreita, serpeando entre abetos e pinheiros imensos e cerrados.

Chegamos a uma curva fechada na trilha. De repente deparamos com uma patrulha russa. Como nós, é evidente que eles também ficam espantados.

Por alguns segundos, ficamos ali olhando, os cigarros pendurados às bocas e as armas nos ombros.

Nenhum de nós pensa em atirar. A surpresa é total. Ambos os grupos dão meia-volta e fogem, os russos para um lado, nós para outro.

Porta está bem à frente do nosso grupo.

Tiny grita de susto, as pernas movendo-se como as de um ciclista no Tour de France. No seu pânico, ele perdeu a pistola automática.

Teríamos morrido de tanto correr se Porta não tivesse tropeçado numa raiz e caído por uma encosta íngreme, de uns 15 metros. Ele berrava como um cavalo perseguido por lobos.

Após muito trabalho, conseguimos puxá-lo. Começamos uma discussão violenta sobre quantos russos tínhamos encontrado.

O Velho e Stege diziam que devia ser uma companhia.

— Uma companhia — gritou Porta. — Vocês devem ter levado uma pancada nos olhos por um pombo torcaz. Foi pelo menos um batalhão.

— Pelo menos. Tinha russo em penca — manifestou-se Tiny.

— *Ma Foi*, estavam ali às centenas entre as árvores, revirando os olhos — disse o Pequeno Legionário. — Vocês podem ficar aqui, mas eu, por mim, vou dar o fora.

No quartel da companhia, comunicamos ousadamente que tínhamos encontrado um batalhão inimigo. O comunicado logo foi enviado ao quartel-general do regimento.

Os telefones de campo foram obstruídos. A divisão foi alertada. Enviaram três batalhões de assalto para a linha de frente. Foram dadas ordens de atirar ao 76. Regimento de Artilharia e ao 109. Regimento de Morteiros. Dois batalhões de artilharia ligeira avançaram.

Projetis e foguetes choveram no local em que afirmamos ter encontrado o “batalhão” inimigo.

Os russos respondiam ao fogo ativamente. Nossos colegas também devem ter comunicado um número exagerado semelhante de seus inimigos. Enquanto isso, ficaram sentados nas suas trincheiras, como nós, admirando o enérgico trabalho da artilharia.

Com um ar sonhador, acompanhando com os olhos a trajetória de um grande projétil na noite escura, Porta comentou:

— Fico muito orgulhoso ao pensar que essa festiva exibição de fogos de artifício é tudo obra nossa.

Ela era esguia e linda. Morena e ardente. A amante mais experiente que um homem ávido por mulheres poderia desejar.

O que eu não sabia sobre as mulheres, ela me ensinou.

Nós nos amamos, agarrando-nos como pela última vez. Quando me dei conta de que eu poderia ser castigado por violação racial, ri como não fazia há muito tempo, e meus amigos riram comigo.

17. LICENÇA EM BERLIM

PRECISEI ESPERAR sete horas em Lemberg. A sala de espera estava fria. A geada invisível insinuava-se por dentro de meu sobretudo. Chovia e ventava, um vento de leste.

A Rússia recebeu-me com frieza, depois de quatro dias de licença — quatro dias lindos, inesquecíveis. Todas as licenças só têm uma desvantagem. A metade é estragada pela idéia da volta à linha de frente.

A gente deve se lembrar do que fez. Sem esquecer nenhum detalhe. Eles esperam ouvir tudo, aqueles que não foram sorteados quando houve a distribuição do único salvo-conduto de licença da companhia. Von Barring colocara duzentos pedacinhos de papel, num capacete, mas 199 eram em branco. O número 38 era um salvo-conduto, e eu o tirei. Todos me felicitaram com um nó na garganta. A decepção e a inveja foram difíceis de esconder. Eu já ia dando a minha licença ao Velho, quando ele disse, como se tivesse lido minha intenção:

— Ainda bem que não fui eu. Então teria de me esquecer de novo como é bom estar em casa.

Não estava falando sério, e eu sabia disso. Ele queria muito aquela licença.

Tiny foi sincero e sem pretensões. Primeiro ameaçou me dar uma surra se eu não lhe desse meu salvo-conduto. Quando os outros tomaram meu partido, ele se ofereceu para pagar por ele. Porta cobriu a oferta dele; mas eu não quis vender. Eles sabiam disso. Mas valia a pena tentar, se a pessoa com a licença tivesse ficado louca de alegria por ter acertado na loteria.

Porta, Pluto e Tiny tentaram me embriagar, ainda na esperança de me comprarem a licença, e quando eu já ia entrando no caminhão para ir para a estação, Tiny fez uma última tentativa. Ofereceu-me seus dez salvo-condutos seguintes se eu lhe desse o meu naquela hora.

Eu recusei e fui embora, enquanto eles cantavam:

In der Heimat, in der Heimat,
da gibt's ein Wiedersehen!

A viagem para Berlim passou depressa. Tomei um trem-ambulância em Jitomir e em Brest-Litovski embarquei num trem de licença direto. Assim, ganhei mais um dia.

Estava escuro quando o trem para Minsk entrou na estação. Todos os vagões apresentavam-se apinhados de soldados. Estavam por toda parte. Nos porta-bagagens, debaixo dos assentos, pelos corredores, nos banheiros.

Ao amanhecer, passamos pela cidade fronteiriça de Brest-Litovski e seguimos para Minsk. Chegamos pela tarde.

Eu estava tão cansado e doído que mal podia andar. Em Minsk, devia me apresentar ao MTO. Meus documentos, que eu tirara em Berlim, diziam: Berlim — Minsk, por Lemberg — Brest — Litovski.

No escritório da estação fui recebido por um sargento. Ele consultou algumas listas, carimbou meus documentos e disse:

— Você vai para Vjasma. Lá, apresente-se ao MTO e pegue novas direções, mas apresse-se, o seu trem está na linha 47.

Cheguei a Vjasma no dia seguinte, por volta das três da tarde. Com fome, cansado e encharcado, fui ao escritório do MTO.

Um suboficial desapareceu num gabinete com meus documentos. Pouco depois reapareceu com um capitão corpulento e idoso. Postandose na minha frente, as pernas afastadas e as mãos enluvadas nos quadris, encarou-me com raiva e perguntou:

— Que diabos está pensando? — a voz era rouca como de um corvo. — O que é que está fazendo, viajando pela Rússia afora. Já gozou a sua licença e agora está vadiando?

Fiquei rígido, em posição de sentido, olhando cegamente para a sala. Uma lenha no fogão estalou, era vidoeiro.

— Ele é mudo? — perguntou o capitão, tossindo. — Responda logo!

(“Escolha a resposta certa, Sven. O seu destino dependerá do que falar. Como esse capitão fede a suor e gordura.”)

— Sim, *Herr* capitão?

— E que diabos quer dizer com isso? — perguntou ele, furioso.

As chamas no fogo brincavam quentes. Parecia confortável e lindo. (A sua licença acabou.)

— Comunico humildemente, *Herr* capitão, que viajei pela Rússia afora.

— Ah, seu animal, então confessa. Muito sábio. Pegue essa cadeira, pule dez vezes rápido e depois mais dez. Depressa, animal da frente!

Duro, dobrei os joelhos, peguei a pesada cadeira do escritório e segurei-a com os braços estendidos, enquanto pulava de pernas dobradas

O capitão riu, satisfeito.

— Mais depressa, mais depressa! — ele ia batendo o ritmo com uma régua. — Um dois, salto grande... um, dois, salto grande! — não se contentou e ordenou que pulasse mais dez vezes, aí, sim, se satisfez.

Diante dos aplausos do pessoal da estação, ordenou:

— Meia-volta agora, animal preguiçoso!

Um recipiente de respirador bateu em meu pescoço quando corri para o outro lado da mesa e me meti debaixo de uma fila de cadeiras dispostas para parecerem um túnel.

Aquilo ficou preto diante de meus olhos. Meu sangue parecia bombear. De longe, ouvi o grasnar do corvo:

— Mais depressa, mais depressa, seu cão preguiçoso!

Quem gritou?

— Sentido!

Parei maquinalmente e estendi os dedos sujos pelas costuras da calça, olhando fixamente para uma foto de Hitler. Foi a foto que se moveu? Ou fui eu?

Minha cabeça doía. Pontos vermelhos dançavam diante de meus olhos. A foto ia e vinha.

Uma voz áspera cortou o silêncio:

— O que está acontecendo aqui?

Silêncio. O fogo estava alegre. Soltava fumaça de vidoeiro. Tinha um cheiro gostoso de floresta e liberdade. (Vidoeiros são amigos. Amigos são vidoeiros. Ah, que tolice!)

— Então, todos os senhores perderam a língua? — era a voz gélida de novo.

— *Herr* coronel, capitão von Weissgeibel, destacado para serviço na estação, humildemente comunica o castigo de um artilheiro que estava vadiando atrás das linhas. A punição foi completada.

— Onde está o artilheiro, *Herr* capitão von Weissgeibel?

A voz era áspera mas educada.

O capitão, baixo, gordo, untuoso, apontou seu dedo de salsicha para mim. Um rosto frio e liso sob um chapéu de pele branca fitou-me.

— À vontade!

Maquinalmente, meu pé esquerdo escorregou para o lado. As mãos se descontraíram um pouco. Cada músculo está preparado para voltar à posição de sentido se aquela boca pequena ordenar. Uma boca de coronel. Um coronel com

muitas cruzes, branca, preta, vermelha e azul.

— Artilheiro? Venha cá, *Herr* capitão. Onde está?

O capitão se mexeu, olhou para mim furioso e remexeu as pernas curtas nas botas grandes demais.

— Comunico humildemente, *Herr* coronel, que esse homem é artilheiro de tanques.

— Acha mesmo? — o coronel soltou um sorriso fraco e perigoso. — Já se esqueceu das divisas das graduações do exército alemão?

Um dedo comprido envolto em couro preto tocou na fivela de meu cinto.

— Apresente-se, soldado!

— Apresentando, *Herr* coronel, cadete Hassel, 27. Regimento Panzer (Penal), Companhia número 5, viajando de Berlim para Minsk via Brest — Litovski, depois de completada a licença. De Berlim, o escritório do MTO ordena nova direção em Minsk. Ordenado de Minsk para Vjasma. Humildemente, comunico chegada às 15:07h no trem 874.

— À vontade, cadete!

Ele estende a mão, imperiosamente.

— Seus documentos.

Botas batem no piso de madeira. Calcanhares batem. Vozes apresentam-se humildemente. O coronel não diz nada. Lê os documentos com as marcas verdes e vermelhas, pega os bilhetes, fixa um monóculo, examina os carimbos. O monóculo desaparece no bolso entre o terceiro e o quarto botões. Ele pensa na situação.

Como setas, as ordens são disparadas. O capitão treme. Os suboficiais estão abalados. Os escriturários atrás de suas secretárias engolem em seco.

Apenas o soldado da linha de frente, desejando que seus amigos estivessem ali, não escuta com muita atenção o que está acontecendo. As diversões foram interrompidas por um oficial de luta a caminho do quartel-general da linha de frente. Um coronel baixinho, com um braço só e um rosto implacável, liso e bonito. Um coronel que está morto por dentro. Um coronel que detesta todo mundo porque todo mundo o detesta.

Um escriturário senta a uma máquina de escrever. Com um andar flexível, o coronel anda de um lado para outro diante dele, ditando, a manga vazia pendurada, frouxa.

Ele olha para a folha datilografada. Com dois dedos entrega-a ao capitão.

— Assine, está do seu agrado, não?

— Sim, *Herr* coronel — balbucia o capitão, quase chorando.

O coronel meneia a cabeça.

— Leia em voz alta, *Herr* capitão!

É uma solicitação breve e militar para uma transferência. Quando o capitão lê os agradecimentos ao coronel von Tolksdorf em conceder tão rapidamente a solicitação da transferência do capitão von Weissgeibel e seu pessoal para um batalhão da infantaria, seus olhos espocam.

Com indiferença, e um ar bem impessoal, o coronel guarda as três solicitações dobradas no bolso. O destino do pessoal da estação está decidido.

Minutos depois estou num trem a caminho de Mogilev.

Na frente da locomotiva empurramos um vagão aberto cheio de areia. Uma precaução contra as minas. De que modo funciona, só Deus e o serviço de segurança das estradas de ferro alemãs sabem.

O vapor condensado na janela transforma-se em rostos. Os rostos aparecem e desaparecem. Berlim... Casa Vaterland... Zigeunerkeller... e todos os outros lugares em que tínhamos estado, ela e eu.

Ela me abordou quando eu estava na estação Schlesischer, em Berlim.

— De licença? — perguntou. Os olhos me avaliaram, frios e firmes.

Olhos cinzentos e profundos, muito pintados, com um pouco de cinza azulado. Ela era a mulher que todo soldado de licença deve possuir. Era meu dever arranjar uma mulher.

Na minha imaginação, eu a despi. Talvez ela tivesse uma cinta vermelha como aquela garota na foto de Porta. Quase tremi. Talvez roupa de baixo preta?

“Inferno e morte”, teria gritado Porta, se fosse eu.

— É, estou de licença por quatro dias.

— Venha comigo, vou lhe mostrar Berlim. Nossa bela Berlim, da guerra eterna. É membro do partido?

Sem responder, mostrei-lhe minha braçadeira: SEÇÃO ESPECIAL, ladeada por duas caveiras.

Ela riu tranqüila e andamos depressa pela rua. Meus passos abafavam as batidas elegantes dos saltos altos dela.

Kurfürstendamm... Lindo!... Friedrichstrasse... escura, mas linda... Fasanenstrasse... uma maravilha. Leipzig Platz, e por fim, mas não menos importante, Unter den Linden. Berlim linda, eternamente jovem!

O rosto dela estava calmo, lindo, um pouco rígido, mas pitoresco, o queixo bem levantado, de modo altivo, acima da elegante gola de pele.

Seus dedos longos afagaram a minha mão.

— Para onde, gentil senhor?

Gaguejando um pouco, consegui dizer que não sabia. Aonde é que um soldado da linha de frente leva uma dama elegante? Um soldado de linha de frente de pistola, máscara contra gases, capacete e pesadas botas de infantaria.

Ela me lançou um olhar indagador. Desconfiei que havia um sorriso nos olhos frios.

— Um oficial não sabe aonde levar uma dama?

— Sinto muito, não sou oficial, apenas um cadete.

Ela deu uma risada.

— Não é oficial? Muita coisa acontece nesta guerra. Os oficiais viram praças, os praças viram oficiais. Os oficiais viram cadáveres dependurados em cordas. Somos uma nação grande e disciplinada, que obedece a ordens. O que é que havia com ela? O trem deu um violento solavanco. Quase chegou a parar. Um apito prolongado, e continuou a andar. O vapor condensado tornou-se de novo um livro ilustrado de uma licença que agora parecia muito, muito distante... Zigeunerkeller com música suave. O suspiro de violinos, chorando pelas pradarias ciganas. Ela conhecia muita gente. Um cumprimento, um sorriso de compreensão, um cochicho e muitas garrafas com rótulos raros apareceram em nossa mesa...

A cinta dela era vermelha, a roupa de baixo fina. Ela era insaciável em suas loucuras eróticas. Colecionava homens. Era uma ébria, uma ébria erótica. Os homens eram seu entorpecente.

Eu tinha muito o que contar aos rapazes lá na casamata. Muita coisa pode ser experimentada durante uma licença de quatro dias. Um novo mundo pode transparecer. Um velho mundo pode desaparecer.

Na última noite, ela quis ver a minha Cruz de Ferro. Ficou com ela. Foi para uma gaveta onde havia várias outras condecorações e insígnias de homens que a haviam visitado.

Seu nome era Helene Strasser. Ela riu, ao me contar. Mostrou-me uma estrela amarela, cuidadosamente embrulhada em seda. Jogou a cabeça para trás, sacudiu os cabelos e riu.

— Essa é a *minha* condecoração. — Olhou para mim, à espera de uma reação violenta. Mostrei-me indiferente. Uma vez houve um homem da SS que tentou proibir Porta de sentar num banco onde havia o aviso: “Só para judeus.” O homem da SS morreu.

— Não entendeu? Tenho a estrela dos judeus.

— Sei, mas e daí?

— Você pode ser preso — disse ela, rindo — porque foi para a cama comigo. Eu vali a pena?

— Sim, mas como pode estar livre? E morando aqui?

— Conhecimentos, conhecimentos. — Mostrou-me um cartão do partido com a foto dela.

O trem seguiu pela estepe, passando por aldeias esquecidas. Sonolentos guardas húngaros tomavam conta de seus vagões incrivelmente sujos e dos carros de passageiros muito antigos.

Um de meus amigos, filho de um coronel, que estava numa escola militar, precisou sair da Alemanha porque o bisavô da mulher era judeu. Eles se divorciaram no papel. Além disso, a disciplina não podia ir. Levamos ele e a mulher até a fronteira da Suíça num Mercedes do Estado-Maior, com uma bandeira com três cantos no pára-lama e placas da SS. Ele atravessou a fronteira com a mulher, cujos antepassados eram judeus, e num bosque em Donaueschingen as placas da SS foram trocadas por placas WH.

Prenderam a mãe dele e o pai dela, supostamente por simetria. A mãe dela e o pai dele deixaram livres, mas nunca receberam cartões de racionamento. Em 1941, o pai dele foi fuzilado. Disseram ter sido suicídio. O exército mandou uma bela coroa. Oficiais seguiram o enterro do coronel. Foram pronunciados belos discursos.

Em Mogilev, troquei de trem. Na plataforma, encontrei o oficial MT que me fez parar e perguntou por minha saúde. Ofereceu-me um cigarro e se dirigiu a mim como *Herr* cadete.

Meu espanto foi grande. Fiquei quase assustado com aquela cortesia inesperada. Ele estava com a farda da cavalaria com cordões amarelos da grossura de um dedo, botas de cano alto bem engraxadas com imensas esporas de prata que tiniam como sinos de trenó.

Contemplou-me com benevolência pelo monóculo.

— Para onde está indo, meu caro *Herr* cadete.

Bati os calcanhares e respondi à moda regulamentar perfeita:

— *Herr* oficial cadete Hassel humildemente comunica que está prosseguindo para o regimento via Migily e Brobrusk.

— Sabe quando parte o trem para Brobrusk, caro amigo?

— Não, *Herr* oficial.

— Nem eu. Vamos adivinhar. — Olhou para as nuvens cinzentas correndo pelo céu, como se esperasse que caísse um horário do céu. Depois desistiu. — Bem, vamos ver. Como é que era mesmo? Quer ir para Brobrusk, meu caro

cadete? Tem o seu estandarte consigo?

Revirei os olhos, muito atrapalhado. Estaria ele zombando de mim? Estaria louco?

Olhei em volta. Só havia duas pessoas, dois funcionários da estação mais adiante na plataforma.

Ele sorriu feito louco, tirou o monóculo e o limpou.

— Onde está o seu estandarte, caro amigo? O estandarte querido do regimento?

Ele começou a citar Rilke:

Meine gutte mutter,
Seid stolz: Ich trage die Fahne,
Seid ohne Sorge: Ich trage die Fahne,
Habt mich lieb: Ich trage die Fahne...

Ele pôs a mão no meu ombro.

— O caro Rainer Maria Rilke. Você é um herói, o orgulho da cavalaria. O Grande Rei o recompensará. — Ele andou de um lado para o outro, cuspiu nos dormentes e continuou com voz de falsete, apontando para os trilhos: — O que vê aqui é a ferrovia. Chama-se assim porque é formada por duas barras paralelas de ferro, que se chamam trilhos no manual para os empregados na ferrovia. O leito que vê sob os trilhos é feito de cascalho, seixos e pedras quebradas. Ficou estabelecido por testes científicos que o melhor método é colocar os dormentes com uma distância de setenta centímetros entre eles. Sobre esses dormentes maravilhosos, cortados com precisão, os trilhos de ferro são embutidos e aparafusados, cada unidade presa por pinos e junções. A distância entre os trilhos, de acordo com os manuais de estradas de ferro, recebe o nome de bitola. Os russos têm uma bitola especial, porque não possuem cultura alguma. Mas o estado militar nacional-socialista alemão está mudando toda a rede ferroviária russa para a nossa bitola cultural, à medida que nosso exército libertador marcha para o interior da Rússia a fim de levar a luz às trevas.

Eu ouvia com atenção.

Ele se debruçou para mim, piscou solenemente, ajustou o cinto e se balançou nos calcanhares, confortavelmente.

— No dia 27 de setembro de 1825 os ingleses tiveram a audácia nunca vista de inaugurar a primeira estrada de ferro. Segundo informações precisas obtidas pelo nosso serviço secreto, o trem era composto de 34 vagões, pesando noventa toneladas. A distância foi percorrida em 65 minutos.

Ousei perguntar qual a distância.

Ele bateu nos dentes com um palito de prata, chupando um pouco num dos dentes. Concluído seu trabalho particular de dentista, ele cochichou, em tom confidencial:

— Doze quilômetros e meio. Mas considero certo que os bombardeiros do *Herr* marechal-do-ar Hermann Göring já liquidaram com esse perigo para o nosso sacro império romano-germânico. — Ele tomou fôlego e continuou: — Com o auxílio de explosivos especiais do arsenal do exército em Bamberg, pode-se explodir qualquer ferrovia existente. Mas, segundo as leis da natureza, só deve ser feito pelas tropas alemãs em tempos de guerra, e então só se a nossa cultura estiver ameaçada. Está compreendendo tudo isso, *Herr* cadete Rilke?

Meneei a cabeça, calado. "Agora você sabe como é feita uma estrada de ferro", era só o que eu pensava.

— Vai para Brobrusk. Para apanhar o estandarte, suponho. — De repente ele ficou zangado e me amaldiçoou por tê-lo perdido em Brobrusk, mas quase imediatamente voltou a ser o nobre educado. — Então, quer ir para Brobrusk. Deverá acertar a hora. Imagino que queira se aproveitar de nossos excelentes trens nacional-socialistas. Vejamos, quer ir a Brobrusk. — Mais uma vez, ele ficou louco e gritou, a voz entrecortada: — Que diabos quer fazer lá? — encaroume de maneira estranha. — Ah! Era o que eu pensava! Vai lá para fazer explodir toda a estrada de ferro? Cale-se, *Herr* cadete, sua missão é carregar o estandarte, o velho estandarte ensopado de sangue. Afaste-se de Brobrusk. Fique aqui comigo. — Começou a assobiar *Horst Wessel*, mas não lhe agradou, então passou a assobiar alguma coisa assim:

Muss i denn, muss i denn zum Städeke naus
Und du, mein Schatz, bleibst hier?

Ele saltava de um lado para outro e de repente parou, gritando de prazer:

— Bem, cá está o hussardo negro. Cadete Rainer Maria Rilke, sem o seu estandarte, merda de porco. Você vai para a cadeia, porém mais vale esperar até acabar essa bela guerra, e as tropas de cavalaria, embriagadas com a vitória, passarão trovejando pelo Brandenburger Tor saudados por ovações espontâneas das nossas mulheres maravilhosas.

Depois de uma pausa breve, ele acrescentou, animado e com convicção:

— E do nosso povo nojento. Em, lá se vai você para Brobrusk, cadete. O trem parte às 14:21h da plataforma 37. É o trem 156, mas Deus o ajude se não trouxer de volta o estandarte. Um regimento sem o seu estandarte é como uma estrada de ferro sem trens.

Olhei nervoso para o elegante oficial que estava bêbado ou louco, ou talvez as duas coisas.

Bati os calcanhares e gritei:

— *Herr* marechal-do-ar, cadete Hassel comunica: são 19:14h, humildemente peço confirmação que o trem pára na plataforma 37?

Ele balançou nos calcanhares, as botas rincharam; acendeu um cigarro e soprou uma nuvem de fumaça.

— Então é essa a sua pergunta? Está vendo que tenho esta cruz. Não acredita em mim? Quer dizer que está insinuando que um oficial da guarda de cavalaria é mentiroso?

— Não, *Herr* marechal-do-ar.

— Cale-se e escute, cadete sem estandarte. — Cuspiu, enojado. — Você... você... é um filho da mãe. Não me interessa a hora. Está entendendo?

— Sim, *Herr* marechal-do-ar.

— *Herr* cadete, todos os relógios estão indo pro inferno. O trem 156, plataforma 37, parte para Brobrusk às 14:21h. Basta! E, por Deus, há de sair às 14:21h. Mas se será hoje ou dentro de um ano, ah... é aí que está o xis do problema! Mas precisamos ter disciplina. Não toque nos regulamentos militares. — Dançou pela plataforma enquanto contava: — Um, dois, três, quatro, cinco, seis... — então ele parou, olhou para os muitos trilhos e gritou: — *Alles einsteingen. Zug fahrt ab!* Berlim... Varsóvia... Brest—Litovski... Mogilev... Inferno! — estalou a língua e deu uma risada. — Pronto, ludibriei sua excelência, o marechal-de-campo. Esse era o trem para o Paraíso. Bom, bom *Herr* cadete, como vê, é preciso ser esperto aqui com essas ferrovias da Rússia imperial. Ainda na semana passada consegui mandar outro general para o Paraíso: agora imagino que ele esteja com são Pedro, brincando com os pombinhos. Quando você chegar a Brobrusk, dê lembranças a Sua Majestade a imperatriz Catarina. Ela vende chocolate de Stalin no mercado em Brobrusk. Mas não lhe diga, nem ela sabe.

O curioso é que o trem de fato parou na plataforma 37, um trem de munições, indo para Brobrusk.

Sem mais dificuldades, cheguei ao meu destino: o 27. Regimento Panzer (Penal).

Mais uma vez, estava numa cabana russa. Um alojamento pequeno e fedorento. Que diferença do apartamento claro de Helene, aconchegante, com seu perfume agradável.

Cansado, atirei-me na palha mofada no chão de terra batida e caí num sono profundo.

Na manhã seguinte, a companhia voltou de seu serviço na construção de posições. Tiny me recebeu com prazer e gritou:

— Trouxe algumas calças extravagantes para mim? Estou louco por uma. Calças em tom azul-claro me fariam empinar como um cavalo!

O Velho tinha recebido um embrulho da mulher. Afastou-se para um canto, perdido para o mundo.

Falei durante horas sobre as experiências, não omiti nem um botão, nem um fiapo.

— Ela usava calcinhas de franjas? — quis saber Porta.

— Como, de franjas?

— É, quero dizer, essas coisinhas que as belas garotas põem nas beiradas das calcinhas. — As mãos dele descreveram o que era.

— Ah, sei — retruquei, entendendo. — Tinha rendas.

— Isso se chama renda? — Porta procurou nas suas fotos e me mostrou um exemplo especialmente ousado. Rindo com malícia, perguntou:

— Você fez assim?

— Não, seu porco imundo, não fui a um bordel. Visitei uma garota de verdade, uma judia.

— Uma o quê? — gritaram todos, juntos.

Até mesmo o Velho despertou de seu sonho com a mulher e filhos.

— Essas coisas ainda existem?

Contei a história de Helene.

No meio da noite, Porta e Tiny me acordaram.

— Conta — cochichou Porta. — Aquela garota tinha uma cinta bem vermelha e meias de verdade, até as coxas? Só deixando aparecer um pedacinho?

— É, bem vermelha e meias bem compridas. — Foi a minha resposta sonolenta.

— Diabo! Uma cinta bem vermelha — gemeu Porta.

— E meias bem compridas — continuou Tiny.

Eles caíram de novo na palha, pesadamente.

— Ela não tinha nem um piolhinho? — perguntou Porta, do escuro.

— Nada de piolhos, você deve estar louco — respondi, com dignidade.

— E não tinha nem um cheirinho de sujeira? — perguntou Stege, de seu canto junto do fogão.

— Cheiro...

Um suspiro... Roncos.

Um escriturário estava sentado no escritório. Um papei sobre a mesa. O cérebro dele estava quase paralisado pelo regulamento. Ele deixou que o caso seguisse seu rumo. Um homem foi enforcado. Uma moça perdeu o pai. A guerra continuava.

18. O GUERRILHEIRO

ESTÁVAMOS NO DIA seguinte ao que os caçadores de cabeças tinham levado um lavrador russo. Ele estava sentado nas celas junto da sala de ordens. Na verdade, era para ele permanecer ali só até ficar sóbrio, mas o sargento da sala de ordens, Heide, membro do partido e guarda-civil, viu sua grande oportunidade. O lavrador caíra em suas mãos como uma ameixa madura. Ele deu parte imediatamente aos seus superiores, e os papéis foram marcados com o carimbo do oficial comandante. Assim, a avalancha começou; nada poderia salvar o lavrador. Em breve, partiria um trem para um local seguro na retaguarda, levando o sargento Heide, condecorado com uma Cruz de Ferro da primeira classe.

Duas garrafas de vodca tinham sido esvaziadas. O lavrador e um sargento da Companhia número 2 tinham-se esmurrado. O sargento foi trancafiado nas fileiras da Companhia número 2 e reapareceu quando ficou sóbrio. Tudo aconteceu conforme o regulamento. Um comunicado num papel se tornou o estopim que desencadeou uma cadeia de acontecimentos.

Em Jitomir, o pessoal gostava muito de conselhos de guerra e acusações especiais. Muito mesmo. E aquele caso foi exagerado, como sempre acontece no exército.

O comandante da cadeia, general-de-divisão Hase, era um velho. Mais de setenta anos. Guardava sempre uma mecha de cabelo dos executados numa caixa forrada de veludo. Colecionava prisioneiros executados como outros colecionam borboletas. O que poderiam fazer os cavalheiros poderosos em Jitomir, se não executassem as pessoas? Uma vez terminada a guerra, o general voltaria a ser o bom mestre-escola numa cidade pequena onde, por causa da *bourgeoisie*, ele teria de abandonar o seu passatempo de colecionar mechas de cabelo.

O lavrador era um homem pobre e extenuado, que tomara vodca além dos limites. No papel, ele tornou-se um perverso guerrilheiro que queria prejudicar o Terceiro Reich.

Os caçadores de cabeças levaram embora o lavrador Vladimir Iva-novitch Vjatschslav. Jogaram-no num caminhão, rindo, e nos deram adeus, ao partirem para Jitomir.

Um dos caçadores bateu na cabeça do lavrador com a coronha do fuzil. O outro não passava de um lavrador russo. O mais ínfimo dos ínfimos, aos olhos de um caçador de cabeça prussiano. Teria sido esquecido bem depressa, não fosse a moça de lenço verde na cabeça.

As pessoas acostumam-se a tudo, até mesmo ao enforcamento de muitos "guerrilheiros". Depois de sua morte, eles se tornam heróis soviéticos. Se sobrevivessem, iriam se tornar *strafnjik* soviéticos no campo de Ukhta-Petjora por não terem sido enforcados como "guerrilheiros", mas lavrado a terra enquanto os soldados de Hitler estavam na sua aldeia.

A moça de lenço verde chegou à cantina que era uma cabana reformada. Foi idéia do intendente ter uma cantina. Era um homem de negócios. Um "tubarão"!

Ela hesitou antes de se aproximar da mesa onde Porta e Tiny estavam sentados com o restante do pessoal.

— Cadê o meu pai? Já está aqui há três dias. Anastásia e eu estamos sem comida.

— Quem é o seu pai, sua cabecinha tonta? — perguntou o Velho, com muito carinho.

Porta estalou a língua, lascivo.

A garota respondeu com outro estalo. Nós todos rimos muito.

— Meu pai é o lavrador Vladimir Ivanovitch Vjatschslav, que mora na casinha amarela junto do rio.

Houve um momento de silêncio.

O Velho coçou o pescoço e olhou em volta, à procura de ajuda, em desespero, mas nos afastamos dele. O que podíamos dizer? Um julgamento em Jitomir era uma coisa terrível. O pessoal lá gostava de ver a corda pendurada das vigas, e era melhor ainda quando havia um homem pendurado na corda.

— Mocinha, a polícia do exército levou-o embora. Aconteceu uma coisa boba. Um escriturário escreveu umas palavras a mais num papel.

— Para onde levaram meu pai?

O Velho passou os dedos pelos cabelos.

Porta limpou as orelhas com um pauzinho sujo.

— Bem, não sei mesmo. Eles foram para oeste pela estrada principal.

A garota, que devia ter no máximo 14 anos, olhou em volta com olhos assustados, vendo as caras sujas e barbadas com as gotas de vodca nos cantos das bocas e pedaços de cigarro de *machorka* pendurados nas barbas. Eram soldados estrangeiros com fardas estrangeiras que prendiam os pobres lavradores, os enforcavam ou os mandavam para longe, para oeste, de onde

ninguém jamais voltava.

— Você mora sozinha junto do rio? — perguntou Stege, para dizer alguma coisa.

— Não, com Anastásia, ela está doente.

— Quem é Anastásia?

— É minha irmã. Só tem três anos.

Os soldados tossiram e assoaram os narizes. Tiny cuspiu.

— Pro inferno com todo o mundo, e antes de tudo com os caçadores de cabeça!

— Quem faz a comida? — perguntou o Velho.

A garota olhou para nós.

— Sou eu, quem havia de ser?

— É, tem razão. Mas você não tem comida. Onde está sua mãe?

— Foi levada pelo NKVD quando buscaram o vovô, há muito tempo. Bem antes de começarem os tiros.

Tiny tinha ido até o intendente. Depois de uma breve discussão, mas violenta, voltou com um pão e um pacote de sal.

— Tome, tome isso do Tiny. — Ele chutou a perna da mesa, irritado. — Tome antes que eu jogue fora.

A garota assentiu e guardou a comida depressa num bolso da saia.

— Sente-se aqui, irmã — mandou Porta.

Os soldados mexeram-se para dar lugar a ela, que sentou.

Porta juntou a comida dele, de Tiny e de Stege numa tampa de marmita e empurrou-a para junto da menina.

— Coma. Deve estar com fome.

— Talvez papai tenha ido pra casa. Acho que vou correr até lá. — Ela olhou para nós, indagando.

Ninguém olhou para ela. Ficamos fumando, calados, enchendo nossos cachimbos ou bebendo bons tragos da garrafa de vodca.

O Velho puxou o nariz.

— Não, sente e coma. Seu pai não voltou para casa. — Depois de uma pausa, acrescentou, com calma: — Pelo menos, ainda não.

Com cuidado, meio encabulada, ela ficou sentada na beira do banco tosco. Empurrou o lenço verde para trás e encheu a boca, com avidez, mastigou, engoliu, bebeu, encheu a boca de novo e tornou a engolir. Não fazendo caso da colher que o Velho ofereceu, comeu com os dedos.

— Tenho uma garota da idade dela — explicou o Velho, enxugando uma lágrima traiçoeira da face barbada. — Esta agora vai ficar sozinha.

O intendente chegou-se a nós com uma panelinha com leite morno e, sem dizer uma palavra, colocou-a diante da garota.

Tiny levantou uma sobrancelha grossa e deu um assobio expressivo, entre os dentes.

— O que houve? — berrou o intendente, furioso por ter demonstrado alguma emoção humana comum. — Você é que vai pagar, seu porcão! — ele brandiu o lápis, com um ar ameaçador. — Vou escrever com um lápis num papel oficial e colocarei no nome do Tiny, para não haver engano, se eu morrer. Tiny, da Companhia número 5. Não pense que vai ter crédito sem pagar. Nada disso, tem de pagar os 60% de sobretaxa. Ah! Ah! Seu abutre! Isso você não esperava!

Tiny continuou a assobiar e piscou para Porta, com um ar confidencial.

— Ouviu o que disse o comerciante? — depois levantou-se de um salto e jogou a faca em cima do intendente que fugia. Quase acertou no ombro dele, mas a lâmina comprida cravou na parede de madeira e ficou ali, ameaçando-o de morte. — Traga-me a minha faca, porco. Traga! Já! — rugiu Tiny.

O intendente arrancou a faca e colocou-a diante de Tiny, com respeito Já ia se virando quando Tiny o agarrou pela túnica, levantou-o e o sacudiu com violência.

— Você é uma merda de porco e uma merda de ladrão. Não é? Repita, seu...

— Porco listrado — reforçou Porta.

— É isso — gritou Tiny —, um porco listrado, um porco listrado de azul. Porra, mas vai repetir isso agora!

Meio estrangulado, o intendente repetiu tudo.

Tiny quis que ele falasse três vezes.

Anuindo com a cabeça, quase roxo e frenético, o intendente repetiu. Tiny jogou-o para o lado e ele rolou como uma bola em direção ao seu balcão. No final, foi andando de gatinhas.

Tiny abaixou-se para a garota, que estava encolhida contra uma parede.

— Não tenha medo, meu bem. Tiny é um homem temente a Deus, que protege os fracos. Amém! — ele fez o sinal-da-cruz, como achava próprio quando se tornava temente a Deus.

Stege pegou um punhado de rublos do bolso e os jogou para a garota. Vários outros seguiram o exemplo dele. Até mesmo Porta, muito agarrado a dinheiro, pegou um maço, que contou com cuidado antes de prender com um elástico e entregar à menina.

Tiny estalou os dedos para o intendente, que veio correndo.

— Bastante comida para a menina e alguns rublos — mandou Tiny.

Sem protestar, o intendente embrulhou alguma comida e pôs alguns rublos junto.

A garota quis ir para casa. Amarrou o lenço verde debaixo do queixo, com firmeza, e com um barbante apertou bem o velho casaco do exército que estava usando.

Stege e o Pequeno Legionário prontificaram-se a acompanhá-la até em casa. Pegaram as pistolas, vestiram os casacos de neve e saíram para a noite escura, a garota entre eles.

O candeeiro tremeu. Alguém jogou sebo no recipiente. As chamas dançaram.

— Acha que vão matar o homem? — perguntou Bauer ao Velho, sabedor de tudo.

— Bem, já se tornou um hábito matar as pessoas. Muitos jovens devem experimentar isso por que está passando essa menina do lenço verde.

— Ainda bem que a gente não sabe de cada vez que morre uma pessoa — disse Pluto. — Acha que aquele sujeito que guilhotinaram outro dia em Karali tinha filhos?

— Nunca se sabe. Mas a gente nunca deve indagar, isso só magoa. E a vida vai se tornando muito difícil — respondeu o Velho.

De repente Porta animou-se e endireitou as costas curvadas.

— Que tal raptar o pai da garota?

— E como pretende fazer isso? — zombou o Velho. — Pensa que ele está na cela sem vigilância?

— E por que não podemos fazer isso, porra? — exclamou Porta, irritado. — Se a gente consegue vencer Ivan nas trincheiras, pensa que ia ser difícil abater um bando de caçadores de cabeça?

Pluto concordou.

— Você tem razão, Porta. Quatro ou cinco de nós podíamos facilmente arrancar os pomos-de-adão daqueles chatos, e aí, com rapidez, a gente desaparecia na noite com o lavrador.

— É possível, mas o que aconteceria depois? — perguntou o Velho.

— Depois? — Porta fitou-o furioso.

— É, depois. Pensa que os outros deles iam voltar para a cama e se esquecer que alguém tinha cortado as gargantas de um bando de caçadores de cabeça?

— Ora — disse Porta, com desdém —, a essa altura a gente estaria a quilômetros de distância. Não iam descobrir os responsáveis.

— É, tem razão. Nunca descobririam e nem acreditariam, se você contasse a eles. Sabe, filho, eles fariam coisa bem pior. Iam fazer o diabo com os guerrilheiros. Eles não acham que pegaram um guerrilheiro, neste caso. Sabem perfeitamente que ele é um lavrador inocente. Mas se o livrarmos por meio de um assalto, eles terão toda uma unidade da SS nesse distrito dentro de cinco horas, e várias aldeias serão liquidadas. Milhares de mulheres e crianças serão metidas em campos de concentração como represália pelo lavrador desaparecido, que a essa altura se tornará um líder de guerrilheiros perigoso e procurado. Se nós e outros nos omitirmos, só o lavrador Vladimir Ivanovitch Vjatschslav será enforcado. O general vai ficar feliz. O comandante dos caçadores de cabeça receberá sua condecoração. E tudo vai ficar tranqüilo, até que o general fique aborrecido de novo. Se Vladimir protestar e criar dificuldades para eles, tanto melhor. O distrito terá paz durante algum tempo, porque a execução foi tão interessante, e os pés chatos terão assunto para conversa fiada por muito tempo. O lavrador Vladimir Ivanovitch Vjatschslav é o preço da paz neste distrito.

— Espere só até eu pôr as mãos nesses filhos da mãe imundos quando acabar a guerra — disse Porta, sibilando. — Vou despejar chumbo derretido pelas goelas deles.

Stege e o Pequeno Legionário tinham voltado. Estavam praguejando furiosos, especialmente contra a polícia militar e o posto em Jitomir.

Então o Pequeno Legionário sugeriu, muito sério, que pegássemos alguns oficiais do posto e os exportássemos para Ivan.

— Você deve estar louco varrido — explodiu o Velho, zangado.

— Pensa que não conseguimos? — gritou o Pequeno Legionário.

— É sopa — disse Porta, antes que o Velho pudesse responder.— O nômade do deserto, Tiny e eu podemos seqüestrar todo o bando de oficiais do posto, inclusive o senhor carrasco supremo, Hase.

— Não duvido nada — respondeu o Velho —, mas seriam idiotas se tentassem. Ou quem sabe querem que todos os lavradores desse distrito sofram as conseqüências? Até mesmo vocês malucos devem ver o que ia acontecer se fizessem isso?

— Bom, então vamos... — Porta parou quando a porta se abriu, e encarou o homem que estava ali, sacudindo a neve do casaco.

Tiny piscou, meneou a cabeça algumas vezes e assobiou entre os dentes.

O intendente estava junto de seu balcão, brincando com uma garrafa vazia. Fez um gesto com a cabeça calva para a porta, enquanto uma faca assobiava pelo ar e se cravava no chão, aos pés do suboficial no vão da porta.

O Pequeno Legionário levantou-se e esgueirou-se como uma pantera até a porta, pegou a faca, beijou-a e cantarolou uma melodia.

— Alá é grande e sábio.

O silêncio era terrível, pressionando as paredes e o teto.

O sargento Heide, o escriturário, sorriu.

— Alguém está sendo insolente aqui. Pensam que se podem divertir à custa de Heide? — trazia na mão uma grande pistola automática Nagan. Ele engatilhou a arma. — Faço picadinho dos seus miolos de vira-latas. É só me dizer quando e onde.

Silêncio. Um silêncio ameaçador. A morte pairava nas sombras.

— A cobrar — resolveu Heide, e pediu uma cerveja.

— Nada feito — veio a resposta da garganta gorda do intendente.

— Uma vodca pequena.

— Não sobrou nada — retrucou o intendente sorrindo, os lábios apertados e os olhos cheios de veneno.

— O que você tem aí? — perguntou Heide, avançando a cabeça como um carneiro dando marrada. Ele pousou a mão direita no bolso do casaco em que estava a Nagan.

— Nada, seu filho da mãe! — berrou o intendente, quebrando a garrafa em mil pedaços.

— Você se recusa a me servir, suboficial Julius Heide, seu caixeiro gosmento?

— É só o que eu tenho — resmungou o intendente, levantando a garrafa quebrada na cara de Heide.

Tiny deu uma gargalhada.

— Venha cá, seu porco, nós temos bastante.

Heide deu meia-volta, olhou confuso para Tiny e deu alguns passos em direção à mesa.

Tiny enfiou a faca comprida na mesa e rugiu:

— É isso aqui que nós temos, seu patife, se não estiver fora deste local simpático dentro de dois segundos.

— O que é que há com vocês todos? — balbuciou Heide, espantado e confuso.

— O que é que há? — escarneceu Bauer. — O que você acha, seu covarde desgraçado? Quem sabe estamos com prisão de ventre.

Heide recuou como um tigre pronto para dar o salto. O Pequeno Legionário barrou-lhe o caminho. A Nagan apontava para ele friamente, enquanto ele avançava aos poucos para o suboficial escriturário bemarrumado.

— Se der mais um passo, seu cáften marroquino, vai espirrar sangue — avisou Heide, sibilando, olhando em desespero para o sujeitinho com aqueles olhos verdes mortíferos.

Esperamos que a Nagan disparasse, mas ninguém se mexeu.

Muito ágil, o pé do Pequeno Legionário voou para cima e arrancou a Nagan da mão de Heide, que recuou, gritando de dor.

Tiny pegou a pistola, tirou o pente e jogou-a num canto.

O Pequeno Legionário debruçou-se e deu um soco no estômago de Heide, que caiu com estrondo. Com um sorriso perverso, o Pequeno Legionário deu um pontapé nos dentes de Heide e quebrou-lhe o nariz com um violento chute.

— Então, pretendia atirar, seu verme? Primeiro vai ter de aprender. É melhor na escrita, não é?

Heide se compôs, sentou-se no chão e, aturdido, limpou o sangue do rosto.

— O que está falando? — balbuciou — Está maluco? Entro aqui para tomar uma cerveja em paz, e você me arma uma emboscada sem o menor motivo.

O Pequeno Legionário veio sentar conosco.

— Um bom rapaz. Tão inocente. Levante, seu vira-lata remelento, senão leva uma faca na goela!

Com dificuldade, Heide levantou-se e caiu prostrado no banco. Porta passou-lhe uma caneca de cerveja. Heide olhou agradecido para a cara enigmática do ruivo sob a cartola, onde só os olhos azuis mostravam algum sinal de vida.

Heide está levando a caneca à boca e já vai tomar um gole quando Porta, com uma risada selvagem, a derruba da mão dele, e ela faz um arco no ar.

Tiny grita, todo alegre:

— O bobão perdeu a cerveja, o bobão perdeu a cerveja!

Heide levanta-se de um salto e olha para Tiny, furioso. Passa por cima da mesa para avançar sobre ele. Tiny começa a correr pela sala como uma criança gritando depois de apanhar uma surra.

— Não fui eu, foi o Porta! Não fui eu, foi o Porta! — de repente ele pára e dá um pontapé para trás. Heide cai e é atirado contra a parede.

Com um violento rugido, Tiny está em cima dele, brandindo os braços como um moinho de vento.

Alguns gritos abafados, e Heide fica parecendo um porco massacrado.

O Pequeno Legionário joga alguns baldes de água em cima dele. Tremendo e fungando, ele se levanta, mas tropeça e cai sobre a mesa, desacordado.

Pluto o atira num canto.

O intendente aparece de sua gaiola atrás do balcão e nos oferece uma rodada de cerveja com vodca.

Pluto, cuspindo em cima de Heide, ali desmaiado, diz:

— Dedo-duro!

Era mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que Tiny entrar no jardim de Alá.

Ele tentou tudo, depois que lhe disseram que sua linha da vida era curta.

Ele ameaçou, implorou, chorou e rezou, mas teve de confessar seus pecados.

Teve muito que agradecer a Ivan, quando os russos interromperam o confessionário do Pequeno Legionário.

19. TINY RECEBE A ABSOLVIÇÃO

— VINTE-E-UM — disse Porta, batendo com as cartas na caixa de munição que usávamos como mesa.

Desconfiados, olhamos para as cartas sebentas. Tiny começou a contar nos dedos, mas sem dúvida era vinte-e-um.

Com um gesto fácil, Porta puxou os ganhos para seu capacete.

— Querem continuar, rapazes?

Porta ganhara pela trigésima sétima vez. Tiny, que perdera tudo, não quis continuar, se bem que Porta oferecesse generosamente a ele e a nós outros um crédito mediante juros de 100%.

— Só se fôssemos imbecis — disse Stege. — Podemos procurar os agiotas que cobram 60% e pegar cem marcos. Mas seja como for, íamos perder mesmo.

Tiny ficou sentado olhando para a frente, pensativo, depois se debruçou para Porta e disse, em tom confidencial:

— Você não iria tapear o Tiny, não é?

Porta piscou, com as pestanas sem cor, limpou o monóculo e, ajeitando-o no olho esquerdo, disse:

— Não. Joseph Porta jamais tapearia o Tiny.

— Era o que eu pensava — respondeu Tiny, aliviado. Ele se livrara de uma dúvida terrível.

O Velho entrou na casamata.

— Agora é que estamos perdidos. O Pelotão número 2 irá para a retaguarda do 104. regimento de artilheiros quando saírem da linha. Eles estão se aprontando agora. Nenhum de nós vai escapar desta com vida.

Porta riu e falou:

— Está enganado, Velho. Este velhinho aqui vai se safar com todos os pêlos intactos.

— Como é que você sabe? — perguntou Tiny, interessado.

— Uma cartomante me contou no meu ouvido. Primeiro ela leu isso na palma da minha mão. Meia hora depois, espalhou um quilo de grãos de café em cima da mesa e viu a mesma coisa.

Tiny se mexeu, nervoso, e foi-se chegando para perto de Porta.

— O que é que ela viu, Porta?

— Bem, aquela madame francesa me disse que eu ia sair vivo desta guerra, ia casar com uma mulher rica e viver muitos anos felizes como principal acionista de vários bordéis prósperos.

— Puxa! — exclamou Tiny. — Você não acha que ela estava tapeando você?

Porta sacudiu a cabeça.

— Claro que não.

Tiny olhou para a própria mão, interessado.

— Qual é esta linha aqui? — perguntou a Porta.

— Esta é a linha da vida, meu amigo. E é bem curta.

O Pequeno Legionário olhou para cima e apontou para Tiny, com um ar de advertência.

— Vire o rosto para Meca. Alá é grande e sábio.

Tiny engoliu em seco, nervoso.

— Mas quem é que havia de querer acabar com o Tiny?

— Ivan — respondeu Porta, em tom lacônico.

Tínhamos recebido muitos soldados novos no Pelotão número 2, entre eles um ex-suboficial SS que passara dois anos no campo de Torgau.

Von Barring prevenira o Velho quanto a ele.

— Fique de olho naquele sujeito. Não confio nele.

Stege então nos contou que o sujeito da SS que fora ligado a nós, Heide e alguns outros tinham feito um pacto para liquidar a nossa turma quando houvesse oportunidade.

Um dos novos, o cabo Peters, sentou-se ao nosso lado. A seu modo taciturno, disse, sem qualquer preâmbulo:

— Há 25 homens dispostos a liquidar vocês.

Tiny já ia reagir, mas um olhar de advertência de Porta o fez parar, se bem que ele resmungasse alguma coisa sobre linhas de vida curtas e longas.

— Onde é que consegue suas informações? — perguntou o Pequeno Legionário, o cigarro pendurado nos lábios.

— Ah, eu sei, só isso — disse Peters, sem expressão. — E agora vocês também sabem.

O Velho o reteve.

— Onde é que eles vão fazer isso?

Peters deu de ombros e apontou para as posições russas.

— Kraus, o sujeito da SS, acha que Ivan está na nossa retaguarda, e que o pelotão está inteiramente isolado. Depois que a sua turminha estiver liquidada, eles darão o fora.

O Pequeno Legionário cuspiu o cigarro.

— Você não vai com eles? Ou está desgostoso da vida?

Peters olhou para ele com os olhos apertados. Disse, num tom enigmático:

— A vida não me interessa muito, mas não gosto de assassinatos.

— Então, você devia ter ficado fora desta e entrado pra um mosteiro — retrucou Porta. — Na associação de esportes de inverno da Frente Oriental, só tratamos de assassinatos. Assim! — gritou ele, e esvaziou o pente da pistola automática num trovão na terra diante de outros homens do nosso pelotão, mais além na casamata.

Eles se levantaram sobressaltados, praguejando. O sujeito da SS agarrou a pistola mas a largou como se estivesse em brasa. Estava olhando para os canos de quatro pistolas automáticas e uma "bazuca".

— Assustei vocês amadores? — perguntou Porta, com um sorriso, e jogando um cartucho de projetil vazio na cara do sujeito da SS, que caiu para trás com um grunhido.

Porta apontou para alguns dos outros.

— Tragam o porco aqui. — Com um sorriso satânico, ele rasgou um pedaço de pano branco de seu saco de pão e mandou que o costurassem nas costas do homem inconsciente.

Quando o homem da SS voltou a si, sentou-se aturdido e olhou furioso para Porta, que declarou, alegre:

— Você tem um remendo branco nas costas. Esse é o meu alvo. Se se afastar muito de mim, seu coração se desprenderá do corpo com o auxílio deste animador. — Deu um tapinha expressivo na pistola automática. — Se por acaso você perder o remendo, será um homem morto!

— Boa arma, não? — indagou o Pequeno Legionário, com brandura.

Tiny estava de novo examinando as linhas da mão. Levantou-se, agarrou o cabo Krosnika, um do grupo de recém-chegados de Kraus, pela garganta e o atirou contra uma das escoras de madeira do telhado.

— Seu bode de merda, queria matar o Tiny? Já cortou a metade da minha linha da vida! — urrando como um urso ferido, ele procurou a faca. — Minha vida, minha vida curta!

Krosnika esperneava e dava socos para se livrar. Aos poucos, o rosto dele foi ficando roxo, e os chutes e socos mais fracos. Se o Velho não tivesse interferido, ele teria sido estrangulado.

Muito a contragosto, Tiny soltou sua presa, que caiu meio sufocado entre Heide e um ex-sargento do campo de concentração militar em Torgau.

Porta riu.

— Uma ligeira advertência, do contrário, vão ficar em livramento condicional, como dizem as pessoas cultas. Vocês outros aí — gritou brandindo a pistola automática de modo ameaçador —, vão ter os cocos raspados quando a gente achar que deve. Portanto, nada de tolices!

Peters estava sentado de costas para a parede da casamata. No colo tinha uma pistola automática russa. Estava fumando, com um ar de indiferença.

Em pouco tempo chegou o momento da rendição rotineira das sentinelas. Krosnika e o sujeito da SS começaram uma violenta discussão. Não queriam prestar serviço de sentinela e tentaram trocar com dois outros.

De repente, o Velho largou as cartas, levantou-se devagar e apontou para o sujeito da SS com o cachimbo.

— Você e Krosnika não vão. Heide e Francke irão render as sentinelas.

Os olhos do homem da SS brilharam com uma expressão de triunfo, que logo desapareceu quando o Velho continuou:

— Você e Krosnika vão até as posições de Ivan para trazerem informações precisas do que está se passando por lá. — Calmamente, ele sentou-se e retomou o jogo interrompido.

O sujeito da SS e Krosnika começaram a resmungar.

O Velho jogou um ás de espadas, recolheu o que ganhara e olhou tranqüilo para a dupla:

— Não ouviram as minhas ordens?

— Isso é uma perseguição pessoal — berrou o sujeito da SS. — Não podemos ir até as linhas inimigas sem cobertura. Não concordamos com suas ordens.

O Velho encostou-se à parede e pegou sua P38.

— Então, não concordam. É melhor usar um pouco a cabeça. Você que é voluntário e membro do partido. O que pensa que diria o seu *Führer*?

O homem da SS debruçou-se com ar ameaçador para o Velho.

— O que quer dizer, o meu *Führer*? Também é seu, não é?

— Você é meio lento, meu amigo.

Tiny já ia dizendo alguma coisa, mas o Velho continuou:

— Você escolheu o *Führer* voluntariamente, e é homem dele, e eu fui forçado a aceitá-lo. Em todo caso, talvez você não tenha ouvido falar dos tribunais especiais?

— Não queira ameaçar-me com isso — disse o sujeito da SS, zombando. — É preciso ser pelo menos comandante de uma companhia para convocar um desses.

— Você parece estar muito seguro. Não sabe que estamos isolados dos outros, e que o líder de um destacamento como este pode convocar um tribunal especial quando desconfiar que há perigo para o destacamento, sob forma de alguma reunião, traição ou oposição às ordens. Posso convocar um tribunal especial para você no momento e no lugar que bem entender. — O Velho deu um soco na caixa de munição. — Vão saindo, senão o Tiny e Porta farão com que saiam!

Sem mais uma palavra, os dois penduraram as armas nos ombros e saíram da casamata.

Tiny passou uma rodada de vodca. Quando chegou a Porta, Tiny disse, esperançoso:

— Essa linha da vida nunca se engana?

— Nunca, é uma certeza absoluta. — Foi a triste resposta de Porta. Ele olhou com pena para a fisionomia preocupada de Tiny, que ficou contente ao ver que a palma da mão do Pequeno Legionário também tinha uma linha da vida curta e ficou maluco quando viu que a linha do Pequeno Legionário ainda era menor do que a dele.

— Você vai marchar para o monte de lama antes do Tiny! — exclamou.

O Pequeno Legionário olhou bem para a cara de Tiny, que estava muito exaltado, bebendo muita vodca.

— Os caminhos de Alá são inescrutáveis mas verdadeiros — murmurou o Pequeno Legionário, em tom que Tiny ouvisse. — Eu entrarei no jardim de Alá. Você, que é infiel, irá para o terrível sofrimento e a corrupção do inferno. — Ele afagou a cabeça de Tiny, num gesto maternal. — Vamos rezar por você, pobre infiel, que terá de sofrer horrores indizíveis quando alguém, num momento conhecido de Alá, enfiar-lhe uma faca nas costas.

Tiny estava com a garrafa a meio caminho da boca e olhou para a expressão sinistra mas simpática do Pequeno Legionário.

— Ora, cala a boca, pára com toda essa conversa de outro mundo. Você acredita mesmo em toda essa baboseira de céu e inferno?

O Pequeno Legionário meneou a cabeça, sério.

— Só existe um Deus, o verdadeiro, Alá, e ele sabe diferençar e separar o joio do trigo.

Tiny olhou em volta, assustado, e se debruçou para o Pequeno Legionário, enquanto limpava o nariz, nervoso.

— Conte, meu chapa, como é que posso entrar no jardim de Alá?

O Pequeno Legionário riu, um sorriso cansado e sem esperança.

— Será muito difícil para você, meu amigo. Muita coisa será exigida, antes que possa entrar. Ah, Alá é grande!

Com muita convicção, Tiny disse:

— Ora, pro diabo com isso! É só dizer ao Tiny o que ele deve fazer pra chegar ao Paraíso. Dos males, o menor, não é? — perguntou ele a Porta.

Porta meneou a cabeça, muito sério.

Tiny fitou-o por um momento.

— Você é crente? Vai entrar no jardim de Alá?

— Claro — respondeu Porta. — Já tratei disso há muito tempo. Não sou idiota. Pelo amor de Deus, e se a gente fosse morto nesse minuto e precisasse suportar as torturas eternas do inferno?

Tiny perguntou a cada um de nós se éramos crentes.

Todos afirmaram sua crença, de modo convincente.

Quase em prantos, ele se dirigiu ao Pequeno Legionário.

— Meu Deus! O Tiny vai sozinho pra esse inferno danado de que você tanta fala. Se ao menos um de vocês me acompanhasse, não seria tão mau. Mas sozinho, nunca hei de suportar. Não há justiça. Você vai ter de me ajudar, cara. Tiny faz o que você quiser pra estar bem com Alá.

O Pequeno Legionário olhou para ele com severidade.

— Tem certeza de que fará tudo?

— Faço, faço — disse Tiny, meneando a cabeça furiosamente. A esperança brilhou em seu rosto desesperado.

— Bom. Você terá de perdoar os seus inimigos. Pode fazer isso?

— É mole! — exclamou Tiny, agarrando o Pequeno Legionário. — Eu perdoo tudo de mal que já me fez.

— Eu? — gemeu o Pequeno Legionário, surpreso, quando foi solto.

— Você, sim — disse Tiny, feliz. — Até há dois minutos, você era meu inimigo supremo. — Ele procurou no bolso e entregou ao Pequeno Legionário um pacotinho de pó branco. — Isso é veneno de rato. Eu ia pôr na sua cerveja no Dia da Vitória porque você era meu inimigo — você me deu um pontapé na cabeça e quebrou o meu nariz.

— Que merda! — explodiu o Pequeno Legionário, fitando Tiny, que estava radiante.

— Sabia? — Tiny já havia planejado tudo. — Primeiro você ia dar uma olhada nos ingleses quando marchassem pelo Brandenburger Tor.

— Os ingleses? — perguntou Stege, espantado.

— É, e quem havia de ser? Vão vencer a guerra.

Tiny se virou de novo para o Pequeno Legionário.

— Quando você estivesse indo pro bar para comemorar a vitória dos ingleses e estivesse ali sentado sonhando com sua vida no meio das putas nos bordéis marroquinos, ia saltar da cadeira como um gato louco que sentou num fogão em brasa. Esse remédio ia levar uns dez minutos pra liquidar você. Mas agora não precisa mais se preocupar. Tiny te perdoou!

O Pequeno Legionário meneou a cabeça, num gesto amigável.

— Bom, aceitei a sua confissão. Mas, já que não tem muito tempo, terá de pagar uma multa.

— O que significa isso? — perguntou Tiny, desconfiado.

— Terá de me entregar toda a sua bebida e fumo para convencer a Alá que se arrependeu de seus planos maléficos contra um companheiro de armas fiel e leal.

Tiny já ia protestar, mas foi advertido:

— Lembre-se da tortura terrível do inferno e passe pra cá a multa recomendada

— Tem mais alguma perversidade armada aí? Terá de confessar agora, para receber a absolvição total.

Tiny sacudiu a cabeça.

— O quê? Não cometeu outras atrocidades?

— Não, nunca — respondeu Tiny. — Sempre levei uma vida pacata e sossegada, cumprindo com os meus deveres diários.

— Bom, puta que o pariu! Se é assim, então devo ser complacente e piedoso como o próprio santo Antônio!

— Vamos, pense bem — advertiu o Pequeno Legionário. — Seria muito triste se daqui a meia hora você estivesse brincando de “cavalinho” no colo do capeta e espirrando no vapor de enxofre.

Tiny sacudiu a cabeça, olhou furioso, levantou-se e chutou um capacete por cima da cabeça do cabo Freytag, que se levantou de um salto, revoltado, enquanto Tiny gritava num frenesi:

— Sente-se, senão te corto a garganta e levo pro inferno comigo. Não vou ficar sozinho... — Ele parou, assustado, e olhou para o Pequeno Legionário, como que implorando.

— O que quer saber, cara?

— Não quero saber nada. É Alá. — Fez um salamaleque com ar piedoso e murmurou: — *Allah-akbar!*

— Agora, conte-nos com calma o que andou fazendo em seus trinta anos de vida devassa — disse Bauer, em tom severo.

Tiny respirou fundo. Queria brigar com alguém e tocou, pensativo, na faca de combate.

Porta estava pronto para coroá-lo ali com uma granada de mão.

Tiny estava suando.

— Mas que merda, como é difícil a gente ser virtuoso. Bem... vou começar. Dei um pontapé na barriga de um palerma e ele morreu. Mas isso foi há muito tempo. Ele era um cretino mesmo, um merda, um porco imundo.

— Por que o chutou? — perguntou o Pequeno Legionário, curioso. — Você, em geral, é tão calmo.

— Não me lembro bem. — Tiny fez tudo para fugir daquelas perguntas embaraçosas, mas o Pequeno Legionário mostrou-se implacável.

— Ele morreu pouco depois que você o chutou, ou sofreu por muito tempo?

Tiny enxugou a testa com o pano do fuzil, sujando o rosto de óleo sujo.

— Aquele Franz era um canalha. Teria sido enforcado mesmo. — Tiny estava ficando solene. — Por Deus, fiz um serviço para a sociedade, chutando aquele idiota. Era o Inimigo número 1 do mundo. Furtava dinheiro das putas. — Encantado com essa idéia, continuou: — É, foi por isso que dei aquele pontapé. Por Deus, foi por isso! Imagine só, roubar de uma pobre prostituta. Era meu dever fazer alguma coisa. — Tiny esfregou as mãos e olhou em volta, feliz.

— Tiny, você está mentindo — interrompeu o Pequeno Legionário, severo. — Quer ir pro inferno sozinho? Ficar sempre com sede no meio das chamas? Passar os dias carregando os pesados morteiros do diabo?

Tiny lambeu os lábios secos, e já ia tomando um trago da garrafa quando se lembrou que a dera ao Pequeno Legionário. Ele torceu as mãos e gemeu.

— E pensar que aquele porco me meteu nessa situação! Mas a culpa foi dele, pelo que aconteceu. Ele me tapeou. Prometeu me dar toda a cerveja que eu pudesse beber, e quando educadamente pedi-lhe que cumprisse a promessa, ele ficou saliente e me bateu aqui. — Tiny apontou para a orelha esquerda. — E doeu, de modo que já viu que foi uma espécie de defesa. Tive de me apresentar ao desfile com o cinto sujo e aquela besta do sargento Paust tomou nota de mim por isso. E tinha outras coisas que aquele merda do Franz prometeu fazer, também. Mas não sinto mais raiva dele.

— Você quer dizer, ele se recusou a pagar a sua cerveja quando você tentou obrigá-lo. E não quis ser seu escravo? — indagou o Pequeno Legionário, com brutalidade.

— Não, não precisa falar assim. Soa tão mal.

— Foi assim ou não foi? Alá tudo vê. Alá tudo ouve.

— Está bem, se é assim que você quer, ele era um canalha, um verme que não prestava pra nada.

O Pequeno Legionário levantou a mão.

— O que você acabou de dizer eu considero um insulto pessoal, Tiny, meu antigo arquiinimigo, meu amigo atual. Quer me dar uma garrafa de vodca de multa?

Tiny anuiu, calado.

— Vai ter de dar duas. Continue com suas explicações.

Tiny engoliu em seco, despenteou os cabelos crespos e puxou o colarinho.

— Franz decerto teria sido enforcado se tivesse sobrevivido. Não foi por minha culpa que ele caiu da janela e bateu numa estaca no canteiro de flores.

O Pequeno Legionário sacudiu a cabeça.

— Essa é uma história triste.

Tiny olhou para ele, nervoso.

— Você não pensa que Alá vá me atirar no inferno, por esse pequeno episódio? Dou a minha palavra de honra...

Porta riu por Tiny ter pronunciado solenemente a palavra honra.

Tiny olhou-o com um ar reprovador.

— Não precisa rir, Porta. Estou dizendo que a minha palavra de honra é coisa sagrada pra mim, e dou a minha palavra de honra que esse Franz era um bandido a quem Alá daria as costas, enojado.

O Pequeno Legionário apontou para Tiny, com um ar acusador.

— Você vai conseguir a absolvição, mas vai custar nove garrafas de vodca ou de uma boa bebida alemã.

— E onde é que vou arranjar isso, droga? — gritou Tiny.

— Vai arranjar, e depressa. Lembre-se de sua linha da vida curta — alertou o Pequeno Legionário, implacável.

— Como quiser. Você as terá. — Cuspiu nas palmas das mãos e olhou para os outros companheiros. — Seus merdas de insetos, vão já ser taxados pesadamente por Tiny, seus ladrões de linhas da vida!

Aquele interessante passo na odisséia espiritual de Tiny foi interrompido pelo homem da SS e Krosnika, que chegaram à casamata, às carreiras.

— Ivan se foi! Não há mais uma alma nas trincheiras. Ouvimos ruído de motor e caminhões na estrada. São T34 e na nossa retaguarda! — o sujeito da SS parou para tomar fôlego.

O Velho olhou para ele com calma.

— Esperava que eles nos perguntassem quando deviam atacar as nossas unidades?

— Ora, cale a boca, não sou idiota — retrucou o sujeito da SS, furioso. — Precisamos fugir, senão estamos presos.

— Fugir? É a segunda vez que você nos fala disso — zombou o Velho. — Vocês são heróis de outro tipo quando gritam "*Heil!"* em casa. Espero que esteja bem claro que sou eu que dou as ordens aqui. Talvez eu tenha resolvido obedecer as ordens do seu *Führer* maluco e lutar até o último homem e a última bala.

O homem da SS quase explodiu de indignação.

— Está chamando o nosso *Führer* de maluco? Vou tomar nota disso!

— Espero que sim — zombou o Velho. — Mas me responda: Você quer lutar até o último homem e a última bala? Você pode resolver se devemos cumprir ou não as ordens do *Führer:* morrer em combate ou salvar nossas vidas!

O sujeito da SS mudou o peso do corpo de um pé para outro. Abriu e fechou a boca, mas não se ouviu nem uma sílaba.

— Imagino que o seu silêncio signifique que vamos lutar. Obedeça ao seu *Führer*. Bom, vá para a estrada com aquela bazuca que o Pluto tem ali. Krosnika e Heide carregam a munição. Vão já lutar contra os T34 e liquidar todos os que puderem, antes de serem esmagados pelas lagartas.

— Isto é maluquice — explodiu o homem da SS.

— Você diz isto... ex-membro da SS de Adolf? Pois então concorda que Adolf está maluco... um maníaco sanguinário!

A voz de Tiny interrompeu a conversa.

— Deixe ver a sua mão, seu idiota!

Antes que o homem da SS pudesse responder, Tiny o agarrou.

— Ah, tem uma linha da vida curta, seu vira-lata. Vá pra estrada, senão vai ser mais curta ainda!

O Velho deu uma risada.

— Está bem, concordamos em salvar nossas vidas apesar das ordens do *Führer*? É sempre mais fácil lutar até a última força quando a gente não vê Ivan nem ouve os seus T34. — Virou-se para Pluto e para mim: — Vocês dois e o Heide vão pela estrada para ver se não conseguimos atravessar. É nossa única chance. — Ele abriu o mapa sobre a caixa de munições. Interessados,

acompanhamos o seu dedo sujo, traçando o caminho pelo qual ele achava que poderíamos escapar.

— Todo esse verde aí parece ser grande — disse Stege. — É tudo mato?

— É — respondeu o Velho —, e a maior parte é de brejo.

Praguejando, nós três partimos pelo mato. Heide arrastava a bazuca.

A chuva escorria dos capacetes por nossas costas. Os cintos nos arranhavam. Tremíamos dentro das fardas molhadas. Nossos pés afundavam na lama até os tornozelos, e a água entrava nas botas. Cada passo era uma tortura.

Pluto praguejou alto.

— Cala essa boca de merda — disse Heide, furioso. — Vai chamar Ivan pra cá, com todo esse berreiro.

Pluto levantou a pistola automática, ameaçadoramente.

— Cala a boca você, seu idiota. Não se esqueça que temos umas contas a acertar. Se Ivan vier, contamos tudo sobre os seus atos sanguinários.

— E pensar que uma porcaria de um lavrador do mar Negro pode deixar vocês tão nervosos. Que pele fina vocês têm! Em todo caso, foi tudo um engano de minha parte.

Pluto parou.

— Um engano! — berrou. A voz dele ressoou pela floresta úmida. — Seu veado, seu monte de merda fedorenta, espere só que já te corto o teu alto-falante. Então você vai poder falar de enganos, com o sangue jorrando da garganta.

— Deixa pra lá, Pluto. Deixa esse idiota aí. Ou o mate ou deixe que vá pro inferno — retruquei, na tentativa de acalmar o Pluto.

— Isso não tem nada a ver com você, seu garoto cadete. Não banque o superior com Pluto. Pensa que tenho medo? — levantou a pistola automática acima da cabeça e rugiu para as trevas: — Ei, Ivan, seus canalhas de merda, bosta de Stalin, venham pegar um porco dedo-duro, o suboficial Heide. Ei, Iva-a-a-n-n!

Heide largou a bazuca e correu o mais depressa que pôde.

— Cuidado pra não cair e machucar a cabeça — gritou Pluto, atrás dele.

Peguei a bazuca e continuamos pelo mato, calados. Os galhos batiam em nossos rostos, molhados.

— Que merda de guerra — disse Pluto, sibilando. — Soldados *panzer* correndo por aí como “acrobatas a pé”. Deus, mas que merda de floresta, não se enxerga porra de coisa nenhuma.

— Por que não cala a boca? Escreva para Stalin ou Adolf, reclamando!

— Muito engraçadinho! — rosnou Pluto.

Então, de repente, a estrada apareceu à nossa frente. Colunas apertadas de infantaria russa, envoltas em capas, passaram marchando. Imensos caminhões e carretas de canhões roncavam em direção a oeste. Em todos os lados, luzes Aldis piscavam, sinalizando brevemente.

— Nunca conseguiremos atravessar isso — cochichou Pluto. — Vamos embora antes que os porcos nos vejam.

Sem fazer barulho, desaparecemos.

O espanto foi grande quando entramos na casamata. Heide tentou fugir, mas um pontapé de Pluto o fez cair junto de Tiny e Porta.

— Pensamos que estivesse a caminho de Berlim — resmungou Pluto. — Sabe correr bem. Esse pequeno engano se chama covardia diante do inimigo, segundo as leis militares. Espere só.

Heide estava branco como cera, tremendo de medo, sentado entre Tiny e Porta, que estavam debatendo animadamente sobre o melhor meio de esquartejar um porco.

O Velho levantou-se com calma, depois de ouvir nossas informações. Apontou para Heide.

— Mais tarde, trataremos de você. Vamos indo. Precisamos atravessar aquela estrada... e antes do amanhecer.

Joguei a bazuca para Heide.

— Tome aí... e não a perca!

Em fila indiana, partimos. Os espinhos e trepadeiras enroscavam-se à nossa volta, como que para nos prender. A chuva passou a cair torrencialmente. O Velho e Stege abrigaram-se perto da estrada. O restante do pelotão procurou se abrigar um pouco para trás, no mato rasteiro e espesso.

Porta estava ali deitado, despreocupado, a cartola cobrindo-lhe o rosto, o gato abrigado sob o casaco. O bichinho parecia muito desolado, com o pêlo ensopado.

— Não é nada divertido ser soldado — murmurou ele ao gato —, é?

Tiny estava sentado de pernas cruzadas na terra molhada ao lado do Pequeno Legionário, explorando as possibilidades de sua subida ao céu.

Pluto pendurara seu forro de dormir e estava jogando paciência.

Dois homens brigavam por uma guimba de cigarro. Pareciam ser Bauer e Krosnika.

Stege aproximou-se de nós, em silêncio.

— Pronto, rapazes? Já vamos. Vamos para a estrada a fim de marchar direitinho ao lado de Ivan, até podermos ver um modo de escapar para o outro

lado. O Velho tem esperanças de que não descubram que tipo de exército nós somos!

— Não vai dar certo — disse Bauer. — Marchar ao lado de Ivan! Pelo amor de Deus, vamos dar o fora daqui.

O Velho levantou-se e, com calma, fez sinal para que andássemos.

O cascalho rangia sob nossas botas, quando passamos a marchar na estrada.

A menos de um metro de nós passou uma companhia de infantaria russa. Mal tivemos coragem de olhar para eles, podiam ter visto o susto estampado em nossos rostos.

Porta, ousado, começou a assobiar uma canção de soldado russo, e vultos invisíveis, no escuro, o acompanharam.

Devagar, o Velho foi-se chegando para o meio da estrada. Já estávamos quase do outro lado quando uma voz gritou:

— Fiquem à direita, fiquem à direita!

Como gafanhotos, saltamos para a direita, enquanto passava uma coluna blindada em disparada.

Um vulto debruçou-se de um carro e soltou um palavrão por estarmos marchando pelo meio da estrada. Levamos respingos de lama como despedida.

O Velho recomeçou a nos puxar para a esquerda, e logo estávamos no mato rasteiro.

Porta bateu nas coxas, feliz.

— Essa foi boa! Levar a bronca de um coronel russo por não marchar direitinho do lado da estrada. Ele ia molhar as calças se alguém lhe dissesse a quem ele dirigira aquele palavrão.

— Não ria antes da hora — avisou Bauer. — Ainda não estamos livres.

— Quanto falta para chegar a Orcha? — perguntou Stege.

— São 120 quilômetros — respondeu o Velho. — Atravessando brejos e matas. Equivalem a trezentos quilômetros numa estrada comum.

Ao amanhecer, chegamos ao brejo. Exaustos, nos jogamos na lama. Não demos muita atenção à discussão de Pluto com o sujeito da SS.

— Você é um cretino! — berrava Pluto. — Imagine, se apresentar como voluntário — gosta de assassinos? Parasita nazista, engraxe as minhas botas. — Ele pôs uma bota suja debaixo do nariz do inimigo. — Lamba a lama daí, senão te estrangulo!

— Seu canalha imundo — retrucou o homem da SS, e avançou sobre Pluto.

Ele esperneava e mordia, desesperado. A grande cicatriz vermelha deixada pela amputação da orelha de Pluto abriu, e o sangue jorrou, escorrendo-lhe pelo

pescoço até o ombro.

Tiny acabou com a briga, dando uma coronhada com sua pistola automática na cabeça do sujeito. Ele caiu com um profundo ferimento na cabeça.

Pluto respirava com dificuldade. Eles deram pontapés na virilha do sujeito da SS. A cada chute, o outro praguejava venenosa e demoradamente.

Olhávamos todos aquilo na maior indiferença.

O Velho deu ordem para continuarmos a marcha. Alguém perguntou o que devia fazer com o sujeito da SS, que estava desmaiado.

— Quebrem a cara dele com pontapés — disse Porta. — Ou o deixem aí pra apodrecer.

Andamos no brejo o dia todo, às vezes com água até os ombros, ou saltávamos de tufo em tufo no meio do pântano.

Um recruta de 18 anos calculou mal o salto e foi parar, gritando, no meio daquela coisa pegajosa. Só restaram bolhas no lugar em que ele desaparecera.

De tardinha, chegamos a um terreno razoavelmente firme.

Porta tropeçou, e o lança-chamas caiu-lhe da mão.

Pouco depois, o Velho deu ordem para descansar.

Irritados, revoltados, nós nos jogamos ao chão e caímos logo num sono hipnótico. Devagar, o resto do pelotão nos alcançou, arrastando os pés.

Estávamos descansando havia umas duas horas, quando Pluto se levantou de um salto, a pistola automática na mão.

Imediatamente, ficamos todos alertas. Sem ruído, a bazuca foi posicionada e um projetil enfiado na culatra.

Dois vultos apareceram por entre as árvores.

Para nosso espanto, vimos o sujeito da SS e Krosnika. Largamos as armas e nos deitamos de novo.

A voz de Stege rompeu o escuro mudo da floresta.

— Vocês não estavam com o morteiro?

Sentamos, imediatamente, em guarda. Pairava uma ameaça no ar.

Krosnika estava com a respiração pesada.

— Não ouviram o que ele perguntou? — disse Porta, irritado. — Cadê o morteiro?

— O que é que você tem com isso? — indagou o cabo de Torgau. — Não é o comandante do pelotão.

— E de onde é que você apareceu? — gritou Pluto.

— Vá se foder! — respondeu o cabo.

Ruídos guturais e animalescos surgiram das trevas.

— Fique onde está, Pluto — gritou o Velho. — Não quero saber de mais brigas. Krosnika, vá já buscar o morteiro e não volte sem ele.

Krosnika desapareceu no meio das árvores. Permanecemos ali quietos, escutando os passos dele.

— Nunca mais vamos vê-lo — cochichou Bauer.

Ninguém se deu ao trabalho de responder.

Três horas depois, o Velho deu ordem para continuarmos a marcha.

Nossos pés doíam. Os cintos e alças nos roçavam. Jogamos fora os capacetes, e depois as máscaras contra gases e seus recipientes.

De um morro íngreme, vimos uma vasta paisagem verde estendida à nossa frente. Parecíamos estar no meio de um grande oceano verde.

O Velho só nos permitiu meia hora de descanso. Depois fomos abrindo caminho no meio do mato rasteiro e cerrado, com as pás e machadinhas. Logo, acabamos com nossa pequena quantidade de rações.

Com fome e sede, lutamos para continuar avançando. As brigas violentas eram contínuas. O menor comentário era considerado um insulto grave. Só o Velho estava calmo e controlado. Seguia marchando, fumando seu cachimbo antigo. A pistola automática saltava em seu ombro. De vez em quando, ele consultava um mapa e a bússola

Porta conseguiu matar uma raposa e uma lebre grande, que foram comidas cruas. Não ousávamos acender um fogo, a fumaça poderia nos denunciar. A carne de raposa foi esfregada com cebola, para tirar o cheiro enjoativo. Mas, com ou sem cheiro, tudo foi comido até o último pedaço.

Vários homens ficaram para trás. Tentamos, descuidadamente, fazer com que se movessem, e depois seguimos, sem olhar para trás para o amigo que, aos soluços, nos implorava um minuto de descanso.

Alguns nos alcançaram nos pontos de repouso rápido. O cabo de Torgau ficou maluco quando paramos num poço. De repente, atirou-se sobre Porta, fazendo-lhe um grande corte no rosto e uma ferida profunda no braço.

Tiny e Pluto separaram os dois. Tiny deixou o cabo desacordado. Porta puxou a faca e já ia enfiá-la nele, quando o Velho o impediu.

— Deixe isso pra lá. Já vamos seguir.

Pluto concordou, curvou-se sobre o homem desmaiado, tirou as armas dele, cuspiu nele e depois reiniciou a marcha.

Stege foi marcando as árvores a cada meio quilômetro, aproximadamente, para servir de orientação aos retardatários.

No quarto dia, chegamos a uma estreita trilha na floresta, onde havia marcas nítidas de cavalos e carroças.

...Eles estavam encostados a uma árvore. Dois homens baixos, de cáqui, com as pistolas automáticas penduradas do lado. O vento nos levou um vago aroma de *machorka*.

Imediatamente nos tornamos matadores, homens das cavernas do século XX.

Em silêncio, nos agachamos no capim e fomos rastejando. Um riacho deu-nos um abrigo muito necessário.

Mais perto, seguros de nossas presas, seguimos agachados. Porta piscou para Pluto, que se preparou atrás de uma moita, abaixando o capim para poder atirar.

O sol apareceu por trás das nuvens e iluminou os dois homens. Um deles empurrou o casquete com a cruz verde para trás. A *nagajka* pendia do seu pulso.

Com um choque, percebemos o significado da *nagajka* e da cruz verde. Aqueles homens eram do NKVD.

O ronco prolongado de três pistolas automáticas rompe o silêncio. O matraquear dura apenas alguns segundos.

Dois homens de cáqui, com cruzes verdes nos casquetes, e as *nagajkas* das prisões siberianas nos pulsos, dobram-se nos quadris e caem para a frente. Uma espuma sangrenta despeja de suas bocas e ouvidos. Ouve-se o tinir do aço contra aço quando novos pentes são carregados em três pistolas automáticas alemãs.

O silêncio da floresta torna a reinar.

Porta assobia como um passarinho, um pio prolongado. Os passarinhos respondem, primeiro meio tímidos, depois num grande coro

Ficamos ali à espera, muito tensos.

O Velho nos dá ordem para nos espalharmos em silêncio. As quatro metralhadoras leves são colocadas para cobrirem um amplo campo de fogo.

O Pequeno Legionário avança, agachado, e se abaixa nuns arbustos densos junto com Heide. Estão com a bazuca.

— *Job tvoi matj* — cochicha alguém na moita.

Só conseguimos ver as partes superiores dos corpos deles. O resto está bem escondido nos arbustos. Em silêncio, eles avançam, cerca de trinta soldados comandados por um tenente.

Um grito forte. Eles pararam e se juntaram em volta de um sargento. Tinham encontrado os companheiros.

— *Mjortyvj* — disse um. Eles olharam em volta.

— *Ubjivat* — retrucou outro.

O Velho, que levantara uma das mãos, deixou-a cair com um gesto de cortar.

Os músculos foram flexionados. Os homens, com suas cruzes verdes e *nagajkas* compridas, iam receber sua extrema-unção.

Um grito de vingança, prolongado, estridente e terrível, rompeu o ar:

— *Allah...! Allah Akbar...!*

Uma faca cintilou, zuniu pelo ar e cravou-se no peito do tenente.

Metralhadoras e pistolas automáticas atiravam nos russos agrupados, que ficaram paralisados por aquele forte grito.

De repente, o tiroteio cessou. Avançamos ferozes, cortando, investindo e ceifando.

Ofegantes, nos deitamos, mergulhando os rostos no riacho e bebendo com voracidade.

Heide e dois outros começaram a pegar os contracheques dos russos tombados.

Um deles se fez de morto, mas uma baioneta enfiada na coxa logo o pôs de pé.

Gaguejando, ele nos disse que pertenciam a um destacamento de transporte de prisioneiros, que, mais para a retaguarda, estavam guardados por 12 homens e um sargento.

Porta prendeu um arame em volta do pescoço de nosso prisioneiro e o fez entender que seria estrangulado se nos traísse ou não nos levasse até o outro grupo.

Pluto foi o primeiro a encontrar a posição do inimigo. Havia três homens sentados numa árvore. A pistola automática de Pluto disparou, e eles caíram como maçãs maduras. Um deles ainda estava vivo, mas uma P38 o liquidou.

O Velho fez o pelotão se espalhar. As metralhadoras tomaram suas posições, enquanto nossa seção avançava.

Porta, que estava na frente, de repente gritou com força:

— *Stoj kto kidatj gjearp!* — fez-nos sinal para avançar. Aproximamo-nos dele atrás de uma árvore. Ele apontou para dez homens de cáqui, na clareira, as mãos erguidas.

Stege e eu ficamos atrás da árvore com as metralhadoras cobrin do nossos amigos, enquanto eles avançavam.

Porta levou uma faca à garganta do sargento grandalhão.

— Onde estão os prisioneiros?

O sargento respondeu numa língua que não entendemos. Um dos russos traduziu.

— Os prisioneiros estão atrás dos caminhões na floresta.

Tiny e o Pequeno Legionário foram para lá e pouco depois voltaram com 12 soldados alemães e alguns homens e mulheres russos, civis.

Bauer foi buscar o Velho, que logo mandou revistarem os soldados russos. Depois, deu de ombros e fez um gesto com a cabeça para Porta:

— Você sabe o que devemos fazer. Não podemos levá-los nem deixá-los aqui para avisar a todo o batalhão.

Porta sorriu, satisfeito.

— Terei prazer em fuzilar esses canalhas do NKVD. — Ele chamou Bauer e Tiny. — Vamos levá-los para o mato.

Apontando com as pistolas automáticas, eles obrigaram os prisioneiros marcharem à frente.

Um cabo alemão que estava no transporte de prisioneiros gritou:

— Me dêem uma pistola. Eu mato o patife. Ontem à noite eles fuzilaram 105 solados da nossa companhia. Pra lá. — Ele apontou para o norte. — O tenente Hube, comandante de nossa companhia, levou um cartucho vazio metido na testa depois que o amarraram numa árvore. E havia muitos civis russos quando começamos essa viagem, há cinco dias.

Pluto atirou-lhe uma pistola automática.

— Manda brasa.

Fortes rajadas ressoaram pelo mato. Houve alguns gritos e depois silêncio.

Porta vestiu uma farda russa. O Pequeno Legionário teve de segurar um espelho de bolso para que ele pudesse se admirar.

— Por que não veste a farda do tenente? — perguntou Tiny.

— Por são Pedro, tem razão! É a minha única oportunidade de ser oficial, nesta guerra. — Saiu correndo e logo voltou da moita se pavoneando com a farda do tenente do NKVD. A *nagajka* comprida estava pendurada no pulso. Ele lançou o chicote sobre nós e gritou: — Fora daí, seus filhos da mãe imundos. Aí vem o supercamarada comissário tenente Josephski Portaska!

— Pare com essa bobagem — mandou o Velho.

Os russos civis humildemente abriram caminho para Porta, aos gritos.

Ele tentou se contemplar no riacho.

— Que merda, não termos uma câmara fotográfica — retrucou, zangado. — O pessoal da velha Weddingen ia ficar impressionado se recebesse um cartão-postal de *Herr* J. Porta como um piloto de assalto SS de Stalin.

Tiny também quis vestir uma farda russa, mas não conseguiu encontrar nenhuma que lhe servisse. Contentou-se com um casquete de cruz verde.

Tentando dançar como um cossaco com uma *nagajka* em cada mão, ele se atrapalhou com os chicotes compridos e caiu no riacho.

Em fila indiana, continuamos nossa marcha interrompida. Mais de um quilômetro adiante encontramos os corpos dos 105 soldados mortos pelo pessoal do NKVD. Todos tinham levado tiros na nuca, de pistolas Nagan.

Moscas e formigas tomavam conta dos cadáveres contorcidos.

Uma mulher, dentre as libertadas, aos soluços, caiu no chão e se recusou a levantar. Mostrou as botas de feltro esburacadas e gastas, que mal lhe cobriam os pés em carne viva.

Dando de ombros, indiferentes, nós prosseguimos. Durante algum tempo, ouvimos o choro dela, como de um animal ferido. A floresta a envolveu. As sombras se alongaram. A noite escondeu os vivos e os mortos, os esquecidos e os abandonados.

No fundo das trevas, um russo com fratura do crânio arrastava-se. Topeçava, clamava a Deus, maldizia sua terra e chamava pelos amigos, a voz entrecortada. Outro, soluçando, procurava nos bolsos, sem cessar. Outro, agonizando, agarrou um punhado de musgo e chorava, sossegado, pela mãe que estava atrás das grandes montanhas da Geórgia. Uma camponesa ucraniana corria em círculos, em pânico, querendo fugir da escuridão que lhe ameaçava a razão. Éramos 28 soldados da infantaria e do corpo blindado alemães, com 14 homens e mulheres russos, que lutavam cansados pela floresta escura.

Era de manhã cedo quando chegamos à zona da nova linha de frente. Passamos o dia todo ali. Cansados e esgotados, ficamos deitados debaixo dos arbustos, meio adormecidos sobre as armas. Todos os nervos e músculos doíam.

Alguns dos civis não tinham conseguido acompanhar os soldados resistentes e treinados que agora estavam deitados na beira da floresta, aguardando o escuro.

Porta tirou as botas. Estava com os pés em carne viva. Com cuidado, ele cortou fora as peles soltas com a faca de combate. Cheirou-as, interessado, e continuou a cortar.

— Não está doendo? — perguntou Tiny, que se sentara com as pernas estendidas, mastigando um pedaço de madeira.

O Pequeno Legionário deitara de costas, com as mãos dobradas sob a cabeça, dormindo a sono solto.

Stege e o homem da SS sentaram numa árvore, camuflados com os galhos. Só se via a metralhadora, observando ameaçadora por ente as folhas.

Quando escureceu, levantamos acampamento e seguimos por uma trilha estreita. Porta ia na frente, com a farda russa. O comprido sobretudo russo caía

em pregas em volta de seu corpo magro. Ele trocara a cartola por uma boina de pele russa. A pistola automática estava preparada, debaixo do braço.

Atrás dele e ao lado, marchavam o Pequeno Legionário e Pluto.

Uma tosse seca nos fez parar, como num relâmpago. Foi Porta quem primeiro se refez. Empurrou Stege para a frente e gritou:

— *Isiso dar?*

Surgiu um russo grandalhão. Praguejou diante do grito de Porta, mas sua voz ficou amável quando Porta berrou, em russo:

— Peguei um alemão!

A sentinela sugeriu que fuzilassem Stege de uma vez. Engatilhou a pistola automática e, com o cano, fez Stege se ajoelhar. Teve certa dificuldade em fazer com que Stege abaixasse a cabeça devidamente.

De repente, os braços do russo estavam abanando o ar. Ele deixou cair a pistola e tombou para trás, gorgolejando roucamente. Porta levantou-o e tirou o laço de arame. Tinha ido nas pontas dos pés pelas costas do russo e passou o arame pelo pescoço dele. Em menos de dois segundos, o sujeito fora estrangulado.

Stege deu uma risada forçada.

— Não torne a me fazer essas brincadeiras, seu bandido maluco!

Porta deu uma risada.

Em silêncio, as luzes Very passavam pela linha de frente. O fogo das metralhadoras ressoava de ambos os lados. No céu, ouvíamos bombardeiros roncando em direção a oeste. Balas traçadoras erguiam-se até eles e desapareciam.

Porta levantou a mão. Sem fazer barulho, nós paramos e nos postamos como troncos de árvore no meio da floresta. Bem à nossa frente estava uma trincheira russa. Víamos claramente os abrigos. Um vulto passou e desapareceu por um parapeito.

Porta fez sinal para que avançássemos. Um sussurro e corremos por cima do parapeito, atravessando a trincheira, passamos por montes de terra, caímos, levantamos, tornamos a cair, deslizamos na terra escorregadia e rolamos por uma encosta. Uma metralhadora começou a atirar. As balas zuniam. Armas automáticas esvaziavam seus pentes sobre nós. Morteiros soaram, soturnos. Os estilhaços de bombas voavam por nós como vespas zangadas. Estávamos deitados no fundo de uma cratera rasa de bomba.

Uma metralhadora alemã começou a mandar longas rajadas por cima do buraco. Uma das mulheres russas começou a berrar, e antes que a pudéssemos

deter, ela tentou correr. Cambaleou para trás e se dobrou com um grito sem palavras. Todo o abdome dela foi perfurado pelas balas de metralhadora.

O Velho praguejou.

— Agora eles vão saber que está acontecendo alguma coisa. Eu não me espantaria se começassem a nos bombardear com os canhões pesados.

Mal ele acabara de falar, o ar tremeu com as bombas de morteiro e projetis 7,5cm. Os projetis sinalizadores explodiram e então os russos começaram.

Um dos prisioneiros teve o rosto arrancado por um estilhaço de granada. Três outros foram mortos, ao tentar sair do buraco.

Ao amanhecer, o fogo cessou, mas para sair dali tivemos de esperar o anoitecer.

Tiny ficou olhando para os mortos. Um ferido gemeu alto. Tiny apontou para o rosto dilacerado do homem.

— Que porção de droga a gente tem na cara, quando ela se abre. O que é esse troço cinzento?

Stege debruçou-se.

— Miolos, e esse outro negócio são ossos esmagados. Olhe, aquele olho está pendurado até onde estava a boca. Como os dentes parecem grandes quando desaparece todo o maxilar. Deus, mas que visão. — Ele virou-se para Tiny. — Pra que está encarando isso, seu filho da mãe metido.

— Cala a boca, Stege — interrompeu Porta. — Deixa o Tiny em paz. Você está sempre implicando com ele.

Tiny ficou muito comovido.

— É verdade. Vocês todos estão sempre maltratando o Tiny. Eu nunca aborreço ninguém.

O Pequeno Legionário afagou o ombro dele.

— Não chore, Tiny, você também me faz chorar. Vamos ser bonzinhos pra você e enxotar o bicho-papão.

Um sargento-ajudante, pertencente ao grupo de prisioneiros alemães libertados, disse, irritado:

— É preciso zombar de tudo? Vocês não regulam bem, seus malucos.

Porta começou a levantar.

— Modere-se um pouco. Você é nosso convidado. Se não estiver satisfeito, pode dar o fora. Dois passos para cima e bem em frente. Se a gente não tivesse chegado lá, você estaria a caminho de Kolymna, e aposto que estaria enterrado em Dalstroj, dentro de dois anos.

— Que diabo está pensando da vida? — explodiu o sargento-ajudante. — Desde quando é que um cabo fala assim com um sargento-ajudante?

Porta sacudiu a cabeça, com admiração.

— Deus Todo-Poderoso, homem, será que perdeu o juízo? Ainda acredita que estamos nos velhos tempos, em que bastava vocês abrirem a boca pra nós pobres coitados lamber suas botas?

— Trato de você quando voltarmos — retrucou o sargento.

— Por Deus — disse Bauer —, isso parece uma ameaça. — Conselho de guerra, cadeia, 12 homens em destacamento especial. Sujeito corajoso, esse rapaz da infantaria. Grande herói. Como se chama?

— Converso com vocês quando voltarmos — retrucou o sargento-ajudante.

Pluto debruçou-se e examinou as divisas dele.

— A julgar pelos cordões brancos, é da infantaria mesmo.

— Silêncio! — ordenou o sargento-ajudante, furioso. — Ainda vou cuidar de vocês.

— Enquanto isso, nós cuidamos de tudo. Sou eu quem dá as ordens aqui — disse o Velho, tranqüilo.

O sargento-ajudante virou-se e olhou para o Velho, que estava deitado no fundo do buraco, os olhos fechados.

— São 36 metros até Ivan, 65 metros até os nossos, e a terra no meio não está revolvida demais. Sujeito muito corajoso, esse moço da infantaria — zombou Bauer.

Algumas horas depois do anoitecer, o Pequeno Legionário arrastou-se sem qualquer ruído para fora do buraco e rastejou até as linhas alemãs para avisar aos artilheiros que não atirassem contra nós.

Passaram-se três horas até vir o esperado sinal das luzes Very.

Um por um, arrastamo-nos pela terra até saltar para dentro de nossas trincheiras.

Porta foi o último a chegar. O sargento-ajudante tinha desaparecido. Ninguém sabia o que lhe acontecera.

Ao jantar, satisfizemos nossos desejos mais fantásticos. Ficamos malucos com tanta grandeza. Porta chegou a mandar que Stege lhe engraxasse as botas.

Charutos fumados só até o meio eram jogados fora, em desperdício. Tiny insistia em dizer que sempre fazia isso.

O Velho pediu para vir um guardanapo com seu café. Estávamos todos cercados de muito luxo. Pluto mais que todos — mas não por muito tempo.

20. O QUE QUER COMER?

A POSIÇÃO ficava numa mata. Linda e tranqüila. Algumas granadas explodiam de cinco em cinco minutos, mas agradavelmente distantes. O sol brilhava como na primavera, e nos esquentava até os ossos.

Pluto estava no parapeito, sentado num tronco de árvore, cerzindo as meias. Tirara a túnica e a camisa. De vez em quando, gritava para nós, participando de nossas conversas.

Nossas rações nos foram levadas, porções duplas de tudo — até mesmo fumo de cachimbo e um maço de dez Junos para cada.

Porta levantou o dele no ar e gritou, feliz:

— *Berliner raucht Juno*! Quase sinto o cheiro de Weddingen e a boa Friedrichstrasse com as putas de dez marcos.

— Ah, é, mulheres — suspirou Tiny. — Será que breve teremos de novo alguma batalha violenta?

— Isso seria uma pena — disse Pluto. — Imagine ser liquidado antes de dar uma passada pelos bordéis!

Tiny olhou para a palma da mão.

— Rapaz, você me deixa assustado. Deixe ver a sua linha da vida.

Pluto estendeu a mão.

— A sua é mais curta do que a minha. Isso é bom. Enquanto você puder andar por aí fazendo palhaçada, sei que ainda tenho tempo. Engraçadas, essas linhas na sua pata.

O intendente, ofegante, perguntou com importância o que queríamos para o jantar no dia seguinte.

— Quer dizer que podemos escolher o que quisermos? — perguntou Porta, desconfiado.

— Isso mesmo, é só pedir, e terão. Fácil. O que quiserem terão.

— Um pato assado com chicória, ameixas, vinho clarete e tudo a que tenho direito — disse Porta, soltando um peido alto. — Cheirem só, seus filhos da

mãe! O alfabeto inteiro de vitaminas está bailando no ar!

O intendente anotou tudo, repetindo a ordem para si.

Ficamos boquiabertos. Stege esticou o pescoço.

— Carne de porco com mostarda pra mim.

— Claro — disse o intendente, com calma.

— Meu Deus! Está maluco! — retrucou o Velho. — Ou será que pilharam um castelo inteiro?

O intendente fez uma expressão de desapontamento.

— Vou fingir que não ouvi. Com o que quer se empanturrar amanhã?

— Um leitãozinho inteiro assado com batata-doce — declarou o Velho, triunfante, certo de que ia abalar o intendente.

Ele anotou o pedido, indiferente:

— Leitãozinho inteiro com batata-doce.

— Pode jurar que vou ter isso? — questionou o Velho.

— É o que quer, certo?

O Velho conseguiu menear a cabeça, debilmente. Estava com uma expressão de imbecil.

— Pois então, é o que terá.

Pluto caiu do seu poleiro alto. Deitado no chão, fitou o intendente.

— Perdizes, duas, com tudo que um rei poderia desejar.

— Claro — foi a resposta do intendente, anotando o pedido.

— Meu Deus! — cochichou Tiny — Ninguém ainda me pergun tou o que quero comer. Por quê? Vocês vão ser fuzilados amanhã?

— Cala a boca e faz o seu pedido pro jantar de amanhã — interrompeu o intendente, com impaciência.

— Fígado de porco com batatas ao creme e leite morno com bolinhos de ovo. Deve ser muito bom, e vou arriscar. Talvez seja minha última oportunidade.

— *Poussin* com *haricots verts e pommes frites* para mim — pediu o Pequeno Legionário.

O intendente ficou olhando para ele, sem entender.

— Esse é um prato que não conheço, cara. Fala em alemão, droga.

O Pequeno Legionário entregou-lhe um papel onde estava anotado o seu pedido.

— Procure no dicionário, mas que Deus o ajude, se não acertar.

— Sopa de rabada e dez alhos-porós com espaguete. Quinze ovos fritos com cebola, fritos dos dois lados — disse Bauer, radiante.

— Está bem — respondeu o intendente. — Vou mandar fritar inclusive as cebolas dos dois lados, seu burro.

Depois que fizemos os pedidos, o intendente fechou o caderno e o colocou debaixo do quepe.

— Vão ter o que pediram, seus animais estúpidos. É ordem de von Barring que todos tenham o que querem. O batalhão conseguiu rações extras. Ele quer fazer onda.

— O que você vai comer? — perguntou Porta.

— Pé de porco com chucrute, legumes picados, passarinhos com cravo-da-índia... pombo assado e galinha assada. Se conseguir comer mais, um chouriço.

Ficamos olhando para ele em silêncio, quando ele se afastou

Pluto voltou para seu tronco de árvore e continuou a cerzir as meias.

O Velho virou-se para Peters, que, como sempre, estava sentado sozinho, fumando o cachimbo.

— O que andou fazendo para vir parar no 27. Regimento?

Peters olhou para o Velho, calado, esvaziou o cachimbo e o encheu com gestos calmos e pensativos.

— Quer saber por que estou aqui? — olhou para as caras que estavam esperando. — Pois vou contar. Em 1933, a família de minha mulher era importante. Meu sogro foi chefe da seção local. Eu não era desejado como genro. Mandaram que eu fosse embora. Tinham testemunhas para provar que eu era criminoso. Infelizmente, eu era tão ingênuo que me recusei a ir. A medida seguinte foi reforçada por uma ligeira ameaça e, burro como eu era, continuei a dizer não e mandei todos pro inferno. Eles ficaram quietos por uns dois anos. Depois veio o último aviso. Foi de manhã, e de noite chegou a polícia. Peguei oito semanas de cadeia. Levaram-me à presença de um demônio de magistradozinho. Muito correto, perfeitamente correto. Gravata, lenço, meias e sapatos, tudo cuidadosamente combinando. O rosto dele era a correção em si. Tão bem barbeado, e o cabelo tão bem cortado. Todas as palavras que eu dizia eram cuidadosamente anotadas por uma taquígrafa que ficava rindo para mim.

“Depois, quando me levaram para o porão, eu ainda não soubera por que estava preso sob suspeita. O homem da SS que me levou distraiu seu companheiro com o que iam me fazer: ‘Ele vai para a grande máquina de moer em Moabitt. Num momento, sem cabeça’!

“Em vez de ficar de bico calado, protestei, dizendo que era inocente. Eles me bateram com cassetetes de borracha e gritaram: ‘É, é inocente do incêndio no Reichstag!’

“Eles me faziam sair três ou quatro vezes por noite, e depois dos pontapés e socos iniciais, eu era obrigado a pular pelos corredores junto com alguns outros. Tínhamos de uivar como lobos ou grasnar como corvos, segundo o capricho dos guardas.

“Um velho de setenta anos foi obrigado a plantar bananeira. Cada vez que ele já estava se levantando, batiam-lhe na virilha.

— Por quanto tempo ele suportou aquilo? — perguntou Stege.

— Não muito. Cada pancada era seca e forte, exatamente no mesmo local. Três pancadas, e o velho desmaiava. Mas pode-se reanimar as pessoas com ácido sulfúrico e outros métodos refinados. Às duas horas da manhã, fui chamado para ser reexaminado no tribunal. Primeiro chamaram minha mulher, como testemunha. Ela apontou para mim e exclamou: “Levem embora esse canalha, esse estuprador de crianças!” E cuspiu em mim. Dois policiais precisaram segurá-la para impedir que me arrancasse os olhos. Fiquei pasmo, como podem imaginar.

“Meu sogro me olhou bem nos olhos e disse: ‘Como pôde violar sua própria filha! Rezamos pela sua alma!’ As outras testemunhas eram o pessoal de sempre, até mesmo o pastor com a Cruz de Ferro de 1914-18.

— Não é estranho — interrompeu o Velho — que tantos oficiais desempregados tenham resolvido ser pastores? Por que foi isso?

— Isso é óbvio — respondeu Porta. — Ser oficial em tempo de paz é brincadeira de criança para gente que não quer trabalhar. Quando esse pessoal fica desempregado, procura alguma coisa que se compare com a vida preguiçosa de oficial. E o que é isto? Uma vida de pastor, amigos. Em nenhum outro lugar, o homem pode se entregar tanto à sua preguiça e ao mesmo tempo disfarçar a sua burrice. E tem outra coisa: lembrem-se de como os humildes respeitam o clero. Além disso, os inimigos do capeta podem descompor as pessoas do púlpito sem que elas lhes respondam... isto lhes lembra a tirania do quartel.

Peters continuou com sua trágica história:

— Pouco a pouco, a verdade foi aparecendo. Eles me acusaram de ter estuprado minha filha. Ela morrera três meses antes, de difteria. Bom, conhecem o processo. Quatro dias no porão, e confessei. Assinei que não tinha sido vítima de pressão e que o meu tratamento fora correto. A sessão no tribunal durou dez minutos. Estavam muito ocupados. Naquela manhã, sete foram condenados à morte. Eu peguei cinco anos. “Uma sentença pequena, quase irrisória”, disse um criminoso contumaz, que pegou vinte anos. Vocês conhecem Moabitt? Não? Boye, o chefe dos guardas, era um gênio em matéria de nos manter em forma.

Nos pregava sustos terríveis, quando chegava com suas solas de borracha para espiar pelo painel de vidro na porta da cela. Era um exímio abridor de portas de celas. As grandes chaves entravam na fechadura como relâmpagos. A gente ouvia um estalido, e a porta se abria num estrondo. Depois víamos uma fileira de botões reluzentes numa farda azul-marinho. Sob um casquete, via-se um rosto pequeno e mau. Deus que nos ajudasse se não saltássemos em posição de sentido no segundo em que ele aparecia. Ele adorava pisar nos dedos dos pés das pessoas.

"Infelizmente para mim, um dia ele encontrou um pedaço de grafita do lado de fora da minha janela, só Deus sabe como. Eu a jogara fora. Por sorte não encontraram a carta que eu tinha escrito. Nós o chamávamos de olho de raios X. O apelido era apropriado. Aquilo me custou vinte chicotadas com o rabo de boi. No entanto, Moabitt era uma colônia de férias comparada com Schernberg.

Todos ouvíamos a história compenetrados.

Peters olhou para nós, acendeu o cachimbo e deu de ombros.

— Não é preciso entrar em detalhes. Vocês conhecem Torgau, Lengries, Dachau, Gross Rosen e todos os outros campos de concentração. Em Schernberg, nos amarravam aos radiadores até nossas costas ficarem assadas, e depois nos faziam virar; 75 açoitadas era coisa comum.

"Eram exímios mestres em variar as execuções. Muitas vezes ouvíamos a lâmina da guilhotina descendo. E uma vez a corda do carrasco rompeu-se tantas vezes que no final obrigaram um prisioneiro a abater o condenado com um golpe na testa, como um açougueiro matando um bezerro. Tinha até um guarda que executava as pessoas com uma velha espada de cavaleiro. Isso foi proibido pelo comandante. Mas ele colocou um 'traidor' num banho de ácido, deixando só a cabeça do lado de fora.

Porta olhou para nosso membro da SS.

— O que me diz disso, companheiro?

— Deviam ser torturados — murmurou o sujeito da SS. — É inacreditável, mas não me entenda mal. Acredito em tudo isso. E juro que não acredito mais em Adolf e na turma dele. Me mostre um dos amigos dele e lhe trago sua cabeça.

Porta riu e meneou a cabeça, com vontade.

— Já vamos voltar a isso. Quem sabe você vai poder caçar com Joseph Porta, um belo dia. Fique de orelha atenta para a buzina da caçada.

— Um dia me levaram ao médico — continuou Peters. — Ele me esterilizou. Eu pertencia ao parágrafo 175, sabe. Meses depois, me puseram no batalhão penal de treinamento. O que aconteceu lá todos sabem, e agora sou um de vocês.

Aqui, me sinto à vontade. Pela primeira vez, em muito tempo, me sinto descontraído. E não quero voltar para casa! — as lágrimas escorriam-lhe pelas faces. — Se minha coragem faltar, vocês terão de me agüentar. Não é a morte que eu temo, e sim outra estada na prisão, ou na Alemanha ou com os colegas do outro lado.

— Você não vai morrer na Rússia. Voltará pra casa conosco, pra fazer a revolução — resolveu Porta.

Peters afagou-lhe o ombro.

— Bem... Há muitas contas a acertar — disse o Velho. — A única coisa que nos desespera é que ninguém vai acreditar em nada do que contarmos. Eu gostaria de conhecer alguém que acreditasse na verdade sobre as nossas belas e bem engraxadas instituições do Kriegswehrmacht-Haft e Untersuchung. Só vão sacudir as cabeças e dizer que as coisas que andamos contando não aconteceram; que vocês foram espancados, sim, mas não morreram disso. Esperam mesmo poder se vingar? Então, são incrivelmente ingênuos!

— Quer dizer que nunca poderei falar tudo, quando acabar a guerra? — perguntou Porta.

— Não, por Deus, disso tenho certeza — disse o Velho, convicto.

— Pois bem, então, de agora em diante sei muito bem qual é meu dever — retrucou Porta. — Todo membro do partido ou doido da SS vai ficar na horizontal, se cruzar o meu caminho. — Pegou o rifle de atirador de tocaia e abriu e fechou o ferrolho com estalos ameaçadores.

— Tolice — zombou o Velho. — Vai ficar sossegado. Não quer ir parar em Torgau?

— É evidente que não conhece Joseph Porta, cabo pela graça de Deus. Mas há de engolir suas palavras quando soar o canto do caçador. — Ele começa a assobiar:

“Ein Jäger aus Kurpfalz, der reitet durch den grünen Wald.”

O Velho sacudiu a cabeça.

— Está maluco. Se não quiser me ouvir, pelo menos fique calado!

— Não quero fazer nada disso, seu velho maricas — disse Porta, rindo.

De vez em quando, vários soldados tinham saltado para a beira da trincheira. Estavam sentados de costas para o inimigo. Todos agindo da mesma maneira despreocupada.

Não houve disparo. Apenas alguns projetis estouravam bem acima de nossas cabeças, de cinco em cinco minutos.

Porta tocava flauta, o gato ronronando em seu colo.

Tiny gritou para Pluto, no alto de seu poleiro:

— Se vir alguma granada vindo em nossa direção, avise.

— Pois não — gritou Pluto de volta, tão alto que os russos nos olharam, espantados.

Quando eles viram que não estávamos atacando, acenaram e ri ram. Um deles gritou para Pluto:

— Cuidado, aí em cima está ventando! — e apontou para uma granada explodindo.

— Obrigado pelo aviso — gritou Pluto. — Vou tomar cuidado.

— Vocês têm vodca aí? — perguntou Ivan.

— Não — respondeu Pluto. — E vocês?

— Há uma semana que não vemos nem uma gota. Esta guerra é uma droga. Nem recebemos mais vodca. Sua casamata é seca? Temos aqui um bom fogão. Não é muito ruim.

Pluto levou as mãos à boca e gritou:

— Aqui também está seco. Queremos apenas algumas garotas. Vocês têm isso aí?

Não, os burros também não providenciaram isso. Há cinco meses que a gente não vê mulher. — O russo acenou e desapareceu.

Pluto virou-se para nós e disse, em tom de conversa:

— Ouviram dizer que o sujeito que escreveu *Es ist so schön, soldat zu sein* se suicidou?

— Por quê? — indagou Porta.

— Bem, sabe — disse Pluto, sorrindo —, quando ele foi convocado, viu que tinha sido louco ao escrever aquela canção. Ficou deprimido e se enforcou com suspensórios na frente da porta do coronel.

Pluto deu uma risada. Um projetil explodiu perto dele.

Depressa fomos para o fundo da trincheira, os estilhaços da granada zunindo em volta de nossos ouvidos e batendo nas paredes da trincheira.

Senti um violento golpe nas costas. Quando coloquei a mão, ela ficou cheia de sangue. Grudento e quente, agarrava-se aos dedos. Espantado, sentei-me. Abri então a boca e senti que o sangue me fugia do rosto. Bem à minha frente estava a cabeça decapitada de Pluto, os olhos me fitando, vidrados. Os lábios estavam puxados, como que num riso. Gavinhas compridas e carnudas pendiam do pescoço aberto, e o sangue encharcava a terra seca.

Por um momento, fiquei paralisado. Depois o pânico se apoderou de mim. Com um grito prolongado, levantei-me de um salto. Se o Velho não se tivesse

agarrado à minha perna, eu teria corrido para o espaço aberto, para a morte.

Enterramos Pluto debaixo de um cipreste na floresta. Porta cortou uma cruz no tronco, colocando o nome do nosso companheiro morto embaixo.

— Mais um dos antigos de 1939 — disse o Velho, a voz pesada. — Restam bem poucos.

Tiny estava muito abalado.

— O próximo serei eu — gemeu. — A linha da vida de Pluto era pouca coisa mais curta do que a minha.

Ninguém respondeu.

Stege revistou os objetos pessoais de Pluto. Uma velha carteira com alguns marcos e rublos. Uma foto pequena e apagada de uma garota com uma bicicleta. Um canivete, três chaves, um anel artesanal de osso e dois selos de correio de campanha azul-claro. Uma carta semi-acabada para uma garota em Hamburgo. Esses eram os únicos pertences do cabo Gustav Eicken.

Um amigo deixara de existir. Para ele não haveria uma grande festa, e nunca poderíamos nos sentar com ele no cais junto do Elba e cuspir dentro da água.

Ficamos em silêncio muito tempo.

Lamento sinceramente informar que seu filho tombou, mas fico feliz por poder escrever que ele caiu como um soldado valente no campo da honra, lutando por Adolf Hitler e a grande Alemanha.

Morreu como um homem, fiel ao seu juramento de alistamento. Heil *Hitler! O Führer apresenta seus cumprimentos e agradece ao seu sacrifício. Deus o recompensará!*

Vinte mil vezes isso foi repetido para aquele regimento.

21. PARTO

PORTA ESTAVA numa excitação terrível. Ficava correndo em volta dos novos tanques Tiger que o regimento recebera, chutando as lagartas, encantado.

Tiny abasteceu os tanques com gasolina. Os escaninhos estavam cheios de projetis e munição de metralhadora.

O Pequeno Legionário estava beijando um grande projetil.

— Vou meter você no traseiro de Ivan — disse ele para o aço, e o jogou para o Velho e para mim.

O grande canhão de 8,8cm do tanque foi puxado pela vigésima vez. Duas metralhadoras foram inspecionadas. O mecanismo de mira foi testado. Porta experimentou os motores até que a terra tremeu.

Já estava escuro quando partimos, os motores roncando. As imensas lagartas de aço esmagavam a lama e o mato rasteiro. As casinhas tremiam à passagem dos grandes couraçados de terra, com as turbinas de resfriamento zunindo.

— O que vamos fazer? — gritou Porta, do meio das barras da direção. — Eles ordenam: “Dirijam!”, e nós dirijimos, mas aonde é que estamos indo? Seria bom saber mais alguma coisa.

— Você dirige porque estamos em guerra — interrompeu Tiny. — Quando você vir russos correndo em volta desse trenó, diz, educadamente: “Caro Tiny, quer fazer o favor de mandar brasa naqueles bandidos?” Eu dobro o dedo e o velho amigo espalha um pouco de confete sobre Ivan.

— Cala a boca — ordenou Porta. — Você não tem idéia do que seja a guerra, seu estúpido.

A nordeste de Olovsk, nós paramos. Os comandantes de companhias foram convocados a uma conferência, onde seriam dados os planos a cada companhia.

Vultos cinzentos surgiram no escuro. Eram os nossos granadeiros e artilheiros.

Sentamos em cima dos tanques, e conversamos com eles. Um sargento do 104. disse que estava acontecendo alguma coisa importante.

— Isso aqui está cheio de todas as unidades imagináveis. Olhe, lá vêm os sapadores lançadores de chamas!

Nós nos debruçamos para ver aquela coisa única. O sargento tinha razão. Eram homens baixos, fortes, carregando nas costas os recipientes facilmente reconhecíveis. Eram pessoas caladas e taciturnas, que respondiam em sílabas curtas quando fazíamos perguntas sobre o trabalho sinistro deles.

Um sargento, irritado quando Tiny perguntou se era difícil ser sapador lança-chamas, retrucou com rispidez:

— Não, nós nos divertimos, seu idiota. — Ele jogou um recipiente para Tiny. — Experimente correr e saltar com esse troço nas costas quando nossos colegas estão apontando todas as armas pra você!

Tiny lançou um olhar irado ao sargento, que continuou, azedo, preparando o equipamento dos seus homens.

— Desculpe-me pela pergunta.

— Mas que merda! — berrou o sargento. — Esse animal quer é levar um soco no focinho!

Tiny bateu na coxa, feliz.

— Ah, meu Deus, esse bumbum de bebê dos “Negros” tem mania de grandeza!

Rápido como um raio, o sargento deu um soco em Tiny, atingindo-o no queixo com um som surdo. Mas Tiny nem se mexeu.

Então o sargento investiu contra ele e o esmurrou no estômago; Tiny continuava parado. Um terceiro soco acertou logo abaixo das costelas de Tiny, mas antes que o sargento pudesse recuar, Tiny agarrou-o e levantou-o no ar, ameaçando:

— Agora seja bonzinho, senão o Tiny se zanga e bate em você. — Tiny empurrou-o para o lado, e o sargento rolou pelo chão. Sem lhe dar mais atenção, Tiny subiu na torre do tanque e cuspiu nos sapadores. Virou-se para Porta, que estava debruçado de sua portinhola de motorista.

Tiny e Porta se meteram numa longa discussão com o Pequeno Legionário sobre a mistura da genebra. Quando acabaram com esse assunto, começaram a falar sobre como as garotas deviam ser, para proporcionarem o máximo de satisfação.

— Tanques inimigos! — ouve-se um grito de repente, que imediatamente alerta todo mundo.

Os motores roncam. As luzes piscam. Os tanques partem. As lagartas matraqueiam.

As companhias roncam pelas aldeias. Passam por sobre um morro. Seis quilômetros para leste, atravessamos uma estrada larga. Provavelmente, a estrada Jitomir — Lemberg. Depois outro morro.

O 27. Regimento ataca em forma de uma cunha larga, com as Companhias números 5 e 7 à frente.

Tiny está preparado, com um projetil S nas mãos. A lanterna vermelha mostra um F preto, sinal de que todas as armas de fogo estão preparadas. O aparelhamento mortífero está pronto para a grande matança.

Porta assobia, despreocupado, à direção, os olhos pregados nas frestas de espia.

O Pequeno Legionário sopra dentro de seu aparelho para testar o rádio. Com dois movimentos rápidos e instintivos carrega sua metralhadora, e ele está pronto.

Ouvimos Stege no transmissor. É comandante do tanque 2. Ele ri para o Pequeno Legionário.

Eu observo as imagens no mecanismo de mira.

Do morro, a paisagem estende-se num vasto panorama à nossa frente. As estradas estão atulhadas de viaturas e artilharia russas. Num dos flancos, a uns dez quilômetros de distância, vemos os T34 e SU85. Lugini está sofrendo um forte tiroteio da artilharia russa.

Por volta do meio-dia, descobrimos, a cerca de um quilômetro, uma coleção de tanques estacionados em formação de desfile. Tanque atrás de tanque. Pelos binóculos, vemos as tripulações conversando enquanto fumam. Todos os tanques são pintados de branco, como o nosso, com números pretos nas torres.

Perguntas nervosas voam pelos transmissores.

Ouvimos von Barring perguntar a Hinka:

— O que são esses tanques?

Ele responde, hesitante:

— Não sei. Avance devagar. Precisamos identificá-los. Talvez sejam da 17a. Divisão Panzer. Eles vão nos apoiar no flanco esquerdo.

Abrimos as portinholas. Com cuidado, esticamos as cabeças para ver melhor.

— São dos nossos — sussurra o Pequeno Legionário. — Está vendo aquele canhão comprido e capô curto? É um Panther.

— Acho que você tem razão — diz o Velho, cauteloso. — Eles não têm cúpula na torre. Não podem ser T34. Por que fizeram os Panther tão parecidos com os T34? Devagar, Porta, devagar! Se nos aproximarmos demais, e for Ivan, ele nos esmaga antes de podermos dizer “Amém”

Tiny está dependurado da torre.

— Merda, não pode ser Ivan. A gente não pode confundir essas rodas. É um Panther. Eles já estão ali rindo da gente porque estamos tão assustados.

Agora já estamos a meio quilômetro, e não acontece nada. Nossos nervos tensos de tanta aflição.

O suor escorre para dentro de meus olhos e as pernas estão tremendo. A cada segundo, sessenta imensos canos podem abrir fogo contra nós.

Devagar, balançando, avançamos. Os tanques também parecem suar, com medo.

De repente, notamos movimento nos homens do outro lado. Eles saltam para dentro dos tanques. Quatro dão meia-volta e se dirigem em nossa direção. Simultaneamente, ouvimos uma barulhada pelo rádio e conseguimos distinguir algumas palavras:

— Abrir fogo, russos! Atacar em frente, fogo!

Antes de dispararmos um único tiro, os blindados russos descarregam toda a sua carga. Apesar da curta distância, eles erram o alvo.

Dez segundos depois, os quatro tanques russos que rolam em nossa direção são despedaçados. Inúmeros projetis atingem-nos de cada um dos nossos tanques, que estavam com eles no mecanismo de mira e atiraram simultaneamente.

Todas as oito companhias do 27. Regimento lançam carga total sobre os tanques russos. Àquela distância, até mesmo nossos canhões de 7,5cm são mortíferos para os T34.

Avançamos furiosamente, a terra e a lama voando em volta das lagartas. Vários projetis voam para o seu alvo. Breve, toda a área está tomada por uma fumaça negra e enjoativa dos tanques inimigos em chamas.

As tripulações tentam escapar, mas são ceifadas pelas metralhadoras e pelos lança-chamas. Outras são esmagadas pelas grandes lagartas.

Uma dúzia de tanques tentam escapar, mas nossos canhões de 10,5cm os arrasam Um esquadrão de apoio procura atrair nosso fogo de cima deles, mas eles são arrebanhados como porcos que fugiram do chiqueiro.

Nós os perseguimos para uma depressão, e eles ficam presos, em situação desesperadora. Ficamos parados bem abrigados e os vamos liquidando como se estivéssemos no tiro ao alvo no posto de recrutamento.

Depois de um período de fogo alucinado, vem o sinal de “cessar fogo”.

Terminada a batalha, 85 tanques T34 estão ali como ruínas incendiadas. Tudo acontece em uma breve meia hora.

— Meu Deus! — ri o Velho. — Isso ultrapassa a fantasia mais louca do Goebbels. O que é que Ivan estava pensando, parado ali como um alvo? Eu não gostaria de ser comandante deles, depois disso. De certo, vai-lhe custar a cabeça.

Inebriado com o sucesso, o regimento continua no avanço quase que imprudentemente. Em Norinsk surpreendemos toda uma unidade de cavalaria e, depois de uma luta curta mas violenta, eles são ceifados.

Alucinados, em pânico, os cavalos sem cavaleiros correm em volta dos tanques. Possuídos de uma febre assassina, apontamos as metralhadoras sobre eles e os matamos um a um.

Os cavalos vão caindo, um após o outro, desesperados. Um Panther IV rolou sobre um deles a toda velocidade, espirrando o sangue e vísceras sobre o tanque.

O rio está cheio de cadáveres. Os soldados que tentaram salvar-se foram abatidos pelas balas das metralhadoras.

Quando o último tanque sai do povoado, todas as casas e barracos estão em chamas, e pela planície espalha-se um terrível mau cheiro de carne queimada.

O Pelotão número 2 é escolhido para um reconhecimento. Com quatro tanques, rodamos por Veledniki, em direção de Ubort.

O terceiro tanque tomba para trás quando subimos uma encosta íngreme. Dois são mortos e Peters recebe ferimentos mortais. Tem as duas pernas esmagadas. Ele geme quando o colocamos numa motocicleta com *sidecar* para mandá-lo até o posto de atendimento aos feridos. Tentamos estancar o sangue, amarrando cintos em volta das coxas dele, mas continua perdendo muito sangue.

O Velho sacode a cabeça.

— Não adianta. O que podemos fazer para estancar esse sangue, merda!

Peters sorri para Tiny, com dificuldade.

— Você agora pode ir com calma, porcão. Minha linha da vida era muito mais longa do que a sua. Portanto, nem sempre dá certo.

— Vai sair dessa, meu velho. Coragem. Receberá um belo par de pernas de couro com dobradiças de prata. Hoje não se usa mais pernas de pau. — Ele sorri para encorajar Peters, que geme muito e já ficou amarelo, a marca da morte. — Você vai se divertir muito com essas pernas. Tínhamos um rapaz assim no posto em Paderborn. Ele enfiava a faca nas coxas e as garotas gritavam de susto e desmaiavam. Nós o chamávamos de “corta-coxas”. É muito mais divertido ter pernas assim. Queria que fosse comigo. — Tiny enfia alguns cigarros de narcóticos no bolso da camisa de Peters.

O Velho faz sinal para o motociclista e aperta a mão de Peters.

— Lembranças à Alemanha, e prepare-se para a revolução.

Peters morreu três horas depois, na escada de pedra de uma escola de aldeia. Enterraram-no na horta. Tinham colocado um capacete para marcar o lugar, mas alguém jogou futebol com ele, de modo que nem pudemos colocar uma cruz ali quando voltamos.

O grupo de reconhecimento continuou o serviço desfalcado de um tanque.

Atravessamos um terreno cheio de gargantas. Foi muito difícil ultrapassá-lo.

Por fim chegamos de novo à vasta estepe. Ali encontramos uns sessenta T34, seguindo para oeste.

Após nos comunicarmos com o regimento, recebemos ordem de mantê-los sob observação e continuar com nosso trabalho de reconhecimento.

Os tanques inimigos logo nos descobriram e demonstraram uma curiosidade incômoda.

Porta saiu do tanque e acenou para os colegas russos, que nos acenaram de volta, achando que éramos russos também. Eles se viraram e continuaram em sua marcha sacudida.

Tiny soltou um ganido.

— Meu Deus! Estão vendo o que está vindo pra cá!

Olhamos. De Olovsk, vinha uma unidade inimiga maior ainda do que a primeira. Esquipada com T34, KW1 e KW2.

— Não acha que a gente devia dar o fora? — sugeriu Porta ao Velho.

— Não, vou ficar aqui até receber ordem de retirada.

— Que belo candidato à Cruz de Ferro você é! — gritou Porta, vermelho de raiva. — Espere só até os colegas começarem a atirar com seus 12,5cm. Vai ser terrível.

— Os 12,5cm? — perguntou o Velho, olhando pelo binóculo.

— Isso mesmo, os 12,5, seu idiota! — disse Porta, furioso. — Não sabe que tipo de trenó é isso, KW1 e KW2, beleza! Vamos pelos ares até o telhado da chancelaria em Berlim. Depois nos enforcam por assustar Hitler.

— Bem, então vamos — ordenou o Velho após refletir melhor.

— Ótimo — disse Porta, risonho, e virou o tanque às pressas. — Se vocês tiverem juízo, vão ajustar os cintos de segurança, como dizem os pilotos. Estão partindo numa viagem da qual nunca se esquecerão.

O tanque deu um salto para a frente quando ele deu toda a velocidade. O Velho bateu com a cabeça na armação da torre.

— Olhe como anda, seu palhaço maluco! — berrou para Porta, enxugando o sangue da testa.

— Joseph Porta, cabo pela graça de Deus, dirige este tanque da maneira... como ele humildemente sugere... que deve ser dirigido, com ou sem sua permissão. Se não está gostando do passeio, pode saltar.

O rádio começou a falar. O Pequeno Legionário respondeu:

— Aqui Chuva Dourada. Câmbio.

— Aqui Jardim de Flores. Chuva Dourada, voltar. Câmbio — respondeu o regimento.

— Chuva Dourada compreende. Por onde. Câmbio.

— Hinka e Love empenhados com forças superiores. Grandes perdas. Dezessete dos nossos explodiram. Ponto de partida de Chuva Dourada paralisado. Desligo. — De repente o rádio se calou.

Isso queria dizer que o regimento estava empenhado numa batalha árdua com numerosas forças blindadas russas, e tinham sofrido grandes perdas. Nós, o grupo do reconhecimento, devíamos tentar escapar, mas devíamos agir por nossa conta. O caminho de fuga estava bloqueado pelos russos. E era proibido usar o rádio.

Os três grandes tanques foram roncando pelo terreno irregular. A lama espirrava até o alto. Atravessamos uma aldeia onde não havia gente nem bichos vivos. Algumas casas ardiam em chamas, e alguns corpos de civis mortos estavam deitados nas ruas.

Porta procurava evitá-los, mas o tanque passou por cima de um deles. Imaginamos poder senti-lo.

Pouco depois que saímos da aldeia, avistamos alguns caminhões fugindo para o norte. Quando passamos por uma garganta, fomos recebidos por um cerrado fogo de metalhadora. Nossa metralhadora respondeu, e o inimigo logo foi silenciado.

Quando acabou, eram russos feridos, abrigados na garganta. Quando os desarmamos, encontramos uma mulher fardada de primeiro-tenente. Estava ferida no peito e disse que fora comandante de um T34 que tinha sido destruído em Veledniki.

Deixamos os russos e seguimos para oeste. Perto de um pequeno bosque, alguns T34 descobriram-nos e seguiram-nos. O último de nossos tanques foi atingido por vários projetis, e em poucos segundos virou um mar de chamas. Nenhum dos cinco tripulantes escapou. Vimos o comandante do tanque levantar-se na torre e depois cair dentro das chamas.

Em seguida, o tanque de Stege foi atingido. Quatro homens escaparam. Viramos o nosso tanque para abrigá-los e eles subiram na traseira de nossa

carcaça. Um cabo ficou preso nas lagartas e foi esmagado quando partimos. Os gritos dele ressoaram pelo campo aberto. Stege tapou os ouvidos com os dedos, e seu rosto se contorceu de sofrimento.

Não tínhamos ido muito longe quando cinco tanques russos apareceram à nossa frente e começaram a atirar. Atingimos um deles e o incendiamos. Os outros quatro viraram-se, furiosamente, para outro ataque.

O Velho mandou que saltássemos. Ofegantes, corremos pela terra revolvida e macia, belos alvos em nossas fardas pretas dos blindados. Não havia abrigo algum. Tínhamos uma chance: nos fazer de mortos.

De um em um, fomos caindo, muito quietos mas com os corações acelerados.

Os tanques pararam a cerca de cem metros. Não ousamos olhar para eles. Ficamos ali parados.

Passaram-se alguns minutos. Pareceu uma cruel eternidade. Um dos motores foi acelerado. O escapamento deu um estouro. Muito devagar, um deles rodou por nós, a apenas cerca de quatro metros de distância. Seguiram-se o segundo e o terceiro. Por fim, o quarto, tão perto que receamos que passasse sobre nós. Podíamos tocar nas lagartas, se estendêssemos a mão.

Mal ele passara, Porta levantou-se de um salto e se abrigou atrás dele. Nós ficamos onde estávamos, em pânico.

Ele fez sinal para o seguirmos, mas estávamos paralisados. Um projetil zuniu acima de nossas cabeças e explodiu a alguns metros.

O tanque russo virou-se logo para responder ao fogo. Vinha de uns Panthers alemães que estavam disparando em nossa direção.

A terra tremeu quando eles passaram. Os T34 fugiram perseguidos pelos Panthers.

Saltamos no último Panther e em pouco tempo voltamos ao regimento — abalados mas vivos.

No dia seguinte, recebemos tanques novos e fomos para leste, onde, segundo informações, vastas forças do 3. Exército Blindado tinham sido cercadas. A nossa tarefa era abrir o cerco que os russos estavam fechando cada vez mais. Éramos três experientes divisões blindadas com mais de quatrocentos tanques.

Nossos adversários deviam ser o 6. Corpo de Cavalaria russo chefiado pelo general-de-divisão Meschkin, a 149a. Divisão Blindada de Guardas e a 18a. Divisão de Cavalaria.

Para mim, aquela marcha pareceu durar uma eternidade. A lua brilhava clara sobre a estepe, tornando a noite espectral. Quando uma nuvem escondia a lua, tudo se envolvia num escuro aveludado, e tínhamos a maior dificuldade em

manter contato.

De vez em quando, nos perdíamos, e os tanques tinham de virar e passar por locais impossíveis. Vários deles caíram nos rios e lá ficaram, virados. As tripulações morreram afogadas como ratos numa ratoeira.

Era expressamente proibido atirar, independentemente do que acontecesse.

Em determinado trecho, vi os cinco T34, cinqüenta metros à nossa frente, dirigindo-se para o norte. Eles desapareceram sem nos descobrir. Também vimos fortificações em ambos os lados da estrada. O Velho jurou que eram de Ivan.

No meio da noite, a coluna parou, ninguém sabia por quê. Por toda parte reinava o silêncio. Um silêncio sinistro. Ficamos ali numa fileira de mais de um quilômetro, tanque atrás de tanque.

O Velho estava com metade do corpo para fora da torre, quando entrou espantado.

Tiny o fitou:

— O que houve?

— Olhe você — respondeu o Velho.

Tiny pôs a cabeça e metade do corpo pela portinhola lateral, mas logo entrou.

— Deus nos ajude, é Ivan!

— Ivan? — perguntou Porta. — Onde?

— Lá — cochichou Tiny, apontando.

Ao mesmo tempo bateram de leve no lado de aço do tanque e uma voz, em russo, pediu um cigarro.

Porta foi quem se refez primeiro. Abriu a portinhola e, sem dizer uma palavra, entregou um cigarro a um vulto escuro, que acendeu um fósforo e surgiu um rosto ossudo, com um casquete russo.

O comuna tragou e disse, feliz:

— *Sspassibo!*

Os russos fervilhavam em volta dos tanques. Cada vez mais russos apareciam ali no escuro. Evidentemente, pensavam que fôssemos russos.

A cada segundo, esperávamos que atirassem, mas os comunas se encostavam nos tanques, conversando. Tentaram brincar conosco, mas ficamos calados, só dizendo uma palavra de vez em quando.

Um deles disse:

— Vocês, caras da gasolina, são um bando de chatos! Não ouço nenhuma palavra decente de vocês!

Os outros concordaram. O Velho teve de segurar Tiny quando alguém disse que ia lhe dar um soco porque ele não quis responder.

Sotto voce ele cochichou:

— Ninguém até hoje convidou Tiny pra brigar e se safou com isso. Pensa que tenho medo desses merdas de bando de Ivans?

— Será a sua morte — disse o Velho, rindo —, se você saltar para brigar. Parece-me que lá há milhões de Ivans.

Tiny olhou para fora, furioso. Ficamos paralisados de medo, receando que ele começasse a berrar.

— Que merda! Será que não viram que temos suásticas nos carros e não estrelas — cochichou o Pequeno Legionário.

Porta começou a conversar em russo com o Pequeno Legionário, que conseguia responder em monossílabos.

Muito quietos, pegamos nossas pistolas e granadas de mão, para estarmos prevenidos, caso acontecesse alguma coisa.

— Que diabo vamos fazer? — cochichou o Velho. — Isso não pode continuar. — Com cuidado, ele olhou pela torre. — Ivan está por toda parte. Puxa, devemos ter parado no meio de toda uma divisão de infantaria!

Só havia uma explicação possível. Os russos nem sonhavam que pudéssemos ser tanques inimigos. Tínhamos entrado na posição deles a cerca de trinta ou quarenta quilômetros atrás da linha de frente sem um único tiro, viajando em formação de estrada.

Poderíamos facilmente ter matado todos eles, enquanto estavam ali em volta dos tanques. Mas, primeiro, era proibido atirar, e, depois, acho que nenhum de nós teria coragem de atirar naqueles nossos colegas curiosos que estavam ali brincando e nos provocando.

Passou-se mais de uma hora. Começou então uma confusão na frente da coluna. Houve tiros. Algumas metralhadoras atiraram, roucas. Nós nos metemos nos nossos tanques e fechamos bem as portinholas.

Nossos colegas pareceram se espantar com o tiroteio.

Um tanque surgiu disparando pela coluna. Um vulto vestido de couro, com um capacete imponente, estava na torre. Um oficial russo. Ele gritou com os homens. Eles correram para todos os cantos. De repente nos descobriram.

Estrondos e trovões começaram de todo lado. Os tanques desviaram-se para os flancos, e em breve toda a posição estava invadida. As bombas dos canhões explodiam como vulcões por todo o terreno.

Antes de podermos avançar muito, grandes unidades de tanques russos lançaram-se contra nós. Uma batalha renhida começou, e depois de seis horas tivemos de ceder.

Aviões de ambos os lados, voando baixo, varriam todas as coisas vivas com suas metralhadoras. Em grupos, os Yaks, Migs e Laggs russos vinham uivando pelo ar, ceifando nossos granadeiros como capim.

Nossos tanques corriam para oeste. Os russos quase conseguiram nos cercar, mas pequenos grupos lutaram independentemente, com uma coragem desesperada. Nem os russos nem nossos líderes sabiam bem o que estava acontecendo; quando perceberam, já era tarde para se aproveitarem da situação.

Continuamos a seguir para oeste, pelas estradas esburacadas, cheias de milhares de refugiados. Mal conseguíamos atravessar. Camponeses russos, gente da cidade, jovens e velhos, mulheres e crianças, alemães desarmados e prisioneiros russos que não ousavam ficar para trás por temerem as conseqüências de terem sido capturados.

Por toda parte se ouvia o grito: “Levem a gente! Levem a gente!”

Mãos suplicantes eram-nos estendidas. Ofereciam-nos dinheiro, alimentos e jóias em troca de um lugar no tanque. As mães carregavam os filhinhos e imploravam que os levássemos. Mas nós seguíamos, sem dar atenção a nada. Virávamos os rostos, para não ver os olhos acusadores.

Caças russos, chamados por nós de “carniceiros”, vinham em vôo rasante pela estrada, provocando um único grito aos céus da horda de refugiados. Atiravam sem piedade em tudo que viam.

O caos se espalhara por toda parte. O ocidente era um grande ímã, que atraía aquela horda desesperada de gente, num pânico cada vez maior. Os pais jogavam os filhos para os soldados estrangeiros que passavam. Alguns jogavam as crianças de volta. Outros tentavam ar ranjar lugar.

Tiny e o Pequeno Legionário estavam sentados no nosso tanque Alguém atirou-lhes uma criança, uma menina de seus dois ou três anos. O Pequeno Legionário não conseguiu pegá-la, e ela caiu debaixo das lagartas, sendo esmagada. A mãe enlouqueceu e se atirou contra o tanque seguinte. Teve o mesmo fim que a filha.

Tiny soltou um uivo prolongado. Pensamos que ele tivesse enlouquecido. O Velho gritou:

— O que há, seu labrego?

— Por Satanás! Por Satanás! — ele se empertigou todo e se inclinou para a frente. Parecia que ia saltar do tanque. — Escutem, seus palhaços, cães nazistas, o Tiny está maluco. Tiny está com um parafuso solto! — soltou um uivo terrível, prolongado, de lobo.

Ninguém sabe o que teria acontecido se o grito dele não tivesse sido interrompido por uma onda de Jabos. Eles chegaram berrando por cima de nós e literalmente lavraram a estrada com suas armas.

Instintivamente, Porta tirou o tanque da estrada e foi a toda velocidade para uma garganta estreita, inteiramente coberta pelos arbustos.

Mal tínhamos parado naquele abrigo providencial, e os Jabos voltaram e dispararam contra a multidão na estrada.

Daquele abrigo, nós cinco assistimos às cenas mais terríveis do mundo.

Em vôo rasante, por sobre um grupo de árvores, cinqüenta Jabos chegaram em disparada. As chamas das armas encobriram a estrada; explosões surdas rompiam o ar. Em pouco tempo, a maior parte dos tanques estava em chamas, cobertos por uma substância fosforescente, feito alcatrão.

Os Jabos fizeram o mesmo com a multidão na estrada. As pessoas corriam por ali como tochas vivas. Muitas procuraram se abrigar nas cabanas vizinhas. A terra tremia. Chamas envolventes se despejavam dos narizes dos demônios uivantes, com as estrelas vermelhas nas asas. Num segundo as casas foram transformadas em tufões trovejantes de chamas amarelo-azuladas. As pessoas banhadas com o líquido incendiário dos projetis que explodiam saíam gritando e viravam múmias.

Foi ali que travamos conhecimento com a mais recente invenção bélica.

Tiny, aparentemente, acalmara-se. Estava sentado sob o nariz do tanque, jogando dados com Porta e o Pequeno Legionário. Começou a sorrir muito quando, em todos os dados, surgiu o um, e quando, na jogada seguinte, tirou três seis, ficou impossível. Rolava de tanto rir.

Porta olhou-o com inveja e disse ao Pequeno Legionário:

— O que é que você acha, nômade do deserto? Já viu um chacal desses? De que é que ele está rindo, esse estúpido?

— Disso aí — disse Tiny, entre risadas, apontando para os dados. Cada qual estava ali, desafiando-o com um seis. — Experimentem, seus dois candidatos à Cruz de Ferro. É mais fácil vocês conseguirem uma Cruz de Cavaleiro do que vencer o toque de mestre do Tiny.

— Porra, prefiro tirar seis ases ou seis senas do que a Cruz de Cavaleiro — retrucou Porta, irritado.

Tiny pegou os dados e beijou-os. Balançou o braço e bateu com a mão esquerda no punho direito, enquanto cuspia por sobre o ombro direito.

— Que Deus nos ajude, mas que caipira supersticioso — disse Porta, cuspindo em cima de um corpo sem cabeça que estava a alguns metros dali.

— É o que você pensa — disse Tiny, rindo, e jogou os dados.

— Não vai te ajudar nem um pouco — zombou Porta.

Tiny não deu ouvidos. Deu cambalhotas e bateu com a cabeça numa caixa de munição vazia, mas não sentiu, tamanho o seu prazer.

Os outros dois mal podiam acreditar no que viam, mas os dados falavam a verdade. Lá estavam sorrindo a “possibilidade” aos dois que duvidavam.

Um gemido, que acabou num grito, fez-nos sentar e agarrar nossas armas. Assustados, olhamos para o mato. Ouvimos um choro entrecortado, gemido, como de um animal ferido.

— Que porra é essa? — perguntou Porta, engatilhando a pistola automática. — Saiam daí, seus demônios imundos — disse, sibilando —, senão os ponho na horizontal!

O Velho afastou a pistola dele.

— Pare com isso, seu doido ruivo. Esse tipo de gemido não é de perigo. — Ele arrastou-se pelo meio dos arbustos. Nervosos, ficamos para trás. Tiny estava com a pistola preparada. O Pequeno Legionário e eu tínhamos granadas nas mãos suadas.

O Velho chamou-nos. Cautelosos, avançamos, nos esgueirando.

No chão estava deitada uma moça, o corpo todo arqueado. Do rosto pálido, contemplavam-nos olhos injetados.

— Ela levou um tiro na barriga? — indagou Porta ao Velho, que estava ajoelhado ao lado da mulher.

— Claro que não, seu burro.

— Onde é que foi ferida?

— Uma bala pegou ela? — perguntou Tiny, debruçando-se por cima do ombro de Porta.

O Pequeno Legionário deu um assobio significativo.

— Ora vejam, parece que vamos virar parteiros.

— Isso aqui não é sala de parto — resmungou Tiny. — Ouvi dizer que homem nenhum deve ver esse tipo de coisa.

— Para o diabo com o que você ouviu dizer — reclamou o Velho. — Você está metido nisso conosco e temos de ir até o fim.

Tiny olhou para o Velho, espantado.

— Velho, não podemos só acabar aquele jogo? Tirei...

A mulher recomeçou a gemer e se contorceu em agonia, ao aumentarem as dores do parto.

Rapidamente, o Velho deu as ordens:

— Nômade do deserto, fique aqui comigo. Porta, arranje sabãc e um balde de água. Sven, acenda uma fogueira, grande. Tiny, um lençol de barraca e lã. Corte a lã em dois pedaços de trinta centímetros.

— Meu Deus, nunca me aconteceu isso, um ganhador de um jogo ser arruinado porque foi bancar parteiro. Que merda de guerra é essa, e é tudo culpa do Adolf, que vá pro diabo!

— Cale a boca, Tiny, e ande logo — gritou o Velho, impaciente enxugando o suor da testa da mulher.

Tiny virou-se.

— Não quer... — um grito prolongado da mulher interrompeu-o. — Que Deus nos ajude — gritou ele, e saiu depressa pelos arbustos, para cumprir ordens.

A mulher foi colocada sobre um lençol de barraca. Nós fervemos a água no fogo. Para horror de Tiny, o Velho mandou que lavássemos as mãos.

As dores do parto foram ficando mais freqüentes. Pálidos e ner vosos, ficamos assistindo ao drama da mulher.

Tiny amaldiçoou o pai ausente.

— Que filho da mãe! Imagine deixar a moça sozinha! Que filho da puta imoral — exclamou ele, zangado, afagando os cabelos da mulher. Jurou castigos terríveis ao pai da criança ainda não nascida, se um dia se encontrassem. — Que traidor. Que pedaço de pele fedorenta! — Tiny fez gestos alucinados na direção da estrada, de onde se ouvia os caminhões pesados passando.

Disfarçamos o fogo o mais que pudemos.

O Velho jogou na água os dois pedaços de lã e uma faca de combate.

— Pra que é que está fervendo a faca? — perguntou Tiny, curioso.

— Você não sabe? — o Velho estava nervoso e tremendo. Falou com a mulher, procurando acalmá-la. Ela gemia e se contorcia de dores.

— Agora não demora — disse o Velho, começando a lavar a mulher com suas mãos desajeitadas e nada hábeis.

O parto começou. A cabeça apareceu e nos fez gemer, como se nós mesmos estivéssemos dando à luz.

— Faça alguma coisa — gritaram Porta e Tiny ao Velho.

O Pequeno Legionário debruçou-se e estendeu as mãos para a mulher, como que suplicando. Soluçando, repetiu o que os dois tinham dito:

— Faça alguma coisa. Se ela morrer, o que faremos com o bebê? Não podemos amamentá-lo.

— Seus bandidos, porcos estúpidos e imundos! — esbravejou o Velho, furioso. — Sabem andar com as prostitutas, mas não sabem se dar ao trabalho de

ajudar uma criança a nascer, seus cães sarnentos! — tremendo, ele colocou as mãos em volta da cabeça da criança e a ajudou a nascer.

O Pequeno Legionário estava sentado junto da cabeça da mulher. Ela apertou-lhe as mãos, até suas unhas se cravarem fundo nos dedos dele, e arqueou o corpo no auge do parto.

— Pode me esfolar os punhos, se quiser — disse o Pequeno Legionário, soluçando —, se isso ajudar. Deixe só eu pegar o canalha responsável por isso. Imagine, expor uma mulher a esse tipo de coisa!

Com muitas pragas e abalos, a criança nasceu.

O Velho levantou-se, pálido e suado, pôs o dedo na boca da criança e tirou uma gosma. Levantou o bebê pelos pés e lhe deu uma boa palmada na bundinha.

No instante seguinte o Velho caiu de costas, depois de levar um soco do punho enorme de Tiny.

— Seu bandido carola — rugiu Tiny ao Velho, que estava por terra, meio desmaiado. — Que diabo está fazendo, batendo numa coisinha tão pequenina? Não fez nada contra você. É a pior coisa que Tiny já viu, e olhe que não sou muito sensível.

— Ah, meu Deus — gemeu o Velho. — Não sabe que foi para fazer a criança chorar?

— Chorar? — uivou Tiny, e já ia esmurrar o Velho de novo. — Merda, vou fazer você chorar, seu sádico! — brandiu os punhos no ar, mas o Pequeno Legionário e Porta caíram em cima dele e o derrubaram.

O Velho se levantou, cortou o cordão umbilical e o amarrou com a lã. Depois enxugou a testa.

— Por Deus, mas esse foi o pior dos partos. Nem mesmo numa situação dessas conseguimos deixar de brigar. — Ele começou a lavar a criança.

Rasgamos uma camisa para fazer uma faixa para o umbigo. Tiny ficou sentado de cócoras ao lado da mãe, esperando tranqüilizá-la e resmungando ameaças de matar o Velho e o pai do bebê. Porta e o Pequeno Legionário abriram uma garrafa de vodca.

Nós todos levamos um susto quando Tiny soltou um grito de romper os tímpanos:

— Aí vem mais um bebê. Socorro! Velho, vem cá e ajuda! Você é o único que já teve bebês!

— Cala a boca — disse o Velho, e mandou, como antes: — Água, lã, faca, fogo!

Voamos de um lado para outro como pardais assustados.

— Meu Deus, vamos ter uma creche inteira! — exclamou Porta.

Meia hora depois, quando estava tudo acabado, ficamos ali sentados, extenuados, fumando. Comemoramos o nascimento dos gêmeos com vodca.

Tiny quis dar-lhes nomes. Insistiu que um se chamasse Oscar. Quando protestamos, de repente nos lembramos que não tínhamos pensado em ver o sexo das crianças.

O Velho levou uma terrível bronca de Tiny, que ameaçou surrá-lo, quando vimos que ambas eram meninas, e o Velho mostrou-as para a inspeção geral, como prova.

— Que droga, não se pode tratar as mocinhas assim — resmungou Tiny. Ele se tornara espantosamente pudico.

Ouvimos tiros de metralhadoras durante a noite, nos lembrando de onde estávamos. Rapidamente começamos a juntar o material. Porta carregou as crianças para o tanque e entregou-as ao Pequeno Legionário, que improvisou uma cama para elas, junto ao assento do motorista. Ali, o tanque tinha uma portinhola de cada lado, o que nos permitiria tirar depressa a mãe e os bebês se fôssemos atingidos e incendiados.

O Velho não queria que prosseguíssemos. Protestamos violentamente.

— Primeiro a placenta tem de sair — resolveu o Velho, e começou a fazer massagem no abdome da mulher.

Quando a placenta saiu, Tiny soltou um grito de susto. Pensou que era um terceiro bebê nascendo.

O Velho examinou as páreas com um olho experiente e meneou a cabeça, satisfeito. Então deu ordem para partirmos. Carregamos a mulher até o tanque, a deitamos junto dos bebês e fechamos a portinhola.

Encobertos pelo escuro, rodamos para oeste, cercados de viaturas inimigas de todos os lados.

— Que droga! — reclamou o Pequeno Legionário. — Queria estar no deserto! Aquilo era brincadeira de criança, comparado com essa droga de guerra.

Porta riu muito.

— Já está farto, é, beduíno do deserto? Você não é só nômade do deserto, também é um cáften fascista e um porco estúpido, e agora é parteiro.

— Alá é grande. Ninguém é maior do que Alá — resmungou o Pequeno Legionário, afagando o rosto, marcado de varíola.

Apareceu uma coluna de infantaria russa. O Pequeno Legionário engatilhou a metralhadora.

— Nervoso, nômade do deserto? — provocou Porta, rindo, e acelerou o tanque.

— Nem um pouco. Gosto disso — retrucou o Pequeno Legionário, zombando.

Porta assobiou:

Wer soll das bezahlen?
Wer hat das bestellt?

Ele sorriu para a mulher atrás dele.

— Que sala de parto esse trenó velho ficou. Os colegas das gêmeas, quando forem para o colégio, terão inveja das certidões de nascimento delas.

— Queria que você calasse a boca — disse o Pequeno Legionário.

— Cuidado, nômade do deserto, senão sua cara poderá ter mais alguns enfeites.

— E quem é que ia fazer isso? — perguntou o Pequeno Legionário, a voz arrastada, enquanto chupava um dente furado de modo sinistro.

— Isto aqui — respondeu Porta, estendendo a faca de combate.

— E não se esqueça disso, seu árabe!

O Pequeno Legionário levantou a sobrancelha loura, acendeu um cigarro devagar e sorriu com malícia.

— Grande homem, grande homem mesmo! Corajoso como um porcão! Mas eu... — Ele não foi adiante. Tiny, que estava sentado meio adormecido, debruçou-se e bateu-lhe na cabeça com o cabo da baioneta. O Pequeno Legionário logo caiu desmaiado.

— Seu calouro sem-vergonha! Já te ensino a falar mal do Tiny quando ele está cochilando!

Ele já ia dar um pontapé na cabeça do Legionário, que estava inconsciente, quando o Velho e eu acudimos e conseguimos acalmá-lo.

Porta deu uma boa gargalhada:

— Esse pobre nômade do deserto tem muita coisa a aprender ainda. Aquilo lá no meio das palmeiras deve ter sido uma espécie de escola de catecismo. Ele não conhece os bons truques. Imagine só, o Tiny socando a cabeça dele com a baioneta. Alá é mesmo grande, só que não tem olhos nas costas.

As gêmeas começaram a chorar. A mãe estava nervosa. A agitação era contagiosa. Porta passou-lhe uma garrafa de vodca. Ela empurrou a mão dele, com repugnância, e murmurou alguma coisa.

Porta deu de ombros.

— Que Deus me proteja! Não vou importuná-la, senhora. Meu nome é Joseph Porta, cabo pela graça de Deus, e parteiro!

O Pequeno Legionário gemeu e levou as mãos à cabeça. Sentou-se, acendeu um cigarro e curvou a cabeça para trás, a fim de encarar Tiny, furioso.

— Espertinho, hein? Não se esqueça de olhar sempre para trás, seu grandalhão. Quem sabe não leva um golpe silencioso bem na nuca.

— Ei! — gritou Tiny, e começou a agitar os braços de gorila. — Vou te picar em pedacinhos, que nem as putas árabes vão te reconhecer!

O Velho desceu da torre.

— Já chega — avisou ele. — Se querem brigar, saltem do tanque e o façam depressa. Há centenas de colegas russos trotando ao nosso lado, e vocês logo vão se satisfazer.

Tiny virou-se para o Velho, zangado.

— Que droga! Isso não é maneira de falar com a gente. Quem você pensa que é? — ele debruçou-se, brandiu o enorme punho debaixo do nariz do Velho, soltou um palavrão e o ameaçou.

O Velho olhou para ele com calma.

— Não fique nervoso! Ninguém vai lhe fazer nada.

— Fazer alguma coisa comigo? — berrou Tiny. — Fazer alguma coisa ao Tiny? Quero ver o filho da mãe que faz alguma coisa ao Tiny! — inclinou-se de lado para o Pequeno Legionário, quase se contorcendo para olhar na cara do sujeitinho. — Você não faria nada ao Tiny?

— Não — disse o Pequeno Legionário, rindo —, a não ser que você estivesse amarrado, claro. Aí pode ser que eu te cortasse a garganta.

Tiny ficou claramente mais sossegado diante da palavra “amarrado”. Mas assim mesmo interrogou cada um de nós.

Porta praguejou e acelerou tão de repente, que batemos com as cabeças nas paredes.

Canhões de repetição e metralhadoras atacavam-nos. As balas batiam no flanco de aço do tanque. Um bloqueio de estrada foi forçado, e algumas minas S explodiram debaixo de nós, sem causar estragos no tanque.

Um soldado de infantaria russa tentou pular no tanque, mas calculou mal o salto e foi lançado debaixo das lagartas.

As granadas de mão choviam sobre nós. O Pequeno Legionário deu algumas rajadas rápidas com a metralhadora. Pelo mecanismo do visor, vi alguns soldados da infantaria russa, confusos, correndo. Eles abrigaram-se junto da estrada. Na estrada a nossa frente tinha um tanque atirando contra nós, com seu canhão de repetição de 2cm.

O motor da torre roncava. Os soldados dançaram no mecanismo do visor. Os pontos se encontraram. Algumas ordens rápidas. Uma detonação estrondosa. O projetil de 8,8cm estraçalhou o tanque. Nosso lança-chamas limpou a estrada. Rapidamente, desaparecemos no escuro, deixando para trás, como recordação, um tanque blindado russo.

Em vez de duas semanas de descanso, cada um de nós recebeu 55g de queijo "batizado" do intendente, com ordens para voltar para a linha de frente. Depois que todo o queijo foi distribuído, recebemos uma foto colorida de Hitler. Depois nos fizeram marchar para as nossas posições de combate sem descanso nem queijo.

Mas primeiro Porta precisou fazer um grande trabalho. Usou cinco fotos do Führer como papel higiênico.

22. OS REFUGIADOS

A LUZ CINZENTA e espectral do dia surgiu por sobre o horizonte.

Porta virou o tanque para um estreito caminho na floresta. Todos estavam cochilando sentados. A mulher estava chorando. As crianças tossiam e choravam de dor por causa dos gases acres de nossas armas.

Porta freou o tanque. Assustados, olhamos para fora pelas frestas de observação. À nossa frente, vimos vultos vagos, correndo de um lado para outro. Um caminhão fora colocado atravessado na estrada. Parecia um bloqueio de estrada.

O Pequeno Legionário praguejou e engatilhou a metralhadora.

— Calma, calma — pediu o Velho. Ouvimos um tiro. O pânico apoderou-se de nós quando vimos uma "bazuca" assestada sobre nós. Os vultos no mecanismo de mira giravam diante de meus olhos.

— Pronto, canhões preparados. — Foi o comunicado maquinal de Tiny.

Um estalido. A lampadazinha vermelha dentro do tanque piscou, malvada. O canhão e a metralhadora da torre estavam preparados para atirar. O projetil de 8,8cm estava imóvel na câmara. Um grupo de pessoas estava bem à frente de nossas miras. Nossos dedos apertaram os gatilhos.

Ouviu-se o matraquear da metralhadora. A morte rolante ressoou pelo mato.

Muitos deles procuraram abrigo no mato. Ouvimos gritos e exclamações.

— Não deixe que eles entrem na floresta — avisou o Velho. — Senão eles nos pegam! Vão nos arrasar antes que possamos piscar um olho.

A torre girou, os pontos nas miras encontraram-se.

Os canhões dispararam, lançando uma montanha de fogo, terra e membros sangrentos voando para o céu, quando a bomba de alto explosivo de 8,8cm estourou no meio do grupo de pessoas.

Duas metralhadoras Mark 42 atiravam para o mato rasteiro. O ronco do motor passou a um trovão quando nos dirigimos para o que fora um bloqueio de estrada.

Ficamos chocados, quando a verdade, em todo o seu horror, foi-nos revelada? Não creio. Mais aliviados. Talvez um pouco nervosos.

O “bloqueio de estrada” era uma carroça que tinha quebrado. Os “artilheiros” hostis eram refugiados, mulheres, crianças, velhos, doentes e exaustos. A “bazuca” era o eixo da carroça.

Abrimos as portinholas com cuidado. Olhos injetados viram a destruição. Cinco pares de ouvidos de soldados dos tanques escutaram os estertores de moribundos. Cinco narizes sentiram o cheiro acre da cordite. O aço bateu no aço ao fecharmos as portinholas. Balançando em suas lagartas, o grande aparelhamento de morte cumprimentou os mortos e agonizantes.

Um tanque com alguns soldados, uma mulher russa com suas gêmeas desapareceram, amaldiçoados pelos moribundos.

Sugamos a gasolina por meio de uma mangueira. Três artilheiros russos solitários foram mortos antes mesmo de saberem o que se aproximava roncando atrás deles.

À distância, ouvimos o ronco de uma pesada barragem de artilharia. Borramos as suásticas em cada lado da torre com lama, até não poderem ser distinguidas.

A mulher estava com febre, delirando. O Velho sacudiu a cabeça.

— Acho que ela está morrendo.

— O que vamos fazer? — perguntou o Pequeno Legionário, em desespero, torcendo as mãos.

O Velho ficou olhando para ele por muito tempo antes de responder:

— Vocês são engraçados. Por Deus, como são engraçados. Atiram sem piscar em tudo que se mexa, mas temem pela vida de uma desconhecida porque está ao seu lado, respirando o mesmo ar poluído.

Ninguém respondeu.

Já estava quase escuro quando paramos. À distância, vimos um incêndio.

— Parece que é uma cidade grande, se incendiando — disse Porta. — Talvez seja Oscha?

— Está maluco? — retrucou o Velho. — Oscha está muito para trás de nós. Não, é mais provável que seja Brodny ou Lemberg.

— Não importa qual seja — disse o Pequeno Legionário. — Está ardendo. E é muito bom não estarmos lá!

...Foi Tiny o primeiro a vê-los. Dois grandes caminhões diesel. Os verdadeiros “trenós de soldados”. Eram caminhões da força aérea alemã. Cerca de dez do pessoal da força aérea estavam ali, adormecidos. Mais adiante, meio escondidas nos arbustos, estavam cerca de cem mulheres e crianças.

Nós saltamos.

Eles levantaram-se logo, em pânico, quando nos aproximamos em nossas fardas pretas de tanque, sem fazer barulho. Eles olharam paralisados para a cartola de Porta, com listas pintadas de vermelho.

Entre eles havia duas enfermeiras alemãs. O hospital em que estavam fora capturado pelos russos. Apenas as duas conseguiram escapar com vida. Todos os feridos tinham sido liquidados nas camas ou nos corredores. Uma grande unidade de infantaria russa chegara ao povoado em que elas buscaram asilo. Mas os russos foram simpáticos e avisaram-lhes para fugir, pois os que viriam depois eram muito brutos.

O povoado em peso, menos alguns velhos, havia fugido. Dia após dia, eles se arrastavam. Outros refugiados juntaram-se a eles, poloneses, alemães, russos, letões, estonianos, lituanos. Gente dos Balcãs, sim, de todos os cantos, juntaram-se àquela triste caravana de refugiados. Eles esqueceram-se de seus sentimentos raciais e regionais no seu pavor comum: os tanques russos, que avançavam rapidamente.

O pessoal da força aérea levara-os até ali. Tinham atirado neles várias vezes. Alguns foram mortos jogados longe. Novos refugiados tinham lutado pelos lugares livres nos caminhões.

Quando eles saíram da floresta, tinham levado mais tiros. Os soldados tinham acelerado e parado ali, onde os encontramos.

O pessoal da força aérea não queria continuar. Haviam desistido de tudo: inteiramente apáticos, tinham deitado para dormir.

Olharam para nós com indiferença, ao nos ver com as metralhadoras debaixo dos braços. Um sargento estava deitado de costas, as mãos dobradas sob a cabeça. Sorriu para nós, zombando.

— Então, heróis, continuam correndo atrás da vitória? Por que não chamam o Ivan, aí vão poder usar suas espingardinhas? Ora, merda fascista!

— Porra! — esbravejou Tiny, furioso. — É metido a engraçadinho, beleza? Posso lhe meter uma, Velho?

— Quieto, Tiny — disse o Velho, e examinou o sargento por olhos semicerrados.

— O que vai fazer?

O sargento deu de ombros.

— Esperar pelos colegas e apertar as mãos deles.

— E as mulheres? — indagou o Velho, mostrando as mulheres e crianças com um gesto da cabeça.

— Entregamos tudo a Ivan. Isto é, se vocês não quiserem levá-las junto na sua carreira atrás da vitória. Por mim, já estou farto, e estou pensando em mim. Não ligo a mínima pro que acontecer com aquele bando. Entendeu isso, irmão negro?

Iniciou-se uma discussão terrível entre o Velho e o sargento apático. Vários outros se intrometeram.

— Pensa que queremos escapar de Ivan só para sermos enforcados pelos nossos próprios "caçadores de cabeças"? — perguntou o sargento.

De repente, o Pequeno Legionário adiantou-se, com a pistola automática armada. Apontou a boca para o sargento e seus homens.

— Seus cães covardes e imundos! Que porção de soldados de colarinho e gravata! Passaram a guerra toda sentados num aeródromo bem atrás das linhas de frente e agora, quando ouvem alguns tiros, ficam se cagando de medo. Vou matar vocês todos se não levarem as mulheres!

Por um momento, fez-se um silêncio de morte.

Nós nos afastamos do Pequeno Legionário. Ele ficou ali postado de pernas afastadas, a pistola automática armada, o corpo tenso.

Um dos aviadores riu.

— Pois então atire. Por que não atira, seu monstro negro? Goebbels não te ensinou as belas palavras? Estamos cansados de esperar.

Vários outros começaram a zombar do Pequeno Legionário.

— Cuidado — cochichou o Velho. — Vai acontecer alguma coisa.

Devagar, nós nos espalhamos, as pistolas automáticas armadas.

— Vão seguir? — perguntou o Pequeno Legionário, baixinho, sibilando. O cigarro saltava-lhe na boca e as fagulhas caíam-lhe no peito. — Pela última vez, vão levar as moças?

— Você é um herói — disse um dos aviadores, rindo. — Um grande herói das estepes da Ucrânia! Libertador das mulheres! Vão colocar uma estátua deste boneco em cima do banheiro!

Muitas gargalhadas ressoaram. Chamas malévolas irromperam da arma preta azulada do Pequeno Legionário. Ele cambaleou com o coice. As risadas passaram a estertores. Soldados cinzentos se contorciam no chão. Um deles rastejou para nós, gritando como um louco.

A pistola tornou a atirar. Corpos mortos tremeram com o impacto do aço.

Só três escaparam com vida. Foram enfiados nas cabinas dos motoristas dos três caminhões, à custa das pistolas automáticas, sempre prontas.

Mudos, com olhos amortecidos, os refugiados entraram nos caminhões.

Os tanques formando a retaguarda; nós nos dirigimos para o noroeste. Para longe de um monte de cadáveres ensangüentados de farda cinza. Homens que tinham perdido as esperanças e assim tinham sido mortos pelos seus próprios conterrâneos.

A guerra continuava.

Pequenos grupos de soldados arrastavam-se pela estrada. Uma voz começou a gritar, desesperada:

— Camarada, leve-nos com vocês!

Mas os nossos camaradas desapareciam num bafo de gases de gasolina. Um dos caminhões quebrou. O pessoal continuou fugindo pela estrada, a pé.

Em Velenski, povoado igual a milhares de outros na Ucrânia e Polônia, uma torrente humana parara de andar, a fim de descansar e se aquecer um pouco.

— Depressa! — o grito era repetido sem cessar, mas nem era necessário. A ameaça do colapso do 3. Exército Panzer e as colunas de tanques russos que avançavam rapidamente, esmagando tudo o que era vivo, eram mais que suficientes para fazer com que os refugiados corressem.

Granadeiros alemães e prisioneiros russos corriam por ali como galinhas atrapalhadas no meio do mundo de civis. Juntaram-se em volta do nosso tanque. Todos faziam a mesma pergunta:

— Onde está o Exército Vermelho?

Por vários dias, unidades militares desbaratadas e os desgraçados dos civis viajaram por Velenski. O pânico apossara-se de todos, dos mais jovens aos mais velhos; o pavor dos russos correndo atrás deles. O choque do colapso total da frente. O horror dos T34 que surgiam e arrasavam uma coluna inteira de refugiados num piscar de olhos. O terror dos carniceiros e dos Jabos que, numa fração de segundo, deixavam a estrada um mar de chamas.

Além disso, havia a fadiga, a fome, vendavais, geadas e chuva.

Invocações a Deus elevavam-se aos céus em muitos idiomas, mas nada ajudava. As lagartas dos tanques continuavam a sulcar a terra encharcada de sangue da Ucrânia e da Polônia.

Uma das enfermeiras tinha um pouco de morfina, que demos à mãe das gêmeas. Conseguimos um pouco de leite e nos preparamos para continuar a viagem. Eles postaram-se à nossa volta, centenas deles. Estendiam as mãos, em súplica:

— Levem a gente! Não nos deixem para morrer aqui!

Ofereciam as coisas mais incríveis em troca de um cantinho no tanque. Penduravam-se nas portinholas dos canhões. Muitos sentavam-se no comprido

cano do canhão, um bem encostado ao outro.

Praguejávamos e os ameaçávamos com as pistolas automáticas para que descessem das bocas dos canhões e lança-chamas, mas eles não se importavam.

O Velho sacudiu a cabeça, em desespero.

— Que Deus nos ajude! Se tivermos algum problema, vão todos pro inferno, todos eles!

Deixamos entrar algumas crianças no tanque, antes de fechar as portinholas. Começou então nossa marcha da morte.

A alguns quilômetros dali, encontramos mais quatro tanques. Eram do Regimento Panzer número 2 e, como nós, tinham perdido contato com o quartel-general.

Um tenente de 18 anos tomou o comando de nossos cinco tanques. Mandou que todos os refugiados descessem, mas ninguém obedeceu. Pelo contrário, mais refugiados e alguns alemães que iam a pé ainda subiram nos tanques.

Praguejando, ele entrou no tanque pela portinhola de baixo. Havia gente sentada na torre que ele não conseguiu entrar pela portinhola.

Pelo rádio, ele comunicou que teríamos de passar por baixo de uma estrada de ferro. Estávamos andando paralelamente a ela. O túnel era tão estreito que não havia nem um centímetro de folga.

Procuramos explicar aos refugiados que eles seriam varridos de lá se continuassem sentados no tanque, e prometemos tornar a apanhá-los do outro lado do túnel. Eles fingiram não entender. Ninguém ousava ceder o lugar que conquistara. Nem mesmo as mães que tinham perdido os filhos se mexeram.

O primeiro tanque desapareceu na curva íngreme, e foi muito sacudido. Alguns refugiados caíram, mas conseguiram se salvar nos barrancos íngremes de ambos os lados da estrada, antes que nosso tanque surgisse. Nossas lagartas de grade não conseguiam frear na estrada escorregadia, que tinha uma inclinação de 35 graus.

Olhamos desesperadamente para o primeiro tanque que entrava no túnel estreito. Os refugiados foram esmagados entre o cimento e o aço, ou varridos de lá.

Em desespero, Porta tentou frear, dar marcha à ré no tanque, mas o imenso Tiger de 65 toneladas continuou a rodar implacavelmente em direção às pessoas que se arrastavam e berravam, e no minuto seguinte eram esmagadas sob as lagartas de aço.

Muitos dos refugiados no nosso tanque saltaram quando viram o que tinha acontecido, mas foram esmagados pelo tanque seguinte que, como o nosso,

descia a estrada, ruidoso, escorregando. Os refugiados tentaram se espremer, mas foram todos esmagados num mingau cinza avermelhado que pingava como tinta das paredes do túnel.

Um menino atirou-se contra o nosso tanque para impedi-lo de passar por cima da mãe, que desmaiara na estrada. O seu rosto apavorado desapareceu sob as esteiras de nosso terrível rolo compressor.

O tanque saltava em intervalos regulares, como se estivéssemos passando por cima de uma grande tábua de lavar roupa.

Do outro lado da ferrovia, paramos. A essa altura, o tenente tinha enlouquecido. Correu num círculo, arrancou os distintivos e condecorações da farda e jogou-as para cima. Depois de se degradar, pegou a pistola automática e começou a atirar contra nós.

Sem dizer uma palavra Porta pegou o fuzil de atirador de tocaia e apertou o gatilho.

O jovem tenente caiu para trás, esperneando desesperadamente e agitando os braços. Mais um tiro, e ele ficou imóvel.

Os refugiados que conseguiram escapar com vida e os outros que não estavam nos tanques aproximaram-se de nós, aos gritos e com ameaças. Já havíamos visto o que tinham feito aos artilheiros dos outros tanques, como os tinham estrangulado com as mãos.

Eles avançaram para nós, brandindo armas e bastões. O Velho entrou no tanque depressa, mas antes que ele pudesse fechar a portinhola, alguns já estavam na carcaça, tentando atirar granadas de mão.

Um estilhaço feriu o Velho no rosto.

Nós os vimos jogando cadáveres pelas portinholas de outro tanque.

O Velho sacudiu a cabeça.

— Que Deus me ajude. O que farei?

Porta virou a cabeça e olhou para o Velho.

— Depressa, Velho, quais são as ordens? Agora você é o comandante de todos esses trenós.

— Façam o que quiserem, eu desisto — disse o Velho, soluçando e caindo sentado. Tiny estendeu os pés e o afastou.

— Bom — respondeu Porta —, eu compreendo. Feche os olhos, seu velho casado, aí não verá o que vamos fazer!

Ele virou-se para o Pequeno Legionário, que estava sentado junto do rádio para transmitir ordens aos outros tanques:

— Afastem os refugiados! Preparem-se para abrir fogo! Atirem em todo tanque extraviado e qualquer um que estiver portando armas de fogo!

Os refugiados e os alemães desesperados, evidentemente queriam acabar conosco. A primeira granada de mão passou por cima de nossas cabeças.

Maquinalmente, assestei meu canhão sobre o tanque tomado pelos refugiados. Os pontos cruzaram-se no meu espelho. O número na torre grande estava visível no meu círculo de mira. Tiny, disse lacônico:

— Pronto, canhão armado!

A lâmpada vermelha piscou. Uma chama de um metro de comprimento saltou da boca do canhão e um projetil estourou pelos ares. A torre do outro tanque voou pelos ares. Grandes chamas lançaram-se aos céus. Havia membros queimados por toda parte.

Um rugido furioso irrompeu do meio dos civis. Um projetil de "bazuca" caiu ao chão logo à nossa frente. Outra arrancou as lagartas de outro tanque, que abriu fogo, retribuindo.

Começou então um massacre terrível de gente enlouquecida pelo pavor e desespero. Quatro canhões de tanque de 8,8cm, quatro lança-chamas e oito metralhadoras lançavam rajadas de aço e fogo assassinos sobre seus alvos indefesos.

Aquilo terminou em dez minutos. As lagartas do tanque atingido foram consertadas, e nós seguimos nosso caminho para noroeste. Levávamos uma mãe agonizante com dois bebês recém-nascidos e cinco crianças maiores, cujos pais provavelmente tínhamos massacrado.

Porta, com um gesto expressivo, apontou para uma árvore de onde pendiam os corpos de três soldados de infantaria alemães. Todos os quatro tanques pararam para examinar as vítimas mais de perto.

— Mas que merda! — explodiu o Pequeno Legionário, quando lemos o texto nos avisos de papel presos em volta dos pescoços dos soldados enforcados: "Somos desertores e traidores e recebemos o nosso castigo merecido."

As pernas deles oscilavam ao vento brando, como pêndulos em algum relógio grande. Os pescoços eram horrivelmente compridos. Dava a impressão de que iam quebrar e deixar só as cabeças nas cordas.

Em silêncio, continuamos nosso caminho.

Pouco antes de entrar em outro povoado, vimos mais soldados enforcados, entre os quais um general-de-divisão.

"Recusei-me a cumprir as ordens do *Führer*", dizia o papel dele.

Numa vala havia uma fileira inteira de soldados da infantaria e artilharia, também um da engenharia, facilmente reconhecível por suas divisas pretas. Tinham sido executados por uma metralhadora. Esses não tinham etiquetas.

— Isso é trabalho dos caçadores de cabeças — retrucou Porta. — Vamos pegar um desses filhos da mãe diante do cano de nosso "espalhador de balas". Que o diabo me carregue, mas ele vai levar tanto chumbo na carcaça que vai morrer de indigestão.

— Alá concedeu seu desejo — disse o Pequeno Legionário, apontando para a frente.

Lá estavam cinco gendarmes. Fizeram sinal para pararmos. Estavam armados até os dentes, e suas caras rudes e quadradas olhavam-nos ameaçadoramente.

— Vão nos enforcar com certeza, quando virem como estamos longe do regimento — disse o Velho.

Porta freou e parou um pouco à frente dos gendarmes. Os tanques atrás de nós também pararam. As tripulações levantavam e abaixavam as metralhadoras, evidentemente nervosas, sem saber o que iria acontecer.

Um sargento-ajudante e um sargento com punhos feitos sob medida para apertar um nó de forca se aproximaram de nós.

O Pequeno Legionário abriu a portinhola e espiou para fora.

O sargento-ajudante postou-se diante de nosso tanque e gritou, com arrogância:

— Que tipo de gente são?

— Gente de tanque. — O Pequeno Legionário riu.

— Não tem graça alguma! — disse o sargento-ajudante. — Seus documentos! Depressa, senão vai balançar, meu amigo!

— O 11. Regimento Panzer — mentiu o Pequeno Legionário.

— O quê? O 11. — berrou o sargento. — Acabou! Vai pra corda!

Porta empurrou o Pequeno Legionário para o lado, e antes que os gendarmes se dessem conta do que ocorria, ele tinha fechado a portinhola. O tanque deu um salto à frente e derrubou os dois. As lagartas passaram por cima deles. Nossas metralhadoras começaram a atirar nos três outros gendarmes que estavam um pouco à frente na estrada. Um logo foi atingido e caiu. Os dois outros fugiram por um campo, acompanhados por uma rajada de balas.

Depressa, informamos pelo rádio aos outros tanques que os gendarmes eram guerrilheiros disfarçados que tinham tentado nos deter.

Rindo perversamente, Porta virou o tanque para o campo, acelerou e, levantando uma nuvem de poeira atrás de nós, fomos a toda atrás dos dois

gendarmes que gritavam loucamente, e que haviam jogado fora suas armas para ficarem rápidos.

O mais lento tropeçou. Logo foi esmagado sob as lagartas. O outro parou, levantou as mãos, apavorado, e ficou olhando de boca aberta enquanto o gigante de aço roncava para ele.

Porta parou quando estávamos bem em cima dele e fez o tanque agir como um rolo compressor, ir e vir, para esmagá-lo bem na terra.

Tiny soltou um grito. Apontou para dois outros gendarmes, que davam cobertura na vala com uma metralhadora pesada.

Porta fez o tanque girar no próprio eixo, mas antes que pudéssemos alcançá-los, um dos outros tanques rugiu para cima deles e esmagou a metralhadora e os dois gendarmes. Metodicamente, o seu vasto corpo de aço transformou-os numa pasta irreconhecível.

Depois nos juntamos aos resquícios de uma unidade de infantaria e nos abrigamos atrás de casebres, onde nos camuflamos com capim e galhos para nos esconder dos aviões. As tripulações dos quatro tanques foram alojadas no mesmo casebre. Colocamos a mãe doente e as gêmeas num canto. A mulher passava a maior parte do tempo inconsciente.

Um jovem médico do batalhão de infantaria examinou-a. Entregou-nos vários comprimidos para dar a ela, mas Porta ficou irritado e jogou-os fora. Obrigamos uma ordenança médica a lhe dar uma injeção, para diminuir a febre dela. Muitas vezes ela gritava, delirando, e queria se levantar. Nós nos revezávamos, para tratar dela. O Velho falou que ela ia morrer em breve. Amamentamos as gêmeas com leite roubado do intendente do batalhão.

As outras cinco crianças continuavam conosco. Uma delas, um menino, ficava completamente mudo. Nunca respondia às nossas perguntas. Encarava-nos com um ódio indescritível.

O Velho ficou preocupado com ele.

— Cuidado para ele não pegar alguma arma — alertou. — Esse menino é capaz de tudo. O ódio dele o está corroendo.

Quando Tiny quis brincar com ele, o garoto cuspiu-lhe na cara. Aquilo poderia ter causado sérias conseqüências não fosse a intervenção de Porta e do Pequeno Legionário.

O comandante em exercício do batalhão de infantaria, um velho major, olhava para os nossos quatro grandes trenós como se fossem a oitava maravilha do mundo. Ele situou-nos como proteção de flanco na extremidade sul do povoado. Depois passou a acreditar que poderia deter qualquer força assaltante.

Grandes colunas de forças em fuga chegavam de várias unidades do exército e eram absorvidas pelo batalhão de infantaria, que agora tomou proporções de um regimento.

O major agia como um general resolvido a lutar até o fim contra todo o mundo. Gabava-se, declarando que em breve seriam travadas batalhas vitoriosas.

Grupos de civis construíram posições fortes em volta do povoado. Pesados canhões de infantaria foram camuflados e faziam parte do complexo sistema de defesa, mas era evidente que o trabalho fora executado por mãos inexperientes.

Um velho sargento de infantaria que comandava uma bateria antiaérea estava convencido de que seus dois patéticos canhões poriam em fuga as rápidas unidades blindadas russas.

— Você logo verá — disse um sargento dos tanques, rindo. — Espere só até o Ivan chegar com seus T34. Vai desfilar diante de suas posições. A única coisa que conta quando aparecem os T34 é se você pode correr depressa.

O sargento da infantaria olhou para o sargento dos tanques, todo empertigado. Virou a cabeça e disse, em voz alta, para todos ouvirmos:

— O *Herr* comandante deu ordens para que as posições sejam defendidas até o último homem e a última bala. Se alguém se retirar sem a ordem pessoal do major, será executado como traidor!

Com presteza, ele caminhou muito prosa para os dois canhões antitanque de 7,5cm.

Porta gritou, zombando, para a tripulação de tanque mais próxima:

— Alguém aqui está com macaquinhos no sótão!

Logo nos esquecemos do sargento e sua fé simplória.

Porta começou a contar histórias. Deu-nos uma descrição detalhada de uma garota que ele conhecera.

— Vocês deviam ver — disse ele, em êxtase, gesticulando com os braços de modo expressivo. — As tetas dela eram os dois brotos mais deliciosos que se podia imaginar. Eram maravilhosas. As pernas eram as mais lindas do mundo, esguias. Talvez fosse um pouco alta, mas que diabo, não se pode ter tudo a contento. E também era muito escolada, rapazes; quatro vezes ela pegou gravidez, mas um curandeiro deu jeito nela.

Tiny estava olhando para Porta boquiaberto, enquanto o outro descrevia entusiasticamente cada detalhe da namorada:

— Ora, cala a boca — gemeu Tiny. — É pra deixar a gente doido!

— Puxa, mas o teu pau está sempre inquieto! — retrucou Porta.

— Se não agüenta me escutar, vá embora!

Mas Tiny ficou e sofreu bravamente. Porta levantou uma das pernas e fez um ponto parágrafo a seu modo.

— Obrigado! Que infernal era...

— Que diabo é isso! — explodiu o Velho, e de repente levantou-se. Simultaneamente, vimos os russos. Primeiro alguns esparsos, com pistolas automáticas, depois vários. Olhavam em volta, cautelosos. Um oficial acenou com a pistola. Apareceram mais. Pelo menos uma companhia.

Entramos depressa em nossos tanques, apontamos as armas e mandamos rajadas mortíferas na direção deles. Aquilo os fez desaparecer, momentaneamente.

Ligamos os motores dos tanques e nos preparamos para a fuga, se necessário.

Começou um intenso tiroteio.

— Que merda, Ivan deve estar atrás de nós — resmungou o Velho, e ficou escutando. — Porta, tire esse caixão aqui do buraco. Precisamos ir ao povoado ver o que está acontecendo.

O Pequeno Legionário informou pelo rádio aos outros três tanques e juntos saímos da posição, apesar das ameaças e gritos do pessoal da infantaria. Fomos para o povoado no vale.

Aquilo estava um inferno. Havia russos por toda parte.

Os nossos quatro tanques avançaram roncando pela larga rua principal.

Uma companhia inteira de russos estava desfilando. Quatro metralhadoras atiraram simultaneamente, e eles caíram como paus de boliche. Alguns tentaram fugir, mas nossas armas automáticas logo os liquidaram.

Um tanque russo do tipo pequeno T60 foi literalmente pulverizado quando apareceu por trás de um casebre, bem perto de nossos canhões de 8,8cm.

— Podem vir, seus merdas. Gritou Tiny da portinhola da torre. Já vamos achatar vocês como tapetes!

Uma bala atingiu a beira da portinhola e ricochetou num zunido forte. Tiny fechou a portinhola depressa.

Nos 15 minutos seguintes, expulsamos os russos do povoado. Eles não possuíam armas para lutar contra nossos pesados tanques.

O Velho tinha certeza de que aquilo só seria um breve descanso, e que eles logo teriam os T34 e grandes canhões antitanques.

Escureceu, nada aconteceu, a não ser algumas escaramuças à distância, e nos instalamos nos alojamentos.

À meia-noite, morreu a mãe das gêmeas. Nós a embrulhamos numa manta leve e resolvemos enterrá-la quando amanhecesse. O Velho ficou com as gêmeas

no colo enquanto Porta e o Pequeno Legionário seguravam cada qual uma mamadeira improvisada.

O que vamos fazer com essas duas? — perguntou o Velho. — Não podemos ficar com elas, e se as dermos para o pelotão de liquidação dos refugiados, o que será delas?

De repente ouvimos um movimento no lado de fora do alojamento. Julgamos ser alguma nova coluna de refugiados acabando de chegar.

A porta abriu-se de repente. No vão da porta apareceu um vulto imenso, com um gorro de pêlo de ovelha por sobre uma cara chata, marrom como a terra, vestido de casaco acolchoado e com uma pistola automática debaixo do braço. O Pequeno Legionário, que por acaso estava sentado limpando a pistola, atirou logo. O russo grandão caiu sem qualquer ruído. Porta agarrou a pistola automática. Tiny apagou o candeeiro com o punho para mergulhar o cômodo na escuridão.

Fugimos da casa. Os russos estavam cercando os tanques. Atravessamos a estrada correndo e nos abrigamos atrás de outro casebre.

O major estava fazendo a barba, em seu alojamento. Abriu a porta para ver que barulho o incomodara. Provavelmente estava pensando nos longos bons anos que passara como professor da Universidade de Gotinga. Nem viu o que o atingiu. Caiu com o pincel de barba na mão. O sabão respingou no batente da porta. Homens morenos como a terra passaram por cima do corpo dele, sem dar-lhe atenção.

Oficiais de pijamas sentaram-se nas camas. Foram logo liquidados por pistolas automáticas.

As metralhadoras continuavam a matraquear, entre as explosões surdas das granadas de mão. Ouviam-se gritos indescritíveis das mulheres que tinham adormecido tranqüilamente com seus filhos. Elas foram despertadas brutalmente pelos siberianos da infantaria. As risadas brutais e os gritos misturavam-se numa terrível confusão. As mulheres foram acordadas por mãos em garras, frias, pegajosas, que lhes rasgavam os seios.

No meio da estrada, na lama e na chuva, as mulheres foram estupradas pelos soldados mongóis embriagados.

Ameaças e pragas, berros e terríveis gritos por socorro competiam com o fogo intermitente. Aquela era a música noturna no povoado de Verbe.

Um casebre em que se abrigavam mais de cinqüenta refugiados civis foi invadido por um sargento e dez homens. Eles puxaram as mulheres para fora, uma a uma. Os homens e garotos foram foram forçados contra a parede e

fuzilados. Depois as mulheres foram violadas.

Um tenente da infantaria, sentado no escritório de sua companhia com sargento-ajudante e alguns escriturários, foi surpreendido por uma turma russa. Todos tiveram de se ajoelhar no chão. Um cabo siberiano agarrou-os pelos cabelos, um a um, e devagar e com precisão cortou-lhes as gargantas.

Um lavrador ucraniano tentou salvar a filha de 12 anos de dois siberianos. Foi golpeado com a coronha de um fuzil, e sua garganta foi cortada. O sangue jorrou abundante. Ao lado do cadáver ensangüentado, os soldados estupraram a filha dele.

Uma mulher despida, os cabelos esvoaçando, corria pela rua, perseguida por um soldado aos berros. Um dos companheiros dele deu uma rasteira nela e os dois a estupraram ali mesmo.

Porta foi-se levantando e fez pontaria com cuidado, como se estivesse no tiro ao alvo. O soldado que se atirara sobre a mulher se levantou e logo caiu, atingido na têmpora.

O outro, que estava segurando a mulher pelos pés, olhou em volta, assustado. Depois caiu, valsando em sua agonia de morte, atingido bem no meio da testa.

— Bem na mosca — declarou Porta, com seu sorriso matreiro.

Tiny rosnava como um animal selvagem e pegou seu saco de granadas de mão.

O Velho, respirando fundo, fez sinal para alguns dos nossos artilheiros que estavam atrás de outra casa, observando-nos.

— Avançar e liquidá-los! — gritou ele, frenético.

Com berros infernais, nós levantamos de um salto e, atirando da altura dos quadris, avançamos em disparada. Outros contagiaram-se com a nossa violência e nos seguiram.

Os russos ficaram perplexos pelo ataque repentino de um inimigo que julgavam estar fugindo em debandada.

— Salve as nossas gêmeas! — gritou o Velho para Porta.

Ele meneou a cabeça. Tiny e Porta correram para o casebre onde nos instaláramos. Antes de poderem alcançá-la, os russos começaram um contra-ataque.

As granadas de mão estavam sendo lançadas pelo ar. Rajadas furiosas de armas automáticas varriam o chão.

Saltamos para nos abrigar numa cratera de bomba, onde já havia quatro russos mortos. Nós os rolamos para a beira, a fim de servirrem de proteção. Uma metralhadora leve foi colocada em posição.

Porta conseguiu uma “bazuca” russa descartada. Ajoelhou-se calmamente no meio da rua e mirou com cuidado antes de mandar um rojão em cima dos atacantes russos.

Apareceu outro grupo de soldados russos de cáqui. Abriu-se a porta da casa onde tínhamos deixado as crianças e a morta. O garoto calado, que demonstrara tão claramente o ódio que sentia por nós, estava ali agitando um pedaço de pano branco.

O Velho colocou a mão no ombro do Pequeno Legionário, para impedi-lo de atirar. O garoto saiu na direção dos russos. Só conseguiu dar alguns passos antes de cair numa chuva de balas de ambos os lados.

Tiny praguejou e quis sair da cratera. O Velho segurou-o.

— Está delirando? Eles iam transformá-lo em peneira antes de você poder respirar!

Uma granada de mão voou e explodiu na frente da casa.

O Pequeno Legionário, atrás da pesada metralhadora, logo revidou com rajadas prolongadas. Outra granada de mão atingiu a casa. Ouvimos choros e gritos das crianças. O rosto de uma garota apareceu a uma janela, mas logo desapareceu.

Um vulto de cáqui surgiu junto da casa. Vimos um braço se levantar. Uma coisa escura voou pelo ar e arrebentou uma janela. Uma explosão trovejante. Compridas labaredas. A porta foi arrancada das dobradiças. Cessaram o choro e os gritos.

O Velho tapou o rosto com as mãos.

— Vamos embora. Não adianta ficar!

Porta foi o último a fugir. Levantou-se com a metralhadora leve nas mãos, descarregou uma rajada nos russos e gritou:

— Estão me vendo dando adeus? — e correu atrás de nós.

Tiny xingou muitos palavrões e jurou vingança porque os russos tinham jogado uma granada de mão nas nossas gêmeas, embora pudesse bem ter sido uma granada alemã que tivesse arrebentado em cima delas.

De repente apareceu à nossa frente um soldado russo atordoado. Tiny pegou calmamente a pistola automática, e a cabeça do russo foi despedaçada.

Percebemos que estávamos sendo perseguidos. O Pequeno Legionário estava esgotado, mas mesmo assim, continuou, ofegante.

Paramos numa garganta estreita. Calados, nos espalhamos, à espera dos perseguidores. Porta riu um pouco:

— Terão de torcer as fraldas, seus heróis vermelhos...

Eles apareceram em massa, berrando na sua arrogância.

Quando chegaram ao meio da garganta, abrimos fogo. Eles pararam, cambalearam e caíram. Alguns se levantaram e quiseram correr, mas estavam perdidos. Tombaram, sangrando. Um deles saiu de gatinhas. Tiny atirou-lhe a faca, que se cravou na omoplata. O soldado continuou a se arrastar e depois caiu. Jogamos uma granada de mão nos cadáveres amontoados para cair o pano.

Continuamos a correr, com o fogo cerrado às nossas costas. Ouvimos os gritos dos russos perseguindo nossos soldados em fuga.

Depois de um minuto de descanso, o Velho levantou-se e disse:

— Vamos. Isso aqui está fedendo a tiro na nuca.

Exaustos, corremos entre arbustos espinhosos e mato rasteiro, os rostos e mãos esfolados, e o sangue escorrendo pelas faces e pelo pescoço.

— Calma! — disse Porta, de repente, e parou. — Estamos correndo como moscas querendo fugir de uma passagem só de ida para Kolyma, mas não adianta!

— O que é que há? — perguntou o Velho.

— Olhe lá! — apontou Porta. — Ou será que precisa de muletas pros olhos?

Vimos vagamente, na direção para onde Porta apontava, vultos deitados, à espreita, em trincheiras preparadas às pressas.

O Velho resolveu depressa. Íamos rodeá-los, no escuro, em direção a oeste.

— Ótimo — disse Porta, rindo. — No momento a minha cachola só sabe se virar em uma direção: para oeste. Está louca pra ver Berlim!

Não tínhamos andando muito quando ouvimos uma voz gritando no escuro, muito nervosa:

— *Halt! Wer da?*

Porta respirou fundo, assoou o nariz e gritou, com entusiasmo:

— Pode me beijar, companheiro. Conseguimos!

— Só podem ser os nossos — manifestou-se a voz do escuro, um pouco mais calma.

— Mas que merda! — gritou Porta. — Pensava que éramos geléia de renas?

— Mantenham-se à esquerda — avisou a voz —, e para a frente, mas cuidado, o local está minado!

— Que Deus me ajude, é mesmo? — disse Tiny, com deboche. — Pensamos que tivessem colocado aí ovos de Páscoa. Minas? O que é isso? — perguntou ele a Porta.

— Uma coisa que se usa para fazer bunda assada com legumes — riu Porta.

Alguém estendeu a mão para nos ajudar a entrar numa trincheira. Vimos um fio prateado brilhando no ombro de quem nos ajudara.

O Velho ficou em posição de sentido e comunicou que nos tínhamos perdido do 867. Batalhão de Infantaria.

De repente apareceu um grupo de jovens da cavalaria, que olharam para nós espantados. Alguém murmurou algo sobre ter vindo de Verbe.

— Hum — respondeu outro. — Sempre pensei que o soldado alemão permanecesse em sua posição, independente das circunstâncias.

Porta se virou para ele, zombando:

— Quem sabe você também acredita na cegonha... e em Papai Noel?

— Quando estávamos lutando em Marrocos — disse o Pequeno Legionário —, só tínhamos uma coisa a fazer: virar os rostos para Meca e dizer: "Seja feita a vontade de Alá", e nos largar. Aqui não podemos fazer outra coisa. Portanto, avante, companheiros! Morreremos como animais.

Canhões... metralhadoras... pistolas automáticas... lança-chamas... obuses... baterias de foguetes... minas... granadas de mão... bombas... projetis. Palavras, palavras, palavras! Mas que horrores evocam!

Companheiros, lá vamos nós!

Amanhã estarão mortos, VOCÊS: Os vagabundos da morte.

Eles avançam num assalto. Os pobres homens e rapazes fardados, doentes, embriagados, assustados, alucinados, perseguidos. A pilhagem os chama. Sangue, mulheres, comida, bebida. Viva la muerte!

23. VIVA A MORTE

— LÁ VAMOS NÓS de novo — disse Porta, soltando um palavrão. — Assim que a gente torna a encontrar a nossa turma, lá estamos de volta à merda, como grupo de combate.

— Enquanto estivermos aqui direitinho, não precisa se preocupar — disse o Velho.

Porta tirou a cartola, limpou-a com um pano, cuspiu e convidou-nos para jogar vinte-e-um.

Stege zombou dele.

— A qualquer momento, podemos esperar a chegada de Ivan. Seria mais conveniente dormir um pouco antes de recomeçarmos.

Mas quando Porta, Tiny, o sujeito da SS e o sargento Heide começaram a jogar vinte-e-um, Stege não resistiu e jogou também.

Eles sentaram no fundo da trincheira, jogando e, claro, brigando. Tiny arranjara um surrado chapéu-coco e, por conselho de Porta, o estava usando.

Quando von Barring, inocentemente, indagou que tipo de chapéu ele introduzira nas tropas dos tanques, o Pequeno Legionário declarou ao comandante do batalhão, que se mostrava escandalizado:

— É uma espécie de mascote. Um pessário de elefante. Tiny encontrou-o num asilo de velhos em Brodny.

— Ah, bom — disse von Barring, suspirando. — Eu preferia que vocês não fizessem papel de palhaço. O oficial-comandante não aprova isso.

— Mas, *Herr* comandante! — interpôs Porta. — Essas drogas de casquetes que nos fornecem fazem mal aos cabelos, e os capacetes esquentam muito na

primavera. Foi por isso que o Tiny arranjou o seu chapéu com ar-condicionado.

Von Barring sacudiu a cabeça e foi andando pela trincheira, acompanhado por seu ajudante-de-ordens, o tenente Vogt.

Tiny tocou na aba do chapéu-coco e declarou:

— Que ninguém se atreva a dizer uma palavra sobre o chapéu do Tiny!

Von Barring virou-se e olhou-nos, com uma expressão enigmática. Depois continuou sua caminhada, sem mais uma palavra.

Passamos vários dias lá, sem sermos perturbados. Os russos do outro lado estavam entrincheirados e ficaram quietos. Só o que trocávamos eram palavras aos gritos.

Um dos russos que falava alemão estava especialmente interessado. Prometeu-nos prêmios incríveis se largássemos as armas e passássemos para o outro lado.

— Em Moscou, há milhares das mais elegantes pernas de putas à espera de vocês — gritou ele, e naturalmente prendeu toda a atenção de Tiny.

— Vocês acreditam naquele filho da mãe? — perguntou-nos ele, interessado.

— Por que não vai lá e pergunta a ele? — sugeriu Porta.

Tiny aproximou-se da beira da trincheira, puxou o chapéu-coco para cima da testa, por causa do sol, levou as mãos à boca e gritou:

— Ei, seu cáften! Eu sou o Tiny. O que é que está falando das garotas de Moscou? Se puder provar, vamos conversar.

Pouco depois o russo respondeu:

— Tiny, é só vir aqui e te dou uma passagem no expresso pra Moscou. Vai deixar você bem no meio do maior bordel que existe lá.

Tiny pensou naquela resposta e encarou-nos, a testa franzida, com um ar solene.

— Parece bom o que diz aquele touro lá, mas é bom demais pra ser verdade.

Mais uma vez, ele aproximou-se da beira da trincheira e disse, a voz cheia de desdém:

— Você é um grande mentiroso, seu comuna de merda!

Pouco a pouco, fomos percebendo que alguma coisa ia acontecer. Dia e noite, foram-se reunindo grandes concentrações de artilharia em ambos os lados.

Um dia, de manhã cedo, vimos bem no alto do céu um pequeno avião reluzente, como uma mariposa. Todos os homens na posição viraram-se para encará-lo.

— Observador de artilharia — declarou Heide.

— E o que é que você sabe disso? — perguntou Porta, fazendo pouco caso.

Heide fitou-o com raiva, mas ficou calado.

Exatamente às 9:00h, começou. Um uivar, rosnar e trovejar prolongado, em conjunto, infernal. Canhões e morteiros de todos os calibres descarregaram milhares de projetis, foguetes e bombas em toda a frente.

Nós nos enroscamos como ouriços-cacheiros em nossos buracos. Por todo o sistema de trincheiras estendia-se um guarda-chuva de aço rubro em brasa.

Aquilo durou exatamente duas horas. Depois, um silêncio sinistro envolveu tudo.

Mal pudemos acreditar ao ver que nenhum dos homens tivera sequer um arranhão, assim como os atiradores de projetis, o pessoal dos canhões da infantaria ou das metralhadoras. Estávamos boquiabertos. Parecia um conto de fadas. Risadas de alívio surgiram em todas as nossas posições, ao percebermos a sorte que tivéramos.

Então os aviões apareceram logo acima das árvores, os motores uivando, e com uma saraivada de bombas de fósforo e gasolina. Os homens que não conseguiram se abrigar numa fração de segundo foram liquidados. Durante uma hora, ondas e mais ondas dos odiosos “carniceiros” passaram sobre nós. Depois de um breve intervalo, recomeçou uma nova barragem de artilharia.

Porta levantou a cabeça e disse, secamente:

— Que festa! Eu nem sabia que a gente ainda valia tanto assim!

Ele ia dizer outra coisa quando um ronco como de um órgão e uma explosão colossal o fez saltar. Terra, aço e pedras choveram sobre nós.

Tiny ia fazer um comentário, mas o Pequeno Legionário, os ouvidos tapados pelos fones do rádio, levantou a mão:

— O comandante do batalhão está entrando em contato, mas não entendo uma palavra.

— Tente de novo — mandou o comandante da companhia, te nente von Lüders.

Em desespero, o Pequeno Legionário mexeu nos botões do rádio e ficou escutando interessado. Ele riu para von Lüders:

— Não me diga que estou maluco, *Herr* segundo-tenente, mas, pelo que estou entendendo, ele está falando algo sobre o comandante do corpo estar vindo pra nossa posição. O oficial-comandante já está escoltando essa peça rara até aqui.

Von Lüders, assim como todos nós, ficou olhando para Pequeno Legionário como se ele fosse alguma aparição bizarra.

— Que Deus nos ajude! — disse o tenente, quando se deu conta do que o Pequeno Legionário acabara de dizer.

— O que está havendo? — perguntou Tiny. — Vamos receber alguma artilharia?

— Não, apenas um general-de-divisão em pessoa! — respondeu Porta.

— Que Deus proteja os bicos dos seios de nossas garotas e seus belos cabelos — disse Tiny, rindo. — Aposto que esse javali listrado de vermelho vai nos empurrar direto pro Ivan. Queria saber onde é a escada de serviço!

O tenente von Lüders teve ordem de receber o comandante e sua comitiva junto de uma estrada cavada e mostrar as posições aos ilustres visitantes, para convencê-los de que estávamos travando a guerra bem manejada, de acordo com as instruções.

Com muitos palavrões, von Lüders ordenou ao Velho que lhe fornecesse a escolta para ir ao encontro do maioral.

— Vamos tornar a emagrecer — comentou Porta. — Correr, correr, é só o que sabemos fazer.

Bom, lá vamos nós — disse von Lüders, rindo, e começou a corre, por um espaço aberto entre as trincheiras.

— Nào vamos, não, por Deus — respondeu Porta, respirando forte. — Mas quem me dera. Vamos ter de ficar com a língua parada nas calças... não, quero dizer, na boca...

Os russos logo nos tinham na mira da pesada metralhadora que haviam colocado num pequeno morro bem à nossa frente. Nós só faltamos voar para dentro de uma vala, enquanto todos os espíritos malignos sob a forma de munição de armas ligeiras silvavam por nós batendo na estrada com um matraquear.

Rastejando de barriga no chão, conseguimos atravessar a estrada e seguimos agachados por trás de uma cerca. Pelo menos, nos escondia.

Inteiramente exaustos, chegamos à estrada cavada e nos jogamos numa vala do outro lado. Tiny levantou a mão, como um garoto na escola, e perguntou:

— *Herr* segundo-tenente, teremos de nos portar muito bem para poder ir num passeio desses, no ano que vem? — não recebeu resposta.

O general e os oficiais do Estado-Maior, com galões vermelhos, apareceram numa curva na estrada.

Era um grupo imponente. Galões vermelhos como sangue, cordões dourados e reluzentes Cruzes de Cavaleiros iluminavam a paisagem.

Junto com o general e os oficiais estavam o coronel Hinka e o capitão von Barring. Ambos pareciam aflitos e nervosos.

O tenente von Lüders bateu os calcanhares, fez continência e apresentou-se:

— *Herr* General, tenente Lüders, comandando a Companhia número 5, apresentando-se como ordenado. O destacamento sob as ordens do sargento Beira servirá de escolta.

O general olhou para Lüders com frieza. Então, sem responder à continência, virou-se para o coronel Hinka:

— Preste atenção, coronel, aí está mais um dos seus bandos. Nenhuma disciplina, nem ordem. Mais parece um bando de mensageiros do que uma formação militar. Um tenente apresenta-se ao comandante do seu corpo com uma escolta vinda direto das valas, lambendo os beiços como vacas gordas. Porcos! Uma cambada de porcos imundos! — apontou para Lüders, que estava duro como uma árvore na frente dele.

— Onde está a sua máscara contra gases? Onde está o capacete? Não sabe que deve usar sempre o capacete, quando em serviço ativo? E anda por aí num casquete! — ficou com o rosto todo vermelho, e começou a despejar palavras alucinadas. Havia um tom de pranto na sua voz excitada e balbuciante. Apontou para os chapéus de Porta e Tiny. — Aquele chapéu-coco e aquela cartola! Para que é isso? O que é que têm nas cabeças, pelo amor de Deus?

Porta endireitou-se muito devagar. Apoiado na carabina, disse:

— Um cilindro, *Herr* General.

— Então, é isso, um cilindro! Jogue isso fora! Tire-o. Puna esse homem! — gritou ele para Hinka. Depois virou-se para Tiny, que estava mastigando capim, o chapéu-coco para trás na cabeça. — Que tipo de chapéu é esse?

Assustado, Tiny deu um salto, tropeçou nos pés e deixou cair a metralhadora leve. Fazendo muito barulho, endireitou-se.

— *Herr* General, é um pessário de elefante!

(É bom eu dizer aqui que Tiny não sabia o que é um pessário. Acreditava mesmo que fosse o nome de um chapéu-coco.)

O general mostrou os dentes. O sangue afluiu-lhe ao rosto balofo. Ele virou-se para Hinka.

— Esse sujeito vai a conselho de guerra assim que o regimento voltar da linha de frente. Vou ensinar a eles a zombarem de mim!

O Velho cochichou, numa oração:

— Ivanzinho querido, por favor, atire um pouco! Só um tirozinho de sua “bateria”!

Mas Ivan não tinha comunicação telepática direta com o Velho. Nada aconteceu.

Praguejando e se maldizendo, o general ordenou que lhe mostrassem as posições de combate. Zombou de um tenente do seu quadro quando este saltou para se abrigar ao ver um projétil de 7,5cm explodir na estrada.

— Deixou cair alguma coisa, tenente, pois está aí deitado?

Muito vermelho, o tenente levantou-se e seguiu, confuso, atrás do chefão.

Depois de ver as posições, que criticou severamente, o general começou a atravessar um trecho de terra aberta, onde Ivan tinha um bom campo de fogo.

Imediatamente a metralhadora pesada do pequeno morro começou a atirar. Três oficiais foram feridos, mas o general marchou decidido pelo espaço aberto, sem sequer olhar para os feridos.

A estrada foi atingida por vários projetis. Um deles arrancou o estômago de von Lüders, e ele morreu em poucos minutos. Outro oficial perdeu o pé.

Alguns dias depois fomos retirados da linha e, para nossa alegria, o tenente Harder foi nomeado nosso novo comandante de companhia. Ele recebera alta do hospital recentemente.

Devíamos descansar duas semanas, mas já na primeira noite pre cisamos sair.

Fôramos parar numa pequena aldeia que servira de centro de lazer para os comissários russos e mais tarde para o pessoal da força aérea alemã. Uma dezena de lindas casas eram os abrigos para nossos pesados canhões de infantaria.

Num dos quartos, que devia ter sido ocupado por mulheres, pois conservava o seu aroma, Stege e eu colocamos uma metralhadora num vão de janela, para cobrir a ferrovia. No sótão, Porta, o Pequeno Legionário e Tiny instalaram outra metralhadora.

O tenente Harder e o restante do grupo de comandos ficaram no andar de baixo.

Tiny desceu com algumas garrafas de vodca e arenques. Jogou-se na cama e rolou ali com o nariz pregado no lençol, como um cão de caça farejando a presa.

— Com mil demônios! — gritou — Tem cheiro de mulher! — escorregou para o chão. Aí gritou como louco e desapareceu debaixo da cama.

Para espanto nosso, ouvimos vozes de mulher e seguiu-se um caos.

A voz de Tiny parecia estar falando através de um edredom.

— Peguei algumas putas!

Houve um violento protesto feminino. Simultaneamente, duas pernas femininas apareceram por baixo da cama.

Stege abaixou-se e puxou uma garota esperneante. Depois Tiny arrastou-se para fora agarrando uma segunda garota.

— Seu porco burro! — berrou ela para Tiny, que estava exibindo a sua presa, muito satisfeito.

Ambas as garotas estavam vestidas meio à paisana, mas não podiam esconder que fizessem parte dos serviços auxiliares da força aérea.

Stege encarou-as por um momento, pensativo.

Fugiram do partido? — perguntou, arqueando a sobrancelha.

Não — disse a loura, sucintamente.

— Não? — exclamou Stege. — Bom, então é melhor chamarmos o oficial-comandante. Tiny, chame o Harder.

Tiny olhou para ele, espantado.

— Você deve estar delirando. Primeiro vamos provar o assado. Os merdas de oficias que venham depois. Pro diabo, buscar eles!

A loura deu-lhe um forte tapa no rosto.

— Está pensando que somos o quê? Somos garotas honestas!

— São desertoras — corrigiu Stege. — Se chamarmos o tenente Harder aqui, e ele cumprir o dever dele, vocês serão duas garotas com os pescoços muito compridos!

— Você nos denunciaria? — indagou a morena, que era a mais moça.

— Então, vocês viraram a casaca mesmo — disse Stege, rindo.

— É, ficamos aqui quando os outros foram embora.

— Foram embora? Essa é boa. — Stege riu. — Chamamos a isso fugir. Eles tomaram o trem ou o avião?

— Não é hora para piadas bobas — disse a loura.

Stege deu de ombros.

— Como se chamam?

— Eu sou Grethe. Minha amiga é Trude — respondeu a loura.

Tiny não conseguiu se conter mais. Quase caiu em cima de Grethe, mas ela fugiu dele com habilidade.

— Você deve ser boa de cama — gritou ele, correu atrás dela. — É o que o Tiny gosta. Vou deixar você ser a minha putinha!

Stege segurou-o e disse, com aspereza:

— Deixa a garota em paz, Tiny. Ela não é prostituta.

— Por Deus, mas é, sim! — exclamou Tiny e agarrou a saia dela, quase a arrancando. Assustada, ela gritou, alucinada.

Então ouvimos botas subindo a escada ruidosamente.

— Esconda-as — disse Stege, e as garotas meteram-se embaixo da cama.

A porta abriu-se.

Porta e o Pequeno Legionário ficaram ali, olhando a cena.

Tiny estava sentado na beira da cama, olhando para o teto de um modo que até mesmo uma criança havia de perceber que ele estava escondendo alguma coisa.

Porta assobiou baixinho. Foi para junto de Tiny e levantou o queixo dele.

— Seja bonzinho e conte ao tio Joseph onde é que a escondeu.

— Não sei de que está falando — disse Tiny.

Porta riu e chutou um sapato de mulher na frente de Tiny.

— Sabe o que é isso?

— Sei, é uma sandália de prostituta — disse Tiny, acrescentando, virtuosamente: — Viemos parar num bordel abandonado.

— Onde é que estão? — gritou Porta para Tiny, de repente, fazendo-o cair deitado na cama, de susto.

— Debaixo da cama — exclamou Tiny.

Um minuto depois as garotas foram descobertas. Tiny ficou furioso, jurando que Grethe era propriedade dele.

É difícil dizer como tudo poderia ter acabado. Mas nesse momento uma metralhadora inimiga começou a atirar no telhado, fazendo o reboco cair sobre nós.

Corremos para a nossa metralhadora e vimos que os russos iam atravessar a estrada de ferro.

— O morteiro pesado! — gritou o tenente Harder, da janela do banheiro.

Três homens trabalharam febrilmente para colocar o pesado morteiro em posição. Nós outros tentamos manter os russos afastados, com nossas metralhadoras. Mas surgiam cada vez mais russos.

Projetis de uma bateria de campo soviética começaram a cair sobre as casas em toda a área próxima. Harder ligou para o batalhão, em desespero, pedindo permissão para se retirar; mas recebemos ordem de permanecer ali:

— Seremos cercados! — gritou Harder, pelo fone.

— Não importa — respondeu von Barring. — O quartel-general do corpo deu ordem para que a posição seja defendida. As outras companhias do batalhão não estão em melhor situação do que vocês. A Companhia número 3 foi destruída. Câmbio.

Um cabo chegou correndo da estação ferroviária. Um projetil atingiu a terra junto dele e o atirou para o alto.

— Agora estamos presos — gritou Stege. — Nossos colegas trouxeram canhões pesados da infantaria.

O primeiro projetil já nos atingira. Pedras, torrões de terra, reboco e estilhaços voavam pelo ar.

Nós nos atiramos atrás da parede, para nos abrigar, mas antes que a poeira abaixasse, estávamos de novo nas nossas metralhadoras. No andar de cima, ouvíamos Porta gritando e depois o vimos deslizando como um acrobata pelo cano de escoamento. Correu para os prédios da estação, pegou uma "bazuca", ajoelhou-se, abrigado por uma parede e mandou um foguete voando contra os russos que atacavam.

O efeito, àquela pequena distância, foi fantástico. Membros humanos e armas voaram pelos ares. O ataque falseou, mas alguns oficiais russos incitaram os soldados com algumas frases e lemas de Ilya Ehrenburg. Eles agruparam-se para um novo ataque.

O foguete seguinte estourou com um uivo, bem em cima do grupo compacto e espalhou-o.

Porta sorriu para nós, tirou a cartola e fez uma mesura de artista de circo. Depois correu de volta à casa.

— Acabou-se — gritou, e começou a subir pelo cano.

Tiny debruçou-se da janela do banheiro:

— Reparou se meus pneus estão bem cheios? Acho que vou pra casa de bicicleta.

— Eu te empresto meus prendedores de calças — disse o Pequeno Legionário, rindo num tom surdo.

Ivan retirou-se para trás da ferrovia. Nós carregamos nossos pentes de munição, preparando-nos para um novo ataque.

Pouco depois, veio um violento tiroteio da outra extremidade do povoado, onde os russos tinham lançado outro assalto.

As duas garotas tinham-se metido embaixo da cama, quando começara a luta. Agora elas saíram, abaladas e chocadas.

— O que fazemos se os russos vierem? — indagou Grethe.

Stege riu, sem achar graça.

— Deviam ter pensado nisso antes de largarem o partido.

— Muito bem, mas o que fazemos? — perguntou Grethe.

— Vão logo tirando as calcinhas! — disse Porta, entrando no quarto.

— Sujeito atrevido, você é pior do que os russos — gritou Grethe.

— Claro, amorzinho — disse Porta, rindo. — Mas você logo verá. O tio Ivan está preparando a vitória. — Ele atirou um pedaço de salsicha para as garotas, que agora estavam sentadas na cama, muito preocupadas.

Tiny estava sentado no chão, de pernas cruzadas, bebendo vodca. Cuspiu e enxugou a boca. Depois virou-se para as garotas.

— Qual de vocês quer brincar de animais selvagens com o Tiny? Eu pago, claro — acrescentou jogando uma nota de cem marcos na cama.

— Comprem umas meias ou água-de-colônia.

Elas olharam-no furiosas. Porta riu.

— Está esquentando, Tiny!

Tiny meneou a cabeça.

— Isso mesmo. Não é todo dia que a gente luta de um ninho de amor. Estão prontas para o Tiny, meninas? Depois pode ser a sua vez. — Fez um gesto para Porta e se preparou.

Debruçou-se sobre Grethe e tentou beijá-la. Ela se soltou e gritou, histérica.

— Você é como os russos!

— Não exatamente — disse Stege, rindo com cinismo. — Falta alguma coisinha.

— Prefiro os russos a esse animal nojento! — exclamou ela.

— Pois o seu desejo será satisfeito! — gritou Stege, jogando uma granada de mão pela janela. — Lá vêm eles!

Começou um terrível tiroteio. Os russos já estavam quase chegando à casa. O morteiro que instaláramos fora dominado pela infantaria russa.

— Tanques! — o alarma veio da estrada, e do outro lado da ferrovia apareceu o focinho largo de um T34.

O tenente Harder gritou do andar de baixo:

— Desçam, vamos tentar chegar ao penhasco atrás de nós. Assumiremos nova posição ali. Tragam os feridos!

— Agora, garotas, desçam e dêem um beijo gostoso no Ivan — disse Porta. — Ou então calcem os tênis de corrida, pois vamos correr tão depressa que vamos pingar água!

Cobertos pela metralhadora do Pequeno Legionário, nós nos retiramos da casa. Quando os feridos foram tirados pela janela do banheiro, o sangue deles espirrou em nós.

Stege virou-se para as garotas, ali perdidas no meio do chão.

— O que vão fazer?

— Iremos com vocês.

As duas foram logo recebidas e ajudadas pelo Velho e Heide, que estavam no quintal dos fundos.

— Que merda! — explodiu o Velho. — Tinham garotas lá em cima?

— É, elas andaram brincando de esconder com os caçadores de cabeças! — gritou Stege.

Porta e Tiny esbarraram em três russos, mas após uma breve escaramuça, os russos desistiram e foram capturados.

Um deles, um sargento-ajudante, disse, com sentimento:

— *Waina nix karosch!*

— Você ainda não sabia disso — retrucou Porta. — Pois nós já sabíamos há muito tempo.

— *Nom d'un chien* — disse o Pequeno Legionário, e partiu dali, curvado sob o peso da metralhadora. As balas zuniam em volta dele.

De repente Grethe gritou. Um jato grosso de sangue jorrou de um buraco aberto na garganta dela.

Tiny virou-se um pouco.

— Ela comeu alguma coisa que lhe fez mal. — Ele agarrou Trude, colocou-a no ombro e saiu correndo, levantando poeira com suas enormes botas.

— *Quel malheur!* — lamentou o Pequeno Legionário, e começou a escalar o penhasco, como um macaco. A pedra erguia-se quase verticalmente.

Os russos surgiram de ambos os lados, gritando loucamente o seu "*Uhra!*"

Porta estava a meio caminho do penhasco, sustentando um cabo ferido, ajudado pelo sujeito da SS. O fogo russo obrigou-os a deixarem o ferido, que caiu no chão com um baque surdo.

Stege e eu estávamos atirando com a nossa metralhadora leve desesperadamente, para manter os russos afastados até que o Pequeno Legionário conseguisse colocar sua metralhadora pesada em posição no alto do penhasco.

Pareceu se passar uma eternidade até que ouvimos um matraquear zangado acima de nós... a primeira rajada da metralhadora do Pequeno Legionário, atacando os russos.

Stege levantou-se. Quando ele escalou o penhasco, levei um violento golpe no estômago. Tudo escureceu para mim e eu parecia cair num abismo muito profundo. Vi que Tiny entregava Trude ao Porta. Depois tudo desapareceu.

Quando voltei a mim, estava com dores terríveis. Acho que gritei.

As granadas de mão explodiam. Projetis em fogo voavam como vespas zangadas. Um lança-chamas silvou, rubro. Gritos e exclamações martelavam meus tímpanos.

O Velho estava debruçado sobre mim. Estava coberto de sangue e poeira. Ele me pôs sobre o ombro, como um saco de farinha e, com auxílio de Tiny, dirigiu-

se para o penhasco.

Outra bala me atingiu. Um ferimento no pulmão, foi a idéia que me passou pela cabeça. Pareceu então que eu ia sufocar.

***

Notas

1. NOX DIABOLI

[*] Tommies — soldados ingleses na guerra. (*N. da T.*)

[*] Schupo — polícia secreta alemã. (*N. da T.*)